

Um spin-off de
**O Destino
DO CEO**

CAROL MOURA

ANDREAS



PERIGOSAS NACIONAIS

ANDREAS

UM SPIN-OFF DE O DESTINO DO
CEO

CAROL MOURA

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Carol Moura

Todos os direitos reservados.

Título: ANDREAS – Um spin-off de “O destino do CEO”

Autora: Carol Moura

Revisão: Expresso das Letras Serviços Editoriais

Capa: Will Nascimento

SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[AVISO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVO](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)

[EPÍLOGO](#)

[CENA EXTRA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

[OUTROS TÍTULOS DA AUTORA](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

No momento em que ele pôs seus olhos em mim, foi como se tivesse desenhado um alvo bem no meio do meu peito. Ele despiu a minha alma e as minhas roupas apenas com o olhar. ‘Intenso’ nem começava a descrever como aquele homem era. E ele queria que eu o conhecesse, queria *me* conhecer. O que me deixava completamente apavorada, pois se eu lhe entregasse o meu coração, temia nunca mais poder recuperá-lo.

Mas então, sua beleza predatória, suas palavras cativantes e o sexo alucinante, não

PERIGOSAS NACIONAIS

deixaram eu me afastar.

Andreas é tudo o que eu sempre quis e
sequer sabia.

PERIGOSAS ACHERON

AVISO

Este é um spin-off de O destino do CEO e embora sejam histórias diferentes é recomendado que você leia a bela história de Dashier e Quinn para evitar spoilers.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a você, que se dispôs a lê-lo.

Obrigada pelo seu tempo e carinho.

Amor, Carol Moura

*“O destino não é engraçado. Ele faz coisas cruéis
com você,
mas também faz coisas lindas que se encaixam
tão perfeitamente, que você apenas sente.
Sente que era para ser.”*

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol Moura

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

MAXINE

Quando minha mãe dizia que tudo estava escrito e acontecia por um motivo, costumava revirar os olhos para ela. Para mim, era o cúmulo do conformismo. Sempre foi, mesmo antes de decidir a minha profissão, mesmo antes do maldito câncer assolar nossas vidas. Mesmo quando meu pai me abandonou assim que mamãe morreu.

Se um homem passava fome, era porque

PERIGOSAS NACIONAIS

estava escrito que ele deveria passar fome?

Se uma criança sofresse abuso, supostamente ela deveria aceitar porque estava escrito que era para ser daquela forma? Ela deveria rezar para que estivesse escrito também que ela fosse salva?

As guerras aconteceram porque foram escritas no futuro de uma nação?

Pessoas morriam porque simplesmente era a hora delas morrerem?

Fiquei completamente à deriva aos quatorze

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anos simplesmente porque alguém, em algum lugar, determinou que fosse daquela forma?

Eu não acreditava em nada daquilo.

Até porque, se eu acreditasse que cada desastre, cada infortúnio da vida ‘fosse para ser’, precisaria de uma nova profissão.

Ser médico exige que você não se conforme com o que está acontecendo, exceto quando a escolha é realmente do paciente. Mesmo assim, ele assina formulários registrando a sua vontade, mas não sem que antes apelemos para todas as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alternativas. Ser médico não te dá a mínima possibilidade de desistir de um paciente. Bem, teoricamente. Sabemos que na prática as coisas são de outra forma, mas vamos nos ater ao que é correto uma vez, tudo bem?

Se alguém chega ferido é dever do médico atendê-lo. Se as probabilidades estão contra o paciente, tentamos de tudo. Não desistimos até dizer a hora da morte. E por vezes, sequer aceitamos quando chega o momento de dizer o horário em que foi dado o último suspiro de uma

PERIGOSAS ACHERON

vida.

Desde criança, eu tive curiosidade em saber o motivo das coisas acontecerem. Quando tive idade o suficiente para tomar decisões, resolvi que seria médica. Mamãe disse que eu poderia ser tudo. Já meu pai deixou claro que se - ênfase no se - eu conseguisse ser algo, que não lhe custasse dinheiro.

Eu era muito menina para ligar para coisas *tão banais* como dinheiro, bolsa de estudos ou crédito estudantil. Apenas queria ser uma médica. Simplesmente decidi. Sem pensar em ser bailarina,

ou piloto de corrida, ou mesmo Miss qualquer cidade.

Minha mãe, então, começou a planejar tudo o que era necessário para que eu pudesse ser uma. Mesmo que meu pai fosse contra.

Ela dizia que se eu estava tão decidida é porque era para ser.

Assim como ela disse que era para ser quando descobrimos o câncer. Era para ser quando recusou as últimas tentativas de tratamento porque as outras haviam falhado. Era para ser quando ela

teve uma parada respiratória e todos os aparelhos começaram a apitar dentro do pequeno quarto. Meu pai gritava, eu apenas assistia.

Assistia a equipe invadindo o quarto e fazendo todos os procedimentos. Ouvi quando um deles, com o prontuário da mamãe na mão, avisou:

“Ela é ONR.”

Descobri algum tempo depois o que era ONR.

Ordem de Não Reanimação.

Minha mãe queria morrer, aceitou o que

estava destinado a ela. Fez isso sem perguntar o que eu pensava e pelo estado do meu pai, ela fez inerente ao que ele queria também. E eu estava apavorada por ficar sozinha com ele. Em pânico.

Enquanto todos os médicos se afastavam, um deles ficou. Um médico continuou, ele ignorou as ordens do outro médico e não parou o procedimento de reanimação.

Ouvi o chefe resmungar para o restante da equipe.

“Afastem o maldito interno da paciente. Ela

não quer um herói. Quer morrer em paz.”

Enquanto ela morria em paz, levava a minha paz com ela também.

Os olhos esperançosos do médico perderam o brilho quando foi afastado do corpo da minha mãe. Disseram para ele “*chamar*”.

Hora da morte... Seis e trinta e três.

Ouvi o médico murmurar de forma decepcionada. Eles esqueceram que estávamos no quarto, ficamos lado a lado, eu e meu pai, olhando para o seu corpo imóvel, quase irreconhecível. Não

sei porque o fiz, mas tentei pegar a mão de meu pai, pedir por algum conforto, no entanto, ele puxou sua mão da minha rapidamente e sequer me olhou.

Então, apenas me abracei e me despedi da mamãe.

Acho que papai fazia o mesmo que eu naquele momento.

Despedia-se dela.

Em silêncio.

Por mais que eu estivesse devastada por sua perda, uma parte de mim sentia alívio. Machucava-

PERIGOSAS NACIONAIS

me ver o que a metástase fez com ela. Uma pequena irritação na garganta que durou oito meses acabou com tudo.

Mas foi *escrito*, não foi?

Assim que o destino quis, cabia a mim aceitar.

O destino.

Bem, eu odiava o destino. Odiava o desrespeito que vinha com ele. Detestava o conformismo de todos a minha volta. Não concordava com eles.

PERIGOSAS ACHERON

Não acreditava em destino.

Até conhecer Andreas Collins muitos anos depois.

A forma que Andreas entrou em minha vida poderia ser facilmente chamada de obra do destino.

Era a hora errada, na noite errada, no lugar errado e no momento mais errado da minha vida...

E cada vez que eu estava perto dele, parecia muito certo. A vontade que eu tinha de seguir meus planos da forma que havia traçado, não foi respeitada.

Nem por Andreas...

E nem pelo destino.

Ainda assim, foi a melhor coisa que já me aconteceu. E tudo começou no momento em que coloquei meus pés no hospital onde iniciaria o programa de residência médica cirúrgica.

— Bem-vindos ao Mount Sinai Hospital.

Hoje é o primeiro dia de um ano de muito, muito sofrimento. — A mulher elegante discursava enquanto todos nos amontoávamos dentro de um quarto duplo no segundo andar do hospital. —

Esqueçam sobre dormir, quem não gosta de cafeína aprenda a gostar, esse é o único estimulante permitido no *meu* hospital — pausou rapidamente, nos olhando com firmeza, e logo retomou — vocês trabalharão e aprenderão durante um ano e meio, sessenta horas por semana, *se* formos bons para vocês e *se* merecerem. — Ela continuava enquanto acompanhávamos suas palavras. Alguns de nós assustados, outros prontos para desmaiar, e vários, como eu, loucos para colocar anos de teoria em prática. — Meu nome é Jordan Beamont, sou

médica chefe do Mount Sinai Hospital, minha porta está sempre aberta para vocês, mas espero que estejam ocupados o suficiente para nunca me procurar.

Alguns risos discretos e envergonhados escaparam dos alunos presentes com a última declaração da Chefe.

Ela olhou para cada um de nós e finalmente nos agraciou com alguma simpatia.

— Vocês estão aqui porque são os melhores e foram escolhidos por isso. Parabéns. — Juntou

PERIGOSAS NACIONAIS

suas mãos bem cuidadas, assim como seu rosto aparentando pouco mais de cinquenta anos e seus belos cabelos prateados e curtos no melhor estilo *Miranda Priestly* de *O diabo Veste Prada*. Sua classe e postura imponente me fez almejar ser como ela um dia e tinha certeza que não fui a única.

— Novamente, bem-vindos!

**

Fomos divididos em grupos de três internos para um residente e as equipes eram alternadas entre os Atendentes para que pudéssemos passar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por todas as especializações. Nós, internos, somos os operários em treinamento de um hospital. Trabalhamos em emergências, fazemos sondas, suturas e exames de toque, preenchemos muitos papéis e colocamos muitos bebês no mundo. Se tivéssemos sorte, os residentes lembrariam que já foram internos um dia, seriam legais conosco, e nos passariam parte do conhecimento.

Infelizmente, eles nunca lembravam que já estiveram na nossa pele um dia, pelas histórias que ouvi. Costumavam descontar os seus anos de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofrimento nos internos e a nossa única certeza é que seremos residentes também, um dia. Os residentes tinham mais autonomia, faziam tudo e aprendiam com os melhores para escolherem a sua especialidade. A responsabilidade era gigantesca e quem queria ser um cirurgião precisava seguir os atendentes como sombras e implorar, simplesmente implorar para ter a oportunidade de estar em um centro cirúrgico com um deles.

Então vinham os atendentes. Aqueles que passaram por cinco anos entre internato e

PERIGOSAS ACHERON

residência, escolheram uma especialidade e são felizes para sempre em suas carreiras, pois foram contratados pelo hospital e não precisavam mais se equilibrar em baixos salários, muito menos se preocupar com empréstimo estudantil.

Sobre empréstimo estudantil... Melhor não falar sobre isso.

Vamos focar no fato de que meu sonho está se realizando. Eu fiz acontecer.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO UM

MAXINE

Era a minha noite de folga.

A primeira depois de um mês inteiro de plantões, rondas, suturas e formulários.

A primeira que eu usava para me divertir e não para me jogar na cama e entrar em coma até o dia seguinte, na hora de ir para o plantão novamente.

Se eu aguentaria sair de oitenta horas de

PERIGOSAS NACIONAIS

plantão e ir para a balada dançar? Provavelmente não.

Mas Pam disse que eu ia explodir de estresse se eu não fosse. E minha recente melhor amiga sabia ser muito convincente (uma pentelha!) quando queria algo.

Então, Pam Riley me convenceu a ir a uma boate para dançar, beber e esquecer o hospital. Eu teria folga até domingo a noite, logo, ela simplesmente pensou que seria uma grande ideia acabar com toda a energia que me restava dançando

PERIGOSAS ACHERON

e bebendo.

Honestamente?

Era tudo o que eu não queria. Contudo, eu só tinha Pam e Dean como amigos e não estava em condições de dispensá-los. Especialmente quando eu não tinha amigos ou família em qualquer canto do país, com exceção de Doug Fletcher.

Pamella é daquelas pessoas que parecem que enfiam os dedos na tomada.

Consegue trabalhar turnos inteiros e ainda assim ter vida social. O bar, localizado há duas

quadras do Mount Sinai Hospital, poderia muito bem colocar um retrato seu na parede como *cliente habitué*, de tanto que ela frequentava. E a mulher parecia sempre pronta para arrasar no trabalho. Ela chegou sabendo qual seria a especialização que escolheria quando chegasse a hora e vivia na cola do atendente de Neurocirurgia, fazia qualquer coisa para aprender algo com o homem.

Mas o nosso objetivo não era um bar e sim a casa noturna Central Dance. Ficava em frente ao Central Park e não muito longe do hospital, uma

PERIGOSAS NACIONAIS

vez que o Mount Sinai era localizado ao leste do parque. Após a reinauguração, só o que o pessoal falava era na tal boate. Quem foi disse que a balada era ‘animal’, quem não foi estava louco para ir.

Eu queria mesmo era dormir até o domingo à noite e acordar uma hora antes do meu plantão começar.

Digamos que sou uma amante da cama. A única coisa que amava mais do que a medicina, era dormir. Eu sou assim, um paradoxo completo. Amo dormir e escolhi exercer a profissão que menos

PERIGOSAS ACHERON

possibilita tal atividade. Vai entender...

— Aonde você vai neste vestido indecente?

— Dean Farrys, interno, completamente delicioso, ficamos duas vezes no início do mês, perguntou enquanto eu deslizava o vestido azul escuro de paetê pelo meu corpo. E ele definitivamente estava falando que meu vestido era *indecente* de uma forma totalmente positiva. Para não perder tempo indo ao meu apartamento me vestir e voltar para praticamente o mesmo local em que estava, levei o que vestiria para o hospital. — Não me leve a mal,

PERIGOSAS NACIONAIS

você está de tirar o fôlego, só que nunca vi você assim antes.

Meu riso ecoou pelo vestiário, estávamos apenas eu e Dean lá dentro. Era o final do meu turno e início do seu, tinha algum tempo que não nos encontrávamos desde que iniciamos no hospital, mas quando conseguimos algum tempo de folga, ficamos juntos. Nada muito além de amassos, porém, foi bom para relaxar.

— Eu vou a Central Dance com Pam. —

Expliquei, soltando meus cabelos e bufando ao ver

PERIGOSAS ACHERON

que estavam marcados pelo prendedor que os segurava para cima. Busquei por minha chapinha e quando a peguei, ouvi Dean ofegar.

— Se eu soubesse que você curte se produzir toda teria pedido você em namoro, doutora Madeline.

— Você nunca me pediria em namoro porque a) você é um prostituto, b) Mal nos conhecemos...

— Ficamos duas vezes... — Se defendeu.
Sim, ele ficou duas vezes *comigo*, com o restante

do hospital eu não sei quantas vezes.

— *E c)* eu não aceitaria, pois não tenho tempo para relacionamentos e você sabe, Farrys.

— *Não tenho tempo para relacionamentos!*

— Dean comentou no mesmo tempo em que declarei, pelo jeito eu havia falado muito sobre isso. Olhei para ele através do pequeno espelho em que estava tentando me arrumar e fiquei parada, segurando o seu olhar por um momento.

— É a verdade.

— Eu sei, Max. Eu sei. Não é como se eu

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse me candidatar também, eu gosto da vida que eu levo. Mas se fosse namorar alguém, seria você, baby. — Revirei meus olhos para ele sabendo que estava apenas me paquerando, Dean não era apaixonado por mim mais do que era apaixonado por cada rabo de saia naquele hospital. — Independente disso, Madeline, médicos não são robôs. Nós temos vida, não se esqueça disso.

— Viverei no futuro. — Rebatí da forma que sempre fazia. Eu tinha o futuro para curtir.

— Yeah! Muitos dizem isso.

PERIGOSAS ACHERON

Uma piscadinha safada e uma espiada em meu traseiro, e então Dean saiu do vestiário. Dean era fácil de ter por perto. Ele flertava, fazia as mulheres se sentirem especiais, era um galanteador. As duas vezes que ficamos juntos foi no café do outro lado da rua. Na segunda vez ele queria um encontro para poder *ficar mais à vontade* e eu estava inclinada a aceitar, mas os nossos turnos não nos deixou levar a ideia adiante.

Quem sabe mais para frente?

A falta de tempo não nos dava muitas

PERIGOSAS NACIONAIS

opções e Dean era bonito, não queria namorar e entendia a nossa profissão, embora sempre defendesse a ideia de que médicos podem *sim* ter uma vida. Bem, eu não tenho tempo para ter uma vida agora.

Tinha uma carreira para galgar e contas, muitas contas para pagar, sabia que seria assim desde o começo. Desde antes da morte da mamãe. Ela sempre me apoiou, mas também foi muito clara sobre as dificuldades que eu enfrentaria.

E claro, eu tinha que escolher uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

faculdades mais difíceis do país. A única vantagem de estudar em Harvard é que éramos de Massachusetts e moradia seria um gasto a menos.

No começo era uma vantagem, mas depois, acabou virando um sacrifício, meu pai ficou pior depois da morte da mãe, e viver com ele se tornou cada vez mais insuportável. Eu tive que buscar todos os meios que eu poderia para conseguir entrar na faculdade e me sustentar. Meus verões, desde muito nova, se resumiam em trabalho, primeiro como babá, então passeando com cachorros e até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vendendo trabalhos de matemática e química na escola, qualquer coisa que me desse alguma possibilidade de entrar na faculdade que eu queria.

Todo o dinheiro que adquiria, qualquer nota de dólar, colocava dentro de uma lata de biscoitos antiga que encontrei na oficina do meu pai, comprei vários adesivos de Harvard e coleí na velha lata apenas para personalizar o meu sonho.

Também me inscrevi na equipe de atletismo da escola e corria pela categoria júnior, além de fazer parte do clube de xadrez e dos matletas, os

PERIGOSAS ACHERON

atletas da matemática. Estava construindo meu currículo pouco a pouco, era o necessário se eu quisesse fazer parte da seleta Harvard.

Com quinze iniciei meus trabalhos voluntários, cruz vermelha da minha cidade, Springfield, também visitava os pacientes infantis com câncer. Lia e brincava com eles focando em meu objetivo, mas também tentando fazer algo pelas pessoas que sofriam como minha mãe sofreu. De alguma forma, eu me sentia mais perto dela.

Quando Marion Madeline morreu, não perdi

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas minha mãe. Perdi seu apoio e a esperança, eu perdi tudo. Meu pai nunca foi exatamente meu fã e por anos não entendi o motivo, só quando mamãe morreu que tudo veio à tona. Ele se tornou mais amargo, começou a beber, mal abria a oficina e sequer reconhecia a minha existência. A menos que fosse para me fazer sentir o pior ser humano do mundo.

E ele sempre conseguia.

Não demorou muito para perceber que estava sozinha ao trilhar o meu sonho. Entre correr

PERIGOSAS ACHERON

atrás do meu objetivo, e tentar me manter viva e saudável, aos dezoito eu fui aceita na Harvard College. Mas fui apenas aceita, nem sequer consegui bolsa parcial.

Quando contei ao papai, ele disse:

“Quero ver você pagar.”

Aquilo doeu como um tapa.

Paul Madeline não estava interessado em nada além da bebida ao longo dos quatro anos sem sua esposa. A casa foi largada e eu conseguia comer e pagar as contas básicas porque tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

economias e mamãe me deixou o pouco dinheiro que também havia economizado. Falida e com um coração partido, graças à displicência do meu pai, recorri ao empréstimo estudantil na esperança de ser uma grande profissional um dia, e que não demoraria muito a quitar. Então me matriculei para cursar biologia.

Aos vinte e dois fui aceita na Harvard Medicine School, desta vez com uma bolsa parcial, pois fiz meu tempo no College valer. Me fiz ser admirada pelos professores, corri atrás de classes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

extras, fiz artigos e auxiliei cada professor que consegui. Alguns alunos me chamavam de puxa saco, eu apenas me considerava alguém com um objetivo.

Meu esforço resultou outra bolsa parcial, e eu tinha pouco tempo para trabalhar, então... Sim! Mais empréstimo estudantil.

No último ano entrei para o programa de residência do Mount Sinai Hospital e aquele momento foi o mais feliz da minha vida e me mudei para Nova Iorque.

PERIGOSAS ACHERON

E lá estava eu, um mês como interna no maior programa de medicina de Nova Iorque. Um programa onde aparentemente todos os internos já tinham especialização, menos eu.

Alguns diziam que era importante ter uma especialização, mas eu ainda não conseguia pensar em algo. Queria tudo. Não conseguia ver apenas o foco da dor em um ser humano, queria saber o que aquela dor causava no paciente como um todo. Como estava a sua cabeça, seus sentimentos em relação a sua enfermidade? Como aquilo o afetava?

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que doía em outros lugares?

Como tratar um coração se a cabeça estava confusa? Como acalmar um acidentado em choque? Como fazê-lo parar de sangrar se ele estiver em estado de histeria e não para de se mexer? Muitas vezes, quando há grandes níveis de dor envolvido, o paciente sequer pode responder às suas perguntas. Eu queria tratar de tudo. Do corpo e da alma.

Em nosso segundo dia de internato no hospital, Noah Memphis me disse que eu deveria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ter escolhido psicologia já que pensava daquela forma. Nunca lhe dei uma resposta, porque não tinha uma naquele momento. Mas não muito tempo depois, pensando sobre o assunto, cheguei a uma conclusão.

Todos os médicos deveriam ser psicólogos.

Nem todos se preocupam com o bem estar na hora de salvar um paciente, e para alguns é até besteira pensar de tal forma. “O paciente está vivo, é o que importa.” Eles dizem.

Não para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que era utópico, ingênuo e provavelmente nem conseguiria dar esse tipo de conforto para todos os pacientes, mas eu queria salvar o corpo e a alma das pessoas.

E eu tinha tempo, dedicação e foco para isso.

Aparentemente, eu também tinha tempo para comemorar um mês de internato com a minha nova amiga, Pamella, e depois de sessenta e oito horas de plantão no hospital, eu ia dançar e beber em uma boate no lugar de ir para casa e dormir o

PERIGOSAS ACHERON

dia da minha folga inteiro.

— Cheguei! — Pam exclamou no momento em que invadiu o vestiário, me tirando de meus pensamentos. Pamella Ridley era uma bela mulher de vinte e oito anos, orgulhosa de vestir tamanho cinquenta e dois, de cabelos longos e escuros, olhos profundamente azuis, estatura de um Hobbit e cérebro de um gênio. Sua especialidade escolhida era compatível com o seu ego, logo, seria neurologista.

Pam era uma pessoa vaidosa e de ego

inflado no trabalho, mas estava se mostrando uma boa amiga e cuidava de mim. Há um mês ela me colocou embaixo da sua asa e desde então cuida para que eu seja mais relaxada e não tão neurótica com o trabalho. É bom ter amigos, mas Pam frequentemente me faz questionar isso. Como naquela noite, por exemplo. Quando eu devia estar em casa, dormindo, mas estava com um mini vestido e quase pronta para a balada.

Ela invadiu o vestiário já com o seu vestido preto e curto. As coxas roliças carregavam uma

meia de alta compressão, sua marca registrada, ela sempre vestia aquelas meias. Dizia que lhe deixava mais elegante e com as pernas menos assadas.

Embora não estivesse dentro dos padrões de beleza pré-estabelecidos, Pamella era vaidosa ao extremo e chamava a atenção dos homens mais do que eu gostaria de chamar para mim, a garota era quase uma celebridade entre os médicos, fosse por seu talento como médica, fosse com o seu talento como namorada. Ela atualmente estava saindo com John Stevens, o enfermeiro mais pedaço de mau

caminho que aquele hospital tinha.

— Trouxe minha maleta de maquiagem para você.

— Obrigada, eu só tenho rímel e batom aqui comigo. — Não era totalmente mentira. Eu realmente só tinha batom e rímel, mas não era somente ali, eu não tinha nada além daquilo no meu estojo de maquiagem porque não podia me dar ao luxo de comprar mais. E não era algo que estava no topo da minha lista de almejos também. Sentei no banco colocado ao longo do corredor entre os

escaninhos dos plantonistas e peguei a sua maleta.

— Isso é ridículo. Como médica, deveria ter ao menos um corretivo para usar nas olheiras. Daqui a pouco estará assustando os pacientes da pediatria.

— Engraçadinha. Não posso gastar com maquiagem. Eu pago aluguel, Pamella. — Resmunguei enquanto me concentrava na infinidade de maquiagens que ela tinha naquela enorme maleta.

— Já disse que você pode dividir aluguel

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo, estou desde o primeiro dia de internato te falando isso. — Sim, verdade! Mas como eu poderia aceitar? Primeiro: metade do aluguel dela deveria ser o dobro do meu, segundo, eu mal a conhecia. Um mês de amizade não era exatamente um bom pré-requisito para dividir apartamento com alguém, e terceiro, era a primeira vez que eu realmente estava sozinha por opção. Cuidando apenas de mim. Eu queria isso. Queria a minha independência emocional.

E, de certa forma, precisar de alguém

PERIGOSAS ACHERON

novamente, era algo que me assustava. Muito.

— E eu já disse que não vou sair do aluguel em que estou para pagar a metade do seu que é dobro do meu. Simples assim. Preciso guardar dinheiro para pagar meus créditos estudantis.

— Mas acho o Bronx tão perigoso para você. — Explicou novamente enquanto calçava seus sapatos.

— Eu mal paro lá e não costumo sair à noite. — Retruquei iniciando a minha maquiagem.

— E seu pai? — Ela não sabia sobre o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pai. Achava apenas que estava longe e me ajudava com as despesas. — Talvez ele ajude...

— Por que eu tenho a impressão que vivemos em looping sobre esse assunto? — Perguntei espirrando base em meu pulso para testar a cor antes de passar em meu rosto.

— Porque você é teimosa. — Bufou ela.

— E você é metida.

— Cala a boca! — Ela bateu em meu ombro e voltou para o seu armário.

— Cala a boca você! — Retruquei voltando

PERIGOSAS ACHERON

a me maquiar.

— Deixa comigo, mãos de *neuro* aqui. —

Balançou os dedos para mim. Revirando os olhos para a sua modéstia inexistente, os fechei em seguida e estiquei meu pescoço dando acesso ao meu rosto para que ela fizesse a sua mágica. —
Essa noite vai ser explosiva.

— Aposto que sim!

CAPÍTULO DOIS

MAXINE

Quando descemos do táxi olhei o prédio todo espelhado por fora, era na cor chumbo, muito elegante e as estruturas eram pretas e aço escovado.

Nós fomos para a fila que andava rapidamente, não demorou muito para que entrássemos e descobri o porquê quando estávamos dentro do lugar. Era enorme. O térreo era gigantesco, e pistas de dança eram distribuídas em mezaninos, como se a boate

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse uma grande arena e o público ficasse em volta assistindo quem dançava no andar de baixo. Uma escada de ferro negro levava até o mezanino, onde uma corrente espessa, um segurança do tamanho de um armário e uma placa luminosa com V.I.P piscando nela informava que naquele local só entrava quem era muito especial. Forcei meus olhos para dentro, tentando saber se havia pessoas lá dentro, mas era impossível enxergar.

Obviamente, meus pés já estavam latejando.

Há quanto tempo eu não sabia o que era usar sete

PERIGOSAS ACHERON

centímetros de salto? E por Deus, como Pamella conseguia usar um de quinze? A mulher era uma super-heroína, sério!

— Vamos pegar bebidas e depois para a pista de dança. — Ela gritou por cima da música e pegou a minha mão. No momento que começamos a dançar, Pamella ficou possuída. Não que ela dançasse mal, mas minha nova amiga era um tanto espaçosa quando se tratava de tudo. Era como se ela tivesse um grande holofote sobre a cabeça dela.

Nós nos embalamos ao som das músicas do

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, rimos e até flertamos com alguns rapazes.

Foi um tempo depois que aconteceu. Lembro-me de estar toda suada levantando meus cabelos com uma mão e bebendo meu drink com a outra, e em algum momento a placa luminosa da área V.I.P me chamou a atenção novamente. Olhei na entrada e vi o segurança conversando com um homem escorado no parapeito de proteção com um copo pendurado em seus dedos. O homem tinha seus olhos scanando a multidão dançante até que

PERIGOSAS ACHERON

pararam em minha direção.

As luzes dançavam e refletiam por todo lugar e quando batiam em sua direção, eu conseguia ver um pouco mais dele. Não podia ver seu rosto de onde eu estava, mas algo em sua postura e seu porte chamou a minha atenção. Eu não tinha certeza se era eu quem estava em sua mira, então, sem pensar, levantei meu drink cumprimentando-o.

Em retorno, ele levantou o seu copo para mim, então tive a minha confirmação. Sorrindo,

tomei mais um gole da minha bebida e voltei a dançar. De tempo em tempo eu espiava o homem e lá estava ele, continuava me olhando.

De repente, alguém cutucou o meu ombro e pensei que fosse Pam, mas ela tinha sumido, provavelmente já nos braços de algum cara. Olhei para o homem que estava vestindo um terno negro com uma *nametag* levando o emblema da boate.

— O cavalheiro na área V.I.P quer saber se a senhorita gostaria de se juntar a ele.

Olhei em direção ao camarote e novamente

o sujeito levantou seu copo para mim, confirmando o que o homem de terno me dizia.

— Diga a ele que agradeço, mas estou aqui com uma amiga. Talvez ele queira se juntar a nós.

— Dei de ombros e voltei a dançar. Eu não subiria em um camarote com um desconhecido para correr o risco de ele querer me cobrar a conta do bar e do convite da ala V.I.P, do jeito que alguns trogloditas assediadores costumavam.

Alguns segundos depois, olhei novamente em sua direção e ele abriu os braços como se me

perguntasse o porquê de eu não ter aceitado, em seguida seu gesto mudou então ele me chamou para ir até ele novamente. Eu neguei e ao invés disso o chamei para se juntar a mim. Procurei rapidamente por Pamela e não a avistei, quando olhei na direção do homem novamente, ele já estava no meio da escada, descendo com um sorriso charmoso em minha direção.

Foi quando aconteceu.

Um...

Dois ...

Três...

Quatro...

Foram necessários quatro tiros para que as pessoas que estavam próximas aos disparos conseguissem ouvir o barulho e percebessem o que estava acontecendo. Uma gritaria se iniciou dentro da boate e rapidamente se alastrou por todos os andares. A música de repente parou, dando ainda mais destaque para os gritos desesperados e aos outros tiros disparados. Me encolhi rapidamente e olhei em volta em pânico. Procurei por Pam e não a

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrei, o que me deixou preocupada. Ouvi alguém gritando para que todos ficassem abaixados. Olhei em direção ao som e vi que era o homem que havia me convidado para o seu camarote que estava falando.

— Não se mova! — Ouvi outro homem gritar, olhei em direção a voz e percebi quem falava: O atirador. Me mantive curvada, enquanto olhava para a troca entre o meu admirador e o homem com uma arma. — Nem mais um passo ou eu atiro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Obviamente alguém se mexeu, pois mais um disparo foi efetuado e novamente a onda de gritos desesperados veio com força.

Foi quando vi o homem do camarote se mover para descer as escadas novamente, porém o atirador cumpriu sua promessa mais uma vez e puxou o gatilho em direção a ele. O homem gritou e caiu para trás, ao longo da escada. Como resposta ao seu urro, gritei de volta.

Outra comoção se fez. Mais gritos, mas desta vez nenhum tiro.

PERIGOSAS ACHERON

Então ouvi alguém dizer:

— Atirador abatido. Fiquem todos no chão até que a polícia esteja aqui.

Ousei levantar a minha cabeça para ver o que estava acontecendo. Do outro lado da pista de dança, eu podia ver um muro de seguranças, um ao lado do outro, cercando uma pessoa. Vi por entre as pernas deles que o rosto de um homem estava sendo esmagado contra o chão.

O barulho de sirenes se fez alto, choros e exclamações preocupadas ainda ecoavam pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

grande salão. Olhei em direção a escada e o homem ainda estava lá. Provavelmente outros estavam feridos, mas ao meu alcance, o único que parecia precisar de assistência era ele. Então me mantive de joelhos e engatinhei até onde ele estava. Minhas mãos e joelhos ficaram lambuzados de bebidas e sujeira espalhados pelo chão, mas não me importei.

— Maxine, o que está fazendo? — Ouvi a voz de minha amiga sussurrar. Olhei para lado e Pam se mantinha deitada no chão.

— Você está bem? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou! Onde você está indo? — Ela perguntou se apoiando em seus braços. Seu rosto era pálido. Ela parecia aterrorizada.

— Alguém precisa de ajuda.

— É perigoso, Max. Fique aqui.

— *Polícia! Fiquem todos onde estão, face para o chão e mão na cabeça! Para quem estiver ferido, o socorro está chegando.*

— Viu? Fique onde está! — Pam ordenou.

Mas não dei atenção.

Continuei engatinhando por mais alguns

PERIGOSAS ACHERON

metros.

— Merda, Max! — Senti que a voz dela estava próxima demais. Olhei para trás e lá estava ela, engatinhando para perto de mim.

— Peço que parem agora, senhoras. — Ouvimos um policial pedir, parei imediatamente diante do comando.

— Senhor, meu nome é Maxine Madeline, sou médica do Mount Sinai Hospital. O homem na escada foi baleado e caiu batendo com a cabeça nos degraus... — Neste momento ouvi um gemido do

homem corroborando com a minha declaração. —

Eu preciso ajudá-lo, verificar a gravidade do ferimento.

O policial ficou em silêncio, não tinha ideia de onde ele estava, mas calmamente voltei a me locomover quando ele respondeu:

— Tudo bem, senhorita, lentamente levante-se com as mãos onde eu possa ver. — Fiz o que ele pediu sem tirar os olhos do homem estirado na escada. Depois que eu estava ereta ele liberou: — Vagarosamente você pode se locomover até a

vítima.

Fiz o que o policial ordenou e me aproximei do homem na escada, subi os degraus rapidamente já procurando por ferimentos e encontrei em sua perna direita. No meio da coxa. O ferimento estava sangrando muito.

— Senhor, meu nome é Maxine Madeline, sou médica e preciso que me diga como se sente...

— Hum... eu... Eu... — Os olhos dele rolaram e começaram a se fechar.

— Não, não, não feche os olhos. — Pedi

alto, tentando fazer ele prestar atenção em mim.

— Dormir...

— Qual é o seu nome? — perguntei a ele, mas sem esperar por sua resposta, olhei para o policial para pedir que liberasse Pamella. — Preciso de ajuda aqui. Preciso que libere a minha amiga.

Pam levantou os olhos para mim com preocupação.

— Ele tem uma concussão.

Pam olhou para o policial em expectativa,

esperando que ele a liberasse. A comoção na porta novamente se instalou quando a equipe de socorro chegou.

— Tudo bem, vá até ele. — O policial autorizou enquanto continuava olhando em volta.

O movimento em volta era grande, mas eu estava concentrada no homem em minha frente.

— Não feche seus olhos. — Pam iniciou abrindo um pouco mais as pálpebras dele — Diga-me, qual é o seu nome. Consegue?

— Andy... — Sua voz continuava lenta,

grogue.

Analisei o ferimento a bala e delicadamente toquei sua perna do outro lado para ver se a ela havia atravessado. Toquei as adjacências da perna, e finalmente encontrei a saída.

— Ele está sangrando muito, não atingiu nenhuma artéria importante e a bala saiu, mas há muito sangue. Preciso de um torniquete.

— Bem, faça. — Ordenou Pamella enquanto continuava analisando Andy. — Consegue mexer seus dedos para mim, Andy? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Pediu delicadamente.

— Hey! — Chamei o policial. — Peça para o resgate vir aqui, precisamos de um torniquete.

O policial começou a chamar, mas não poderíamos esperar muito tempo. Olhei para a multidão rapidamente e vi que outros feridos estavam sendo resgatados.

— Estamos aguardando mais socorro. — Informou o policial.

— Por que vieram com tão pouca gente? — Perguntei brava. Meu estômago dava voltas de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nervosismo, geralmente eu não era assim, conseguia me manter calma. Contudo, nunca tinha passado por aquele tipo de situação também.

Os olhos do paciente também não ajudavam. Enquanto lutavam para ficar abertos, se mantiveram em mim, analisando o meu rosto com um brilho diferente. Ele parecia ler tudo o que passava em minha mente.

— Provavelmente quem ligou para o socorro não deu as informações corretas — respondeu o oficial. Fazia sentido. E era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compreensível, civis em pânico dificilmente pensavam direito para dar as informações corretas.

Olhei em volta sem querer esperar por ajuda dos paramédicos, pois precisava de algo para fazer o torniquete. Analisei o ambiente mesmo que fosse em vão, dificilmente encontraria algo para me ajudar ali. Não com tanta gente histérica. As pessoas ainda estavam nervosas e sem saber como reagir, não sabíamos quantos feridos havia no local, mas eu precisava ajudar aquele homem.

Foi quando algo reluziu na perna de minha

PERIGOSAS ACHERON

amiga.

— Tire sua meia, Pam. — Ordenei.

Pamella me olhou sem entender por um momento, mas logo percebeu o que eu queria.

— Fique aqui com ele. — Pediu ela, levantando e enfiando as mãos embaixo do vestido.

— Hey, Andy! — Chamei delicadamente fazendo ele olhar para mim. Seu cenho franziu e seus olhos piscaram lentamente. — Mantenha o foco, o socorro está chegando para você.

— Eu... eu... você é a garota que me deu o

fora... — murmurou, me fazendo rir.

Antes que eu pudesse lhe dar uma resposta, notei seus olhos rolarem e tentarem se fechar. Precisava manter ele consciente.

— Hey, se você não puder ficar acordado, corre um sério risco de eu não poder sair com você no futuro, Andy. — Seus olhos ficaram um tanto mais alertas e quase rolei os meus para ele. *Homens*. Nem quando estão correndo risco de vida se aprumam.

— E você... você...

— Se eu sairia com você? Não sei! —
brinquei novamente, fazendo-o sorrir um pouco —
vai ter que viver para descobrir.

Pam jogou sua meia calça em mim e eu a
peguei voltando minha atenção para a perna de
Andy.

— Hey... Volte! — Pediu quando não viu
mais meu rosto. Ignorei, enquanto nos
concentrávamos em estabilizar a sua condição.

Emparelhei as duas pernas da meia calça e
passei delicadamente por baixo da perna dele. O

fato de seu corpo estar estirado ao longo dos degraus da escada ajudou para que eu pudesse passar a meia sem movê-lo. Amarrei acima do ferimento firme o suficiente para que estancasse.

— Senhor Collins! — Um dos seguranças da boate tentou se aproximar, mas o policial não deixou. — Aquele é o dono da boate. O nome dele é Andreas Collins. Preciso saber como ele está. — Ainda assim o policial não deixou que ele passasse. Levantei e fui até o segurança.

— Ele precisa ser movido com urgência,

PERIGOSAS NACIONAIS

estamos tentando estabilizá-lo, mas precisamos de mais resgate aqui... — Assim que terminei de falar, um policial do outro lado da enorme sala gritou avisando que mais socorro estava chegando. Respirei aliviada e voltei para Andy.

— Aguarde mais um pouco. — Pedi a ele delicadamente. Seus olhos focaram os meus com esforço e ele tentou sorrir. Mas não conseguiu. Eram castanhos escuros e muito expressivos, porém, estavam desfocados devido ao ferimento na cabeça. Com muito esforço, ele os manteve firmes

PERIGOSAS ACHERON

e abertos até que foi imobilizado e removido da escada enquanto Pamella e eu relatávamos as suas condições aos paramédicos. Sua mão se mexeu e ele tentou falar enquanto lhe moviam para a ambulância, porém não conseguiu.

Eu e Pam ordenamos que ele fosse levado para o Mount Sinai, mas foi desnecessário, era o hospital de emergência mais próximo da Boate de qualquer forma. Entramos na ambulância para acompanhá-lo.

— Qual é mesmo o nome do paciente? —

Um dos paramédicos perguntou.

Sem tirar meus olhos dos de Andy eu repeti
seu nome.

— Andreas Collins.

CAPÍTULO TRÊS

ANDREAS

*Obrigado pela ajuda, irmão. Quinn e eu
não poderíamos estar mais felizes!*

Li a mensagem do meu melhor amigo e sorri. Estava extremamente feliz por Dashier. Ele merecia encontrar a felicidade. Por outro lado, vê-lo daquela forma, me fez almejar o mesmo.

Senti um vazio imenso, uma necessidade de

PERIGOSAS NACIONAIS

ter alguém para voltar depois de um dia de trabalho, uma pessoa para ligar, mandar mensagem, apelidar.

Alguém que tirasse o meu fôlego.

Acho que estava cansado daquela vida que levava há um ano. Farra e mulheres aleatórias. Algo começou a faltar.

Ou sempre faltou.

Respirando fundo, levantei de minha cadeira, me servi de uma dose de uísque e fui até a parede de vidro que dava para a pista de dança da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Central Dance, minha casa noturna. Olhei satisfeito com o fato de estarmos lotados novamente e assisti as pessoas dançando. Dificilmente saía do escritório, entretanto, resolvi sair naquela noite. Logo, com mais alguns passos, estava do lado de fora, encostado no parapeito enquanto ouvia a batida eletrônica.

Foi quando aconteceu. Um canhão de luz focou em algo e tudo ficou muito brilhante. Olhei na direção da luz que ofuscava meus olhos e me deparei com ela. Fiquei intrigado com o seu jeito de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dançar, sozinha, independente, tão auto suficiente segurando seus longos cabelos e rebolando dentro de um vestido delicioso.

Nós flertamos. Sorrimos um para o outro e a chamei para me encontrar na área V.I.P.

A garota negou o meu pedido, mas não me deu o fora totalmente. Ao contrário, convidou para que eu me juntasse a ela. Seria nos seus termos. Gostava daquele tipo de atitude em uma garota, então resolvi ir até ela.

Foi tudo tão rápido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um momento eu estava pronto para terminar a minha noite com uma linda mulher, no próximo, estava sentindo uma queimação forte em minha perna e caindo na escada.

Era difícil me lembrar de tudo, todos os momentos. Porém, lembro-me de pensar:

É assim que vou morrer? Sozinho?

Não lembrava de ter sentido tanto medo antes em minha vida, nem de me sentir tão sozinho. Não era medo da morte em si, e sim da solidão. De morrer sem antes ter encontrado alguém para voltar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para casa, enviar mensagens ou dar um apelido fofo. Morrer sem ter uma família, sem dizer eu te amo de forma madura, realmente sentindo aquilo.

Mas então ela estava lá, sobre mim, me olhando com determinação e pedindo que eu não fechasse os olhos.

Não fechei, porque eu queria que ela continuasse tirando o meu fôlego, e com muita esperança de que eu pudesse lhe dar um apelido.

**

Eu tinha dor de cabeça e sede.

PERIGOSAS ACHERON

Ressaca?

O que eu bebi na noite passada? Fazia um tempo que eu não bebia tanto, não o suficiente para uma ressaca...

Pensei antes de abrir meus olhos lentamente. O quarto estava iluminado demais para ser o meu. Pisquei algumas vezes para tentar adaptar meus olhos à claridade, quando flashes assolaram a minha mente.

Um tiroteio!

Na boate!

Meus olhos se arregalaram imediatamente e um barulho alto e contínuo de apito se iniciou.

— Andy, querido! — Minha mãe exclamou, sua voz continha um alívio palpável. — Chame alguém, David. Avise que ele acordou.

— Ma... — Minha garganta estava completamente seca. — Mãe. — Finalmente consegui dizer. — Um tiro... tiro... — Minha garganta travava enquanto tentava falar e meu corpo estava completamente tenso, dolorido.

— Sim, querido, houve um tiroteio, mas,

PERIGOSAS NACIONAIS

por favor, fique calmo. Seu pai está chamando um médico. — Solicitou. Seu rosto estava pálido e tomado por olheiras, ela devia estar exausta. — Oh, Andreas! Eu fiquei tão preocupada quando recebi a ligação. Sabia que aquela boate seria uma má ideia. Péssima ideia! Esse foi o investimento mais ridículo que você já fez.

Juro que queria rolar meus olhos para a tagarelice da minha mãe naquele momento, mas algo em mim dizia que se eu fizesse sofreria as consequências. Doeria demais.

PERIGOSAS ACHERON

Uma suave batida na porta interrompeu seu sermão, e me senti incrivelmente grato por aquilo.

— Boa tarde, senhor Collins, sou o doutor Jacob Kinsley — se apresentou enquanto uma médica baixinha se aproximava e analisava meus olhos com uma pequena lanterna em forma de caneta. —, e esta é a doutora Pamella Riley, ela foi uma das médicas que lhe prestou socorro na noite de ontem.

Olhei para a médica que se mantinha séria

enquanto continuava a sua análise e anotava algo na prancheta em sua mão. Ao terminar, ela piscou algumas vezes como se estivesse saindo do transe e sorriu educadamente.

— Fico feliz que esteja bem, senhor Collins.

Maxine também ficará, tenho certeza. — Ela não tentou ser discreta quando disse aquilo ou deu uma piscadela para mim. Franzi o cenho para ela, porém, nada disse em resposta.

— Modos, doutora Riley. — Pediu o médico seriamente para a mulher pequenina ao seu

lado.

Max...

Ouvir seu nome me trouxe um novo flash de memória sobre a noite anterior.

“Senhor, meu nome é Maxine Madeline, sou médica...”

A garota do vestido delicioso! Sim! Foi ela quem me salvou?

Tentei falar, mas novamente minha garganta doeu. Percebendo que me encolhi com a dor, o médico serviu um pouco de água para mim

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto a médica pressionava um botão ao lado da cama fazendo com que o encosto dela começasse a se erguer. Assim que meu corpo começou a ficar na posição sentada, tive uma visão maior do quarto: branco e uma cor que não era branco, mas era quase, e provavelmente só minha mãe ou minha ex-mulher saberiam dizer qual era.

Havia um sofá em tom muito claro de amarelo encostado na parede ao lado da porta e o aparador encostado na parede oposta estava repleto de flores.

Pelo visto, a notícia de que eu estava no hospital

PERIGOSAS ACHERON

havia se espalhado rapidamente.

— Como se sente, querido? — Minha mãe finalmente lembrou-se de perguntar no lugar de ficar histérica e criticando as minhas decisões. Pegou a minha mão com cuidado o suficiente para não interferir na intravenosa e analisou todo o meu rosto com preocupação evidente.

— Oi, mãe. — Sorri, tentando acalmá-la. Então virei para meu pai. — Olá, pai!

— Ficamos preocupados, Andreas. — Meu pai disse com a voz grossa de emoção, mas

segurando firme.

— Como ele está, doutor Kinsley? —

Minha mãe solicitou, não querendo aguardar a minha resposta. A verdade é que parecia que eu tinha sido atropelado, estava completamente dolorido e grogue. Mas também ansioso, para saber sobre a boate e para ver a médica que havia me salvado também. Maxine.

— A doutora Riley passará tudo para vocês, mas posso garantir que tudo está bem com seu filho. — O médico sorriu amistosamente para nós e

olhou para que a médica começasse a falar. Ela parecia muito empolgada para aquilo.

— Bem, senhor Collins, o senhor foi vítima de um projétil de arma de fogo. O ferimento foi ocasionado em sua perna direita.

Soltando a mão de minha mãe, levantei o fino lençol que me cobria da cintura para baixo para olhar minha perna, a bandagem enfaixava exatamente o meio da minha coxa. Então percebi que estava nu sob aquele pedaço de camisola de hospital.

— A bala atravessou o membro e não atingiu nenhuma artéria importante — continuou a médica —, mas estava sangrando muito, então a doutora Madeline improvisou um torniquete para estancar a hemorragia. — Ao ouvir o nome da médica tirei a minha atenção da camisola e olhei diretamente para a doutora Riley, seus olhos estavam em cima de mim, como se estivesse aguardando alguma reação, o que me dava um pouco mais de certeza de que a garota que eu estava indo encontrar quando levei o tiro era a

mesma que me salvou.

— Onde ela está? Gostaria de agradecê-la pessoalmente — resmunguei a minha pergunta, finalmente sentindo minha voz voltando ao normal. Era a verdade, eu gostaria de agradecer a médica, mas eu também queria colocar os meus olhos nela novamente.

— O turno dela começa só mais tarde, vou me certificar de que venha conversar com o senhor.

— A médica informou tentando segurar o riso novamente. — Além da ferida, o senhor bateu com

a cabeça em um dos degraus e teve uma concussão leve, nada a se preocupar, sua tomografia não apresentou quaisquer sinais preocupantes, mas é necessário que a sua internação permaneça para acompanharmos o seu ferimento na perna, receber os antibióticos e analgésicos e então será liberado.

— Quantos dias?

— Isso é com o doutor Kinsley — informou pronta para continuar a falar, mas a interrompi.

— Você é médica também, por que não me diz? — perguntei sem entender muito bem porque

ela não poderia me dar tal informação.

— Eu sou uma médica interna, então eu não tenho muita autonomia por aqui, senhor Collins — justificou sem se intimidar, ela não parecia também muito feliz com a declaração.

— Médica interna? — Minha mãe perguntou tentando entender.

— Ela acabou de se formar, querida, está aqui para praticar. — Papai explicou da forma que ele sempre costumava fazer sobre as coisas que saiam um pouco da realidade de decoração, country

club e chá da tarde para a mamãe.

— Deixaram nosso filho nas mãos de uma aprendiz? — Andrea Collins não era uma pessoa muito fácil de lidar, especialmente quando envolvia o meu bem estar. — Isso é um absurdo.

— Bem, senhora Collins, — a médica iniciou sem qualquer alteração em sua voz. Se ela era aprendiz, era uma das boas. — o hospital em que seu filho está é justamente uma escola para iniciantes, inclusive iniciantes que salvaram a vida dele.

Eu imediatamente comecei a rir, mas senti uma dor na cabeça então o que começou com uma risada terminou rapidamente em um gemido. Só então o doutor Kinsley resolveu falar.

— Está tudo bem por aqui, Pamella, você pode seguir para o próximo paciente que já encontrarei você — ordenou.

— Como quiser, doutor. — Olhando para mim ela sorriu educadamente. — Faço votos que melhore, senhor Collins.

— Obrigado — respondi. — Por favor, diga

PERIGOSAS NACIONAIS

a doutora Madeline que gostaria muito de vê-la para agradecer.

— Eu aposto que sim — resmungou ela com um sorrisinho divertido antes de sair.

— Então, doutor, quanto tempo ficarei aqui? — questioneei Kinsley.

— Tudo vai depender da sua recuperação, senhor Collins, mas sou um homem otimista.

**

Tudo bem então, eu estava fora de perigo, iria para casa em breve e veria a garota do vestido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

delicioso, que por sorte era o meu anjo da guarda.

Só que nem tudo são flores e estava na vez de receber as más notícias. Levei a minha atenção ao meu pai e iniciei o bombardeio.

— Já sabemos o que aconteceu? Temos feridos? Mortos? — Ansiedade e medo me atacaram pela iminência das palavras de meu pai. O que havia acontecido na Central Dance era algo muito sério. Uma tragédia que poderia ter acabado com a paz de muitas famílias.

— Um atirador. Sem motivo aparente além

PERIGOSAS ACHERON

da sede de sangue. Ele está detido.

— Puta que pariu! — Joguei minha cabeça para trás rapidamente e fechei meus olhos, me sentindo um pouco zozzo com o movimento brusco. Respirando fundo, voltei a olhar para meu pai esperando que ele continuasse.

— Foram seis feridos, contando você... E dois mortos.

Meu corpo todo começou a doer mais forte imediatamente. Meu estômago embrulhou com a informação e de repente, senti uma vontade de

gritar. Chorar. Mas engoli as lágrimas e foquei no que precisava.

Eu tinha saída.

Não era imprudente e sabia muito bem como gerir um negócio. Não deixaria ninguém, nenhuma vítima ou familiar desamparado.

— Já chamou Elena Ribbs? — perguntei após tentar engolir a bola de angústia. Elena Ribbs era a minha advogada, a mulher era como o Jason Staton da área jurídica. Ninguém a derrubava. Seus honorários não eram baratos, mas valia cada

centavo.

— Sim, ela já acionou o seguro da boate e já está em contato com as famílias das vítimas.

— Ótimo, diga a ela para não poupar esforço ou dinheiro. — Pedi um pouco mais relaxado. Eu tinha total confiança em Ribbs, ela saberia o que fazer. — Mais alguma coisa que eu deva saber? — perguntei aos meus pais. Minha mãe me olhava com apreensão. — Mãe?

— Eu posso ter comentado com Sophie...

— Mãe! — exclamei alto e com raiva.

— Ela não virá! Quando soube que você estava bem disse que não viria. — Logo informou — Que você não gostaria.

Sophie sabia que eu não gostaria mesmo que ela fosse me visitar, mas não porque eu guardava alguma mágoa depois do nosso divórcio, mas porque não víamos motivos para continuar nos metendo na vida um do outro além do estritamente necessário. Precisávamos seguir com nossas vidas.

— Bom, Sophie tem melhor senso do que a senhora — resmunguei aliviado.

— Eu liguei para Dashier também... —

Olhei para ela em reprovação. — Ele precisa estar aqui por você, e precisa saber que você vai se ausentar da Colt. Ele e Quinn estão voltando para casa.

— Pelo amor de Deus, mãe! O cara está em lua de mel e feliz pela primeira vez na vida. Embarcou para a França há menos de cinco dias.

— Ele precisa fazer por você o que fez por ele. Retribuir!

Minha mãe nunca foi muito feliz com as

atitudes de meu melhor amigo, embora sempre teve muito carinho por ele e havia encontrado uma forma, mesmo que apenas na mente revoltada dela, de fazer Dashier me pagar de volta tudo o que eu havia feito por ele.

— Bem, eu não fiz para receber algo de volta, e não vamos comparar os nossos problemas, não é? Acho que a senhora não gostaria de passar pelo que a senhora Colt passou. — Ela negou imediatamente com a cabeça. — E eu já estava me afastando da Colt.

— O que? — Meus pais perguntaram em uníssono. Seus rostos eram assustados. Não porque eles achavam que eu precisava da Colt, eu tinha feito investimentos o suficiente para viver muito bem, graças a Philip Colt, pai de Dashier, corretor de investimentos.

Mas eles pensavam que eu era fiel demais para me afastar. E eu era fiel demais.

Ao meu amigo.

Dashier era como um irmão para mim, e administrar a Colt foi minha prioridade por muito

tempo, fazendo, inclusive, eu perder meu casamento. Não por culpa dele, é claro, mas porque eu não soube me dividir. E bem, para ser honesto, meu casamento não deu certo porque Sophie e eu queríamos coisas diferentes e não fomos capazes de dizer aquilo um ao outro.

Estava na hora de eu buscar novas aventuras para mim. Dashier estava bem, a Colt ficaria bem também, meu melhor amigo já estava ciente e em busca de um novo administrador e eu não o abandonaria completamente, apenas me dedicaria

mais a mim.

E a Central fazia parte da nova meta.

Quando comprei a casa noturna, meu objetivo era apenas investir. Assim como fiz quando comprei os prédios no Brooklyn para alugar as salas comerciais, e o mesmo com as ações da Body Life, uma rede de academias. Eu comprava para investir e fazer dinheiro, apenas isso.

Entretanto, na noite em que coloquei meus pés na Central Dance, algo mudou em mim. Eu não queria apenas os lucros da boate. Queria viver

PERIGOSAS NACIONAIS

aquilo. Investir em reforma, conhecer os funcionários, analisar os itens no menu, ampliar os produtos oferecidos... queria viver aquela experiência.

Só não imaginei que em tão pouco tempo eu já passaria por uma provação como um atirador maluco invadindo o local.

Voltando dos meus pensamentos, percebi que meus pais ainda aguardavam uma resposta.

— Eu não vou abandonar a Colt ou meu melhor amigo, mas estamos nos organizando para

PERIGOSAS ACHERON

que eu deixe de ser vice-presidente e caminhe um pouco sozinho. Dashier está bem agora — resumi para eles.

Meu pai, como sempre, assentiu com firmeza e deixou claro que apoiava a minha decisão. Minha mãe seguiu seu exemplo, mas com preocupação evidente em seu semblante. Ela sempre foi resistente às mudanças, mas fiquei satisfeito quando ela não tentou fazer mais perguntas.

Uma enfermeira entrou no quarto com uma

PERIGOSAS NACIONAIS

bandeja em mãos anunciando que era hora da medicação. Enquanto ela aplicava a medicação no meu acesso intravenoso, informei aos meus pais que estava bem e que eles poderiam ir para casa. Para a minha satisfação, meu pai não deixou minha mãe discutir. Percebeu que o que eu queria mesmo era ficar um tempo sozinho. Eles permaneceram somente até eu pegar no sono.

E quando acordei, dei de cara com outro par de olhos.

Daquela vez eles estavam mais tranquilos e

PERIGOSAS ACHERON

menos maquiados.

Mas continuavam belos e intensos.

Minha salvadora havia voltado.

De repente, lembrei que ela me devia um encontro. Interessante!

MAXINE

— Andreas Collins quer ver você. —

Pamella não me cumprimentou, não perguntou como eu havia passado a minha tarde e muito menos como eu estava depois do tiroteio.

Demos nossos depoimentos aos policiais e chegamos ao apartamento dela muito tarde.

Pamella tomou um banho, bebeu um litro de café enquanto eu contei que apenas tínhamos nos olhado com certo interesse antes de tudo acontecer, mas não dei detalhes. Ela me olhou um tanto desconfiada, mas deixou a história de lado e disse para eu ficar a vontade partindo para o seu plantão.

— Eu vou vê-lo assim que iniciar meu turno. — Quando prestei a atenção nela, Pamella sorria como se soubesse de algo. Odiava quando ela

ficava bancando a espertinha comigo. — O que foi?

— Ele parecia muito interessado em você quando eu disse o seu nome. Agiu como se apenas você tivesse salvo a vida dele, acho que ele lembra dos ‘seus olhares.’ — Ela exagerou um bico, quando disse.

— Bem, eu fiz o torniquete. Devo ter causado uma boa impressão. — Dei de ombros jogando o cortador de unhas que usei minutos antes dentro do meu armário e fechando a porta em seguida.

— Sim, claro! Bancando a McGayver da medicina com a minha meia *Beyonce* de alta compressão. — Justificou em seguida me fazendo gargalhar. — Sério, Max, ele realmente ficou diferente quando falei seu nome.

Será que ele lembrava?

Sabia quem eu era?

Não podia, ele havia batido com a cabeça, estava grogue enquanto conversei com ele. Talvez só quisesse mesmo me agradecer por ter ajudado ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Muitos pacientes faziam isso, assim como suas famílias. Nos agradeciam por tê-los curado, agido em tempo.

Salvado suas vidas.

Era bom ver os sorrisos aliviados em seus rostos. Muito melhor do que ver a dor da perda ou ouvir os gritos de raiva nos culpando.

— Ele deve estar apenas querendo me agradecer — expliquei beijando o seu rosto em seguida e saindo para iniciar o meu turno. Fui até a área de atendimento e dei boa noite para os

PERIGOSAS ACHERON

enfermeiros de plantão.

Rose Diaz, a enfermeira responsável pelos prontuários largou uma pilha deles em minha frente e sorriu com simpatia.

— Como vai depois do susto, querida? — perguntou.

— Tudo bem, Rose, eu estou tranquila. Sou durona. — Pisquei e comecei a analisar os prontuários. Foi quando me dei conta: O prontuário de Andreas Collins estava ali.

Costumava ser sempre muito profissional,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas a curiosidade falava mais alto naquele momento. Especialmente se tratando daquele homem. Cristo! Eu sonhei com ele naquela escada, descendo-a e indo em minha direção a noite passada inteira. E provavelmente muito teria acontecido, se não fosse aquele tiro.

Levantei prontuário por prontuário até que encontrei.

Andreas Theon Collins.

Trinta e três anos.

Um metro e noventa e dois.

PERIGOSAS ACHERON

Noventa quilos.

A positivo.

Continuei passando meus olhos pelos dados do seu prontuário e analisei como estava sendo tratado. Fiquei tranquila em saber que sua tomografia estava limpa e que o ferimento a bala também estava ok.

Me critiquei, lembrando que ele era meu paciente e que deveria ser profissional e simplesmente tratei de trabalhar.

**

Depois de analisar todos os pacientes que eu deveria visitar, respirei fundo e fui até ele. A noite já havia caído e a maioria dos quartos tinham suas luzes acesas. O quarto de Andreas ficava no primeiro andar do hospital, ele já estava na área de recuperação, mais um sinal da sua melhora. Me aproximei da porta aberta em silêncio, o encontrando imóvel na cama, dormindo pacificamente. Olhei em volta e vi que estava sozinho, então me aproximei discretamente e analisei o medicamento intravenoso. Mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando me concentrar, flashes da noite anterior, dele, no camarote V.I.P, imponente, abrindo os braços e querendo saber por que eu tinha recusado o seu convite, fizeram o meu corpo se arrepiar

Eu sequer estava próxima o suficiente para enxergar o seu rosto na boate, mas naquele momento eu podia vê-lo com detalhes. Estava tranquilo, levemente abatido, a barba era castanha, como o cabelo, e bem arrumada. Os lábios eram cheios, o nariz simétrico e o rosto robusto, expressivo. Leves linhas de expressão se faziam

PERIGOSAS ACHERON

aparentes em sua testa e nos cantos dos olhos.

Então seus olhos tremularam e abriram.

Olharam diretamente para mim, como se ele soubesse que eu estava ali, em cima dele, analisando cada canto de sua bela face. Ao invés de desviar do seu olhar e mostrar alguma compostura, mantive meus olhos nos dele. Tentando descobrir se ele lembrava de mim. Se sabia que eu era a pessoa que tinha prestado socorro a ele.

Como se ele lesse a minha mente, respondeu baixinho. Com um sussurro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, doutora Max. — O canto de seus lábios repuxaram um pouco e seus dentes apareceram levemente no processo.

— Senhor Collins. — Cumprimentei tentando me recompor. — Como se sente?

— Frustrado — disse ele um pouco mais alto, mas trazia certa diversão quando continuou.

— Se você tivesse aceitado o meu convite e subido no meu camarote com o vestido delicioso, eu provavelmente não teria levado um tiro.

Piscou para mim e mostrou o sorriso mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

safado que eu já tinha visto um homem dar na vida.

O sacana tinha piscado?

Que filho da mãe!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUATRO

MAXINE

Imediatamente, dei um passo para trás
olhando para Andreas Collins um tanto aturdida.
Queria ter uma resposta para dar a ele, mas meio
que fiquei sem palavras.

Ao perceber o que fez comigo, seu sorriso
se fez mais proeminente.

— Então, você me reconheceu. — Consegui
soltar por fim. Não que fosse uma grande

constatação. Afinal de contas, ele definitivamente sabia quem eu era. Eu dei mais um passo para trás, liguei a luz do quarto no interruptor ao lado da cama e aproveitei para analisar seus medicamentos no I.V novamente. Pela minha visão periférica consegui ver o encosto da cama se movendo e ele ficando em posição vertical.

— Menos maquiagem... — Começou dizendo. Olhei em sua direção e seus olhos me analisavam de cima a baixo. Pelo menos o que dava para ele analisar da posição em que estava. Nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

pensei que fosse possível, mas senti meu corpo queimando enquanto aquele homem me fitava de cima a baixo. Era como se estivesse me vendo com as roupas que eu vesti na noite em que nos ‘conhecemos’. Como se ele não estivesse em uma cama de hospital se recuperando de um ferimento a bala. — Definitivamente mais roupas... —

Novamente seus lábios se contraíram e seu rosto todo parecia relaxado em seguida, demonstrando que estava feliz em me ver. — Mas não confundiria você. Pode ter certeza.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro — respondi de forma irônica —, eu sou Maxine Madeline, eu e minha colega, a doutora Riley, prestamos socorro a você na boate.

— Justifiquei o fato de ele me reconhecer por causa do seu resgate e não pelo nosso flerte.

Andei até a ponta da cama e peguei a cópia do seu prontuário pendurada na guarda, fingindo analisar, como se não soubesse exatamente o que estava escrito lá.

— Então não falaremos sobre a nossa brincadeira antes de tudo acontecer? Ou do

encontro que você está me devendo?

Fechei meus olhos, era injusto ele mudar a entonação da sua voz para falar sobre aquilo. Seu tom ficou sério, porém sexy e baixo. Ele era um completo *desarrumador de gavetas*.

O tipo de cara que abre uma gaveta, bagunça tudo dentro dela e depois fecha e vai embora sem olhar para trás. Troque a palavra gaveta pela palavra mulher e *voilà*. Era exatamente daquela forma que me sentia. Uma bagunça.

Minhas mãos começaram a tremer e tenho

certeza que estava corando.

Merda, eu estava corando.

Que porra é essa?

Recomponha-se, Maxine! Recomponha-se!

— Max?

Ele estava me chamando de Max? Gostei de ouvir ele me chamar de forma tão íntima. Sua voz pingava sedução, aliás, tudo nele tinha um *sex appeal* gigantesco. Mesmo debilitado em uma cama de hospital.

Eu precisava me controlar. Sair daquele

lugar, daquela atmosfera tensa que ele estava criando com as suas palavras, olhares e sorrisos predadores.

Guardando o prontuário, respirei fundo.

— Eu... Eu... — Gaguejei. Ele ficou aguardando com a sua sobrancelha erguida e os olhos brilhando em algo que eu não conseguia nomear. Excitação? Sarcasmo? — Eu não sei como responder a isso, senhor Collins.

— Me chame de Andreas, ou Andy, se preferir.

Cristo!

Controle.

Procurei me lembrar de onde estava. Eu era uma médica interna que tinha ralado, e muito, digasse de passagem, e se algum residente ou atendente me visse de gracinha com um paciente poderia ser muito ruim para a minha reputação, que eu sequer tinha conseguido construir ainda. Ao passo que Pam já estava nas graças da turma de neurologia e Dean era o queridinho da ginecologia, bem, é muito óbvio que ele seria o rei da ginecologia, era o

PERIGOSAS NACIONAIS

objetivo dele desde o primeiro dia, eu ainda era terra de ninguém. Nenhuma especialização me queria.

Bem, eu não tinha escolhido nenhuma especialização também. Estava em todos os cantos. Queria tudo, saber de tudo e flertar com um paciente não me deixaria bem aos olhos dos meus superiores, então, procurei me recompor e optei por tornar nossa relação o mais distante possível. Apenas médico e paciente.

O que era realmente engraçado, pois todos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os médicos já me conheciam por eu ser aquela que me envolvia demais com os pacientes. Qualquer história mais triste que eu ouvisse, lá estava eu, chorando e descolando um chocolate clandestino para alguma criança da ala Oncológica.

— *Senhor Collins*, acredito que as circunstâncias mudaram desde aquela noite, e agora o senhor é meu paciente. Então não é... não é apropriado. — Gaguejei um pouco mais, o que pareceu deixar ele divertido. — Eu fico feliz que esteja bem, mas realmente não é ético falar sobre o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que aconteceu entre nós antes do tiroteio.

— Nada aconteceu entre nós. — Afirmou ele me encarando, um sorriso sorrateiro tentava escapar de seus lábios, como se ele estivesse tentando não rir da minha tentativa de não cair em seus encantos.

— Isso, nada aconteceu. — Concordei rapidamente.

— Infelizmente. — Emendou mostrando toda a fileira brilhante de dentes em um sorriso aberto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava na cara que Andreas Collins sabia o que fazia quando o negócio era flertar com mulheres, era quase como se o homem fosse uma referência na arte da paquera. Seus olhos eram sedutores e penetrantes, treinados para encarar seu rosto, boca ou corpo nos momentos certos. As palavras vinham sempre carregadas de sarcasmo ou sensualidade. Dizendo meia dúzia delas, ele conseguia deixar você completamente desestabilizada.

Sem coragem para dizer qualquer outra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa, respirei fundo e saí rapidamente do quarto, ouvindo sua risada rouca e baixa atrás de mim.

Caminhei pelos corredores sem olhar para trás, usei a escada no lugar do elevador e descii para o pronto socorro em busca de alguma ação para tirar aquele homem da minha mente.

Como pode uma pessoa preencher um ambiente daquela forma? Era como se tudo fosse ele, mesmo o ar.

Que loucura!

Fechando meus olhos com força tentei me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

concentrar em minhas tarefas. Praticamente me joguei em cima de um paciente para poder suturar a perna dele no lugar do plantonista do Pronto Socorro. Visitei o restante dos apartamentos durante a noite, preenchi prontuários, inclusive os de Dean que estavam atrasados, ele me deveria café por um mês, mas nada tirou aqueles olhos, palavras e nem o sorriso de quem desarrumava gavetas dos meus pensamentos.

Passava das quatro da madrugada quando deitei na cama do dormitório agradecendo por ser a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

única lá. Não estava ansiosa para ter companhia de algum colega roncador ou malcheiroso

**

Fui acionada às oito da manhã. Ao chegar na central dos enfermeiros no primeiro andar, me direcionaram para o quarto de Andreas novamente. Tentei não ir, pedi para que enviassem outra pessoa, mas ao solicitar, fui questionada sobre o motivo de eu não querer atender o paciente.

Mordi a minha língua, engoli minhas palavras e fui atender Andreas Collins.

PERIGOSAS ACHERON

Ao chegar a seu quarto, ele parecia muito melhor, havia tomado banho e estava sorrindo enquanto falava. Um casal de senhores conversava com ele, mas assim que notaram a minha presença ficaram em silêncio.

— Max! — exclamou como se fôssemos amigos. — Mãe, pai, esta é Max. Ela me salvou. — Andreas me olhou com simpatia, diferente da forma como havia me encarado na noite anterior, o que me fez imediatamente mais confortável por estar no mesmo local que ele.

— Senhor e senhora Collins. — Os cumprimentei a distância, mas a mãe dele se aproximou abrindo os braços e me fazendo arregalar os olhos. Não deixei de ouvir a risada de Andreas quando ela me abraçou. Espiei em sua direção por cima do ombro dela apavorada, fazendo ele rir ainda mais até ficar com o rosto vermelho e com lágrimas nos olhos, porém não emitia qualquer som, provavelmente em consideração ao drama que sua mãe estava fazendo enquanto ainda me envolvia em seu aperto.

— Obrigada por salvar meu filho, você é um anjo. — Soluçou a mulher, finalmente se separando de mim. O pai de Andreas ria menos do que o filho, mas não parecia menos divertido.

— Eu fiz o meu dever como médica, senhora. Fico feliz de estar lá no momento certo.

— Não completamente médica, no entanto, mesmo assim eu agradeço, querida. — A senhora disse, de repente se mostrando outra pessoa. — Franzi meu cenho e fiquei olhando para ela sem saber que resposta lhe dar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe! Já falamos sobre isso. Não seja rude. Você prometeu. — Meu paciente reclamou chamando a atenção da mãe.

— O teatro não durou muito tempo. — O pai de Andreas falou para o filho.

— Não foi desta maneira que eu quis dizer, Andreas. — A mulher se defendeu. — Eu só quero o melhor para o meu bebê. — Continuou com a voz doce.

— Acredite quando eu digo que Max provavelmente é a melhor.

PERIGOSAS ACHERON

Por que diabos ele fazia aquilo? A mudança na sua voz e a sugestão em suas palavras fez meu corpo todo se arrepiar imediatamente. Minha boca secou e eu tenho certeza que fiquei vermelha. Soltando um pigarro nervoso, olhei para os meus pés e analisei minhas crocs brancas, mantendo meu olhar nelas respondi:

— Como eu disse, fico feliz em ajudar. —
Reiterei querendo me enfiar embaixo da cama de Andreas.

— Foi o destino! — A senhora Collins

disse, esquecendo-se da gafe que tinha acabado de cometer. — Você estava destinada a salvar meu filho. Deus a colocou lá.

Lá! A fé! O destino! O conformismo.

Levei a minha atenção para a mulher e me preparei para responder a ela qualquer coisa que fizesse a discussão acabar, educadamente, é claro. Mas Andreas parecia querer terminar o assunto por mim e por isso, fiquei grata.

— Não acredito nessa coisa de destino, mãe, você sabe. — Ele piscou para mim antes de

continuar. — O destino tem sido um verdadeiro filho da puta comigo.

— A boca, Andreas! — A mãe ralhou, fazendo-o revirar os olhos e rir.

Quando o pai dele finalmente teve como se aproximar, esticou sua mão para mim e sorriu com simpatia. — Doutora Madeline, obrigado pelo excelente atendimento ao meu filho. Me chamo David.

Percebi que o pai de Andreas era mais contido do que a esposa e o filho, o que me deixou

mais aliviada imediatamente.

— É um prazer, senhor. — Cumprimentei de volta e peguei ar para finalmente iniciar o atendimento. — Bem, vamos ao que interessa. — Fui para perto de Andreas para saber do que ele precisava. — Como se sente hoje, senhor Collins?

— Me chame de Andy, Max. — Seu tom brincalhão era acompanhado de olhares risonhos.

— Como se sente hoje, *senhor Collins*? — perguntei novamente. Com seus pais no quarto, parecia mais fácil lidar com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu me sinto melhor... — disse, finalmente se rendendo. — Mais cedo acordei com dor, mas me medicaram.

Assenti, analisando os medicamentos prescritos no seu prontuário.

— Alguém já veio trocar o seu curativo? — perguntei me aproximando mais e levando as mãos em seu lençol. — Deixe-me ver. — Destampeei apenas o suficiente para ver onde estava o curativo. A camisola cobria as suas coxas e tive que movê-la alguns centímetros para poder ter melhor acesso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A enfermeira pediu para que eu tomasse banho primeiro. — Sua voz era baixa, diferente do que estava há poucos segundos. Parecia tenso. Assim que meus dedos tiveram contato com a sua pele percebi que sua respiração estava diferente. Ele a sugou entre os dentes no momento em que sentiu o meu toque. O toque foi diferente para mim também. Tirei minha mão da sua perna e engoli em seco lembrando que simplesmente não havia colocado as luvas. Que mancada!

Não olhei para nenhum deles, mas sabia que

PERIGOSAS ACHERON

todos estavam me observando naquele momento.

Continuei encarando o curativo levemente manchado de sangue sem coragem de levantar meus olhos. Pisquei algumas vezes e enfiei a mão no bolso do meu jaleco, tirando um par de luvas.

As vesti em silêncio e sentindo os olhos do meu paciente fixos em mim.

— Doutora Madeline. — Olhei em direção a porta e percebi que uma enfermeira entrava carregando os medicamentos para a troca de curativo de Andreas. — Eu tenho tudo sob controle

aqui. — A voz autoritária e postura da enfermeira não passou despercebido por mim. Ela olhou para Andreas e sorriu para ele da forma mais antiprofissional possível. Se aproximou e parou ao meu lado, quase invadido o meu espaço pessoal para poder alcançá-lo. Eu me mantive no lugar e cruzei meus braços olhando fixamente para ela.

— Você pode deixar a bandeja e os medicamentos que eu cuidarei disso. — Não me dignei a olhar o nome no crachá.

— Mas eu já estou familiarizada com o

Andy... Digo, senhor Collins e...

— Quero ver como estão os pontos. —

Informei com seriedade.

Peguei a bandeja da mão da enfermeira e virei em direção a Andreas para iniciar a troca do seu curativo.

— Está dispensada. Obrigada. — Iniciei a retirada do curativo sem olhar para qualquer um na sala. Todos pareciam mortalmente silenciosos. Percebi que a enfermeira continuava em pé, ao meu lado. Lentamente tirei minha atenção do

procedimento e olhei para ela. — Se eu precisar, chamo.

Enfatizei para que ela deixasse o quarto. Ela não tinha nenhum trabalho a fazer ali se um interno estivesse presente. Essas eram as ordens, mas pelo nível de intimidade que percebi na sua voz e nos seus olhares para Andreas, imaginei o motivo de ela ignorá-las.

— Mãe? Pai? Vocês podem pegar um café para mim, por favor?

— Você não pode tomar café. — A senhora

Collins rapidamente corrigiu.

— Tudo bem, mãe, pegue um para você, então, papai? — Ele olhava sugestivamente para o pai e logo David Collins estava levando sua esposa para fora. Queria ficar a sós comigo.

Isso não é bom!

Assim que estávamos sozinhos, ouvi a sua risada. Sem dar atenção a ele, me mantive analisando a sutura de sua perna, peguei os novos curativos e os medicamentos que deveriam ser aplicados e me mantive concentrada... Ou quase.

PERIGOSAS NACIONAIS

Momento ou outro eu pensava no quanto suas pernas eram belas. E depois me imaginava batendo na minha própria testa para deixar de ser antiética.

— O que foi que aconteceu? — perguntou ele enquanto eu colocava a gaze em cima da ferida. Não respondi a sua pergunta de imediato. — Max?

— O que foi?

— Está tudo bem? — Eu podia ouvir o humor em sua voz.

— Tudo ótimo, senhor Collins — respondi

PERIGOSAS ACHERON

sem esconder a minha frustração. O que ele pretendia, afinal?

— E aquela discussão com a enfermeira foi o que?

— Que discussão? — Olhei para ele me fazendo desentendida.

O sorriso de Andreas era sarcástico, mas ele nada disse. Apenas me olhou com um brilho malicioso nos olhos e me deixou fazer meu trabalho em silêncio. Fui eu aquela a quebrá-lo.

— Então, foi um grande estrago na boate,

não? — Inicieei, tentando manter a conversa séria com ele. Um suspiro cansado escapou dos seus lábios.

— Nem me fale.

— Foi uma grande dor de cabeça para você, hein?

— Antes fosse apenas uma dor de cabeça, pessoas morreram, outras ficaram feridas. Foi algo horrível e nunca vou conseguir me redimir com as vítimas e suas famílias o suficiente. — Olhei para ele e vi seu cenho franzido, ele parecia verdadeiro

em suas palavras, estava preocupado com o que aconteceu.

— Sinto muito que tenha acontecido, mas não foi culpa sua pelo que entendi. — Justifiquei por ele. Me escorei ao lado da sua cama com o quadril e cruzei os braços me fazendo confortável para continuar a conversa.

— Bem, eu não puxei o gatilho, mas houve falha na minha segurança. — Ele se ergueu em sua cama e se ajeitou ficando mais ereto, porém fazendo uma careta no processo. — Fico feliz que

você não tenha sido atingida e que tenha salvo a minha vida. Obrigado, Maxine.

— Não me agradeça, senhor Collins. Eu e Pam fizemos o que juramos fazer.

— Me chame de Andy, Max. — A voz suave dele continuava fazendo coisas estranhas no meu corpo. Ele estava de frente para mim, deitado em uma cama e baleado, mas parecia que estava em pé, sussurrando aquilo no meu ouvido. Fechei meus olhos com força, tentando buscar algum foco, respirei fundo e quando abri novamente, fitei

Andreas com toda a determinação que eu tinha.

— Você é meu paciente, devo continuar chamando o senhor assim. Não é aceitável pela política do hospital e eu acabei de chegar, preciso causar uma boa impressão. — Eu esperava que entendesse o meu recado. Não podia me relacionar de forma alguma com ele. Andreas se manteve em silêncio, parecia perdido em seus pensamentos.

No timing perfeito, eu fui acionada. Olhei o smartphone funcional e me senti aliviada.

— Preciso ir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele nada disse, continuou imerso em seus pensamentos, então eu simplesmente comecei a me retirar.

Quando cheguei à porta ele me chamou:

— Max? — parei, mas não me virei —

Acho que você deveria saber: eu não serei seu paciente para sempre.

Eu não sabia como responder a ele, então simplesmente me retirei do quarto.

Mas eu senti em todo o meu corpo cada uma de suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO CINCO

MAXINE

— Eu preciso de quinze horas para dormir, sem parar.

Dean declarou ao se jogar do meu lado no refeitório. Assenti e murmurei um ‘amém’ para ele, então, continuei comendo a minha salada com ovos cozidos em silêncio. Estava exausta também, tinha preguiça até de falar, mas minha mente não parecia

nem um pouco cansada.

Pelo contrário, ela continuava pensando em Andreas Collins. Eu não tinha visitado seu leito desde a noite anterior, mas aquilo não significava que minha mente estaria ignorando o homem também.

Sim, eu estava fugindo.

Em minha defesa, não estava fugindo por fugir. Precisava focar no meu trabalho, ser o mais profissional possível, e depois de suas palavras, o misto de sensações que ele causou em mim, a

PERIGOSAS NACIONAIS

forma como ele ficou sob a minha pele, o jeito como ele me olhava, fazendo o meu corpo todo ficar quente e... *gah!* Socorro!

Por sorte, nosso residente havia me colocado no pronto socorro pela manhã, então as rondas ficaram por conta de Pamella, que sorridente veio mais tarde me contar que Andreas queria saber onde eu estava. Revirei meus olhos para ela e voltei aos meus afazeres, mas foi o que bastou para que eu ficasse pensando ainda mais nele.

PERIGOSAS ACHERON

Ele queria saber onde eu estava?

Devo ir falar com ele?

Claro que não, Maxine.

— Então, Max... — Dean iniciou, aproximando mais a sua cadeira da minha. — Estou de folga na próxima terça-feira, vi na escala que você também está. O que acha de sairmos?

Na hora em que ia responder, fui acionada. Olhei para o meu telefone funcional e descobri que estava sendo chamada na emergência. Não tinha nenhum paciente específico sob o meu cuidado,

PERIGOSAS NACIONAIS

então imaginei que seria alguma emergência de última hora.

— Nos falamos depois — respondi simplesmente e me levantei, animada para alguma ação.

— Alguma coisa interessante? — Perguntou já se levantando. Provavelmente querendo o meu paciente.

— Fique onde está, Farrys! — adverti — Você não foi chamado.

Corri para a emergência, mas assim que

PERIGOSAS ACHERON

cheguei fiquei decepcionada. Pam estava com o doutor Kinsley, uma pilha de prontuários e um sorriso animado no rosto. Eu sabia o que aquilo significava. Para ela e para mim.

— Aqui está você, Madeline. — Jacob iniciou. — Você fica com as rondas da Riley no primeiro andar que ela vai entrar em cirurgia comigo. Pam me entregou os prontuários com um pedido de desculpas nos olhos, mas eu apenas sorri e descartei sua intenção, movimentando a cabeça e dando uma piscadela para ela. Estava feliz por

PERIGOSAS NACIONAIS

Pam, ela amava neurocirurgia, sabia o que queria e o doutor Kinsley tinha percebido o seu talento. O meu momento chegaria também.

Não vou negar que uma parte minha estava satisfeita em ficar com o trabalho de Pamella, também. Assim eu, mesmo me sentindo totalmente vulnerável na presença de Andreas, poderia *ter* a presença dele.

Merda!

O que eu estava fazendo?

Que confusão era aquela dentro de mim?

PERIGOSAS ACHERON

Mas quem dizia que eu conseguia evitar pensar nele? Ou esquecer das suas últimas palavras para mim?

Eu não serei seu paciente para sempre.

Isso me colocava em um medo danado. Um milhão de pensamentos passavam por minha mente e a maioria deles eram impróprios.

Pegando os prontuários, iniciei a ronda, desconsiderando voltar para o meu almoço. Visitei cada um dos pacientes e fiz anotações sobre suas dietas, pedidos de exames e conversei com seus

acompanhantes. Então, chegou o momento de ir ao quarto dele. Me senti ridícula por, propositalmente, deixar a sua visita por último, foi inevitável, mas me segurei para não me olhar no reflexo de nenhum espelho, inox ou vidro para verificar a minha aparência porque já seria demais. Coloquei minha postura profissional e entrei em seu quarto, pronta para uma conversa formal com ele, mas me deparei com uma cena que fez meu teatro acabar antes mesmo de iniciar.

Um bela, muito bela, loira e sorridente

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher estava sentada na ponta da sua cama segurando as suas mãos enquanto ambos gargalhavam. Ele foi o primeiro a perceber a minha presença, seu olhar virou em minha direção. Sem deixar as mãos da loira, ele continuava me fitando com interesse. Sem conseguir desviar do seu olhar fixo, respirei fundo e tentei manter a pose, mas sabia que já tinha estragado tudo, a minha reação à cena que eu estava presenciando poderia ser escondida de outros, mas ao que parecia, não dele, que sorriu minimamente enquanto analisava a

PERIGOSAS ACHERON

mudança em mim.

Ele percebeu que eu não havia gostado do que via. E provavelmente também sabia que eu estava me condenando por me importar. Tudo ao mesmo tempo. Por quê? Por que aquele homem parecia conhecer tanto sobre mim, mesmo eu sendo tão resistente em deixar ele me ver?

O que diabos estava acontecendo comigo?

— Simplesmente colocou na cabeça que iria comprar o Le Sublime's para mim... — Ela parou assim que percebeu que a atenção de Andreas não

estava mais nela. Olhando em minha direção, a mulher sorriu e saiu da cama soltando as mãos de Andreas. — Você será examinado.

— Eu espero que sim. — Ele sorriu cheio daquele maldito charme e até balançou a cabeça um pouco no processo, apenas para se mostrar mais engraçadinho enquanto falava. — Bom dia, *doutora* Madeline!

Me recompus, endireitei meus ombros, ergui a cabeça e caminhei até ele tentando o meu sorriso mais sincero.

— Bom dia, senhor Collins, como passou esta manhã? — Olhei em direção à loira e sorri, esticando minha mão para ela. — Sou a doutora Maxine Madeline, prazer em conhecê-la, senhora... — Instiguei para que ela completasse.

— Oh meu Deus! É a primeira vez que me apresentarei assim! — Exclamou com o rosto completamente iluminado. — Senhora Colt. Me chamo Quinn Colt. — Ela olhou radiante para Andreas, que assentia enquanto dava uma piscadinha para ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É isso aí, garota! — exclamou ele.

— É um prazer, senhora Colt — cumprimentei apertando a sua mão com educação e largando em seguida.

— Max, essa é Quinn, esposa do meu melhor amigo. Eles acabaram de se casar e voltaram da lua de mel por minha causa.

Eu não deveria, mas ri. Eu simplesmente soltei uma risada bizarra e desastrosa na frente daquela bela mulher de olhos azuis e singelos que olhava para mim um tanto assustada agora.

PERIGOSAS ACHERON

— É um prazer, e parabéns pelo casamento.

— Cumprimentei ainda rindo e sentindo o meu rosto completamente vermelho de vergonha.

Patética!

— Quinn, esta é Max, ela que salvou a minha vida na boate.

— Oh, sim? — Quinn se aproximou rapidamente e me abraçou. — Obrigada! Muito obrigada!

— Era o meu dever. — disse simplesmente, me separando dela e tentando esconder toda a

minha vergonha.

— Ela me deve um encontro, Q. — Andreas declarou fazendo-me fechar os olhos e respirar fundo.

Não olhei para ele ou para Quinn quando dei a volta na cama enfiando a mão no bolso do meu jaleco e tirando um par de luvas.

— Pode levantar o lençol, senhor Collins?
— Solicitei enquanto colocava minhas luvas e me concentrava em não passar mais vergonha.

Neste momento, outra pessoa entrou no

quarto.

— Aí está ele! — Andreas exclamou abrindo os braços. Olhei para o novo visitante e não consegui evitar que meu queixo caísse. Fechei a minha boca rapidamente, tentando esconder da esposa dele a minha reação.

Bem, era de se esperar que Andreas, lindo do jeito que era, tivesse um amigo como aquele. E bem, a mulher que eu tinha acabado de conhecer era uma pintura também, então fazia todo o sentido do mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dash, cara, venha conhecer a minha salvadora, Max — disse com empolgação. — Bem na hora de ver a minha ferida de guerra.

Tentei não revirar os olhos para ele, mas foi inútil, Não só revirei, como bufei.

Ri quando percebi que o amigo de Andreas espelhava a minha reação e automaticamente gostei dele.

Se aproximando, abraçou Andreas como pode, já que ele estava impossibilitado de se mexer mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Max, este é Dashier Colt, meu melhor amigo, Dashier, essa é a mulher que salvou a minha vida.

Ele tinha que parar de falar aquele tipo de coisa. Eu só ficava mais sem graça. Dashier olhou para Andreas com a sobrancelha levantada e uma troca silenciosa ocorreu entre eles. Dashier rapidamente quebrou o olhar e respondeu assentindo em minha direção.

— Acho que devo agradecer a você então, doutora — disse polidamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como já disse algumas vezes, apenas fiz o meu trabalho. — Respondi e finalmente levei minhas mãos para tirar o lençol e ver como estava o curativo de sua perna. Desviei meus olhos rapidamente para Dashier Colt e logo depois para Andreas antes de voltar a minha atenção para o ferimento.

— Você não podia ter esperado mais algumas semanas para levar um tiro? — A voz de Dashier soou brincalhona enquanto falava. — Eu estava em lua de mel, cara.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa, foi a minha mãe, já briguei com ela por ter avisado.

— Não se desculpe, Andy. — Quinn finalmente entrou na conversa. — Você nos ajudou tanto e novamente, obrigada! Muito obrigada por ter ajudado com o casamento surpresa. Foi lindo.

— Totalmente meu prazer, Q! Você e meu irmão aqui, merecem! — Meu coração se aqueceu com aquele pedaço de informação, Andreas parecia um Casanova incurável desde a primeira vez que teve a chance de jogar as suas cantadas em mim,

mas talvez houvesse um lado romântico nele, afinal de contas.

Espera! O que? O que diabos estava pensando?

Não. Pense. Em. Nada. Romântico!

Terminei o curativo e joguei todo o material biológico na lixeira embaixo da cama, em seguida descartei as luvas.

— Está tudo bem com o ferimento, senhor Collins. — Informei rapidamente. — Está sentindo algum incômodo? — Andreas negou com a cabeça,

mas manteve seus olhos em mim, me desafiando a desviar o meu olhar, empurrando para que eu quebrasse na frente dele, mas eu não fiz. Me mantive firme. — Bem, então eu vou deixá-lo com seus visitantes. — Senhor e senhora Colt, meus parabéns pelo casamento. Foi um prazer conhecê-los.

Cordialmente, comecei a me retirar, mas a voz de Andreas me fez travar.

— Espere, Max. — Era difícil identificar se era um pedido ou uma ordem, mas o fato é que eu

parei assim que ele falou. — Dash, Quinn... Vocês podem nos dar licença por um minuto?

O casal nada disse, apenas se retirou. Quinn olhou para Andreas com o cenho franzido e depois me fitou rapidamente antes de seguir o marido para fora. Girei em meu eixo para ouvir o que Andreas tinha a me dizer com uma cara de poucos amigos, na esperança de que ele me deixasse em paz, mesmo que parte minha não quisesse que ele fizesse isso.

Diabo de confusão em que eu estava me

metendo.

— Pois não?

— Você sabe que há algo aqui, Max. — Ele era direto, ninguém poderia negar aquilo.

— O senhor precisa parar com isso agora, senhor Collins. — Informei procurando ser educada, mas o nervosismo era evidente em minha VOZ.

— Estou atraído por você... — Começou novamente, mas levantei a minha mão para que ele parasse.

— Não! Por favor. O senhor está brincando com o meu trabalho e me constrangendo na frente dos seus visitantes, por favor, peço que pare. Isso precisa parar.

— Mas...

— Por favor, Andreas! — exclamei seu nome. Implorando para que ele entendesse o meu posicionamento. Aquela situação me complicaria de uma forma que eu sabia que ele não estava visualizando, especialmente estando vulnerável e sob efeito de medicamentos para dor, mas ele

precisava entender que não podia continuar agindo daquela forma.

Mas principalmente, eu precisava que ele parasse de me fazer sentir atraída por ele. Com urgência.

— Tudo bem, *doutora* Madeline. Apenas lembre-se do que eu disse.

Eu lembrava.

Lembrava-me de suas palavras
perfeitamente.

Eu não serei seu paciente para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO SEIS

MAXINE

Durante a viagem de metrô até meu apartamento no Bronx, onde eu poderia enfiar a minha cara embaixo do travesseiro e dormir até que pudesse extinguir o cansaço do meu corpo e mente, a voz de Andreas me dizendo aquelas palavras continuava ecoando em minha cabeça.

Eu não serei seu paciente para sempre.

Eu precisava que ele me deixasse em paz.

Especialmente no local em que estávamos. Não podia me envolver com um paciente. Eu tinha sido avisada o suficiente sobre me envolver com eles, tinha visto colegas jogando suas carreiras fora por cair em joguinhos de alguns galanteadores ou donas de casa frustradas e depois serem processados ou demitidos do hospital, casos de médicos errando fatalmente seus julgamentos por estarem emocionalmente envolvidos. Havia um limite a ser

PERIGOSAS NACIONAIS

respeitado para trabalhar e Andreas estava tentando ultrapassar comigo.

Se fosse em outras circunstâncias, eu provavelmente teria cedido, mas no hospital, colocando em risco a minha profissão, tudo pelo qual eu havia lutado?

Não valia a pena.

Não por um homem que aparentemente flertava com todas as mulheres na sua frente. Eu ouvia as enfermeiras e outras médicas falando sobre o seu sorriso, seus olhares penetrantes e sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz sexy. Tudo bem, elas tinham razão, mas provava que eu não era a única a receber o seu charme.

Sua atitude me chateava, mesmo que me sentisse atraída por ele. E acho que ele não percebeu o quão perturbada estava me deixando até que deixei claro que a sua brincadeira com o meu trabalho me incomodava. Então, ele acabou cedendo. Seus olhos ficaram carregados de arrependimento, mas a resiliência ainda estava lá também. O homem não desistiria.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ele disse que *tudo bem*, dando a entender que me deixaria em paz, me senti aliviada por segundos. Mas então ele disse para não esquecer de suas palavras, e aquilo me fez completamente...

Esperançosa?

Havia uma grande parte minha que estava interessada nele, a parte mulher, a parte garota que não teve tempo de namorar o suficiente na adolescência porque estava empenhada demais em obter êxito em seus estudos e dar mais um passo na

PERIGOSAS NACIONAIS

sua carreira. A garota que, em sua razão, estava correta em seguir seus objetivos sem deixar nada entrar no seu caminho, mas em seu coração era completamente carente de qualquer afeto. Eu tinha um objetivo, tracei ele há muito tempo atrás.

E foi o que me salvou de simplesmente desistir da vida.

Claro que eu namorei, fui a festas, fiz amizades, mas nunca fora uma prioridade. Já me apaixonei quando era menina, mas mesmo naquela época, eu tinha o meu futuro muito bem planejado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E se tratando de como as coisas terminaram para a minha família, amar não era exatamente muito saudável.

Quando a fase adulta chegou, optei por focar em minha carreira com a certeza de que eu teria tempo suficiente no futuro para me envolver com alguém e sentir certas... *coisas*.

Não naquele momento! Não no meu primeiro ano de internato. Não com alguém com quem eu brinquei em uma boate e em seguida salvei a vida.

PERIGOSAS ACHERON

Será que era isso que estava me deixando tão confusa? Esse vínculo? Passar por algo como o tiroteio da boate me deixou desestabilizada? Talvez eu estivesse fragilizada emocionalmente e por isso Andreas Collins mexesse tanto comigo.

Claro que sim!

Pensei, me sentindo imediatamente aliviada.

Toda aquela confusão estava acontecendo pelo estresse do tiroteio na boate, criei um vínculo com Andreas pelo que aconteceu naquela noite, obviamente.

Mas e toda a atração que senti por ele antes de tudo acontecer?

**

Ao chegar em casa, joguei minha mochila na pequena bancada da cozinha. Meu apartamento era minúsculo. Quarto, sala, cozinha no mesmo cômodo e banheiro que cabia apenas eu em pé, pois quando me sentava na privada, meus joelhos eram espremidos na parede. Mas era limpo, organizado na medida do possível e ficava ao lado de um restaurante italiano maravilhoso. O maior problema

PERIGOSAS NACIONAIS

dele? Nem sempre eu dava sorte de pegar água quente no chuveiro. Era um prédio antigo e o sistema de gás e aquecimento eram falhos na maior parte do tempo. Sabendo disso, fui até a cozinha e coloquei uma chaleira de água para ferver, para depois poder tomar um banho enquanto eu discava o número de Doug. O vizinho viúvo, que à distância, cuidou de mim enquanto meu pai sumia para beber e esquecer a morte de minha mãe. Ele ficou de olho em mim por muitos anos e quando fui embora, mantive contato. Doug foi o mais próximo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de um pai que tive. O homem garantia que eu tivesse comida e a porta de casa estivesse devidamente trancada à noite. Foi mais do que alguém já fez por mim.

— *Você demorou para ligar.* — Sua voz grossa e acusatória quase me fez chorar de saudades. — *Estava preocupado.*

— Hey, Doug. Como está tudo por aí? — perguntei na esperança de ouvir algo sobre meu pai. Andei até a janela e a abri para que o vento fresco da rua penetrasse no lugar. Sentei no pequeno

PERIGOSAS ACHERON

banco ao lado da cama e respirei fundo, sentindo o cansaço do plantão me pegar.

— *Tudo bem* — nenhuma notícia do meu pai. Quando tinha, ele logo falava para tirar o assunto da pauta e falar sobre mim. — *mas quando você apareceu no noticiário eu quase passei desta para uma melhor, menina.*

— Eu o que? — Minha voz desafinou quando perguntei.

— *O tiroteio da casa noturna, você salvou o dono dela.*

— Sim, eu sei — respondi atordoada. —

Mas como soube?

— *Saiu no telejornal das sete horas e no dia seguinte no jornal da manhã e no TMZ também, parece que Andreas Collins é uma espécie de playboy celebridade. E apareceu você subindo na ambulância com ele.*

— Oh! — Foi o que consegui dizer.

— *Uhum!* — Doug resmungou de um jeito que quase pude enxergá-lo do outro lado da linha, um alto e imponente homem negro de sessenta anos

PERIGOSAS NACIONAIS

que acha que o sol nasce e se põe na bunda de James Brown. Eu sentia falta de Doug. — *Vai dizer que você não sabia, menina?*

— Sabia que Andreas era dono da boate, mas não sabia que era ‘famoso’ neste nível e muito menos que eu tinha aparecido no TMZ. Acredito que as notícias sejam mais pelo tiroteio na boate do que por *ele*. — Gemi constatando que ainda pensaria e falaria sobre aquele homem por mais algum tempo antes que todos esquecessem a história da Central Dance.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *De qualquer forma, me conte como você está* —ordenou. — *Foi coisa séria.*

— Estou bem, foi tudo muito rápido e para ser honesta, estava há muitos metros de distância do atirador. — Grande mentira, eu estava perto o suficiente, levando em consideração o tiro que Andreas levou na perna.

— *Este lugar está ficando perigoso para você.* — Constatou, falando de Nova Iorque.

— Springfield pode ser tão perigosa quanto, *Dug*, qualquer lugar pode ser perigoso. Os potes de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frango frito que você come sem parar é muito perigoso para você também. Como anda se alimentando? — Troquei de assunto e sorri quando o ouvi gemer através da ligação. O foco do assunto havia sido mudado e por um tempo, Andreas foi esquecido e conversamos sobre nossas vidas e sobre música. Eu olhei para a pequena sacola que continha tudo o que encontrava sobre James Brown e guardava para dar a ele quando o reencontrasse. Talvez, um dia, eu pudesse convidar Doug para morar comigo, ele era sozinho e precisaria de

PERIGOSAS ACHERON

alguém para cuidar dele em breve.

Triste o fato de eu ter esse tipo de pensamento por Doug e não pelo meu pai, mas eu não podia evitar.

ANDREAS

Era meu último dia no hospital. Minha perna estava bem, minha cabeça também e eu estava livre para voltar a minha rotina. Meus pais estavam felizes e eu também, eles logo iriam embora e parariam de pairar sobre mim como se eu fosse uma criança.

Não me leve a mal, era bom ter o apoio dos meus pais, amo eles, mas minha mãe me tratava como se eu tivesse quinze anos e isso me deixava seriamente incomodado. E ela não me deixava pensar também. Eu não conseguia pensar no futuro da Central Dance, ou na Colt e principalmente, ela não me deixava pensar em Maxine.

E eu queria pensar naquela mulher.

Não era uma questão de não conseguir tirar ela da minha mente. Eu não queria. Me negava a esquecer seus belos olhos castanhos esverdeados,

PERIGOSAS NACIONAIS

quase mel, assim como seus cabelos, castanhos com mechas mais claras. Mesmo sem o vestido delicioso que ela usava na noite em que coloquei os olhos nela pela primeira vez ela era a porra da mulher mais linda que eu já havia posto meus olhos.

O que me assustou mais?

Foi a primeira vez que não comparei uma mulher com Sophie, minha ex-esposa. Quando me casei com Sophie, fiz a alegria dela, dos meus pais, dos seus pais, mas principalmente a minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu nunca tinha amado ninguém tão intensamente em toda a minha vida. Conheci Sophie em meu último ano de faculdade. Trabalhando como um louco para me formar e cuidar da empresa do meu melhor amigo, enquanto ele passava pelo seu inferno pessoal. Sophie Kellerman chegou em minha vida de repente, instantaneamente me fez ficar apaixonado no segundo encontro e em pouco tempo me casei com ela.

Foram quatro anos que eu pensei serem

PERIGOSAS ACHERON

perfeitos.

Mas Sophie, não.

Em minha cabeça, talvez por ser imaturo ainda, Sophie tendo tudo o que o dinheiro podia comprar e minha atenção algumas horas por dia, era o suficiente, era o que fazia um casal de sucesso. Mas ela não estava feliz, e quando pediu o divórcio foi um choque para mim, mas nada a faria mudar de ideia. Ela me amava, mas não era mais apaixonada por mim.

Foi difícil. Especialmente porque ela

sempre foi maravilhosa e não fez absolutamente nada para que eu pudesse odiá-la. Sequer me odiou por priorizar o trabalho e não a ela. Mas Sophie queria filhos, um lar, tempo para curtir a sua família e em quatro anos eu não fui capaz de provar a ela que poderia ser este homem. Ela seguiu em frente.

Eu também. Do meu jeito.

Virei Andy, o cara que se diverte, aproveita o sexo, flerta, brinca e segue em frente. Não tive raiva de Sophie, como poderia? Ela apenas estava

PERIGOSAS NACIONAIS

buscando o que eu não dei a ela, mas não posso negar que fiquei revoltado com a situação. Eu queria uma segunda chance com ela, mas era tarde demais, seus sentimentos por mim já haviam acabado, e eu tive que lidar com os meus sobre ela.

Não foi fácil, mas com o tempo fui me curando. Segui em frente aproveitando a vida da forma que eu achei necessária. Me enterrei ainda mais nos negócios, dei ainda mais suporte a Dashier em sua vida e na Colt Company, e me envolvi com mulheres que assim como eu, estavam

PERIGOSAS ACHERON

dispostas a ter momentos de prazer e partir em seguida.

Mas então, eu vi Dash encontrar Quinn. Ele estava casado com a mulher perfeita para ele. Estava feliz, realizado e sua vida finalmente estava nos eixos. Ver Dashier encontrando a felicidade me trouxe um pouco de inveja. Estava mais feliz do que invejoso, é claro. Dashier não era como um irmão para mim, ele *era* o meu irmão, faria qualquer coisa por aquele cara, mas ver ele tão completo e pleno, me fez questionar se eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

queria o mesmo para mim. Se não poderia ter uma nova chance.

E desta vez, fazer o certo.

O mais interessante? Era exatamente nisso que eu estava pensando quando meus olhos pararam em Maxine na noite do tiroteio.

E desde então, ela não saiu dos meus pensamentos. Algo sobre ela fazia todo o meu ser reagir de forma diferente. Chame de carência, desespero, o que seja! Eu estava mais do que disposto a explorar essa gama de sensações que

PERIGOSAS ACHERON

aquela médica despertou em mim com apenas uma dança. Isso só aumentou depois do contato que tive com ela.

O problema?

Eu estraguei tudo. E então eu estava tendo alta do hospital e não a veria sequer para pedir desculpas pelo meu comportamento. Não que eu fosse desistir dela, mas queria tirar a impressão que deixei a meu respeito antes de pedir o seu telefone.

Porque independente do que havia ocorrido naquele quarto de hospital que a fez se afastar,

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia que havia algo entre nós, sabia que ela reagia a mim da mesma forma que eu a ela.

E principalmente: sabia que, se não fosse o tiroteio, aquela noite teria terminado na minha cama.

Eu avisei que não seria seu paciente para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO SETE

ANDREAS

Meu pai fez questão de que eu estivesse instalado em meu apart-hotel, lembrando-me novamente que eu deveria comprar logo um local para mim, enquanto mamãe fez questão que eu tivesse toda a comida de NYC.

— Mandaremos Tatiana para você. —

Minha mãe prometeu. Tatiana era a governanta da casa deles e por um tempo eu tive seus serviços, especialmente quando estava casado com Sophie, mas não estava com humor para uma espiã dentro da minha casa. Eu precisava de paz.

— Não é necessário, mãe, você ouviu os médicos. Em mais uma semana nem mancando estarei. Sei todos os procedimentos a seguir e pretendo voltar ao trabalho em breve. — Procurei reunir toda a paciência que eu ainda tinha para dizer aquilo a ela. Estava me sentindo sufocado

PERIGOSAS NACIONAIS

com o excesso de cuidado.

— Não quero que fique sozinho —
resmungou ela analisando a limpeza do local. —
Seu serviço de limpeza é realmente bom, mas
talvez eu desse...

— Pai, por favor, leve-a daqui. — Gemi me
jogando no sofá.

Meu pai riu e pegou ela pelos ombros.

— Vamos, ele ficará bem. — Ponderou com
mamãe da forma mais calma e delicada que ele
poderia. Meu pai era realmente um mediador.

PERIGOSAS ACHERON

— Me ligue se precisar. — Ela beijou meu rosto e papai piscou antes de arrastá-la para longe.

Respirei fundo e me acomodei no sofá, fechando meus olhos e procurando esquecer tudo o que me aguardava por um tempo, pois assim que os abrisse, teria que começar a pensar na reabertura da boate dali dois finais de semana.

Finalmente a perícia havia liberado o espaço, minha advogada estava tomando conta de todo o resto, inclusive as indenizações para aqueles que foram prejudicados no tiroteio, e também para

PERIGOSAS NACIONAIS

as famílias que tiveram a perda do seu ente querido.

Dinheiro era absolutamente nada perto de suas vidas, mas eu precisava reparar de alguma forma o dano causado pela falha da minha segurança.

Por um milagre, todas as famílias, sem exceção, aceitaram os acordos e valores oferecidos. A família de uma das vítimas chegou a me enviar flores depois de receberem o cheque. Aquilo deveria me fazer sentir melhor. Mas não fez.

A segurança da boate estava sendo toda reforçada e mandei instalar um grande detector de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

metais na porta de entrada e construir uma nova sala de segurança onde os suspeitos poderiam ser enviados. Deus! Só de lembrar daquele dia a dor em minha cabeça voltava.

Entretanto, esquecer tudo significava esquecer do que havia acontecido antes. Significava esquecer Maxine. E não era uma opção.

Não seria fácil me aproximar daquela mulher. Era uma certeza. Depois do nosso último encontro, eu não a vi e quando estava indo embora, tentei conversar com a doutora Riley para que ela

PERIGOSAS ACHERON

me desse o número de sua amiga. Sua resposta foi:

— *Se Max não lhe deu o seu número, não serei aquela a dar, senhor Collins.*

— *Por favor? — Tentei, procurando não usar as artimanhas que eu costumava para ela não pensar que estava dando em cima dela e ainda por cima pedindo o telefone da sua amiga. Mas a megera continuava me olhando como se eu estivesse falando com uma porta. — O que posso fazer para conseguir o telefone de Max?*

— *Fique curado e venha pegar você*

mesmo. — Ela assinou o papel da alta, arrancou de sua prancheta e praticamente jogou na minha cara saindo em seguida.

Doutora Megera seria o seu nome a partir daquele momento.

Pensar em Max tirou qualquer vontade de relaxar que eu tinha. Precisava fazer algo a respeito daquilo ou iria pirar. Como aquela mulher conseguiu se infiltrar na minha mente e em minha pele estava longe da minha compreensão. Eu necessitava de conselhos.

Eu tinha a pessoa perfeita para me aconselhar.

Disquei seu número e ele atendeu no primeiro toque.

— *Já chegou em casa? Precisa de algo?* —

Seu tom preocupado me fez sorrir. Ele era um bom amigo. Um bom irmão.

— Já cheguei e sim, preciso de algo. Sua esposa — respondi, já rindo da sua reação.

— *Você não faz o tipo dela e sabe disso.* —

Brincou de volta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só porque você a conquistou com esse teatro de menino oprimido. — Provoquei fazendo-o gargalhar.

— *Foda-se!* — retrucou ele. — *Se precisa dela, por que me ligou?*

— Queria saber se você se importa.

— *Você quer transar com ela?* — Seu tom ainda era brincalhão.

— Eca, não! Ela é feia. — Brinquei de volta.

— *Não blasfeme! Se tem alguém lindo neste*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo é minha esposa. — Ele tinha razão, Quinn era uma mulher linda, era quase uma heresia chamá-la de feia. Adicione a paixão avassaladora que ele sente por ela e *boom!* Dashier Colt construiria um altar para a esposa no meio da *Times Square*.

— Tudo bem, tudo bem! Eu queria um conselho apenas.

— *Ligue para ela, cara. Eu não mando na minha mulher. De qualquer forma ela deve estar perto da sua casa, na Bakery com Hazel.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. Vou ligar. E cara?

— *Sim?*

— Será que você também pode passar aqui mais tarde? — Sim, eu queria a opinião de Quinn, mas precisava conversar com o meu melhor amigo também.

— *Você está carente, Andreas?* — perguntou rindo.

Para falar a verdade, eu estava.

Mas me limitei a responder:

— Foda-se, Dashier!

PERIGOSAS ACHERON

Liguei para Quinn em seguida e pedi para ela passar em meu apartamento com o pequeno H. Fiquei feliz em saber que ele estava com Quinn, estava com saudades do meu afilhado. E estava mais do que feliz por finalmente aquele menino ter uma família. Como ele sempre mereceu.

**

— Pequeno H! — exclamei assim que Quinn abriu a porta que eu já havia destrancado para eles. Andar ainda estava um tanto difícil para mim.

— Tio Andy! — Ele começou a correr, mas foi interrompido pela mão de Quinn que o fez voltar.

— Devagar, Andy acabou de voltar do hospital. — avisou ela delicadamente, a forma como Quinn tratava aquela criança era quase surreal. Amor vertia de cada palavra que ela direcionava a ele.

— Posso abraçá-lo? — O menino perguntou olhando para a mãe.

— Delicadamente. — instruiu ela. — Muito

devagar.

— Tudo bem. — Ele caminhou quase que em câmera lenta em minha direção fazendo Quinn e eu rirmos. Ela olhou em volta do meu apartamento e largou sua bolsa em cima da mesa da sala de estar indo até a bancada gourmet da cozinha largar a caixa de doces que tinha em mãos.

— Oi, tio Andy! Tudo bem? — O garoto me abraçou delicadamente. — Você levou um tiro, mamãe não me deixou ir ao hospital ver você, disse que não é lugar para criança.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela tem razão. Estava com saudades de você amigo, como está? — perguntei beijando o topo da sua cabeça.

— Estou bem. Papai e mamãe casaram, você sabia?

— Se eu sabia? Garoto, eu ajudei seu pai a armar a coisa toda. Sou praticamente o super-herói deles. — Brinquei esfregando o seu cabelo.

— Legal! Estou feliz! — O menino saltitou ao meu lado e o acomodei no sofá perto de mim. Quinn ficou nos olhando de braços cruzados

PERIGOSAS ACHERON

encostada na pilastra entre a sala e a cozinha.

— Como vai, *Cupcake*? — perguntei, fazendo-a sorrir com o apelido.

— Um pouco admirada com o convite tão inesperado.

Eu podia ver que ela estava curiosa.

— Hey, amigo! O que acha de dar uma olhada no quarto de jogos? Comprei novos games.

— Posso? — Haze perguntou animado em direção a Quinn.

— Claro, vá em frente. — Liberou ela.

Hazel correu e eu me levantei mancando em direção a cozinha.

— Café?

— Deixa que eu faço, você, descansa! —

Quinn ordenou, então voltei a me sentar.

**

Ela serviu o café e um cannoli de creme e entregou em minha mão.

— Então, antes de falarmos, gostaria de agradecer por tudo o que fez naquela noite... —

Iniciou a esposa do homem que eu tinha como um

irmão. — Queria ter falado com você no hospital, mas não achei que era o momento, uma vez que estava debilitado. Obrigada, Andy. De verdade.

— Não há necessidade. — A parei no mesmo momento. — Dashier teria feito o mesmo, e eu espero que você faça algo parecido por mim agora. — Sorri, sem graça.

— Estou aqui para devolver um favor? — Sua sobrancelha se ergueu em curiosidade.

— Sim, sexo está fora de questão já que você trouxe o mini Dash, então gostaria de um

conselho. — disse sedutoramente, mas brincando, é claro.

— Você é um porco, Andreas Collins! —

Quinn brincou e bateu em meu braço. — Diga o que precisa.

— Quero um conselho sobre uma garota.

— Fui direto ao ponto.

— Espero que não seja a garota com nome de furacão que você levou no ano novo.

— O que? Não! Como se lembra dela? —
perguntei confuso. Mulheres tinham gigas infinitos

de memória na cabeça. Jesus!

— Não importa, se não é ela e você está me chamando aqui... — Ela bateu na própria testa. — Claro! É Doty!

— Não é Doty, Quinn, eu e Doty não rola. — Dorothea era uma mulher incrível, mas eu ainda estava apaixonado por minha ex-mulher quando saí com ela. Não deu certo e tudo já estava no passado. Qualquer mulher estava no passado. — É outra mulher. A médica que me socorreu — expliquei. Quinn sugou o ar impressionada, olhei para ela e

seus olhos estavam arregalados.

— Aquela baixinha cheia de atitude? Ela quase engoliu Dashier com os olhos quando fomos visitar você, Andy, eu não acho que...

Comecei a gargalhar com a falta de freio em sua frase.

— Não ela, Max...

— É um homem? — Interrompeu novamente. Então eu percebi que ela estava simplesmente me importunando. Ela sabia de quem eu falava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deus! Como Dashier atura você, mulher? — Comecei a rir novamente.

— Desculpe, eu apenas me empolguei. — Pediu corando levemente. — É a médica que deve um encontro a você, não é? — Assenti seriamente.

— Entendo. — Quinn disse me incentivando. Ajeitou-se no sofá e virou de frente para mim. — Vamos, cuspa.

— Eu estou muito atraído por ela — comentei —, talvez seja mais do que simples atração também.

PERIGOSAS ACHERON

— Será que você não está misturando as coisas, Andy? Ela salvou a sua vida afinal...

— Não. — Balancei a cabeça em negação dando ênfase a minha resposta. — Estava interessado antes de tudo acontecer. Eu a estava chamando para a sala V.I.P quando houve o tiroteio — expliquei — Ao ser baleado, ela se arriscou e correu para mim na escada. E depois... — Suspirei, pausando brevemente. — no hospital... Eu apenas sei que ela se sente atraída por mim, Quinn, mas ficou brava com as minhas brincadeiras. Faz o tipo

profissional demais e deixou claro que eu era o seu paciente e que ela não cruzaria a linha.

Quinn se manteve em silêncio olhando para a sua xícara de café enquanto eu esperava uma resposta.

— Ela realmente despertou algo diferente em você ou é apenas um desafio? — perguntou ela sem me olhar.

— Eu não sei. Talvez ela seja um desafio...

— Respirei fundo me recostando no sofá. — Talvez eu esteja curioso para saber por que ela é a

primeira mulher que eu não comparo com Sophie.

Talvez seja porque eu não estou mais apaixonado por ela e meu coração esteja me avisando isso. Ou eu realmente esteja com a cabeça virada por esta médica.

— E qual é o meu papel nesta história? —

Quinn perguntou genuinamente.

— Quando Dashier evitou você, como sabia que ele a queria e apenas não cedia por medo?

Como seguiu tentando?

Quinn olhou para mim com ternura em seus

olhos. Ela era tão bonita, e tão calma. Como se tudo em volta melhorasse quando ela estava presente.

— Eu não sei, Andy. Honestamente, apenas sentia, em mim, que era para ser, que era o destino que estava nos juntando. Sou uma mulher que quando eu quero, vou atrás e algo me diz que você é assim também.

— Eu costumava ser, mas com Max? Eu não sei... Acho que ela me dá um pouco de medo.

— Revelei por fim.

— E você lembra qual era o sentimento que

tomava conta de Dashier antes de finalmente dar o braço a torcer e me convidar para sair?

Medo. Dashier tinha medo.

— Ele estava se cagando de medo. —

Afirmiei fazendo Quinn e eu mesmo gargalharmos com a declaração. — É verdade! — Reafirmei.

— Então pense! Se você está com medo, é porque se importa. — Piscou. — Claro que as coisas não são tão complicadas para você quanto era para o meu marido.

— Sem dúvidas. — Concordei

imediatamente.

— Então o que te aflige?

— Acha que eu tenho chance com ela? —

Um ronco escapou da garganta de Quinn e ela imediatamente tentou segurar a gargalhada.

— Você está parecendo um adolescente. —

Brincou.

— Qual é, Quinn? Me ajuda! — Implorei.

— Algo me diz que você vai se apaixonar por essa mulher, Andreas Collins.

Algo me diz que você está certa, Quinn

Colt.

MAXINE

— E eu lhe trouxe um café! — Dean exclamou parando ao meu lado no posto de enfermagem. Suspirei de cansaço e prazer ao mesmo tempo quando senti o cheiro da cafeína.

Estava em um plantão de sessenta horas. Não era permitido fazermos plantões tão extensos e o chefe provavelmente me chamaria para conversar se tivesse acesso ao meu ponto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas era necessário.

Um caos se instalou na emergência, houve um desabamento em um prédio com muitos feridos e outros vários que vieram a óbito já no hospital.

Eu estava exausta.

— Você é ótimo, Dean! — Gemi e logo passei a assoprar o meu café.

— Eu sou! E é por isso que você vai para o meu apartamento hoje e depois de dormirmos longas horas, acordaremos e faremos sexo durante os dois dias de folga que temos pela frente.

PERIGOSAS ACHERON

Arregalei meus olhos e fiquei estrábica enquanto tomava um gole do café. Dean ergueu as sobrancelhas rapidamente na tentativa de tornar o seu convite mais atraente, mas ele apenas me fez rir com a boca ainda no copo.

— Eu vou passar o final de semana em casa. Mas obrigada pelo convite. — dei mais um gole em meu café, coloquei o copo no balcão e voltei minha atenção para os prontuários que deveria assinar.

— Qual é, tem semanas que te vi naquele

vestido indecente quando foi para a boate macabra com Pamella, piro quando lembro dele, Max. Vamos! — Brincou. Há dias ele ficava me convidando para ter sexo casual. A intimidade que vínhamos construindo, permitia aquilo, os flertes eram comuns e já tínhamos ficado antes, porém, acabei travando quando ele mencionou meu vestido e a boate. Fazia quase um mês que o tiroteio havia ocorrido e quase três semanas que tinha visto Andreas pela última vez.

Pam havia me contado que ele tinha pedido

PERIGOSAS NACIONAIS

meu telefone e ela não deu, uma parte de mim ficou desapontada com a minha amiga, mas a maior parte pensou que seria melhor daquela forma. Eu não tinha tempo para distrações, e Andreas Collins era exatamente aquilo. *Distração. Uma distração bem linda e atraente.* Mas ainda uma distração.

— Não chame de boate macabra, é horrível.

— Resmunguei. — E eu estou cansada Dean, e realmente de TPM, devo estar entrando no meu período menstrual em breve, você não me quer por perto, acredite. — Mentirinha. Eu não estava perto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de menstruar, mas também não estava com humor de ficar o final de semana inteiro com Dean. E ele provavelmente estava me convidando porque suas outras *parceiras de crime* deviam estar ocupadas. Era um final de semana inteiro depois de um plantão torturante e cansativo, só queria paz e descanso.

— Tudo bem! — Ele esfregou minhas costas com sua grande e pesada mão como se estivesse tentando me consolar. — Na próxima, então.

PERIGOSAS ACHERON

— Na próxima. — Afirmei com convicção e me virei para dar um beijo em seu rosto antes que ele saísse. Naquele momento pensei que acabaria cedendo a Dean, ele era um cara bonito, não queria compromisso, estava disposto, e eu provavelmente explodiria de tanta tensão se não transasse.

**

Assim que terminei de checar e preencher os prontuários olhei para o relógio e quase sorri quando percebi que precisava trocar de roupa e ir para casa.

— Bom final de semana, pessoal! — Disse a todos que estavam na estação de enfermagem e fui para o vestiário. Tomei um banho para relaxar antes de vestir as minhas roupas e peguei minha bolsa para sair. Trancei meu cabelo molhado e segui para fora parecendo cheia de energia, estava tão empolgada que estava finalmente prestes a ter um final de semana apenas para mim.

Foi quando o vi. Parado bem na calçada em frente ao hospital. Ele não estava me olhando, mas eu sabia que ele estava ali por minha causa. Isso, ou

eu tinha grandes esperanças, ele poderia estar ali na frente apenas por acaso, ou estar checando a recuperação da sua perna, contudo, ele sequer parecia mancar enquanto andava de um lado para o outro, mexendo em seu telefone.

Dei mais alguns passos em sua direção quando ele levantou a cabeça e pareceu um pouco surpreso, em seguida, aliviado.

— Pensei que tivessem me dado seu horário errado. — disse ao se aproximar. — Olá, doutora Madeline. — Seu sorriso brigava para aparecer em

PERIGOSAS NACIONAIS

seus lábios, mas ele estava segurando. Mesmo assim eu podia ver o brilho em seus olhos.

— Quem lhe passou meus horários? —
perguntei imediatamente.

— Não posso dizer.

— O que faz aqui? — questionei sem
desviar o meu olhar do dele.

— Imaginei que eu não sendo mais o seu
paciente, poderia finalmente convidá-la para um
encontro. — Sua postura era toda invasiva, como se
seus ombros estivessem curvados para frente. Não

PERIGOSAS ACHERON

era intimidante, mas certamente invasivo.

— Senhor Collins, eu não faço essa coisa de encontros. — Dei as costas para ele e comecei a andar para longe, mas logo senti a sua mão na minha, me parando delicadamente. Sem desconectar nossas mãos virei para ele e fitei seus olhos.

— Bem, *Max*, eu não faço essa coisa de desistir.

CAPÍTULO OITO

MAXINE

— Isso não é um encontro. — Resmunguei enquanto sentava na cadeira que ele puxou para mim.

— Você deixou isso bem claro nas primeiras setenta e duas vezes que mencionou em nosso caminho para cá, Max. — O tom dele continuava enervantemente seguro, dono de si.

Assim que me acomodei na cadeira aguardei enquanto ele fazia a volta na mesa e sentava bem em frente a mim.

Quando eu disse não para o convite para um café, ele apenas assentiu e cruzou os braços

— Tudo bem, eu respeito a sua decisão hoje, mas amanhã estarei aqui novamente para convidar-lhe, e farei isso até que você diga sim.

— Você é louco, Andreas! — exclamei pasma.

— Eu não desisto, não quando eu sei que

você está interessada em mim e está se mantendo longe.

— E se eu estiver saindo com outra pessoa?

— Se tivesse, não teria flertado comigo na boate — respondeu como se fosse muito óbvio.

— Talvez eu não esteja interessada! — retruquei novamente.

— Você não está? — Me olhou fixamente quando perguntou — Por favor, não minta.

Não respondi e desviei meus olhos dele.

Tudo bem, eu estava interessada e era difícil não deixar transparecer, então aceitei o seu pedido para um café. Talvez, se eu cedesse ele veria que não há nada demais em mim e desistiria.

Ele pediu um café e então eu estaria livre dele.

Andreas escolheu o *Park West Café & Dali* no Central Park. Eu conhecia, era simples e confortável, mas não parecia o tipo de local que um homem de negócios como Andreas Collins

frequentaria. Ele parecia mais o cara que frequentaria o *Magnolia Bakery* ou mesmo a *Upper Bakery*, confeitarias que serviam coisas caras, tinham área V.I.P e que eu nunca coloquei meus pés dentro.

— Está confortável? — perguntou erguendo sua mão, chamando um atendente.

— O que você quer, Andreas?

— Você sabe o que eu quero, Maxine. Sua pergunta é totalmente desnecessária. — Aquele maldito charme em cada palavra que ele dizia me

fazia perder o foco em tudo.

Eu tentava não olhar para ele por muito tempo, mas era a primeira vez que o via sem estar escuro, ou em estado debilitado. E Deus, o homem conseguia ser o pecado em forma de gente. O corte de cabelo era *undercut* e a barba foi aparada desde a última vez que nos vimos. Estava levemente comprida, combinava com o terno bem alinhado em seu corpo. Era de cor chumbo e a gravata era vinho. Seu rosto era másculo e mesmo o cheiro que ele exalava era de homem, sexy, viril e sofisticado

PERIGOSAS NACIONAIS

ao mesmo tempo. Tudo nele tinha apelo. E estar com ele ali era perigoso para mim. Para a minha sanidade.

Andreas sabia do meu desejo por ele, mesmo minhas palavras negando, meu rosto, todo o meu corpo e minhas ações diziam o contrário.

Eu o queria.

— A propósito, gosto quando você me chama de Andreas, Max. — Sua voz, embora grossa estava irreverente, eu o divertia. Então, procurei não lhe dar armas novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Relaxe a minha postura e tentei ser educada quando falei:

— Minha pergunta não é desnecessária. O que você quer? — Perguntei suavemente. Queria entender o seu objetivo, já que tinha aceitado sair para um café. O atendente escolheu esse momento para se aproximar e anotar o nosso pedido. — Café puro, por favor. E água com gás. — Solicitei e voltei a minha atenção para Andreas.

— O mesmo. — Informou dispensando o rapaz em seguida. Quando me olhou novamente o

humor parecia ter ido embora. — Eu gostaria primeiro de me desculpar, Maxine. — Meu nome todo rolando em sua boca, naquela intensidade, fazia coisas esquisitas em meu corpo. — Eu não tive a intenção de desrespeitar você em seu trabalho ou mesmo diminuí-lo. Por isso, eu sinto muito, muito mesmo por ter passado dos limites, Max. Por favor, me perdoe.

Seu semblante era sério e parecia muito honesto enquanto falava, mesmo a intensidade de suas palavras eram diferentes. Não tive sequer

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo para pensar no que ele disse e já estava assentindo, desculpando-o.

— Tudo bem, você está desculpado. —

Engoli em seco e desviei meus olhos dele.

— Obrigado. — Seu tom era aliviado e um sorriso espreitou por entre seus lábios.

— Bem, agora que resolvemos isso. Acho que após o café...

— Após o café eu vou pedir um encontro.

— Andreas me interrompeu e seu jeito canastrão estava de volta.

PERIGOSAS ACHERON

— Andreas... — Gemi seu nome. Ele não facilitava as coisas e eu precisava manter o controle ao mesmo tempo em que queria perdê-lo. — Isso tudo é...

— Me fale sobre você, Max. — Cortou antes que eu pudesse responder. Fitei-o tentando entender o que queria com tudo aquilo, mas ele logo explicou: — Quero conhecê-la melhor. Tem um nome do meio? É de Nova Iorque mesmo? Que lado você gosta de dormir na cama?

Revirei os olhos para a sua última pergunta.

Andreas obviamente estava brincando. Mas sabemos o que dizem sobre as brincadeiras, certo?

Sempre tem um fundo de verdade.

Nosso café chegou antes que eu pudesse dar-lhe uma resposta espertinha, o atendente nos serviu e educadamente se retirou, enquanto isso Andreas não tirava seus olhos sedutores de mim. Era consciente de toda a sua presença e charme e não tinha medo de usá-los.

— Não acho prudente de minha parte lhe dar informações tão pessoais. — Informei,

mexendo meu café.

— Tudo bem, eu te darei as minhas informações então...

— Não pedi por informações suas —
Interrompi. — Mas tenho boa parte delas. — Meu sorriso espelhou o seu. Vitória. — Andreas Theon Collins... Origem grega? — Perguntei.

— Sim, minha mãe é grega.

— Interessante. — Interessante? O cara era metade grego, explicava muito sobre a sua aparência. Porra! O cara era demais!

— Continue a citar as informações que você pegou em meu prontuário, *doutora*.

Isso é tão errado.

— Você tem trinta e três anos. A positivo, doador e nunca sequer teve uma gripe ao ponto de precisar ir a um hospital antes. — Pigarreei enquanto ele me fitava diretamente. Era como se conseguisse ler meus pensamentos, algo dentro de mim queimava enquanto o encarava. Andreas deixava claro que queria alguma coisa. Alguma coisa não. Alguém.

Eu.

— Algo mais? — questionou.

— Não. — Peguei a xícara e bebi um longo gole do meu café.

— Sou de capricórnio e minha cor favorita é preto. Não tenho irmãos de sangue, mas tenho um grande amigo que vale como um.

— Legal! — Dei de ombros. Ele tinha um objetivo com o papo furado, eu sabia, mas ficar me contando sobre a sua vida não me faria falar sobre mim e nem ir para a cama com ele mais rápido.

Espera, mais rápido?

— Pensei que tinha me perdoado, Maxine.

— Suspirou, parecendo se render finalmente.

— Eu perdoei, Andreas, estou apenas me acostumando com a situação... — O sorriso ‘vou te foder’ apareceu. — E isso não significa que pularei em sua cama.

— Mas eu pedi por um encontro, não para levar você para a cama, Max. — Brincou, seus ombros relaxaram e ele recostou-se na cadeira de forma displicente desfazendo o nó em sua gravata.

— E uma coisa não leva a outra? — Minha sobrancelha se ergueu em desafio para ele, mas senti a minha própria postura relaxando. Parte de mim queria resistir, por pura teimosia, a outra parte queria ficar com ele, saber como era sentir na pele toda aquela intensidade que ele exalava, contudo, sabia que aquilo era perigoso.

— Esperançosamente, sim. — Um sorriso predador se formou em seus lábios enquanto me encarava. Desviei minha atenção e olhei em volta tentando colocar meus pensamentos no lugar,

entretanto, continuava sentindo seus olhos em mim.

Cristo, que merda era aquela? — Por que escolheu a medicina?

Não vá lá, Andreas.

— Sempre gostei, desde criança. — Sua expressão me dizia que ele não acreditava. — E você? Quando descobriu que queria ser dono de casa noturna?

Mudei o assunto para ele, obviamente, Andreas percebeu. Como parecia saber qual era cada uma das minhas intenções por trás das minhas

ações.

— Eu sou um administrador e investidor. A boate foi um investimento, eu trabalho com Dashier Colt, você conheceu ele e sua esposa no hospital.

— Franz me cenho sem entender. — Ele é o dono da Colt Company... — Minha expressão deve ter denunciado que eu não tinha ideia do que era Colt Company, pois em seguida ele tentou explicar — Empresa de Games? Desenvolver jogos e tal...

— Ah, sim! Não sou fã de games, mas claro, já ouvi falar. Você trabalha para ele?

— Eu trabalho *com* ele. Sou vice-presidente.

— Oh! — Assenti começando a perceber quem era Andreas Collins. — Entendo agora porque todo o noticiário sobre o tiroteio, você é meio que uma celebridade.

— Acredite, eu não sou uma celebridade, aquilo aconteceu porque foi um tiroteio dentro de uma boate. Depois do Onze de Setembro, tudo é noticiado. — Explicou e voltou ao foco anterior — A boate era para ser apenas mais um investimento,

mas me apaixonei pelo local e então resolvi me afastar um pouco da Colt e me aprofundar na Central Dance. Realmente participar da administração e operação da casa noturna. — disse — Mas então aconteceu... bem, você sabe.

— Eu sei, e eu sinto muito, Andreas. — Fui honesta em minhas palavras, aquela noite jamais seria esquecida.

— Você pode me chamar de Andy. — Meus lábios se contraíram. *Andy*. Não combinava com ele. Era um apelido muito infantil para todo

aquele homem.

— Andy é tão *não* você. — falei sem me importar. — É tipo o menino do Toy Story? — Brinquei.

— Depende, você gosta de Toy Story? — Flertou e foi mais forte do que eu, não consegui não flertar de volta.

— É o meu desenho favorito. — Informei.

— Então meu apelido deveria te agradar...

— Me agrada. — Segurei meu sorriso. —

Mesmo que não combine.

— Bem, você pode ser o meu *Woody*.

— Seu Woody?

— Sim, você pode ser a minha *amiga*. —

Bufei com a sua tentativa. Andreas não queria ser meu amigo, a menos que fosse amigo de foda.

— Você é incorrigível. Até um desenho para crianças consegue transformar em paquera.

Nós rimos de forma descontraída e engajamos uma conversa mais tranquila sobre desenhos animados e o quanto ele era fã.

Principalmente porque seu afilhado, Hazel, amava

assistir a animações.

— Ele me chama de tio Andy, mas sou padrinho dele. Quando nasceu, meio que tomei conta de algumas coisas do garoto enquanto Dashier... resolvia algumas questões na sua vida — explicou um tanto evasivo. Percebi que havia uma história ali, mas não era seu lugar contar e por ser leal ao seu amigo, Andreas ganhou mais pontos comigo. — Tenho muito amor por aquele cérebro ambulante.

— É um menino inteligente? — questionei

interessada.

— Muito. Totalmente igual ao pai, física e intelectualmente. O garoto vai dominar o mundo.

O brilho em seus olhos ao falar do pequeno Hazel era tão bonito que fui relaxando cada vez mais durante a nossa conversa.

**

Terminamos o nosso café falando sobre a sua boate e a reinauguração que seria naquele final de semana.

— Tão rápido?

— Eu preciso que as pessoas saibam que a Central é um local confiável. Me nego a lhes transmitir a imagem de que o dono da boate não está confiante sobre a segurança do local. Contratei mais seguranças, mandei instalar uma nova estrutura para detector de metais também e na noite de abertura vou oferecer drinks por conta da casa. Não repara totalmente o que aconteceu, mas eles saberão que eu ao menos tenho a intenção de lhes proporcionar o melhor e mais seguro.

Só pelo seu discurso eu já me sentia segura,

ele passava essa sensação. Exalava confiança em suas palavras. Parecia que nada poderia atingi-lo.

— Você está convidada. Será amanhã — disse sorrindo suavemente para mim.

— Eu... eu não sei...

— Você trabalha amanhã? — Achei legal da parte dele perguntar, se interessar pelo meu trabalho.

— Eu estou de folga pelo final de semana.

— Isso é perfeito... — Lá estava o sorriso novamente. Eu precisava de forças para me manter

PERIGOSAS NACIONAIS

no meu lugar. Meu corpo todo parecia ser puxado para o dele cada vez que o homem me mostrava seus dentes. Era magnetismo puro.

Eu não devia estar aqui. Eu não devia estar aqui!

— Eu estou um pouco cansada, tive uma semana longa e difícil no hospital e eu preciso causar uma boa impressão, acabei de entrar para o programa de residência, então...

Ele murchou, nitidamente ficou decepcionado com a minha negativa.

PERIGOSAS ACHERON

— Entendo.

O clima harmonioso que começava a se instalar entre nós dissipou e ficamos em silêncio. Quis me chutar por ter negado seu convite tão rapidamente, talvez ele quisesse apenas que eu fosse para tirar a impressão que achava que eu tinha da boate. Era importante para ele saber que as vítimas voltariam. Que lhe dariam uma nova chance.

Não tive coragem para me desculpar e nem voltar atrás com o convite. Vendo o mal estar que

instalei entre nós, achei melhor terminar aquele encontro também.

— Está ficando tarde, Andy. — Usei seu apelido para ver se diminuía um pouco o desconforto e a decepção da minha negativa, mas não pareceu adiantar muita coisa. — É melhor eu ir, eu tenho um metrô para pegar ainda. — Informei me levantando.

— Eu levo você — disse prontamente se levantando e buscando dinheiro em sua carteira. Ele jogou cinquenta dólares sobre a mesa e me fez

levantar a sobrancelha. O atendente certamente ficaria feliz. A conta não devia ter dado mais do que dez dólares.

— Não é necessário, eu moro no Bronx, pegarei o metrô e logo estarei em casa.

— O Bronx fica a vinte e cinco minutos daqui, você provavelmente leva mais tempo de metrô, deixe que eu leve você. Por favor.

Nós andamos lado a lado até a saída.

— De verdade, não é necessário, Andreas...

— Eu insisto.

Eu poderia discutir com ele, mas não estava pronta para me despedir ainda. A presença de Andy causava um misto de sensações em mim, e a única negativa, era o medo de me entregar. Entretanto, esse sentimento, rapidamente estava sendo ofuscado pelas sensações boas que me causava.

Isso não é bom!

**

O caminho para o Bronx foi um pouco silencioso, falamos coisas aleatórias em longos espaços de tempo e depois nos calávamos

novamente. Quando finalmente paramos em frente ao meu prédio, percebi a análise de Andreas. Ele olhava o prédio com cautela, mas nada disse. Eu sabia que não tinha se agradado com o local onde eu morava. Eu entendia.

Era muito fora da sua realidade.

— Obrigada por me trazer. — Suspirei em meio ao meu agradecimento.

— Foi um prazer, Max, obrigado pelo seu tempo. — Andy agradeceu, mas continuava olhando para o prédio.

Tudo bem, não era Upper West Side, e nem muito vistoso. Mas não era o pandemônio que todos diziam também.

— Obrigada pelo café, até... hum.. Um dia!

— Meus lábios se apertaram em um sorriso falso e abri a porta para sair, fechei ela seguida e segui para a entrada do prédio.

— Max! Espere! Vou tentar novamente! —

Ele saiu do carro e correu até mim. Ficando muito, muito perto. O cara realmente não desistia? —
Quem sabe você não muda de ideia e podemos nos

encontrar na boate amanhã? Deixarei seu nome na lista V.I.P.

— Andy...

— Você não é obrigada a ir, Max. Mas já deixei claro o quê eu quero com você, então, se puder pensar sobre o assunto hoje, e decidir se você também quer explorar essa química entre nós... Bem, você sabe onde fica o meu camarote. — Piscou rapidamente e deu o sorriso sexy que ele costumava dar quando flertava comigo.

— Eu...

— Sem pressão, nem quero o seu telefone.

— Levantou as mãos em sinal de rendição. — Vou obtê-lo se você aparecer amanhã. — Se aproximou e beijou meu rosto de forma demorada. Sua mão descansou em meu quadril pelo mesmo tempo antes de dizer em meu ouvido. — Eu realmente gostaria que aparecesse, seria uma pena não explorarmos o que temos aqui, *Woody*. Tenho certeza que será explosivo.

Então ele se afastou, sorriu novamente e voltou para o seu carro me deixando lá,

PERIGOSAS NACIONAIS

completamente sem ar.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO NOVE

MAXINE

Eu gostaria de entender como ele conseguia se instalar na minha mente mesmo estando longe.

Depois que se despediu de mim, sua última frase ecoava em minha cabeça sem parar.

Eu realmente gostaria que aparecesse, seria uma pena não explorarmos o que temos aqui, Woody. Tenho certeza que será explosivo.

Eu dormi pensando em suas palavras, acordei pensando em suas palavras, depois que pensei em café, é claro. Mesmo quando falei com Doug eu estava pensando nele me dizendo aquilo enquanto descansava a sua mão quente em minha cintura.

A questão era: Eu abriria mão de explorar o que havia entre nós? De me deixar levar por todas as sensações que ele causava, sensações essas que eu nunca tinha sentido em toda a minha vida antes? Minha atração por Andreas me assustou tanto, que

PERIGOSAS NACIONAIS

sequer pensei que ele poderia estar querendo o mesmo que Dean. Sexo sem compromisso. E se eu cogitava fazer sexo sem compromisso com Dean, por que não fazer com ele?

Ele causou sensações tão intensas em mim que praticamente me fizeram fugir. E provavelmente só estava correndo atrás de mim porque não me joguei em seus braços na primeira oportunidade. Eu era um jogo para ele. Só poderia ser!

Aliviada com a conclusão que havia

PERIGOSAS ACHERON

chegado e excitada pelo fato de que eu poderia dar a Andreas o que ele queria ao mesmo tempo tendo um pouco daquele pedaço de mau caminho, decidi que iria a Central Dance encontrá-lo.

Separei um vestido preto básico e velho que eu tinha, mas era bem cuidado e nas luzes da boate dificilmente daria para notar o seu tempo de uso. Arrumei meus cabelos e me maquiei conforme a minha experiência e possibilidades deixavam. Não era muito, mas o suficiente para me fazer sentir bem. Os saltos eram sempre um problema, eu tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

um par, e somente aquele. Eram pretos para combinar com tudo, mas eu os evitava. Vivia de tênis ou crocs e trabalhando, ficar em cima de salto alto era tortura para os meus pés já torturados pelas horas de plantão. Porém, decidi que valia a pena. Queria estar bonita e preparada para Andreas.

Ao sair de casa solicitei um motorista de aplicativo quase chorando pelo valor da corrida, mas de jeito nenhum caminharia de salto até o metrô. E à medida que o motorista dirigia em direção ao Central Park, imaginei muitos cenários

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em minha mente. Uma parte de mim estava insegura, Andreas poderia não estar lá, ou talvez estivesse ocupado demais... Ele poderia ter perdido o interesse também. Seria frustrante se acontecesse. Pois aquele homem ficou em minha mente mais tempo do que o necessário.

Então seria da seguinte forma:

Nós foderíamos. Superaríamos e esqueceríamos.

Era simples.

Um bom plano.

PERIGOSAS ACHERON

Um plano que me deixou ansiosa para colocá-lo em prática logo. Queria-o. O quis no meio de uma pista de dança, à distância. Apenas olhando para ele. Depois de tudo, ainda não tinha mudado de ideia.

**

No momento em que cheguei à boate, dei de cara com uma fila enorme do lado de fora. Fiquei aliviada pelo atentado não ter inibido as pessoas de irem, mas também imaginei que Andreas havia feito um grande trabalho para trazer seus clientes

de volta. Eu fui até o segurança e o cumprimentei. Ele sorriu educadamente, mas me olhou dos pés a cabeça com olhos de quem certamente me convidaria para dar uma volta.

— Boa noite, boneca. Você é uma gracinha, mas a fila fica para lá. — Iniciou imediatamente. Ele estava sendo apenas parcialmente profissional. Seu olhar de desejo não condizia com a sua ordem.

— Eu estou na lista. Sou convidada de Andreas Collins — respondi seriamente, tentando esconder a minha satisfação ao ver o rosto do

segurança mudando de arrogância para pânico enquanto eu falava. — Maxine Madeline.

Engolindo em seco, o segurança enfiou a mão no bolso e retirou um papel dobrado. Abrindo o papel, ele analisou o que havia escrito nele e piscou algumas vezes antes de voltar a sua atenção para mim.

— Desculpe, senhorita. Por favor, — ele abriu a corda do organizador de fila para que eu passasse. — Basta dar seu nome no bar que seu consumo está liberado.

Agradei e segui para dentro do clube.

Assim que a porta enorme de aço escovado se abriu para mim, a música eletrônica estourou para fora.

Entrei para o calor da boate e andei em direção ao local em que encontrei Andreas pela primeira vez.

Ele não estava apoiado no parapeito como quando o vi, por um momento me preocupei que talvez não conseguisse vê-lo , mas então ele apareceu, abriu a porta da sala que ficava na área V.I.P e caminhou até o parapeito. Se apoiou exatamente como da primeira vez que o vi. Fiquei parada no meio da

PERIGOSAS NACIONAIS

pista simplesmente analisando-o, apreciando toda a sua beleza e imponência, a música foi abafando em meus ouvidos, as pessoas que dançavam alegremente foram perdendo o foco enquanto eu simplesmente o assistia, focado em seu negócio, analisando cada canto do seu empreendimento. Isso ou ele estava procurando por alguém...

Seria eu?

Ele estava procurando por mim?

Se estava, não me encontrou. Continuou escorado no parapeito analisando tudo em sua

PERIGOSAS ACHERON

volta. Sabendo que ele não me veria andei até a ponta da escada que dava para o camarote, a escada em que ele caiu quando levou um tiro. A escada que me fez ouvir a sua voz pela primeira vez.

Aguardei ele me perceber ali, demorou alguns minutos, mas ele finalmente fez. Coçando a sua barba enquanto seus olhos faziam mais uma ronda em volta do salão, me perguntei se não haviam ligado anunciando a minha chegada. E como se meu pensamento fosse ouvido percebi que um homem, o segurança que guardava a sua porta,

se aproximou e falou algo em seu ouvido.

Seus olhos imediatamente e freneticamente começaram a percorrer por todo o local até que pararam em mim. Quando parou, tive a certeza, então, que ele estava me procurando. Levantei minha mão em um cumprimento tímido, Andreas rapidamente se desencostou de onde estava e começou a caminhar em minha direção, quando chegou à escada seus pés desceram os degraus rapidamente e logo ele estava em minha frente.

— Você está aqui. — Um sorriso se postou

PERIGOSAS NACIONAIS

em seus lábios me fazendo tremer. — Venha comigo. — Solicitou me puxando para a escada com ele. O que aconteceria no momento em que chegássemos lá em cima? Sua mão quente continuava firme na minha, nunca fiquei tão consciente de um toque em toda a minha vida. Ao chegarmos próximo à porta da área V.I.P, Andreas conversou com o segurança, o homem assentiu e abriu a porta para nós. Era como se estivéssemos em outro lugar. Completamente diferente. A música foi completamente abafada. O ar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

condicionado deixava o local mais fresco e a atmosfera era leve. Olhei em volta e percebi que não era um camarote, parecia mais um escritório.

As paredes eram de vidro e possibilitava a vista de toda a pista de dança e bares, no entanto, quando estava do lado de fora, não consegui enxergar nada dentro. Uma grande mesa de vidro ostentava três monitores, o teclado do seu computador era iluminado e a cadeira parecia ter sido fabricada para um rei sentar, poderia dormir nela. Um bar ocupava a parede de vidro lateral da sua mesa e um

PERIGOSAS ACHERON

sofá de couro negro a parede oposta. Uma manta bege e algumas almofadas douradas decoravam o móvel deixando um toque sofisticado e aconchegante ao mesmo tempo em todo o local.

— Gostaria de algo para beber? — Andreas andou rapidamente até o bar. Fiquei olhando para ele enquanto se movimentava, suas costas bem trabalhadas se movendo por baixo da camisa apertada, a calça social mostrando a sua deliciosa bunda, os movimentos certos, como se ele dominasse tudo a sua volta e bem, eu tinha certeza

que ele dominava. Parando o que fazia, ele virou parcialmente aguardando a minha resposta. — Então?

Eu era uma menina de bebidas frias, uísque e destilados não eram muito a minha praia a menos que frutas, gelo e açúcar estivessem envolvidos.

— Eu... hum... Tem margarita? — perguntei sem graça. Amava aquele drink.

— Aqui não, mas providencio neste momento. — Rapidamente ele pegou o telefone em sua mesa e apertou um botão. — Por favor, uma

margarita em meu escritório. Obrigado.

Desligando, ele me olhou e sorriu discretamente. Enquanto se voltava para preparar o seu próprio drink disse:

— Por favor, fique a vontade. — Apontou para o sofá. Caminhei até o móvel e deixei minha pequena bolsa em cima, mas me mantive em pé. Voltei minha atenção para o pessoal dançando do lado de fora.

— Então, esse na verdade é seu escritório?
— perguntei enquanto todos se movimentavam. Era

PERIGOSAS NACIONAIS

engraçado vê-los dançando e interagindo sem ouvir a música, aquela sala era realmente a prova de som.

— Sim, eu mantenho como camarote V.I.P para evitar que os clientes queiram falar com o proprietário a cada momento ou problema, e eu consigo dar uma boa olhada em tudo o que está acontecendo no clube. — Pela minha visão periférica vi que ele parou ao meu lado olhando para a multidão.

— Imagino que você veja todos, mas aqui ninguém consegue te ver.

PERIGOSAS ACHERON

— Exatamente. Aqui tenho total privacidade. — Seu tom de voz era neutro, então não identifiquei qualquer flerte sobre esse fato, mas finalmente ele entrou no assunto mais importante. — Então... você está aqui.

— Eu estou aqui. — Confirmei o óbvio sem me virar para ele, mas vi que ele se virou para mim e se encostou-se ao vidro me olhando.

Uma batida alta soou na porta. Andy rapidamente se desencostou e foi até ela. Ele abriu apenas um pouco e enfiou a mão para fora, quando

fechou tinha meu drink. Ele caminhou até mim e entregou a bebida.

— Fico feliz que tenha vindo. — Um sorriso safado se abriu, não consegui segurar e ri também da sua atitude. Ele bateu seu copo levemente no meu em um brinde e levou até os lábios, fiz o mesmo com a minha margarita, passei meus lábios na borda para pegar mais sal e tomei um grande gole. Assim que bebeu, me fitou como se soubesse quais eram os meus pensamentos naquele momento.

Sua mão livre pousou em minha cintura e seus dedos forçaram o tecido do vestido com um leve aperto em minha pele quando me puxou para perto dele. Meu peito colou em seu abdômen, e tive que levantar a cabeça para poder olhar seu rosto. O sorriso sacana havia ido embora e seus olhos estavam sérios enquanto me analisavam.

Andreas me fez ponderar naquele momento. Nunca havia pensado em um beijo segundos antes de obtê-lo. Em como ele seria, seu gosto, textura, se gemeríamos ou não, se nos encaixaríamos ou não,

PERIGOSAS NACIONAIS

se a sua língua seria uma prévia da delícia que seu pau provavelmente era.

Mas e se o beijo nos provasse o contrário? E se não houvesse nada a ser explorado?

Então sim, eu estava pensando sobre aquele beijo, querendo desesperadamente que ele fosse tão delicioso quanto o cheiro de perfume caro misturado com o hálito forte de uísque que vinha de sua respiração. Queria que aquele beijo nos levasse a tirar nossas roupas e transássemos ali mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Almejava entender o que aquele homem estava fazendo comigo.

Quando seus lábios finalmente chegaram próximos aos meus ele parou, esperou, queria que eu terminasse com a distância, ainda que mínima, existente entre nós. Então eu fiz, fiquei na ponta dos meus pés, e usei minha mão livre para enroscar em seu pescoço e beijá-lo.

A fome foi tanta que minha língua chegou antes dos meus lábios, lambi sua boca levemente aberta e assim que ele a sentiu soltou um gemido se

PERIGOSAS NACIONAIS

abrindo mais para mim. Sua língua recebeu a minha e foi uma explosão surreal. Eu poderia gozar sentindo os lábios e a língua ávida de Andreas explorar a minha boca como se fosse um belo pedaço de algo muito especial. Uma iguaria. Nossas respirações ficaram cada vez mais altas, os estalos dos nossos beijos e gemidos ecoavam pelo escritório e a bebida em minha taça começava a virar por cima da minha mão. Nossos corpos se grudavam cada vez mais, como se quiséssemos quebrar a lei de impenetrabilidade da matéria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem me importar, larguei o meu copo e ouvi o vidro se espatifar, o líquido espirrar em nossas pernas e usei o outro braço para terminar de agarrá-lo, trazê-lo ainda mais para perto de mim, e como se fosse possível, nosso beijo se aprofundou ainda mais. A próxima coisa que ouvi foi o copo de Andreas se espatifando no chão também e suas mãos indo para a minha bunda, erguendo-me para cima e fazendo-me enroscar minhas pernas em sua cintura. Ele nos girou até que senti a parede de vidro nas minhas costas. Suas mãos deslizaram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para baixo do meu vestido e seus dedos apertaram a minha bunda com força, me fazendo gemer. Me esfreguei nele, querendo sentir o alívio que o atrito poderia me trazer, mas só aumentava o meu desejo de tê-lo dentro de mim.

Quando pensei que finalmente começaríamos a segunda parte da ação, seus beijos começaram a diminuir, seus dentes morderam meu lábio inferior e finalmente ele parou.

Por que ele parou?

— O que houve? — Consegui perguntar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não quero me precipitar. — Beijou meu pescoço e apoiou sua testa em meu ombro. — Não com você. Não vou simplesmente comer você aqui, desse jeito.

— Mas... mas eu pensei que o objetivo de eu vir aqui fosse esse. — Tentei empurrá-lo para poder ficar em pé, mas não foi possível. Com raiva soltei entre meus dentes: — Nós deveríamos simplesmente foder e superar isso.

Andreas bufou com o rosto ainda descansando em meu ombro. Uma risada sem

humor foi emitida antes que ele erguesse seus olhos para mim. Ele me soltou vagarosamente até que meus pés chegaram ao chão.

— Nada me faria mais satisfeito do que foder você contra esse vidro enquanto trezentas pessoas dançam lá embaixo sem saber o que estamos fazendo e nem ouvir o quanto gritaríamos de prazer. Mas superar você, Maxine? O que leva você a pensar que eu seria capaz disso?

CAPÍTULO DEZ

MAXINE

Empurrei seus ombros para que ele ficasse mais longe de mim e respirei fundo tentando encontrar alguma dignidade. Ele não ofereceu resistência, prontamente se afastou de mim enquanto me olhava com atenção. Desviei o olhar do seu e ajeitei o meu vestido antes de seguir para o sofá.

— Neste caso, acho melhor eu ir embora.

— anunciei, pegando a bolsa.

— E por que isso? Pensei que estávamos começando a nos entender. — Ouvi seus passos se aproximando, rapidamente me virei ficando de cara com ele.

— Nos entender? Andreas, eu vim aqui para transar com você e seguirmos em frente, eu não tenho tempo para entender alguém, ter encontros e nem relacionamentos...

— Eu não pedi para namorar com você, Maxine. Eu apenas queria aproveitar...

— Aproveitar o que temos. — interrompi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim! E estávamos, até você estragar tudo! —
cuspi as palavras.

As sobrancelhas de Andreas se ergueram
como se ele tivesse percebido algo.

— Eu tenho outros planos, mais
importantes. Minha carreira. — vociferei.

— O trabalho é tudo o que você ama, não é?
Vive colocando ele em todos os assuntos. — Sua
pergunta era totalmente retórica. Eu conseguia ver
em seus olhos que finalmente tinha entendido o
meu posicionamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim! Sim! — Exclamei aliviada.

— Você me lembra alguém, Max. — Sua voz não espelhou o brilho diferente dos seus olhos. Ele parecia triste no olhar, ainda que seu tom de voz continuasse irreverente.

— Quem? — Ousei perguntar antes de colocar a alça da minha bolsa firmemente em meu ombro.

— Eu. — Informou, me fazendo perder o fôlego com a forma como ele disse. Como se fosse algo realmente muito ruim ser como ele. — Eu vou

me certificar que você chegue em casa.

Se afastou e andou até a sua mesa, tratando de dar um passo largo quando passou por nossos copos quebrados, e aquele ato me fez fechar os olhos. Parecia que ele estava passando por cima do que havia acabado de acontecer conosco.

— Eu pensei que fosse isso o que você queria, Andreas — disse rapidamente fazendo-o parar.

Virando-se para mim, Andreas me analisou por um momento. Fazendo aquilo de novo. Lendo-

me.

— Você não precisa diagnosticar as pessoas fora do seu trabalho, *Woody*. — Um sorriso travesso passou em seus lábios, mas parecia forçado. Como se ele estivesse decepcionado comigo. — Não precisa adivinhar o que eu penso.

— Acho que foi um erro ter vindo. — Resmunguei desviando das suas palavras. Eu não estava tentando diagnosticá-lo. Estava?

Deveria aproveitar a deixa e ir embora, mas fiquei, queria ouvir se ele concordava comigo ou

não sobre ser um erro.

— É uma pena que pense assim. — Em seguida, pegou o telefone e solicitou um motorista para me levar. Eu queria dispensar, mas era tarde e eu honestamente não pensava em voltar para casa naquela noite, pensei que estaria transando com Andreas até o amanhecer. Eu pensei um monte de coisas, para ser honesta. Não rejeitei a carona, e aguardei dentro do seu escritório enquanto ele recebia a resposta sobre o meu transporte. Quando a ligação veio, ele me guiou para fora do local,

PERIGOSAS NACIONAIS

passamos pelas pessoas dançando, bebendo, se beijando, e tudo o que eu podia sentir era frustração e sua grande mão espalmada em minhas costas.

Assim que chegamos na rua, o ar frio bateu em meu rosto e um arrepio seguiu por minha pele. Andreas, ainda com a mão em minhas costas me guiou até o carro estacionado estrategicamente na rua, e se apressando em minha frente, abriu a porta para que eu entrasse. Antes que eu pudesse me despedir dele, a porta foi fechada.

Por um momento pensei que havia sido

PERIGOSAS ACHERON

fechada na minha cara e que Andreas sequer falaria comigo para se despedir, mas então a outra porta foi aberta e ele sentou ao meu lado.

— Bronx, Stu. — Ordenou ao motorista que não emitia nenhuma resposta. Apenas deu partida no carro e nos colocou em movimento.

Me mantive olhando para Andreas tentando entender o que ele estava fazendo. Por que ele estava comigo naquele carro? Fiquei quieta o quanto pude, até que o desespero começou a bater a medida a que nos aproximávamos do meu bairro.

Seria daquela forma? Nos despediríamos e nunca mais nos veríamos novamente?

Por que eu estava tão preocupada com aquilo?

Quando o carro finalmente encostou, meu acompanhante saiu dele e ordenou a Stu que aguardasse. Ele deu a volta e abriu a porta para mim. Seu rosto era uma página em branco, nenhuma reação estava sendo mostrada. Saí chateada e andei até a porta do meu prédio enquanto ele me acompanhava.

— Me desculpe, Andreas. — iniciei conseguindo a sua atenção. Ele me olhou ainda com uma expressão impassível no rosto. Eu queria gritar com ele por não conseguir saber o que ele estava pensando naquele momento. Mal nos conhecíamos, e o cara já podia ler cada pensamento meu, já eu, não conseguia decifrar nada. — Pensei que a noite terminaria de uma forma diferente hoje.

— E como você pensou que terminaria? Eu fodendo você contra o vidro do meu escritório? — Seu cenho franziu e sua mandíbula travou

transformando o seu belo rosto em uma carranca.

Ele parecia realmente chateado por eu pensar aquilo dele. Mas por quê? Andreas nitidamente se mostrou daquela forma desde que nos conhecemos.

— Sim, exatamente desta forma, e eu honestamente não sei o que você quer. — respondi frustrada. — Você prefere garotas que fazem jogos para segurar os bons partidos? Eu disse a você, não tenho tempo para esse tipo de coisa.

Andreas se aproximou de mim, exatamente da mesma forma que fez no outro dia, sua mão

PERIGOSAS NACIONAIS

pousou em minha cintura, seu corpo quase prensado contra o meu, mas seu rosto não se aproximou, ele apenas me olhou e sua expressão parecia cansada.

— Isso é tudo o que terei com você? Uma noite? Tem certeza? — Se aproximou mais, seus lábios estavam mais perto dos meus, quase me beijando. Dentro de mim, algo estalou, como se eu não estivesse disposta a deixar ele ir daquele jeito, não queria perder a oportunidade que tinha de sentir novamente tudo o que ele estava fazendo eu

PERIGOSAS ACHERON

sentir na boate, toda a sensação que seu corpo, seu toque, seus lábios conseguiram despertar em mim.

— Eu... não sei? Andreas... — Gemi seu nome quando senti seus dedos apertarem minha cintura com força. — Talvez nem seja bom... — Eu sequer acreditava nas minhas palavras, e ele, logicamente, sabia disso também.

— Acha mesmo...? — Sua boca cobriu a minha rapidamente, um beijo roubado, displicente e molhado, e antes de retirá-los, seus dentes morderam lentamente meu lábio inferior. —

Realmente acha que com o que já estamos sentindo agora, me ter enterrado dentro de você não seria bom?

Deus! Por que ele tinha que ser assim? Não consigo responder, me sinto zozza, e minhas pernas ficam bambas diante de suas palavras eróticas.

— Eu tenho uma proposta... — Continuou.
Suas mãos desceram para a minha bunda e trouxeram o meu corpo para mais perto do seu. Seus lábios caíram sobre os meus novamente e desta vez sua língua invadiu a minha boca,

PERIGOSAS NACIONAIS

preenchendo toda ela e fazendo o meu sexo se apertar e esquentar ainda mais por ele. Meu gemido foi engolido por sua boca e pareceu combustível para ele apertar mais ainda a sua ereção contra mim. Seus lábios se separaram dos meus abruptamente me fazendo buscar por ar. Sua boca passou a explorar meu pescoço enquanto falava entre beijos: — Uma noite, *esta* noite. Sem pensar no depois. Sem você me expulsar e sem eu criar expectativas. Apenas essa noite e eu vou embora sem você me dispensar. Se nos encontrarmos

PERIGOSAS ACHERON

novamente, você para de fugir de mim.

— Você não vai me procurar como fez no hospital...? — Consegui perguntar com a voz ofegante.

— Eu não vou, eu juro. — Prometeu e me beijou por um longo momento antes de voltar a falar: — Se o destino quiser, nos encontraremos novamente. Eu não buscarei por você.

Eu não acreditava no destino, então pensei que tudo estaria bem. Bem, isso e o fato de que meu corpo já estava completamente dolorido para

ter Andreas me fodendo com a força que eu sentia que ele podia.

— Dispense seu motorista, Andreas. Vamos entrar. — Informei empurrando ele para longe de mim e buscando a chave em minha bolsa. Ele prontamente andou até o carro e se abaixou na porta, eu não ouvi o que disse, mas assim que entrei no prédio estava colado em mim novamente. Beijando-me, devorando-me com seus lábios cheios de tesão e experiência.

Não consegui me lembrar de como foi o

caminho até a porta do meu apartamento, mas lembrei-me de cada beijo e carícia que foram trocados até lá. Eu mal podia respirar, mesmo quando seus lábios não cobriam os meus, eles dançavam por minha pele assim como suas mãos apertavam os locais certos do meu corpo e Deus! Aquilo me fazia perder o fôlego. Não conseguia respirar.

Assim que entramos em meu apartamento, a atitude sexy e contida mudou. A ferocidade e o erotismo tomou conta da atmosfera. Nenhum de

PERIGOSAS NACIONAIS

nós dois estava disposto a perder a oportunidade que estávamos dando mutuamente. E aproveitaríamos como se fosse a última vez.

Fui empurrada contra a porta e arrebatada pela boca do homem deliciosamente viril em cima da mim. Suas mãos foram para a barra do meu vestido negro e subiram o tecido, tirando ele completamente por cima da minha cabeça, não havia sutiã, então logo suas grandes e firmes mãos amassavam meus seios com força comedida.

— Você é tão linda — disse ele enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assistia suas mãos massagearem o meu corpo. Minhas mãos buscaram por ele também. Quase trêmula de tanta excitação, enganchei meus dedos em seu cinto e o puxei para mais perto de mim. Espalmei em sua virilha, pronta para sentir o quão duro seu pau estava por mim, um gemido escapou por entre seus dentes e seu quadril se projetou para frente, pedindo por mais, mais do meu toque, mais do meu aperto. Meus dedos trabalharam para abrir a sua calça e rapidamente a abaixei para que se livrasse dela. Suas mãos caíram, deixando meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seios e acariciando o meu rosto enquanto ele terminava de se livrar da calça. Assim que levantei, passei a abrir os botões de sua camisa, seus lábios tomaram os meus e suas mãos desceram em minha bunda. Senti-o acariciar a linha entre minhas nádegas com o dedo médio, e assim que a camisa estava aberta desgrudei nossos lábios e passei a lambar seu peito.

Jesus! O cara era todo perfeito.

Eu totalmente entendia a metade grega dele.

Era como uma estátua de marfim, rígido, duro,

PERIGOSAS ACHERON

perfeito.

Seu peito era livre de pelos, a pele macia e quente se arrepiava ao toque dos meus lábios, dentes e língua. Senti seus dedos se enrolarem em minha pequena calcinha e a puxarem com força. A queimação e leve dor em minha pele, no momento em que o tecido se rompeu me deixou louca e pronta para tê-lo dentro de mim.

— Cama, Andreas. Cama. — Implorei sentindo minhas pernas falharem, a carne de minhas coxas tremia esperando pelo próximo

movimento que ele faria. Pegando-me no colo, ele olhou em volta tentando reconhecer o local, seu olhar parou em minha cama e andou até ela rapidamente. Fui depositada no colchão e Andreas analisou o meu corpo por um longo momento. Ajoelhando-se entre as minhas pernas, ele pegou uma delas e começou a depositar beijos em meu tornozelo, espalhando eles ao longo de minha perna. No momento em que ele chegou ao meu centro, deu um beijo estalado e demorado.

Me contorci, sentindo seus lábios em minha

PERIGOSAS NACIONAIS

boceta, e levei minhas mãos em seus cabelos, tentando persuadi-lo a ficar por ali mesmo. Com uma risada rouca ele retirou minhas mãos e iniciou os seus beijos na outra perna, desta vez, da coxa até o tornozelo. Ao soltar o meu pé ele se deitou em cima de mim e me beijou novamente, forte, um beijo cheio de algo que eu não sabia decifrar, me sentia extasiada. Quando olhei em seus olhos, ele parecia sentir o mesmo. Empurrei seus ombros para que ele entendesse que eu queria a minha vez de brincar, invertemos nossas posições e eu estava por

PERIGOSAS ACHERON

cima, beijei e lambi seu peito forte e seus mamilos intumescidos de excitação, sentia seu membro latejar em meu centro pelo tecido de sua roupa íntima e rebolei em cima dele, causando um delicioso atrito entre nós. Desci meus beijos e mordidas pelo seu corpo e fiz exatamente o mesmo que ele fez comigo, dei um beijo em seu pau.

— Cristo, mulher. — Gemeu erguendo seus quadris um pouco. Aproveitei e tirei sua boxer, trazendo a sua ereção para fora. Minha boca salivou e antes que pudesse sequer pensar estava colocando

seu longo e grosso membro em minha boca, chupando com vontade.

Meu centro parecia ainda mais quente e pulsante para receber a mesma atenção que eu estava dando a ele. Procurando algum atrito, esfreguei minha boceta em sua perna e o levei mais fundo em minha boca arrancando um gemido alto dele. Seus braços fortes me pararam enquanto ele me sentava e invertia as nossas posições.

— Você não me deu muita chance de continuar a sedução, Maxine. Preciso me enterrar

em sua bela boceta neste momento. — Seu tom era áspero e seu rosto tenso quando disse a mim, sorri esperando que ele me invadisse no mesmo tom em que estava me dizendo aquelas palavras e assim ele fez. Encaixou-se entre as minhas pernas, com a mão posicionou seu membro duro em minha entrada e me invadiu de uma vez só.

— Porra! — Consegui soltar em um grito abafado assim que senti todo o seu comprimento dentro de mim. Sem me dar tempo para assimilar a sua primeira investida, Andreas recuou e me

PERIGOSAS NACIONAIS

invadiu novamente, fazendo nossas pélvis colidirem e o barulho do movimento ecoar pelo quarto. — Andreas! Andreas! — Conseguia ouvir quase como uma súplica a minha voz. — Mais, Deus! Mais forte!

Consegui dizer, mas foi indiferente, ele me dava mais a cada vez que invadia o meu corpo. Ia mais forte, mais profundo e com mais intensidade. Seus braços enroscaram em volta do meu corpo, me abraçando, colando nossos corpos sem deixar qualquer espaço entre nós, seus movimentos

PERIGOSAS ACHERON

continuavam firmes, entrando e saindo de dentro de mim, como se fôssemos uma máquina de engrenagens perfeitas e atuando em sincronia.

Conseguia sentir ele em todas as partes do meu corpo. Todas. Andreas conseguiu tomar conta de mim. Preencheu-me por completo. Estava dentro de mim, por cima de mim, em meus pensamentos, em meus lábios e capturando cada fôlego meu.

Caramba!

— Eu sabia que você seria a minha ruína, Maxine. — Andreas gemeu as palavras enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

aumentava a velocidade de suas investidas, abria mais as minhas pernas e remexi meus quadris acompanhando seus movimentos sentindo meu orgasmo chegar de forma arrebatadora. Meus gemidos aumentaram dando a Andreas uma boa ideia do que estava acontecendo. — Vem, baby, vem para mim. Goze para mim, no meu pau, Max.

Sua voz saiu apertada, e mais algumas investidas, eu e ele gozamos alto e freneticamente.

Seus movimentos continuaram por mais alguns segundos antes dele parar e diminuir o seu aperto

PERIGOSAS ACHERON

em meu corpo. Ele se manteve dentro de mim, no entanto. E me beijou por um longo tempo antes de encostar sua testa na minha e ficar olhando no fundo dos meus olhos.

— Vai ficar aí me olhando a noite inteira?

— perguntei em meio a uma risada.

— Eu apenas estou lhe dando um tempo, antes de começar.

— Começar o que?

— Eu dei o que você queria, Maxine... —

De repente ele começou a se movimentar

lentamente. Meus olhos tremularam sentindo ele deslizar para dentro e para fora de mim com delicadeza. Seus lábios desceram nos meus e o beijo reproduziu a mesma lentidão das suas investidas. — Agora é a minha vez.

E no decorrer da noite, Andreas Collins fez sexo lento, muito lento comigo. Seus beijos me exploraram com cuidado, suas mãos acariciaram o meu rosto e corpo como se fossem preciosos, como eu nunca havia sentido antes.

Como eu nunca havia *me permitido* sentir

antes.

Naquela noite, eu quis acreditar em destino,
apenas para continuar encontrando Andreas.

CAPÍTULO ONZE

MAXINE

O comprimido dentro do copinho plástico fazia um pequeno barulho enquanto Pamella chacoalhava o recipiente em minha frente. Mais precisamente na minha cara.

— Desnecessário, eu tomo injeção e essa porra me fez passar mal quando tomei da última vez. — Informei rejeitando a pílula do dia seguinte que ela me oferecia.

— Então é normal você fazer sexo sem

proteção? — Ela criticou enquanto devolvia o copo com a pílula. Pam tinha acabado de colher sangue para uma bateria de exames. Andreas não parecia um cara que portava quaisquer doenças, mas quem vê cara...

— Não, Pam, não é normal, eu fiz isso uma outra ocasião quando a camisinha rompeu e eu não usava nenhum método anticonceptivo, o vacilo foi agora, da outra vez foi fatalidade. Até parece que você nunca fez isso para me julgar.

Foi uma burrada? Com certeza.

Eu corria riscos? Absolutamente.

Mas agir como se eu fosse a pioneira na arte de cometer um erro daqueles, era um tanto hipócrita.

— Desculpa! Estamos um pouco nervosas, hein? — Sua boca se torceu em uma careta enquanto ela descartava as suas luvas e jogava no lixo.

— Só acho desnecessário o sermão, não é como se você nunca tivesse feito isso, e também não é como se Andreas não tivesse passado por

PERIGOSAS NACIONAIS

uma bateria de exames quando foi internado. —

Claro que ele poderia ter contraído alguma coisa desde então, mas ainda assim o sermão era desnecessário, eu não era criança, não precisava ter a minha orelha puxada, era adulta e ia arcar com as consequências, mas a hipocrisia de ‘nunca fiz merda’ não aceitaria.

— Tudo bem, tudo bem! Desculpa novamente, os exames nem darão em nada o cara tem saúde de ferro, e não parece o tipo de cara que não se cuida... E da forma que você contou, a coisa

PERIGOSAS ACHERON

toda foi meio desesperada.

— Muito desesperada, Pam. — gemi fechando os olhos. — Foi completamente fora de órbita, surreal. Ficamos loucos, perdidos um no outro.

— Uau! — Exclamou ela impressionada com as minhas palavras. — Agora me diz: Você vai ligar para ele, ele vai ligar para você?

A resposta era:

— Não faço a mínima ideia — murmurei descontente.

Andreas tinha, sem dúvida, dado o melhor sexo da minha vida. Eu precisei usar pomada para assadura devido a noite de sexo intenso e contínuo que havíamos tido, mas Pamella não teria essa maldita informação. Quando acordei no dia seguinte, ele tinha sumido. Desaparecido mesmo. Sequer havia deixado um bilhete.

Quis ficar com raiva dele no momento em que percebi que estava sozinha, mas lembrei da sua proposta.

Eu não o expulsaria e ele não pediria para

PERIGOSAS NACIONAIS

ficar, não criaria expectativa. Se nos encontrássemos novamente então eu cederia.

Cederia ao quê exatamente?

Eu meio que aceitei aquela merda de proposta, então ele se foi, sem me dar a chance de colocá-lo para fora.

Fiquei pensando se eu realmente o faria. Se mandaria ele embora depois da noite que tivemos. Mas ele não ficou para descobrir e agora eu estava com medo de nunca mais vê-lo, e era um sentimento péssimo.

PERIGOSAS ACHERON

Passei o domingo todo tentando tirar ele e a noite maravilhosa da minha cabeça, o que me deixou frustrada, excitada e muito brava. Tudo ao mesmo tempo. Lembrar do seu toque, seus beijos e mesmo o seu membro enterrado profundamente dentro de mim, conseguia causar arrepios por todo meu corpo e fazer minhas entranhas se contraírem.

Deus! Ele me quebrou! O cara me quebrou com sexo!

— Max! — Pamella gritou tentando fazer eu voltar a realidade. — Acorda!

— Estou acordada. Estava apenas...

— Oh, meu Deus! — Ela me interrompeu, suas pequenas mãos foram para sua boca e seus olhos estavam arregalados.

— O que foi?

— Você está se apaixonando por Andreas Collins? — Sua voz era quase esganiçada de emoção. — Você está!

— Pelo amor de Cristo, Pamella! Claro que não! Você sabe que não tenho tempo para drama, além do mais, ele falou que se nos esbarrássemos

PERIGOSAS NACIONAIS

de novo, eu pararia de fugir dele, e você sabe que a chance de eu ver Andreas novamente é mínima se um não procurar pelo outro, principalmente em Nova Iorque e trabalhando como trabalho. — desdenhei.

— Nunca se sabe, o destino nos prega peças. — Cantarolou para mim. Saltei da maca e abaixei a manga do jaleco em meu braço cobrindo o pequeno band-aid que evidenciava a pior e bem... não tão pior decisão que havia tomado em muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não acredito em destino, você sabe muito bem disso, doutora Riley.

— Bem, talvez o destino acredite em você, doutora Madeline.

ANDREAS

Fiz o prometido.

Prometi a ela que depois daquela noite não a procuraria, que se fosse para ser, nos encontraríamos novamente.

Eu não deveria ter feito aquilo. De alguma

forma sabia que ficaria viciado assim que tivesse um gosto de Maxine.

Desde o meu divórcio me bloqueei para esses sentimentos. Sophie havia fechado um ciclo em minha vida e não quis abri-lo novamente por um longo tempo, mas vi o que Dashier e Quinn tinham, então a esperança de poder viver uma nova história em algum momento se acendeu em mim.

Foi quando Max apareceu.

Ela estava lá por um motivo, tinha que ter uma explicação para que um olhar pudesse mudar

completamente as coisas dentro de mim, e mesmo que ela negasse, havia mais do que puro desejo carnal entre nós. E se provou no momento em que fiz sexo lento e carinhoso com ela.

Dei o que ela queria, sexo puro.

E foi maravilhoso, aquela mulher era simplesmente deliciosa, seu corpo, seu cheiro, a textura da sua língua, o gosto dela. Já fiz sexo alucinante antes, é claro, mas com Max foi algo muito mais significativo.

Então eu tive o que *eu* queria: Sexo lento,

PERIGOSAS NACIONAIS

envolvendo sentimentos que eu sequer entendia, mas sentia que precisava daquilo, e também queria entender aquela química explosiva, a gama de sentimentos confusos.

Aquela não era a primeira vez que eu transava apaixonadamente. O que me assustou foram as sensações, sentimentos que eu não conseguia lembrar se já tive com Sophie. Não deveria comparar, sabia disso, mas eu era apenas um ser humano e fiz, comparei.

O resultado me assustou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não lembrava de sentir tamanho desespero para ter o corpo de Sophie ou qualquer outra mulher embaixo do meu. Não me lembrei de ter insistido tanto para ter alguém comigo. Max me deixou completamente desnortado, senti medo de não conseguir tê-la depois que disse que a levaria para casa. Senti pavor quando chegamos em frente ao seu prédio. O medo de nunca poder tocá-la me fez perder a cabeça, então fiz o que veio a minha mente naquele momento para não perder a oportunidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pela manhã eu passei um longo tempo olhando-a enquanto dormia. Sua pele era lisinha, macia, suas bochechas estavam luminosas e coradas e seus cabelos completamente espalhados pelo travesseiro. Olhei em volta e franzi o cenho quando percebi o local em que ela morava. Era limpo e arrumado, eu podia ver que o pequeno quarto sala era muito organizado, mas era algo simples e precisava urgentemente de uma reforma. As paredes eram descascadas e um leve cheiro de mofo subia do carpete velho. Dava para perceber o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu esforço para manter tudo habitável, mas o lugar era muito precário.

Eu nada sabia sobre ela, absolutamente nada.

E talvez nunca saberia, uma vez que joguei totalmente nas mãos do destino as chances do nosso reencontro. Talvez, o motivo de ela ser tão aplicada em seu trabalho era para poder ter uma melhor vida.

Onde estavam os seus pais?

Ela tinha irmãos?

PERIGOSAS ACHERON

Por que ela era tão viciada em trabalho?

Eu só conhecia o corpo e os gemidos de Maxine Madeline, nada mais. E estava desesperado para conseguir mais dela. Não era apenas sexo.

Não poderia ser.

**

Semanas depois

O *bip* do elevador me fez sair dos meus pensamentos. As portas se abriram no andar da presidência e saí caminhando direto até a recepção.

— Boa tarde, Kimberly.

A secretária de Dashier se ajeitou na mesa como sempre fazia quando eu me aproximava. Houve um tempo em que eu a convidaria para sair, mas Dashier estava cansado de remanejar as suas secretárias por minha causa e proibiu. No entanto, ele nem precisava me ameaçar mais. Em um mês eu não tinha pensado em outra mulher, senão Max.

Eu aparecia duas vezes por semana na Colt Company para acompanhar a administração. Dashier contratou com a minha ajuda, pessoas que

PERIGOSAS NACIONAIS

podiam fazer o meu trabalho com a minha supervisão, e eu estava muito grato por ele ter compreendido a minha vontade de ter um tempo para mim e meu último investimento. A Central Dance.

Após quatro semanas da reabertura da boate, finalmente tudo estava entrando nos eixos. Minha advogada continuava trabalhando para as famílias dos feridos e mortos receberem toda a assistência necessária, a boate estava funcionando a todo vapor e consegui entrar em uma rotina.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo estava bem.

Ou quase tudo.

Um mês desde que deixei Maxine dormindo em seu pequeno e precário apartamento havia passado e eu só queria quebrar a minha promessa e procurar por ela.

— O senhor Colt está aguardando pelo senhor. — Sua voz era forçadamente mais doce do que o normal na tentativa de fazer com que eu prestasse atenção nela.

— Obrigado, Kim. — Fui sucinto e

caminhei em direção ao escritório do meu melhor amigo.

Entrei em seu escritório sem bater, como de costume. Dashier parecia compenetrado enquanto digitava freneticamente em seu teclado.

— Hey, Colt! — Cumprimentei me jogando em uma das suas cadeiras e esperei enquanto ele terminava de digitar. Era bom ver Dashier daquela forma. Meu amigo estava feliz. O caos que fora a sua vida até ele encontrar Quinn finalmente havia acabado. Ele estava pleno.

Assim que terminou, olhou em minha direção e me cumprimentou com um sorriso.

— Andreas, como vai? — Mesmo sua pergunta sendo formal, sua postura era relaxada e o sorriso em seus lábios me faziam acreditar que ele estava apenas querendo manter uma tradição entre nós. Onde ele era um babaca tenso e eu era o melhor amigo irreverente e engraçado. — Obrigado por vir me buscar e comparecer a apresentação de Hazel, ele ficará feliz em ver você lá.

— Está brincando? Eu não perderia a

apresentação do pequeno Colt, sou o tio e padrinho mais legal que ele tem.

Hazel ia se apresentar no show de talentos da escola. Dashier ensinou ele a tocar uma música no piano especialmente para ele poder participar, o menino estava radiante e empolgado, eu não perderia por nada. Por muito tempo, a convivência de Dashier e seu filho foi restrita, conseqüentemente eu via meu afilhado pouco também. Eu queria mais proximidade com o garoto. Como eu estava na Colt e Dashier liberou seu

motorista para ficar com Quinn e Haze, me ofereci para dar uma carona a ele.

— Você sabe que não conta muito desde que Quinn entrou para a vida dele, certo? — Hazel havia se apaixonado pelo furacão Quinn Colt antes mesmo do seu pai.

— Está brincando? Se eu tivesse Quinn em minha vida também não ia querer ninguém mais. — Pisquei e sorri vendo o rosto do meu amigo se transformar em uma carranca ciumenta.

— Você não é engraçado, Andreas. Vamos,

não quero me atrasar para a apresentação.

**

— Tudo bem, o que está acontecendo? —

Dash rompeu o silêncio dentro do carro. — Você não está falando, isso é estranho. — Constatou.

— Está tudo bem — respondi simplesmente, sem tirar minha atenção do trânsito.

— É Sophie? Pensei que estava em outra...

— Se pensou que eu estava em outra, porque tocou no nome dela? Sequer tenho visto Sophie desde que assinei os papéis do divórcio. —

Interrompi.

— Eu não sei, Sophie sempre pareceu o seu tendão de Aquiles. Não imaginei que poderia ser a médica. Pareceu-me fulminante demais.

— É fulminante demais. — expliquei me sentindo derrotado.

— Então *é* a mesma garota ainda? — A voz dele estava alterada, como se estivesse contando para alguém que o apocalipse zumbi estava acontecendo. — Andreas?

— Sim, é a mesma garota, cara. Por que

isso é tão espantoso? Eu não sou um galinha!

Olhei para meu amigo que tinha uma sobancelha levantada para mim, como se eu estivesse falando uma grande asneira.

Bem, eu entendia. Um pouco.

— Tudo bem, eu meio que saí dos trilhos depois do divórcio, mas estava me distraindo, Dash, eu não sou um puto sem coração.

— Eu sei cara, mas depois de três secretárias e duas estagiárias eu pensei que teria que demitir a sua bunda, estava cansado de

PERIGOSAS NACIONAIS

remanejá-las. E temos Dorothea também... Você não falou muito dela para mim então apenas deduzi.

— Doty sabia no que estava se metendo, cara, eu nunca prometi nada a ela. — Me defendi. Dorothea era amiga e companheira de trabalho de Quinn, nós tivemos bons momentos juntos, mas eu não estava interessado em nada mais sério. Depois de um período ‘magoada’ ela entendeu e estávamos bem. — E não falei de Maxine porque pensei que se não falasse, pararia de pensar nela.

PERIGOSAS ACHERON

— Uau! — Dashier exclamou parecendo completamente perplexo. — Cara!

— Já foi se foder hoje? — Resmunguei mantendo minha atenção no trânsito.

— Tudo bem, tudo bem. — Cedeu ele. — Então me conte mais sobre essa garota.

Enquanto dirigia contei para Dashier sobre os últimos acontecimentos com Max. Ele ouviu em silêncio enquanto eu narrava a odisseia que foi convencer Maxine a passar uma noite comigo. Meu olhar escapava para Dashier em alguns momentos

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando ver a sua reação sobre o que eu dizia, mas ele se mantinha sério e compenetrado. Quando finalmente terminei aguardei alguns segundos para saber o que ele diria.

— Está se apaixonando por ela. —

Constatou mais para ele do que para mim, quis negar a sua afirmação, mas travei, não consegui.

— Não brinca, Sherlock! — Bufe! — Claro que estou apaixonado por ela, cara. Aquilo não é apenas vudu de boceta. É real.

— O que vai fazer? — Ele perguntou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ignorando minhas gracinhas. Parei no semáforo bem em frente a faixa de pedestres e analisei as pessoas passando enquanto o sinal se mantinha vermelho para mim.

— Nada, disse para deixarmos nas mãos do destino.

— Qual é? Vai deixar de procurar a garota?
E se você não vê-la mais?

— Eu prometi, cara...

E naquele momento, passando bem em frente ao meu carro, com os cabelos balançando

PERIGOSAS ACHERON

soltos, um jornal embaixo do braço e um copo de café na mão, estava Maxine.

Maxine estava atravessando a rua bem na minha frente!

Quais as chances?

Sem pensar duas vezes apertei a buzina e mantive a minha mão até que ela me olhasse.

— Que inferno, Andreas! — Ouvi Dashier gritar por cima do som, mas não liguei.

O rosto de Max virou rapidamente e seus olhos assustados estavam em mim imediatamente

identificando de onde a barulheira vinha. Senti um largo sorriso se espalhar em meu rosto enquanto assistia o seu próprio sorriso tímido escorregando pelos seus lábios.

CAPÍTULO DOZE

MAXINE

— Não posso acreditar! — Pamella exclamou
alto assim que contei quem eu encontrei no meio da
rua. Apoiando o prontuário no meu quadril, assenti
enquanto andávamos pelo corredor do segundo
andar do hospital. Era hora da ronda de nossos
pacientes e aproveitamos para fofocar. — E agora?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei! — Eu sequer reconhecia o meu tom de voz. Estava animada com a expectativa de rever Andreas. Fiquei extasiada quando vi que era ele quem estava dentro do carro, buzinando sem parar. — Assim que cheguei do outro lado da calçada ele abaixou o vidro do carro e gritou avisando que me procuraria. Tinha um homem ao lado dele olhando para nós com os olhos arregalados. Acho que era o tal Colt, que veio visitar ele quando estava internado. — Ri com a lembrança. — Agora vou esperar.

PERIGOSAS ACHERON

— Esperar... Esperar... — Minha amiga resmungou enquanto parávamos em frente ao quarto de um de seus pacientes. Ela entrou, conversou com ele e em seguida estava de volta, continuando do ponto em que parou. — Por que esperar se você pode acessar os dados dele e pegar o telefone?

— Não vou fazer isso, Pam. É errado e eu seria expulsa do programa. O diretor já está no meu encalço porque eu pareço me envolver demais emocionalmente. Mal faz dois meses que entrei e

ele já quer o meu pescoço.

— Então, mesmo depois tantos dias revivendo a transa bombástica de vocês, vai esperar ele fazer um movimento? Maxine, vá atrás do cara!

— Não, ele disse que ia me procurar, vou esperar. — Encerrei o assunto, mas vi que Pam ia argumentar. Por sorte, fui bipada para a emergência. Corri deixando ela para trás, provavelmente indignada comigo.

**

Ao chegar na emergência, me enviaram

direto para a entrada, uma ambulância estaria chegando. Assim que coloquei meus pés lá, o resgate chegou com o paciente. As portas se abriram enquanto eu ainda colocava as minhas luvas de látex.

— O que temos aqui? — perguntei enquanto eles desciam a maca com uma criança aparentemente convulsionando em cima dela. Imediatamente começamos a empurrara-la para dentro da emergência.

— Hellen Donovan, treze anos, crise de

convulsão na escola. — Iniciou o paramédico. —

Está sem acesso venoso.

Um dos médicos atendentes se aproximou olhando fixamente para mim, sua atenção fugiu rapidamente para a minha identificação presa no meu jaleco.

— Tudo bem, doutora Maxine, qual é a abordagem aqui? — perguntou enquanto eu segurava a menina de lado.

— Ministraria dez miligramas de diazepam em primeiro lugar, senhor.

— Muito bem. — O médico parabenizou enquanto um enfermeiro já ministrava o medicamento, os espasmos da paciente começaram a diminuir imediatamente até pararem por completo. — Agora que estabilizou a paciente, o que fará?

— Tomografia, hemograma completo e toxicológico — respondi sem dúvidas e com firmeza.

Finalmente prestei atenção no médico atendente que me testava. Olhei tentando lembrar

se o conhecia, mas não.

— Desculpe, não me apresentei. Sou Theo Hunter, trauma. — Ele estendeu a mão. Theo era alto, imponente e moreno, a pele dourada como se tivesse sido agraciado pelo sol por meses contrastava com os olhos verdes.

— Maxine Madeline, interna — disse simplesmente.

— Bem, doutora Madeline, fique a vontade, acredito que tenha tudo sob controle.

— Obrigada, Doutor.

Assim que ele se afastou, solicitei a um dos enfermeiros que entrasse em contato com os responsáveis por Hellen Donovan, e eu mesma coletei seu material para análise.

**

O dia foi longo, Hellen estava estável, mas tinha uma consulta marcada com a neurologia no dia seguinte. Pamella estava torcendo para entrar no caso. Parecia promissor. Eu estava exausta e pronta para capotar no quartinho de descanso dos médicos quando fui bipada para comparecer na

recepção.

— Ah, não! — Choraminguei, colocando minhas crocs novamente e esfregando o rosto, tentando me fazer apresentável. Respirei fundo e saí do pequeno quarto em mais uma tentativa de parecer mais disposta do que eu realmente estava.

Quando cheguei à recepção foi como se todo o sono e cansaço tivesse evaporado do meu corpo. Parado ali, com o blazer do terno aberto, a gravata frouxa e as mãos nos bolsos, estava Andreas Collins. Um sorriso sacana em seus lábios

denunciavam que ele tinha percebido a minha reação quando o vi.

— Doutora Madeline, é bom vê-la — disse naquela voz sexy que só ele podia fazer. De repente, todas as imagens da nossa noite vieram à minha mente e um arrepio passou por todo o meu corpo. Minha vontade era de pular em cima dele. Aquela porcaria de destino, que eu nunca acreditei, estava se provando verdadeiro.

— Oi, — cumprimentei tentando não sorrir demais. — O que faz aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

Como se eu não soubesse o que ele estava fazendo lá. Era para me ver. Estava cumprindo a sua promessa.

— Eu não tenho o seu telefone — explicou.

— Passei em seu apartamento e você não atendeu, imaginei que estava aqui ou fugindo de mim. —

Seus olhos me admiraram por alguns segundos, não entendi bem o motivo, estava horrorosa, infinitas horas sem dormir e fazia mais ou menos quarenta e oito horas que eu não sabia o que era um chuveiro por mais de dois minutos.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh! Eu... hum...

A atenção de Andreas fugiu para a sua esquerda, então voltou para mim.

— Será que podemos conversar em algum local reservado? — Seus olhos fugiram de novo.

Franzi meu cenho tentando entender a sua reação, então olhei na mesma direção que ele e me deparei com uma plateia de enfermeiras nos olhando.

Apague isso.

Olhando para *ele*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Prontamente assenti e peguei sua mão, levando-o para a rua. Enquanto caminhávamos, ele entrelaçou nossos dedos. Um sorriso satisfeito quis espreitar pelos meus lábios, mas me segurei. Seu toque era quente e familiar, meu corpo conseguia reagir e relaxar ao mesmo tempo, sentindo a proximidade dele de uma forma louca.

— Podemos falar aqui — disse assim que chegamos. Nossas mãos se mantiveram conectadas. Algo em mim queria separá-las. O medo talvez, mas a maior parte me fez ficar.

PERIGOSAS ACHERON

Prometi a ele.

Prometi não fugir.

Mas a voz que há muito eu tinha bloqueado estava sussurrando dentro da minha cabeça. E aquilo não era bom.

— Como você está, Max? — Sua voz era suave naquele momento. Parecia que ele realmente queria saber como eu me sentia.

— Cansada, principalmente — respondi com honestidade. — Estou há longas horas aqui e ficarei mais longas horas ainda. — Bufei. — Mas

então... nos reencontramos. — Iniciei logo a conversa, sabe-se se lá quando me acionariam.

— Sim. — Aquele sorriso safado apareceu novamente, seus olhos foram para os meus lábios e sua língua lambeu os dele. Como se estivesse se preparando para me beijar. — E já que cumprimos nosso acordo, eu vim pedir o seu telefone e saber quando você está livre para sair comigo.

— Eu só estarei a partir de amanhã e terei o próximo dia de folga...

E eu pretendo dormir o dia inteiro.

Desculpe!

— Imagino que estará muito cansada. —

Afirmou levantando a minha mão, ainda conectada na sua, e beijou. — Mas será que você terá um tempo para jantar comigo depois de amanhã, então?

— deu outro beijo nos nós dos meus dedos e uma leve mordida, trazendo arrepios novamente —

Você já estará descansada, eu suponho. E entenderei se não quiser.

— Eu quero — sussurrei hipnotizada pelo toque dos seus lábios em minha mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ótimo, vou precisar do seu telefone
então...

— Tudo bem...

— Será que eu posso beijar você agora? —
perguntou já se aproximando. Dei um passo para
trás rapidamente, saindo daquela hipnose.

— Estou trabalhando, desculpa — disse
rapidamente, olhando mortificada para ele que
assentiu em entendimento. — Desculpa mesmo.

Um sorriso largo se fez em seus lábios e
seus olhos pareciam brincalhões.

PERIGOSAS ACHERON

— A pergunta é: Você gostaria de me beijar neste momento, *Woody*?

Lá estava, aquele apelido novamente.

— Eu quero beijar você, Andreas — afirmei convicta.

— Isso é o suficiente... por enquanto. — Piscou e beijou a minha testa. — Agora me dê seu telefone.

Dei meu telefone a ele e voltei para o hospital completamente frustrada por não ter beijado aquele homem, mas não podia agir como se

não houvesse um decoro a ser seguido ali.

Eu teria que esperar dois dias para ter notícias de Andreas novamente, e aquilo me colocou em um mau humor terrível, mas aquele homem delicioso conseguiu me salvar até da frustração, pois chegando no quarto de descanso ouvi meu telefone apitando. Quando abri para ver, um sorriso enorme se formou em meu rosto. Me joguei na cama e fiquei olhando para a mensagem como uma boba.

Eu teria dito assim que saí do seu

*apartamento, mas agora que posso:
Aquele noite foi inesquecível.*

Andy

CAPÍTULO TREZE

MAXINE

O vestido era emprestado. Pam não tinha o meu tamanho, mas tinha uma amiga que usava o mesmo manequim que eu. Um vestido vermelho, colado e curto, mas não demais, delineava o meu corpo. A maquiagem foi feita de acordo com a minha possibilidade, assim como o cabelo. Eu tinha dormido o dia inteiro, então o cansaço e as olheiras que denunciavam a estafa, não estavam presentes.

Andreas não disse aonde iríamos, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

avisou que seria um restaurante. Levando em consideração quem ele era, achei melhor caprichar no meu visual.

Bem, isso, e o fato de querer que ele me achasse irresistível.

Pontualmente ele tocou o interfone anunciando a sua chegada. Abri para ele e corri para colocar os pequenos e simples brincos que havia comprado há um tempo. Da última vez que os usei, me deram alergia, mas pensei que algumas horas não faria mal, afinal. Quando Andreas bateu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na porta eu já estava pronta dando uma última olhada no meu reflexo na janela, não tinha espelho de corpo inteiro no meu cubículo, então tinha que me contentar com o reflexo que a janela me possibilitava.

Andei até a entrada e dei uma última olhada em mim antes de abrir a porta. Quando abri, não pude deixar de sorrir. Andreas segurava um boneco *Woody* do *Toy Story* em frente ao seu rosto. O boneco de repente fala:

‘Tem uma cobra na minha bota’

PERIGOSAS ACHERON

Não pude deixar de gargalhar, peguei o boneco e o admirei por um momento, me sentindo tocada pelo presente inusitado.

— Obrigada. Foi muito autêntico. —
Coloquei o boneco sentado na pequena cadeira ao lado da porta e saí fechando-a atrás de mim. —
Olá.

Dei uma boa olhada nele e como sempre, parecia como sexo ambulante. Jeans bem cortado e negro e camisa branca por cima, simples, e mesmo assim, nele, parecia a imagem da perfeição.

Fiquei na ponta dos pés e beijei seus lábios sem conseguir dizer mais nada. Suas mãos foram direto para a minha cintura e trouxe meu corpo para colar no seu, fazendo com que ambos relaxássemos.

— Você está absolutamente linda neste vestido, Woody. — Ronronou nos meus lábios antes de aprofundar nosso beijo. Senti seus dedos apertando minha cintura. Seu corpo começou a reagir ao meu e pela dureza do seu membro, eu poderia dizer que se o convidasse para entrar, ele

PERIGOSAS NACIONAIS

aceitaria. Mas antes que eu pudesse tentar fazer o convite, ele se separou de mim deixando seu melhor sorriso no lugar. — Vamos?

Assenti hipnotizada pelos seus olhos sorridentes. Pequenas linhas de expressão se formavam nos cantos quando ele sorria, era tão bonito.

Caramba! Eu precisava me controlar.

Pisquei rapidamente e assenti pronta para descermos. Pegando a minha mão, Andreas me guiou pelas escadas até estarmos fora do prédio. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia exatamente qual era o carro dele, se destacava dos outros ali estacionados. Era negro, brilhante e imponente. Andreas tirou a chave do bolso e apertou o botão, desabilitando o alarme e, em seguida, abriu a porta para mim.

— Sem motorista hoje? — perguntei entrando no automóvel.

Andy fechou a porta e deu volta, respondendo apenas quando estava dentro do veículo comigo.

— Eu quero ficar sozinho com você hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua mão acariciou meu rosto com delicadeza e trouxe para perto do seu me beijando novamente, sua língua entrou languidamente e desenhou por toda a minha boca quase me deixando sem qualquer ação. Então, quando eu estava coerente o suficiente para poder retribuir o beijo, ele se separou de mim e virou a sua atenção para o volante. Ligando o carro. — Apenas nós dois, Maxine.

Eu não sabia o que seria de mim naquela noite. Mas estava ansiosa para descobrir.

PERIGOSAS ACHERON

**

O restaurante escolhido foi o *The River Cafe*, na *Water St. Brooklyn*. E caramba! Se a sua intenção era me deslumbrar, ele certamente conseguiu. O lugar era discreto, aconchegante e tinha cheiro de alta classe, ficava próximo a Ponte do Brooklyn e nos dava uma vista perfeitamente mágica de toda Manhattan.

Nós fomos ciceroneados pelo próprio maitre que cumprimentou Andreas como se fossem amigos de longa data.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhor Collins, é um prazer ter o senhor e sua acompanhante conosco. — Acompanhante poderia soar um insulto, contudo, a simpatia e delicadeza do homem me fizeram ver que eu estava sendo tratada de forma respeitosa. E eu realmente era acompanhante dele naquele momento. Não havia um status para nós.

— Como vai, Wilson? É possível nos levar para a área privada? — Andreas perguntou abraçando a minha cintura e colando nossos corpos lado-a-lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, senhor. Por favor, me sigam. — O homem andou em direção a uma porta de madeira e o seguimos silenciosamente, exceto pelos meus saltos batendo no sofisticado mármore negro. *H.O.L.Y* de Florida George Line tocava em som ambiente e pensei ser uma boa música para embalar nosso encontro. Wilson abriu a porta para nós e quando passamos por ele, percebi que era um deque de vidro, embaixo dos meus pés eu podia ver as águas do East River. O local era ainda mais intimista. A mesa ficava próxima às portas de vidro

que estavam fechadas, e ela nos aguardava à luz de velas. Era realmente apaixonante. — Vou deixá-los se acomodarem e em breve retornarei para retirar seus pedidos.

— Você pode enviar qualquer um dos garçons, Wilson, estamos bem.

— Como quiser, senhor.

O homem se retirou e Andreas virou-se para mim, me fitando por um momento antes de finalmente falar.

— Gostou? — perguntou em um tom baixo,

PERIGOSAS NACIONAIS

seus olhos estavam em meus lábios, esperando para ouvir e ver a minha resposta.

— É lindo — disse simplesmente, me erguendo para terminar de fechar o espaço entre nós e dar um beijo delicado em seus lábios.

Ele suspirou, se afastou assim que nossas bocas se descolaram e foi até uma das cadeiras, puxando-a para mim. Sorri para a sua gentileza e sentei-me. Andreas sentou em minha frente, mas a mesa era realmente pequena, nossos joelhos poderiam se encostar facilmente.

PERIGOSAS ACHERON

Olhamo-nos por um longo momento, Andreas tinha aquele sorriso ensaiado enquanto eu tentava decifrar seus pensamentos.

— Estamos aqui — disse finalmente, cansada daquele jogo.

— Sim, estamos — respondeu ainda me analisando. — E podemos falar sobre o que aconteceu naquela noite.

— Acho que sim... — respirei fundo e endireitei a minha postura.

— Quero continuar o que quer que

estejamos vivenciando aqui, Maxine. — Foi direto ao ponto.

— Eu também. — Era a verdade. Por que eu faria jogos? Andreas foi direto e honesto, merecia a mesma cortesia. Eu não teria um compromisso com ele, mas não queria abrir mão do que tínhamos. O sexo tinha sido alucinante, ele me tratava como ninguém havia me tratado antes. Por que não?

Seu rosto parecia uma página em branco. Era realmente irritante que ele pudesse sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

saber o que eu estava pensando quando eu nunca conseguia fazer o mesmo com ele. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o garçom chegou pegando nossos pedidos. Solicitei a Andreas que pedisse por mim, ele parecia conhecer perfeitamente aquele local.

Nós comemos e conversamos de tudo um pouco, descobri que seu presente para mim, não era tão original assim, ele tinha roubado a ideia de sua amiga, Quinn. Contou a história de como ela enviou um monte de brinquedos para seu marido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando eles estavam se conhecendo ainda. Não pude deixar de rir da sua falta de imaginação, mesmo assim continuei apreciando o personagem de Toy Story que havia ganhado. Era um presente, afinal de contas. Eu sequer lembrava da última vez que ganhara um presente na vida.

Comecei a sentir minhas orelhas comicharem e me odiei por ter teimado e usado aquele maldito par de brincos. Simplesmente não resisti e tive que coçá-los. Só que nunca é apenas uma coçada, certo?

PERIGOSAS ACHERON

Aquela alergia estava me incomodando e minha atenção já não estava mais tão focada nas palavras de Andreas.

— Algum problema, baby? — perguntou quando mexi nos brincos pela centésima vez. Percebi que ele me chamou de forma carinhosa, e aquilo, de alguma forma me deixou um pouco nervosa.

— Desculpe, eu preciso ir ao toalete. — Me levantei e saí em busca do banheiro.

— É aquela porta. — Andy apontou para o

lugar ainda dentro da área privada.

Andei rapidamente em direção ao banheiro e me fechei lá dentro soltando a respiração. Parei em frente a pia e fiquei me olhando por alguns instantes até que a coceira me incomodou novamente. Grunhindo, lavei minhas mãos com afinco e depois tirei os brincos, joguei-os no lixo e molhei meus furos tentando aliviar o incômodo.

— Malditos brincos vagabundos! — resmunguei, me olhando no espelho novamente. Perguntei-me o que estava fazendo ali, com

PERIGOSAS NACIONAIS

Andreas, naquele restaurante. Coçando minhas orelhas por usar bijuteria barata, usando vestido emprestado e acompanhando um homem que poderia ter a mulher que quisesse. Não sabia de onde vinha e nem o porquê daquela insegurança estar crescendo dentro de mim, mas estava lá.

De repente palavras que meu pai costumava me dizer apenas para me ferir começaram a ecoar na minha cabeça, mas joguei elas para longe. Eu não deixaria ele voltar a me atormentar.

Não sei quanto tempo fiquei lá dentro, pois

PERIGOSAS ACHERON

comecei a ouvir batidas na porta.

— Maxine? Woody? Você está bem, baby?

Pare de me dar apelidos!

Gritei em pensamento.

Abri a porta em um rompante, olhei para o
olhos preocupados de Andreas e senti a minha
resignação ir um pouco embora.

— Preciso sair daqui — disse coçando
minha orelha e tentando passar por ele.

— Por quê? O que houve? — perguntou
sem me deixar passar. Seu foco foi para minha mão

coçando freneticamente a minha orelha. — Max, você está bem? O que há com a sua orelha?

— Nada...

— *Não é nada* — disse preocupado pegando minha mão e tirando da minha orelha. — O que houve? Está vermelho.

— Estou usando bijuteria barata, Andreas!

— exclamei alterada. Ele me olhou sem entender.

— Machucou minhas orelhas porque aparentemente elas não perceberam que não tenho dinheiro para comprar joias com objetivo de

embelezá-las.

Por que eu estava fazendo aquilo? Pergunte a um psicólogo. A voz de Paul falando as merdas que ele costumava dizer, Andreas me tratando como se eu fosse mais do que um simples encontro e todo o fato de eu estar realmente gostando da noite, mexeu com a minha mente. Não conseguia evitar.

— E o vestido? É emprestado! — Joguei nele como se fosse culpado de algo. — Eu não queria parecer simplória onde quer que você me

levasse, porque eu sabia que seria em algum lugar caro, chique, que você poderia muito bem comprar.

— Este restaurante é meu, Maxine —
respondeu sem se abalar.

— Oh, perfeito! — Sorri com escárnio. —
Me sinto muito mais adequada agora.

Abri meu braços em um gesto displicente e
ri de mim mesma.

Andreas tinha seu cenho franzido enquanto
me analisava com atenção. Delicadamente me
empurrou para dentro do banheiro e entrou

fechando a porta com nós dois lá dentro.

— Tudo bem, eu provavelmente fiz perguntas ou afirmações erradas, e peço desculpas, mas gostaria que você não pensasse que é menos do que adequada a mim ou ao local em que está.

— Eu... eu... — O que eu estava fazendo? Não era daquele jeito. Não agia daquela forma. Nunca.

— Não deveria ter trazido você aqui, devia ter percebido que...

— Que eu sou pobre? — Interrompi seu

pensamento.

— Não disse isso... — Seus olhos fugiram brevemente dos meus e sua mão esfregou a barba bem cortada em seu rosto.

— Mas é a verdade.

— Não importa para mim, Maxine. — Suas mãos enquadraram o meu rosto.

— Não? — perguntei incerta.

— Não... Mas talvez eu esteja cometendo alguns erros com você, pois não é como as outras mulheres. Você não é impressionável.

PERIGOSAS NACIONAIS

Queria dizer para ele que geralmente eu não era mesmo. Mas quando se tratava daquele homem...

Tudo nele me impressionava, sua beleza, postura, sorriso sacana, olhos penetrantes e bem, aquele corpo de matar. De repente o ar todo estava pesado, nossas respirações ecoavam pelo pequeno espaço em que estávamos e o toque de Andreas estava fazendo meu corpo reagir da forma errada.

Ou, completamente certa.

Sem querer pensar em mais nada, ataquei os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios dele com fome, nossos dentes bateram e ele soltou um gemido assustado, mas imediatamente estava me devolvendo o que eu dava a ele naquele momento. Minhas mãos correram pelo seu peito forte e desceram até a sua calça, esfreguei seu membro completamente pronto para mim com força e apertei por cima do tecido.

— Se não parar, vou foder você aqui dentro, mulher. — sua voz era diferente, grossa, ameaçadora. A sedução não estava lá.

Necessidade crua.

PERIGOSAS ACHERON

Minha e dele.

— Faça isso! — exclamei entre beijos. —

Faça isso, me foda aqui dentro.

Mal tinha terminado o meu pedido e suas mãos já estavam em minha cintura, me erguendo e sentando na pequena pia. Minhas mãos foram para o seu cinto abrindo-o avidamente, em seguida abrindo o botão e liberando espaço para que eu pudesse pegar no pau grosso e delicioso. Minha mão viajou para dentro da sua roupa íntima no mesmo momento em que ele abaixou a parte de

cima do vestido, revelando meus seios inchados, doloridos para sentir a sua boca neles. Minha mão livre foi para a sua nuca e puxei sua cabeça em direção ao meu peito. Um gemido alto e primitivo saiu de mim quando senti ele chupá-lo com força.

Minha mão bombeou seu membro com força enquanto ouvia os gemidos dele, abafados pela minha pele. Sua boca abandonou meu peito, lambendo a pele do meu colo, passando pelo meu pescoço até chegar a minha boca, suas mãos foram para baixo do meu vestido. Uma delas me segurou

na cintura enquanto a outra arrancava a minha calcinha.

Aquilo quase me fez gozar.

— Eu... eu não tenho preservativo, vacilamos da primeira vez — disse ele tentando pensar de forma coerente, mas já estava entre as minhas pernas, sua mão ajeitando seu pau maravilhoso em minha entrada extremamente dolorida.

— Estamos bem, limpos e eu estou no controle de natalidade. — Ofeguei minha resposta

inclinando meu quadril, pedindo por ele.

— Tem certeza? — Perguntou movendo seu membro para cima e para baixo em minha boceta, brincando com o ponto mais sensível. Gemi alto cruzando minhas pernas na altura de sua bunda e forçando-o para mais perto.

— Sim! Me fode logo, Andreas!

— Como quiser, baby! — Sua primeira investida foi tão violenta que me fez gritar. Ele parou por um momento, olhei em seu rosto e percebi seu maxilar travado, os olhos fechados e

PERIGOSAS NACIONAIS

suas narinas infladas, como se ele estivesse se concentrando antes de continuar. — Eu ainda vou me acabar nesta boceta deliciosa, baby! — exclamou antes de tirar todo seu pau e entrar com força em mim novamente.

Minhas mãos foram para seus cabelos e puxei com força enquanto sentia-o entrar e sair de mim com brutalidade. Ele fez com que eu me curvasse para trás e apoiasse meus braços na pia, quando o fiz, uma de suas mãos foi para meu seio e a outra segurou meu quadril com força enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me fodia como eu nunca tinha sido em toda a minha vida. Seus gemidos eram primitivos. As palavras eram baixas, mas vindo dele, me deixavam ainda mais excitada. Eu podia sentir cada centímetro do seu membro grosso me invadindo, descobrindo pontos novos e prazerosos dentro de mim.

— Quero gozar com você, Maxine. — Seu tom era autoritário. — Diga-me quando estiver pronta.

— Eu estou! Eu estou! — Consegui ofegar

PERIGOSAS ACHERON

as palavras, pronta para o meu ápice. — Me faça gozar, Andreas. — Praticamente gritei a exigência.

Foi o que precisou para que ele intensificasse ainda mais as suas investidas. Batendo sua pélvis na minha, fazendo com que nossos sexos criassem sons, ecoando por todo o pequeno banheiro.

— Porra! — gritou ele quando seu ápice veio. — Você é tão gostosa! Puta que pariu! — Continuou falando enquanto investia. Senti minhas paredes apertando o seu pau enquanto eu chegava a

meu próprio clímax.

Nunca tinha sido como daquela forma, nem na primeira vez com ele.

Se cada vez que transássemos fosse melhor do que a última, aquele homem me levaria a loucura.

Quando os movimentos frenéticos se tornaram calmos, Andreas passou a me beijar com carinho. Nós não nos desconectamos por um longo tempo ainda. Acho que estávamos tentando compreender o que tinha acabado de acontecer.

Quando finalmente, ele havia saído de dentro de mim, Andy buscou pelo pacote de lenços umedecidos deixados estrategicamente ao lado dos absorventes, uma cortesia do restaurante, abriu a embalagem e ofereceu a mim. Peguei os lenços e fui até a cabine para me limpar enquanto ele fazia o mesmo. Ficamos em silêncio até ficarmos recompostos.

Assim que estava pronta e saí da cabine, ele me puxou em seus braços e sorriu.

— Quer dormir na minha casa? —

perguntou.

— Não posso. Trabalho amanhã. —
respondi em um tom apologético. Ele realmente parecia decepcionado com a resposta. Eu também não queria que a noite acabasse, meu surto fora esquecido por nós e o encontro tinha se tornado muito, muito interessante. — Você pode dormir na minha casa, no entanto.

Convidei dando de ombros.

Lá estava novamente: O sorriso que me fazia querer gozar de novo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUATORZE

MAXINE

Meu apartamento poderia ser pequeno, simples e precário, mas era aconchegante. Especialmente a minha cama. O cheiro gostoso de laranjeira do aromatizante que havia comprado, os lençóis limpos e macios que tinha colocado horas mais cedo e a companhia em cima dela tornava muito difícil sair para me arrumar e ir trabalhar.

Olhei para o boneco do Woody estrategicamente sentado na cadeira que eu havia

PERIGOSAS ACHERON

deixado na noite anterior e pensei nos eventos depois do sexo incrível que Andreas e eu tivemos no banheiro do seu restaurante.

— *Você pode dormir na minha casa, no entanto. — Convidei dando de ombros.*

Seu sorriso era uma promessa. Na minha casa, continuaríamos o que estávamos fazendo há poucos segundos. E realmente foi, Andreas era um amante de tirar o fôlego, e eu nunca realmente pensei o contrário. Desde o momento em que trocamos olhares no seu clube, sabia que seria outra

pessoa em seus braços.

Ficamos acordados até muito tarde, conversando sobre tudo e sobre nada. Contamos sobre nossas escolhas profissionais, ele me deu detalhes, já eu, dei a versão resumida. Queria ser cirurgiã, não tinha escolhido especialização, mas amava o que fazia.

Hora ou outra ele parecia perdido em seus pensamentos enquanto analisava o local em que eu morava, mas nada disse. Eu fingi não perceber também, não queria que ele soubesse tanto sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida, mas não durou muito tempo.

Enquanto eu continuava encarando o brinquedo que havia ganhado, senti beijos sendo espalhados por minhas costas. Sorri gostando da sensação. Ele era carinhoso, mesmo em nosso momento mais selvagem, eu podia ver que com Andreas Collins não era sobre tirar e sim sobre dar.

Dar prazer.

Dar atenção.

Dar carinho.

O homem era realmente um perigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, Woody. — Sua voz rouca de sono sussurrou.

— Bom dia! — Sorri, me virando de frente para ele. Nossos corpos colaram um no outro, metade do seu corpo estava sobre o meu e os olhos sonolentos, porém, cheios de desejo, me diziam que seu corpo queria ficar completamente em cima do meu. — Quanto tempo você tem até ir para o trabalho? — perguntou antes de beijar meus lábios com delicadeza.

— Se eu fosse de metrô quinze minutos —

outro beijo foi dado —, mas como eu tenho carona hoje, tenho quarenta e cinco minutos.

— Isso é bom — resmungou se posicionando em cima de mim e mordendo meu lábio inferior. Minhas pernas se abriram para que ele se encaixasse entre elas. Não foi difícil para ele me invadir novamente, nossos fluídos continuavam escorregando para fora de mim, um delicioso lembrete de tudo o que fizemos.

Ouvi seu peito chiar quando ele finalmente estava profundamente enterrado em meu corpo, o

abracei tentando fundir nossos corpos enquanto
Andreas me penetrava calmamente.

— Você me deixa louca — sussurrei
sentindo a construção do prazer absoluto.

Ouvindo aquilo, Andreas pegou minha
perna direita e colocou sobre seu ombro, me
esticando e aprofundando a sua penetração, fazendo
eu me contorcer de prazer embaixo dele. Suas
investidas se tornaram mais fortes, mais fundas e
logo eu estava gritando seu nome e chegando ao
meu ápice. Ele veio em seguida, e quando

terminamos estávamos prontos para começarmos o nosso dia.

— Eu preciso de um banho — resmungou, se levantando. Travei ao ouvir suas palavras.

Merda! Por que eu não pensei nisso antes?

— Eu... é... então — iniciei nervosa — o chuveiro está com um pequeno problema, deixa eu... é...

O que eu diria a ele?

Não tenho água quente e a água está saindo com conta gotas? Droga! Como pode ser tão

estúpida?

— Você está sem água? — Andy perguntou. Seus olhos não me passavam nenhuma reação, ao contrário, ele parecia analisar as minhas próprias. E a reação principal era que eu estava morrendo de vergonha.

— Eu tenho água! — Me defendi. — Só estou com um pequeno problema e... Acho melhor você ir embora, Andreas. É melhor tomar banho em casa.

Comecei a catar suas roupas do chão e

entreguei a ele, em seguida me envolvi no lençol e apontei para a porta. Ele ficou parado no lugar, me olhando como se não estivesse me entendendo.

— Como vai fazer para tomar banho? —
perguntou seriamente.

— Andreas... — Tentei argumentar, sentindo minhas bochechas ficarem quentes de tão envergonhada que estava.

— Maxine, como vai tomar banho? —
questionou novamente.

— Eu esquento uma chaleira de água e

misturo com água fria em uma bacia — respondi mortificada. Queria chorar. Sempre que eu ficava com raiva tinha essa vontade.

— Tudo bem, coloque água a mais para esquentar, vou ao banheiro encher a bacia. — E sem outra palavra ele apenas entrou no banheiro sem me dar qualquer espaço para argumento.

**

No carro, enquanto ele me levava para o trabalho, me mantive em silêncio. A humilhação de entregar uma chaleira de água quente para o cara

rico com quem eu estava transando me deixou sem vontade nenhuma de me comunicar. Ele provavelmente nem apareceria mais depois daquela manhã.

Andreas respeitou o meu silêncio, no entanto, não forçou qualquer conversa e me deixou sozinha com meus pensamentos. Até pararmos no estacionamento do hospital.

— Obrigada pela carona — murmurei olhando para ele. — E desculpe por hoje de manhã, eu realmente me esqueci que estava com problema

no chuveiro.

Andreas se virou em seu assento e me fitou como se quisesse me entender. Sem esconder minha humilhação, desviei o olhar e verifiquei a hora em meu relógio. Dez minutos para o meu turno começar.

— Preciso ir, vou me atrasar.

Fiz menção de abrir a porta, mas sua mão segurou a minha.

— Olhe para mim — ordenou. Quando percebeu que não o fitaria, levantou minha mão e a

beijou com delicadeza. Era difícil não sentir a nobreza dele quando tinha aquele tipo de gesto envolvido. — Por favor.

Coloquei a minha atenção nele e percebi que estava sério. Nada de brincadeiras ou sedução. Sua atenção era total em mim, e seu rosto todo parecia concentrado enquanto me olhava.

— Entendo que você esteja envergonhada e não vou dizer que não me importo com o que aconteceu hoje, porque sim, eu me importo — disse categoricamente. — Mas não é por mim que estou

me importando e sim por você. Por que vive num lugar como aquele? Você é médica, está trabalhando em um hospital conceituado. Por que mora lá, no Bronx?

— Isso não é da sua conta. Você e eu...

— Eu e você temos algo. — Me interrompeu com firmeza na voz e ainda assim parecia suave — Se é apenas sexo, tudo bem, ainda é algo. Eu vou respeitar se não quiser me dizer, mas saiba que eu gostaria que me contasse. Eu não preciso ser apenas uma foda louca, Maxine, eu

posso ser seu amigo.

Você é como sua mãe! Uma aproveitadora!

Abra a porta, sua putinha!

Eu precisava fazer Paul calar a boca.

— Acho que estamos indo rápido demais com isso tudo. — Fechei meus olhos, rezando para não me arrepender.

— E eu acho que você pensa demais, Max, mas se não quiser me contar, eu vou entender.

Seu tom continuava suave, ele definitivamente era um homem paciente.

— Quando é a sua próxima folga? —
perguntou, mudando o assunto.

— Não sei se devemos nos ver novamente,
Andreas. — As palavras que disse tinham um gosto
amargo, mas logo o sabor dentro da minha boca
mudou. Andy não deixou que eu terminasse o meu
argumento. Com um beijo delicioso e avassalador
ele me fez esquecer das palavras de Paul e da
minha resistência. Como se tivesse estalado seus
dedos.

Como mágica.

Quando nossos lábios se separaram, ele encostou a sua testa na minha.

— Você disse que não fugiria. Não fuja — ordenou baixinho, com um sussurro delicado.

— Eu preciso ir... — sussurrei de volta. Era como se estivéssemos compartilhando um segredo.

— Bom trabalho — desejou. — Depois me envia uma mensagem para me dizer quando estará de folga... e bem, para me dizer se está tudo bem.

Um sorriso singelo escapou por seus lábios. Fiquei tocada com o fato dele querer saber se eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estaria bem. Perguntei-me o motivo de querer afastá-lo quando tudo o que queria era me encolher em seus braços. Aqueles sentimentos me assustavam de uma maneira sem igual. Andreas estava invadindo o mundo que eu havia construído para mim com tanto cuidado. Sem pensar, relaxei contra o encosto do banco e acabei falando:

— Empréstimos.

— Desculpe? — pediu quando não entendeu quando falei.

Com um suspiro, expliquei melhor.

PERIGOSAS ACHERON

— Os créditos estudantis consomem mais da metade do meu salário. É por isso que moro lá. É o que posso pagar. — Confidencieei.

Andreas sorriu sem graça e assentiu em entendimento.

— Obrigado por me contar, Woody. — Seu tom era mais relaxado quando acariciou o meu rosto.

— Desculpe por esta manhã.

— Está se desculpando por ter me dado uma boa transa, baby? — Brincou me fazendo rir,

mesmo sabendo que não era sobre aquilo que eu estava falando.

— Obrigada.

Agradei. Ele não perguntou o motivo do meu agradecimento, eu também não disse.

Eu sequer queria admitir o motivo do agradecimento para mim. Contudo, eu estava agradecendo por ele não ter desistido.

Saí do carro, fechei a porta e comecei a andar em direção a entrada do hospital, mas ouvi Andreas me chamar. Olhei para trás e vi que

caminhava em minha direção.

— Obrigado.

— Pelo quê? — perguntei sem entender.

Suas mãos emolduraram o meu rosto e seus olhos me fitaram com ternura.

— Por me salvar.

CAPÍTULO QUINZE

ANDREAS

— Eu honestamente não sei o que fazer.

Quero poder ajudá-la, mas a garota é difícil.

Expliquei analisando o líquido em meu copo. Meu melhor amigo, Dashier, continuava me escutando calado, ouvia cada palavra minha com interesse. Havia convidado ele para almoçar, uma vez que era dia de ir a Colt para verificar o trabalho dos assistentes contratados.

— Não sei o que fazer. Parece que ela vai

fugir se eu disser ou fizer qualquer coisa que a agrade. — Suspirei cansado.

— Você devia conversar com Quinn sobre, ela com certeza passou por isso comigo. — Dash esclareceu.

— Mas eu quero conversar com você! — retruquei. — Escutei você quando precisou desabafar sobre Quinn, ajudei com o seu casamento e... bem, Quinn estava ocupada hoje, com Doty.

Dashier riu da minha declaração entendendo o motivo por eu não ter chamado a Colt certa para

obter conselhos.

— Tudo bem, então vamos ver se eu entendi: — iniciou se endireitando em sua cadeira — você não está namorando com esta mulher.

— Estamos nos conhecendo — expliquei, fazendo meu amigo revirar os olhos. — Como se você e Quinn tivessem ido morar juntos na...

— Pare de falar de mim e da minha esposa, Andreas. — entreviu ele. — Estou tentando entender o motivo de você, um homem que se divorciou há pouco mais de um ano e concorria

PERIGOSAS NACIONAIS

para a eleição de maior homem puta de Nova Iorque estar correndo atrás de uma mulher que obviamente está ocupada demais para dar o que você nem sabe que quer.

— Eu devia ter esperado para almoçar com a Cupcake, ela me entende melhor. — Bufei, cruzando meus braços. — Você dá conselhos de merda.

— Você é um bebê chorão. Agora, diga, o que essa garota tem? — indagou. — É porque ela te socorreu na boate ou algo a mais?

PERIGOSAS ACHERON

Não precisei nem pensar na pergunta do meu amigo. Sabia exatamente quais eram as sensações que Maxine despertava em mim.

— Quero ela para mim, Dashier — expliquei —, não de forma possessiva, não como um objeto, eu apenas quero que ela me queira, que esteja comigo. Quero protegê-la de tudo. Maxine me confunde, me encanta e me dá tesão, tudo ao mesmo tempo, sabe?

— Eu acho que sei.

Meu amigo sorriu em compreensão.

— É como ler um livro que você gosta muito, você quer chegar ao final, mas não quer que acabe. — expliquei. — Eu quero cuidar dela, passar um longo tempo apenas mimando aquela mulher e ao mesmo tempo em que tenho estes pensamentos, meu pau quer estar dentro dela furiosamente.

— Cara... — Dashier disse enquanto me olhava com os olhos arregalados. — São sentimentos fortes.

— Eu espero que não, — retruquei — ela não parece nem perto de se apaixonar por mim,

PERIGOSAS NACIONAIS

amor não correspondido é uma merda. — Respondi frustrado. — Passo a maior parte do tempo tendo que convencê-la de ficar comigo. Pisando em ovos. — Suspirei cansado. — Estou fodido.

— Tenho uma pergunta para você.

— Manda. — solicitei me preparando.

— Você tem pensado em Sophie? — perguntou me analisando.

— Mesmo antes de conhecê-la eu já não sofria mais por Sophie, Dashier. Que pergunta.

— Sim, porque você estava ocupado demais

PERIGOSAS ACHERON

transando com as minhas assistentes e qualquer mulher de Nova Iorque — debochou. — Responda, Andreas: Você tem pensado em Sophie, não sofrido, pensado?

— Não. Eu não amo mais a Sophie — respondi sem saber o que sentia direito.

— Então sim, amigo, você está fodido.

— Que diabo de declaração é essa? — perguntei aturdido.

— Andreas, se você sofreu com o divórcio e sequer falava de Sophie como você fala de

Maxine... eu nem quero ver se vocês terminarem.

**

Não falei com Maxine por três dias. Ela também não respondeu a mensagem que enviei a ela. Optei por não enviar outras e deixá-la quieta. Imaginei que estava trabalhando, então procurei fazer o mesmo. Analisei relatórios da Colt e tirei as dúvidas dos supervisores, almocei com Dashier novamente, mas desta vez Quinn estava conosco. Incrivelmente, ela concordava com o marido.

Eu estava fodido.

Passava das cinco da tarde e eu estava na boate, analisando alguns extratos quando recebi uma mensagem dela.

Ainda lembra de mim?

Max

Que pergunta!

No lugar de responder a mensagem, liguei para ela. No segundo toque atendeu.

— *Olá.* — Sua voz era animada.

— Oi para você, como está? — perguntei

tentando não comentar que ela me deixou sem notícias por três dias.

Mas o que era aquilo, afinal?

— *Bem, indo para casa.*

— Esteve em plantão todos esses dias?

— *Sim.*

A ligação ficou muda, ficamos apenas ouvindo nossas respirações. Nunca fui reticente com uma mulher antes, se eu quisesse sair com ela, falar ou fazer algo, eu apenas fazia, mas com Max,

era como apertar um sabonete. Meu lado prudente dizia para eu deixar ela descansar e ligar para ela apenas no dia seguinte.

Meu lado imprudente dizia para...

— Por que não vem para o meu apartamento? — Deixei escapar sem conseguir me parar.

— *Eu estou cansada, Andreas. Preciso dormir.* — Justificou a sua recusa.

— Durma na minha cama — ofereci —,

quando você precisa voltar ao trabalho?

— *Se ninguém me bipar, só em dois dias* —

respondeu. — *Mesmo assim, eu não tenho roupas e isso tudo, Andy... nós? Acho que estamos indo rápido demais.*

— Vamos, Woody, não pense na velocidade de nada. Pense que você gosta da minha companhia e eu gosto da sua. — Relaxe em minha cadeira e afrouxei o nó da minha gravata enquanto ouvia sua risada leve do outro lado da linha. — Além do mais, você não precisa de roupas, tenho certeza que

ficaria muito sexy nua ou em uma das minhas camisetas.

— *Andreas...* — Puta merda! Ela gemeu o meu nome.

— Onde você está, Woody? — Solicitei, sabendo que ela estava cedendo.

— *Em frente ao hospital. Acabei de sair.*

Fiquei animado com o fato de que ela tenha pensado em me ligar logo que saiu do trabalho. Depois fiquei assustado com o fato de estar

animado.

— Ótimo! Estou na Central. São apenas alguns quarteirões, vou mandar alguém aí buscar você agora mesmo... Venha e não se arrependerá.

— *Andy...* — Ela chamou reticente. Merda!
Estava me precipitando.

— Desculpa, eu devia perguntar se você quer vir. Eu vou entender se não... É que...

— *Eu estava apenas tentando dizer que estou pegando um táxi agora mesmo e indo*

encontrar você.

Ela estava?

— Está? Ótimo! Vou pedir para alguém da
equipe abrir para você.

— *Tudo bem. Até mais.* — Sua voz era
risonha quando falou.

— Até!

MAXINE

PERIGOSAS NACIONAIS

O que eu estava fazendo?

Que porra eu estava fazendo?

Passei horas de plantão no hospital, e no lugar de ir para casa e dormir, estava indo encontrar a única pessoa que me fazia ficar acordada a noite toda?

Tudo bem que o plantão foi muito tranquilo, uma vez que eu ainda não tinha uma especialidade para almejar, me escalaram para atualizar prontuários, cuidar dos exames laboratoriais e

PERIGOSAS ACHERON

monitorar a UTI. Não exatamente cansativo embora eu tenha ficado frustrada sem ter sido colocada em nenhuma 'ação'. Não era justo, só porque eu não tinha escolhido uma especialização desde o berço como Pamella, não significava que eu não poderia ajudar. Aliás, como eu escolheria uma área se não me deixavam praticar nas opções?

Quando cheguei em frente a boate, imaginei que um dos funcionários dele estaria me aguardando, mas não. O próprio Andreas me aguardava lá. Seu terno azul escuro, com a camisa

PERIGOSAS NACIONAIS

branca aberta nos primeiros botões e a gravata desfeita, pendurada em seu pescoço, quase me fez babar com a imagem. As mãos nos bolsos, os ombros relaxados e o sorriso canastrão nos lábios...

Caramba!

Procurei não pensar em minhas roupas simples: jeans, camiseta, tênis e casaco. Nem nas minhas olheiras ou em meus cabelos sujos. Eu precisava de um banho com muita urgência.

Aproximei-me dele e seu sorriso se abriu ainda mais. Adorava admirar seus olhos quando sorria tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

largo, eles se enrugavam, parecia que todo o seu rosto sorria junto. Era realmente bonito.

— Oi! — cumprimentei, parando bem em sua frente.

Seus braços serpentearam o meu corpo e me puxaram para perto dele.

— Olá, Woody! — Um beijo longo, mas casto foi dado em meus lábios. Suspirei sentindo algo que não sabia explicar, mas meu coração pareceu... Tranquilo? Como se eu me acalmasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos braços dele. — Pronta para passar dois dias sendo mimada?

— Você não tem que trabalhar? —
questionei em dúvida.

— Não, se eu não quiser — respondeu sem
meias palavras. — Está com fome?

— Faminta! — exclamei.

— Vou levá-la para casa e podemos pedir
pizza.

— Parece uma ótima ideia.

PERIGOSAS ACHERON

Me abraçando, Andreas caminhou comigo para dentro da boate.

— Vamos pegar meu carro na garagem e vamos para casa.

A boate estava vazia, e era estranho ver aquele local tão grande sem ninguém. Analisei tudo em nossa volta e parei minha atenção na porta do seu escritório lembrando que tínhamos assuntos inacabados por lá.

— Estamos sozinhos aqui? — perguntei,

mantendo minha atenção fixa na porta.

— Nós e Svan, um dos responsáveis pela abertura, os funcionários devem chegar em breve.

Por que?

— Por que tem algo que você me prometeu no dia que estive em seu escritório — falei como se não fosse grande coisa.

Andreas parou de andar e se voltou para mim. Seu rosto se transformou completamente, o olhar risonho e suave estava negro e cheio de

PERIGOSAS NACIONAIS

malícia, me puxando para ele, nossos corpos se colaram e olhando-me, sem piscar, ele proferiu palavras que fizeram meus joelhos quererem ceder e meu centro ficar molhado imediatamente.

— Falta uma multidão aqui embaixo dançando enquanto eu estiver fodendo você lá em cima por trás, baby. E acredite, se me permitir eu vou foder cada buraco apertado seu. Aguarde e confie.

Demorou alguns segundos para que eu pudesse me recuperar de suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, então qual vai ser a brincadeira hoje? — perguntei, me parabenizando por não gaguejar.

— Bem — sua mão acariciou meu rosto e um beijo com um pequena mordida em meu lábio inferior foi dado antes dele continuar sua sentença —, se você não estiver cansada, gostaria de apresentar as alegrias da minha hidromassagem para você.

Algo me dizia que eu faria tudo nestes dois dias, menos descansar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZESSEIS

MAXINE

Seu apartamento ficava no Upper East Side.

Claro que ficava.

Andreas não era exatamente um cara que escondia a sua condição financeira.

Era um local extremamente luxuoso, mas quando entramos em seu apartamento fiquei surpresa ao ver que, embora fosse alto nível, era simples.

Logo na entrada nos deparamos com a sala, bem ampla, um grande sofá em formato L de costas para a janela. Seu sistema de imagem e som era uma coisa de outro mundo e ele ainda nem havia ligado. O lugar era decorado de forma sofisticada, notava-se a assinatura de um designer ali.

— Bem-vinda — disse me abraçando por trás e caminhando grudado comigo. — Vou te apresentar o local. — Seu queixo estava colado em meu ombro e ele estava extremamente curvado por cima de mim. Seus braços cruzaram na minha

frente e me prenderam contra o seu corpo.

Andamos por todo o lugar daquela forma, abraçados. O apartamento tinha dois quartos e um deles era convertido em escritório e sala de jogos, Andreas tinha vários brinquedos eletrônicos para se divertir. Era realmente impressionante sem nem eu conhecer o seu quarto, mas quando finalmente chegamos à suíte não consegui esconder o suspiro.

Duas palavras:

Borda infinita.

O cara tinha uma piscina na sacada do seu apartamento e caramba! Era linda.

Sua cama era além de super king, enorme, e forrada com roupas de cama e colchas de cor preta. Outra televisão monstruosa estava estrategicamente colocada de frente para a cama. Beijando o meu pescoço, Andreas se distanciou de mim e foi até um interruptor, acionando alguns botões no teclado ele ligou luzes, colocou música ambiente e ligou a televisão em um canal qualquer.

— O banheiro é além da porta de espelho,

PERIGOSAS NACIONAIS

você passará pelo closet, é no final do corredor. Tem um minibar refrigerado ao lado da cama, sirva-se do que quiser — explicou, tirando o blazer e desabotoando a camisa. — Vou preparar a banheira para você e te espero lá.

Abriu apenas um pedaço da porta e seguiu para dentro do closet.

Continuei muda olhando em volta até que me aproximei da piscina.

Uau! Olhei para baixo através da água e me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senti nervosa, era realmente alto. Mas também lindo, eu podia ver toda a rua através da água. Fiquei um longo tempo analisando tudo em seu quarto. Não havia fotografias ou qualquer coisa que deixasse o ambiente mais pessoal, mas era muito aconchegante. Suas coisas eram organizadas de forma um tanto bagunçada, nada metódico demais, mas nenhum 'Deus nos acuda' da desordem também.

Era realmente muito masculino, mas organizado.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ouvi seus passos de volta sorri para recepcioná-lo.

— Você tem uma casa impressionante, Andy — falei — Obrigada por me convidar.

— Estou feliz que tenha aceitado o meu convite — comentou, ignorando o meu elogio, aparentando realmente estar feliz com a minha presença ali. Se aproximou e me deu um abraço apertado, me surpreendendo. Suas mãos acariciaram minhas costas e seu rosto finalmente se aproximou do meu, beijando-me com delicadeza.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostaria de algo especial para comer, ou posso chamar entrega de pizza? — A pergunta foi sussurrada, meus olhos eram vidrados nos seus que me olhavam com atenção. A atmosfera era pesada e leve ao mesmo tempo, quando estava com ele, nunca era preto e branco. Sempre uma mistura interminável de sentimentos que eu sequer conseguia nomeá-los. Era realmente difícil não cair nos encantos daquele homem, e aquele foi o primeiro momento em que eu pensei:

Talvez...

PERIGOSAS ACHERON

Mas então empurrei o pensamento para longe, deixando a razão me avisar que era muito cedo para cogitar qualquer coisa.

— Pizza está ótimo — informei andando em direção a enorme porta espelhada. Não mirei em minha aparência, pois sabia que estaria horrorosa, mas não pude deixar de pensar que só conseguia ver minha aparência completa em meu apartamento, se me olhasse no reflexo da janela. Abri a porta delicadamente e me dirigi ao maior banheiro que já havia visto.

Caramba! É maior que o meu apartamento.

Pensei enquanto olhava para todo aquele mármore, banheira de hidromassagem para cinco pessoas, chuveiro com quatro saídas de água, - o meio ambiente não agradece, - e a quantidade bizarra de sais de banho e velas acesas. A água já estava pela metade e as bolhas cobriam toda a superfície. Andreas não estava brincando sobre eu ser mimada naquela noite. Fiquei satisfeita e lisonjeada por sua dedicação a mim.

Retirei minhas roupas e as coloquei

PERIGOSAS NACIONAIS

ordenadamente sobre o balcão da pia, soltei meus cabelos para que pudesse lavá-los também e entrei na banheira me sentando imediatamente e gemendo ao sentir a água quente relaxando meus músculos. O cheiro era delicioso, como amêndoas e açúcar. Percebi todas as velas iluminando o local em volta de mim, e me senti tão...bem.

Satisfeita por estar ali.

Uma batida na porta me fez sair do transe 'conto de fadas' e olhar na direção do som para encontrar Andreas encostado nela, me olhando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A água está boa?

— Está, obrigada — respondi movendo meus braços de um lado para o outro.

— Programei a pizza para ser entregue em uma hora, é tempo o suficiente para aproveitar o banho?

Olhando a sua imagem parada ali, com os olhos queimando em cima de mim, resolvi que seria ousada.

— Depende, você vai se juntar a mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua postura mudou completamente, se desencostando da porta ele se aproximou da banheira e sentou na borda.

— Isso vai depender de você, baby. —
Cada vez que ele me chamava daquela forma, um pedaço meu morria e voltava a vida no mesmo momento.

— Tire a roupa, Andreas, me ensine como se aproveita a sua banheira de hidromassagem.

Sem dizer nada, ele se levantou e começou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a tirar a sua camisa, os últimos botões foram abertos e seu peito forte, musculoso, liso e bronzeado me deram uma boa visão do show. Seu abdômen era digno de um altar. Todo definido e pronto para ser arranhado, lambido e mordido. Umedeci meus lábios em antecipação e não pude evitar levar uma das minhas mãos para o meu centro, a tensão em meu núcleo era tanta que precisava de um toque para tentar aliviar a pressão que estava sentindo .

— O que está fazendo de baixo desta água,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maxine? — perguntou enquanto seus dedos trabalhavam no botão de sua calça e, em seguida, retirava, revelando sua roupa íntima de cor azul marinho. Pelo tecido conseguia ver o quanto ele também queria estar naquela banheira comigo.

— Me tocando. — Minha voz saiu em um sussurro e mesmo assim, o tom imperativo era explícito. — Esperando você fazer isso por mim.

— Eu farei muito mais, querida. — Sua voz rouca, cheia de promessas que mais pareciam ameaças, me deixou ainda mais excitada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Corri meu dedo médio por toda a minha extensão, esperando que ele pudesse substituí-lo pelo seu membro logo. Andreas tirou sua boxer, revelando seu pau, me deixando sedenta para chupá-lo ali mesmo. Ele logo entrou na banheira e me puxou para os seus braços e quando eu estava posicionada em suas pernas, sua mão tomou o lugar da minha, acariciando-me languidamente e causando arrepios em todo o meu corpo.

— Oh! — Gemi alto, deixando a minha voz ecoar por todo o banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

Ele enfiou dois dedos de uma vez só me fazendo jogar a cabeça para trás enquanto seu polegar se posicionava para acariciar meu clitóris com maestria.

— Pensei que estivesse cansada, Maxine.

— Afirmou em um tom debochado. Olhei em seus olhos e sorri rebolando em sua mão, apertando seus dedos.

— Para foder? Dificilmente. — Sussurrei de volta antes de assaltar seu lábios e beijá-lo com força, da forma mais indecente que eu conhecia.

Gemi em sua boca e ouvi-o fazendo o mesmo.

Sem aviso, ele tirou seus dedos de dentro de mim e direcionou seu pau em um impulso rápido, me fazendo gritar seu nome. Suas mãos apertaram a minha bunda, conduzindo os movimentos, me fazendo sentar nele com força e gemendo primitivamente. Eu podia ouvir os sons que engolia enquanto o beijava, podia sentir o meu peito vibrar a cada vez que ele soltava um gemido alto, dentro do nosso beijo.

De repente, uma de suas mãos acariciou a

fenda entre as minhas nádegas e seu dedo médio brincou com o meu outro buraco, girando ali, me levando a sentar em seu pau com mais força e gemer.

— Gosta disso, baby? Que eu mexa com a sua bunda?

Apenas gemi em resposta. A sensação era incrível.

— Vai me deixar foder a sua bunda um dia, não vai? Vai me deixar entrar por trás e fazer você

PERIGOSAS NACIONAIS

gritar o meu nome com muita força.

— Sim! — Gritei em resposta, praticamente querendo que ele fizesse o que estava prometendo naquele momento. Comecei a me movimentar com mais rapidez e força, fazendo ele rosnar e forçar seu dedo médio para dentro de mim. — Sim! Mais!

— Quer que foda você com o dedo? Cristo!

— Gemeu alto metendo seu pau delicioso com mais profundidade, quase me fazendo saltar. Mas antes que eu pudesse gozar, ele parou, tirou seu dedo que tão bem me fodia por trás.

PERIGOSAS ACHERON

Antes que eu pudesse protestar, ele me virou e ordenou:

— Fique de joelhos, baby, e segure com força na borda.

A névoa erótica não me deixou questionar nada, apenas fiz o que ele ordenou. Fiquei de joelhos, empinei minha bunda para ele e segurei nas bordas. Andreas parou atrás de mim e abriu minha bunda, pensei que sentiria seu pau, mas foi a língua que senti, chupando a minha boceta toda enquanto seu dedo voltava a brincar com a parte

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca explorada antes. Abri ainda mais minhas pernas e pedi:

— Seu pau, Andreas! Quero ser fodida por ele.

— Deixe-me brincar.

— Não, eu vou gozar assim... — eu sequer tinha ar para falar. — por favor!

Ele fez o que eu pedi, e quando me invadiu com seu membro, eu quase gozei imediatamente.

— Forte! — Gritei.

PERIGOSAS ACHERON

Andreas me firmou no fundo da banheira e segurou as laterais da minha bunda com firmeza enquanto investia com força, não demorou muito mais para que eu tivesse o maior orgasmo da minha vida.

Se a cada transa ele conseguisse me dar mais prazer, tive certeza de que morreria em breve. Em seguida ouvi sua voz chamando meu nome enquanto gozava forte também. Ficamos parados naquela posição por alguns segundos até que ele saiu de mim e sentou-se do outro lado. Suas mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

foram para os meus quadris e me puxou para perto dele.

Gemi manhosa, me aconchegando em seu peito enquanto ele alisava meus braços de forma carinhosa. Um beijo foi dado em meu pescoço me fazendo sorrir com o seu gesto de carinho.

— Agora eu imagino que você esteja cansada — murmurou em meu ouvido. Provando o seu ponto, gemi novamente e me aconcheguei ainda mais em seu peito. — Woody?

PERIGOSAS ACHERON

— Uhm?

— É bom ter você aqui.

— É bom estar aqui, Andy.

CAPÍTULO DEZESSETE

MAXINE

Café da manhã na varanda. Mais uma coisa que nunca nem sonhei em fazer na vida.

Se eu esticasse o meu pé, molharia ele na piscina de borda infinita do seu quarto. Estávamos muito próximos dela enquanto degustávamos nosso belo desjejum. Na verdade, não era bem café da manhã, uma vez que acordamos depois de meio dia. A noite anterior tinha sido passada em claro, Andreas e eu esquecemos a pizza e nos perdemos

PERIGOSAS ACHERON

um no corpo do outro, como se nada mais existisse, apenas ele e eu. Quando acordei pela manhã, ele já tinha a mesa posta de frente para a piscina. Era realmente uma visão ver aquele homem, apenas de boxer branca, colocando uma única flor em um pequeno vaso no meio da mesa. Quase como um comercial de roupa íntima masculina.

Se ele costumava fazer aquilo para todas as garotas, eu não sabia. Honestamente, nem queria saber. Queria acreditar que todo aquele mimo era para mim exclusivamente. Nunca tinha sido tratada

PERIGOSAS NACIONAIS

de tal forma, estava feliz por aquela demonstração de afeto.

Andreas pressionava inúmeros botões em mim, sentimentos e mais sentimentos controversos despertados em momentos como aqueles. Pouco tempo havia se passado desde que nossos olhares se cruzaram naquela boate, mas sempre que estávamos juntos, parecíamos tão íntimos quanto um casal de anos de relacionamento. Aquilo me apavorava ao passo que me transmitia confiança, prazer, animação e esperança.

PERIGOSAS ACHERON

E era a esperança que mais me apavorava.

— Me conta mais sobre isso. — Instigou ele, me tirando de meus pensamentos contraditórios enquanto fazia um sanduíche de panquecas com cream cheese no meio. Andreas estava tentando tirar mais informações de mim. Olhei-o enquanto preparava aquilo com atenção e mesmo assim se mantinha focado no que eu estava falando.

— Bem, não há muito mais para contar — desdenhei da minha história. — A faculdade realmente serviu para o propósito de aprender —

expliquei recebendo de suas mãos o sanduíche esquisito. — Namorei um pouco, mas realmente fui focada, especialmente precisando de bolsa de estudo para a escola de medicina.

Finalmente dei uma mordida na invenção de Andreas e não consegui disfarçar a revirada de olhos e o gemido enquanto sentia o gosto delicioso daquilo. Ele me olhava divertido enquanto eu me deleitava com aquela delícia.

— Gostoso, hein? — perguntou. Mas realmente não tinha necessidade de resposta. Minha

PERIGOSAS NACIONAIS

cara e meus gemidos enquanto eu devorava a sua invenção deixava claro para ele.

— Uhum! — resmunguei enquanto continuava a mastigar.

— Então — introduziu, obviamente voltando ao assunto —, você falou de bolsa, uma pessoa tão inteligente deveria ganhar bolsas na faculdade.

Afirmou como se fosse algo óbvio.

— Eu ganhei, mas nunca foi o suficiente. —

Dei de ombros como se não fosse grande coisa.

PERIGOSAS ACHERON

— E seus pais não puderam ajudar? — Seu tom era mais cauteloso quando fez a pergunta.

Andreas era perspicaz. De alguma forma ele sabia que poderia ser um assunto delicado para mim. E realmente era. Geralmente eu não falava sobre aquilo.

Quando digo *geralmente*, me refiro a *nunca*.

Entretanto, antes que eu pudesse me calar, estava contando parte de minha história para ele.

— Meus pais realmente não estão em minha vida.

Andreas me fitou fixamente, certamente esperando pelo resto da história.

— Minha mãe morreu quando eu era muito nova e meu pai me abandonou logo em seguida. — Procurei manter o tom displicente, mas realmente era uma conversa que machucava, então fui honesta. — E gostaria de não falar sobre isso, vamos falar de você no lugar.

Sorri, tentando amenizar minhas últimas palavras para que ele não pensasse que eu estava sendo rude. Andy assentiu, parecendo entender o

PERIGOSAS NACIONAIS

meu pedido, mas prontamente mudou o assunto.

Não estava particularmente animado.

— O que achou das panquecas?

— É delicioso. — elogiei. — Nunca comi panquecas assim.

— É algo que eu faço desde criança. —

Sorriu explicando, seus olhos mudaram levemente, ficando menos relaxados e mais maliciosos, analisaram meu rosto com interesse exagerado.

— O quê? — Quis saber o que tanto ele pensava.

PERIGOSAS ACHERON

— Que tal a gente discutir sobre o que faremos hoje? Prefere sair ou ficar aqui em casa?

Era a segunda vez que ele falava casa como se fosse um lugar nosso. Incomodava-me a forma como eu gostava quando ele dizia aquilo.

— Eu preciso ir para a meu apartamento, Andy. — Soltei o último pedaço do que estava comendo no prato em minha frente e peguei o copo de suco de laranja em seguida. Olhei para a mesa toda finalmente percebendo o quão elaborado era o café da manhã. — Como encontrou tempo para

fazer tudo isso? Você tem uma empregada?

— Eu tenho um serviço de quarto — respondeu prontamente, mas voltou para o assunto anterior. — Por que não fica aqui comigo? Você precisa voltar ao hospital só depois de amanhã, de qualquer maneira.

— Você tem serviço de quarto? Isso é um hotel? — Olhei em volta tentando identificar características de hotelaria no ambiente.

— É um apart-hotel — explicou —, eu possuo este apartamento e mais dois em andares

inferiores. Agora, por favor, responda: Por que não pode ficar aqui comigo?

Fitei-o seriamente. O que ele queria, que eu ficasse com ele o tempo inteiro?

— Tenho meu próprio lugar, Andreas — disse. — Pode não ter uma piscina de borda infinita ou um chuveiro quente com quatro saídas de água, mas é minha casa e é o que posso pagar no momento.

— Sobre isso... Sua dívida...

Merda! Eu não queria falar sobre aquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que meu apartamento era precário, o chuveiro não funcionava e eu gastava um absurdo em aromatizantes para acabar com o cheiro de mofo, mas ainda era a minha casa e eu me sentia confortável lá, precisava me esforçar para deixar tudo agradável, é claro, mas era o meu refúgio. Eu tinha lutado para conseguir me firmar. Doug tinha falado uma vez que eu deveria vender a casa dos meus pais, mas a casa não era minha para ser vendida. Meu pai ainda aparecia quando alguma namorada o chutava. E para ser honesta, eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria nada que viesse daquele lugar.

Lembrar da minha mãe doía porque ‘o destino’ quis que ela fosse embora cedo, arrancou ela dos nossos braços quando eu era uma criança. Lembrar do meu pai doía porque ele não foi arrancado dos meus braços, não me deixou porque a porra do destino queria, ele simplesmente nunca me quis por perto.

Ele tinha raiva do que havia acontecido e a solução foi me culpar por tudo e depois da morte de mamãe, se afogar em bebidas era tudo o que sabia

PERIGOSAS ACHERON

fazer. As raras vezes em que ele ficava sóbrio era para me dizer que eu incomodava, dava despesa e que nunca conseguiria ser ninguém na vida.

Então, quando Andreas tentou conversar comigo sobre minha dívida, o medo da história pender para o lado mais dolorido do meu passado me fez interrompê-lo e aceitar ficar com ele.

— Eu gostaria de ficar! — exclamei rapidamente. — Aqui, se você não se importar. Não quero sair, até porque não tenho roupa.

O sorriso de Andreas era animado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou pedir para o serviço de quarto vir buscar as suas roupas para lavar e você... — Seu olhar desceu para o que eu vestia e sua voz abaixou algumas oitavas, se transformando em uma rouquidão sexy — pode apenas ficar nua.

Revirei meus olhos para ele e bufei antes de tomar mais um gole do meu suco.

— Tudo bem, você pode ficar com uma roupa minha.

— Oh! Tão gentil. — Brinquei, batendo meus cílios para ele. Como uma donzela.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu posso ser gentil, Woody, mas algo me diz que você me prefere bruto.

Lá estava, a maldita piscada que me deixava prontinha para ele.

**

.

— *Quando vou te ver outra vez?*

— *Hoje à noite, quando você sonhar.*

Gargalhei com a cantada do Ken para a Barbie em Toy Story três. Estávamos na cama de

Andreas, nus, abraçados e assistindo os três filmes da franquia Pixar, enquanto ele acariciava minhas costas levemente.

Andreas se mostrava um perfeito amante, mas se eu negasse que ele daria um excelente namorado também, seria uma cadela injusta e mentirosa. Eu estava me deixando levar por ele, pouco a pouco relaxando, deixando ele entrar no meu coração.

Então, sim! Perigoso.

O que eu faria?

Lembrei-me daquela imagem de nós dois na cama, assistindo desenhos, nos comportando como adolescentes apaixonados e me senti vulnerável novamente, como se estivesse na cama com ele agora. Porque eu deveria estar focando no trabalho e não lembrando de como suas mãos fazem o melhor carinho do mundo.

Embora não gostasse de me sentir daquela forma, Andreas também me dava novas possibilidades de sentimentos. E com o passar dos dias, passei a perceber que eu gostava mais de tudo.

Amava a medicina. Sempre fui apaixonada pela minha profissão, entretanto, eu tinha mais energia, disposição para estar em mais procedimentos, não reclamava quando me designavam para uma tarefa que não gostava. Eu tinha pouco tempo para Andy. Meus plantões eram loucos e, às vezes, eu nem conseguia vê-lo durante a semana. Nos falávamos por eventuais textos, alguns áudios. Sempre muito íntimos, como se fossemos mais do que duas pessoas que transavam porque tinham uma química incrível juntos. Era

mais. Quando estávamos juntos era como uma explosão, conseguíamos um dia juntos no máximo, então preenchíamos com sexo. Quando ele tentava saber algo sobre mim, eram coisas superficiais, como minha cor favorita, o motivo de eu preferir Aerosmith no lugar de Rolling Stones, nunca nada profundo. E eu estava agradecida por aquilo.

— Madeline! — Dean exclamou ao meu lado.

— Ai, o quê? — Pulei assustada.

Ele e Pamella riram enquanto tomavam suas

bebidas. Estávamos no café em frente ao hospital, apreciando um pouco de tempo livre antes que um de nós fossemos bipados novamente.

— Combinamos de tomar um café e colocar as novidades em dia, e você está aí, sonhando acordada. — Dean implicou fazendo Pam rir ainda mais.

— Ela está pensando no namorado dela, Dino. — Ela o chamava daquela forma tinha algum tempo, apenas para provocá-lo, mas Dean parecia gostar. Aliás, o homem puta do hospital parecia

PERIGOSAS NACIONAIS

gostar demais de tudo o que Pam fazia, mas ela estava nem aí para o cara.

— Para, Pam! Eu estava apenas...

— Pensando no cara, eu sei...eu sei...está apaixonada por ele.

Revirei os olhos.

— Não estou apaixonada por ele. Estamos saindo, nos divertindo juntos.

— Não demora muito começam os gestos cinematográficos de demonstração de amor. —
Retrucou ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Do que está falando?

— Grandes gestos. — Ela deu de ombros.

Dean ficou tão interessados quanto e se virou em sua direção para saber mais. — Flores, pichação em muros, surpresas aleatórias, aviões no céu com faixas escrito feliz dois meses de namoro, essas porras.

Bufei e peguei meu café bebendo um gole antes de falar.

— Primeiro que não estamos namorando.

— Apontei com firmeza. — Segundo que estamos

nos vendo há três meses, mas não temos nada sério, então ninguém está contando ou planejando nenhum gesto deste como você está falando.

No timing perfeito, recebi uma mensagem de Andreas.

Andy: *Lembra quando você mencionou que teria aqueles três dias inteiros de folga?*

Woody: Sim.

Andy: *É daqui um mês, não é?*

Woody: Sim de novo. Só preciso preencher o dia que vou querer.

Andy: *Que tal ir para Miami comigo no segundo final de semana do mês?*

Woody: Miami? Está louco, Andreas?

Andy: *O quanto você ama Aerosmith?*

Woody: Você sabe que eu sou louca pela banda.

Andy: *Vou perguntar novamente: Quer ir para Miami comigo assistir ao show do Aerosmith?*

Woody: SIM DE NOVO!

Respondi em êxtase. Mas então percebi.

— Pam? — chamei ainda olhando para a tela do meu telefone.

— Hum?

— O cara te levar para o final de semana

PERIGOSAS NACIONAIS

em Miami para ver o show da sua banda favorita,
se enquadra como um grande gesto?

— Pode ter certeza que sim, garota! —
exclamou animada.

— Puta merda!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZOITO

MAXINE

— Só se você assinar todos os meus prontuários por um mês e fizer as minhas rondas quando pegarmos plantões juntos. — Ethan Bonnet barganhou e se ele tivesse me pedido o meu primogênito, acho que teria dado. Porque ele estava trocando comigo o plantão do final de semana para que eu pudesse ir para Miami com Andreas, assistir ao show do Aerosmith e curtir as praias. Acabou que ele também tinha direito ao final de semana

PERIGOSAS NACIONAIS

todo, e já havia escolhido o segundo final de semana, logo, eu tive que correr para convencê-lo a trocar comigo.

Estava tão empolgada!

Primeiro porque eu nunca tinha pisado fora de Springfield a não ser para estudar. Depois fui para Nova Iorque para trabalhar, viajar não estava exatamente no topo da minha lista de prioridades.

Segundo que: Caramba! Aerosmith!

Eu era super fã dos caras e não perderia a oportunidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bem, para ser honesta, se fosse algumas semanas antes, eu provavelmente teria negado. Mas com o passar dos dias, sem perceber, comecei a ceder a cada um dos encantos de Andreas, tudo bem, talvez eu soubesse que estava cedendo, mas não estava me importando.

Coisas simples me fizeram ceder, como enviar mensagens dizendo que estava pensando em mim acompanhadas de gifs do Toy Story. Me ligar no fim do dia, mesmo sabendo que talvez eu não pudesse atender. Algumas noites eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente exausta demais e ia direto para casa, ele respeitava aquilo, muitas vezes ele estava na boate, cuidando dos negócios, e mesmo assim dava um jeito de me ligar e desejar boa noite.

Pouco a pouco, eu fui colocando a voz do meu pai para escanteio. Sem perceber fui me deixando levar pela fala mansa e sexy do cara com quem eu estava saindo há quatro meses.

E a ideia de comemorar os quatro meses de ‘não relacionamento’, como Andreas brincou, assistindo ao show do Aerosmith foi o último ato

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

incentivador para que eu colocasse meus medos de lado.

Claro que minha carreira era o mais importante ainda, meu objetivo continuava. O de não ter que contar os centavos para comer, ou de morar em um bairro perigoso novamente, ser médica, salvar vidas, evitar que outras crianças fossem abandonadas pelos seus pais, evitar que maridos perdessem a vontade de viver porque perderam suas esposas e principalmente, saber que eu era alguém sim.

PERIGOSAS ACHERON

Você não é nem será ninguém na vida!

Aquela frase me atormentava, mas desde que Andy apareceu, ela aparecia com muito menos frequência.

Então sim, eu troquei de plantão com o doutor Bonnet apenas para me divertir com o cara com quem eu estava saindo.

— Hey, Madeline, acidente na emergência, você vem? — Dean correu e passou por mim enquanto falava, me tirando dos meus pensamentos adolescentes sobre o cara gostoso que continuava

querendo sair comigo mesmo depois de tanto tempo.

— Logo atrás de você! — respondi já correndo.

Quando cheguei à emergência, a comoção era enorme.

— Homem, trinta e três anos, dirigia sem cinto de segurança, pulso periférico em noventa, está com taquicardia. Aferição treze por oito. Rigidez abdominal. — O paramédico ditava enquanto entrava com o paciente pelas portas de

emergência.

— Tudo bem, direto para a cirurgia, Madeline, você auxilia. — Um dos atendentes informou me fazendo sorrir. Finalmente estavam me deixando participar das cirurgias. Dean também sorriu, me apoiando, soltou a maca e colocou os dois polegares para cima enquanto eu me afastava em direção ao bloco cirúrgico.

Era um bom dia!

**

A sexta-feira chegou rápido. Uma vantagem

PERIGOSAS NACIONAIS

para quem é médico interno. A gente trabalhava tanto que sequer via o tempo passar. Tomei banho no vestiário. Tinha levado minha mochila para o hospital na quarta. Mais cedo, assinei meu protocolo de sobreaviso e entreguei meu telefone funcional. Depois do primeiro trimestre de internato, nós começávamos a ter algumas “mordomias”. Um final de semana por mês tínhamos direito de folga sem qualquer sobreaviso. Isso significava que naquela determinada folga, estávamos realmente livres do hospital.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os outros períodos de descanso sempre eram com sobreaviso, ou seja, mesmo no conforto de nossas casas deveríamos estar disponíveis para qualquer emergência. Nunca havia acontecido comigo, mas não queria arriscar ter a minha primeira chamada de emergência fora do plantão estando em Miami, no meio do show do Aerosmith, ou mesmo no meio de um dos orgasmos alucinantes que Andreas me prometeu naquele final de semana.

Afirmei que já recebia muitos orgasmos

PERIGOSAS ACHERON

alucinantes dele, mas Andreas garantiu que poderia fazer muito mais e melhor.

Quem era eu para duvidar?

Aquela promessa de orgasmos alucinantes provavelmente envolvia a minha bunda também. Tinha um tempo que ele estava prometendo fodê-la.

E eu estava esperando ansiosamente por aquilo.

Coloquei um vestido confortável de verão que comprei em uma ponta de estoque. Era bonito,

floral em vários tons de rosa com o fundo branco. Sequei meus cabelos o máximo que pude e os deixei soltos. Nos pés coloquei um tênis branco simples, realmente me senti bonita e pronta para sair de ‘férias’. E principalmente, queria agradar Andy.

Para ser honesta, não sabia se o agradaria realmente, ele já tinha dito que eu ficava sexy em roupa de médica e um pecado no vestido de paetê azul que eu estava vestindo quando nos vimos pela primeira vez, mas realmente não conhecia os gostos

PERIGOSAS NACIONAIS

dele. Nós não costumávamos conversar sobre nossas vidas. Nunca ia mais do que o superficial.

Principalmente porque eu me negava a lhe dar informações e ele fazia o mesmo apenas para se vingar de mim. Com o tempo, aprendemos a falar sobre amenidades. Gosto para comida, questões do trabalho, falávamos de outras pessoas, mas nunca sobre nós. Quatro meses juntos, transando e passando tempo, mas nunca realmente nos abrindo.

Ele queria, a problemática era eu, ele respeitava, contudo, sabia que estava me tratando como uma

PERIGOSAS ACHERON

cebola.

Tirando uma camada de cada vez.

E quando ele finalmente disse que ia me levar para comemorar nosso quarto mês de ‘seja lá o que fosse’ em Miami, assistindo ao show do Aerosmith, bem... O cara meio que cortou a cebola ao meio.

Coloquei a mochila sobre meu ombro e registrei a minha saída no ponto eletrônico quando vi a comoção na emergência. Uma jovem mulher estava passando mal e sendo empurrada em uma

cadeira de rodas. Dean era aquele que a carregava para dentro de uma das salas.

— Aqui — colocou a identidade dela sobre o balcão —, procure o número de segurança social dela e ligue para o contato de emergência — pediu para o enfermeiro.

— Tudo bem. — Ouvi a resposta e logo o homem digitava os dados da paciente. Estava pronta para ir quando o ouvi murmurar o nome do contato. — *Andreas Collins*.

Quantos Andreas Collins moravam em

Nova Iorque?

— O que disse? — Me apoiei no balcão
mirando o enfermeiro.

— Só o nome do contato — disse ele
terminando de discar.

— Pode repetir, por favor? — solicitei.

— Andreas Theon Collins — repetiu —,
esposo de Sophie Kellerman Collins.

— Me diga o número de telefone — ordenei
sentindo um nó imenso se formar em minha
garganta. Não havia necessidade de ele dizer o

número, sabia, sentia que era ele.

Ele ditou o número e foi como um murro,
bem no meio da minha cara.

**

Para ser médico, é necessário ter pronta
resposta para tudo. Travar diante de uma situação
poderia custar a vida de uma pessoa. Desta forma,
com o tempo, aprendemos a sempre reagir de forma
fria para salvar alguém.

Eu reagi, mas não foi de forma fria.

— Ele não está atendendo — murmurou o

enfermeiro enquanto batia o telefone. — Vou tentar em alguns minutos.

Enquanto eu andava em direção à rua, onde eu sabia que ele estaria, a voz dentro da minha mente continuava a dizer:

Viu? Foi amolecendo, perdendo o foco e deu nisso!

A outra voz dizia.

Você é exatamente como a sua mãe!

Eu podia ouvir também a minha respiração pesada, ofegante. Quase um bufo de touro bravo.

Era mais fácil do que ficar triste.

Assim que saí do hospital, avistei ele parado do lado de fora do seu carro. Por um momento contemplei a sua beleza e senti como se meu peito estivesse sendo esmagado, então caminhei em sua direção.

— Hey! Pronta para o melhor final de semana da sua vida?

Fechei meus olhos e respirei fundo. A decepção estava tomando conta de mim, de uma forma que eu nem conseguia mensurar.

— Não está atendendo o seu telefone? —
perguntei mantendo uma distância segura.

— Está no carro. — Seu sorriso caiu
quando ele percebeu que eu não parecia muito
empolgada. — Você me ligou?

Seu cenho franziu enquanto ele enfiava a
mão pela janela para pegar o seu telefone.

— Eu não — respondi, ajeitando a mochila
no meu ombro e desviando os olhos dele. — O
hospital, sua *esposa* acabou de dar entrada.

Seu cenho franziu sem entender por um

momento até que finalmente pareceu lembrar.

— Sophie? — Sua voz parecia apavorada quando ele falou o nome dela.

Então era verdade mesmo. Ele era casado com ela.

— Eu espero que ela fique bem, não sei o que aconteceu — expliquei —, uma vez que eu não estava trabalhando. Também não seria ético, não? — debochei, mas meu peito doía. E eu me sentia mais estúpida. — Não é saudável para o paciente ter a amante do seu marido tratando dela.

— O quê? — Ele parecia confuso e aflito.

— Me esquece, Andreas. — Minha voz era monótona, mas por dentro eu estava um caco.

Você é exatamente igual a sua mãe!

A voz bêbada e desdenhosa dele ecoou na minha mente.

— Max, espera! — Pediu enquanto eu me afastava dele e andava em direção ao metrô. Eu conseguia ouvir seus passos largos e barulhentos em minha direção, atrás de mim. — Maxine, pare!

Não parei.

Então, senti sua mão em meu braço, me fazendo travar meus passos. Me puxando para que eu olhasse para ele, Andreas se postou em minha frente e olhou diretamente em meus olhos.

— Você não vai fugir de mim, Maxine.

— Me solta, Andreas, me deixa! — Pedi, sentindo as lágrimas traidoras querendo formar piscinas em meus olhos. Eu não podia chorar! Não valia a pena. Nada daquilo.

— Desculpa, Woody, não posso deixar você ir, não quando gosto tanto de você. — Então ele me

beijou. Seus lábios tomaram os meus e eu sequer consegui afastá-lo. Deixei que suas mãos dançassem pelo meu corpo enquanto sua língua invadia minha boca e tomava as minhas palavras.

— Você *precisa* ser minha, Woody. Então, pare de fugir de mim, cacete! — disse assim que nossas bocas se separaram. Sua testa encostou na minha e olhando dentro dos meus olhos finalizou: — Agora vamos desfazer este mal entendido.

— Mal entendido?

— Sophie não é minha mulher. Não mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pontuou.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZENOVE

ANDREAS

— Sophie não é minha mulher. Não mais.

— Fui categórico, e se não soubesse que ela provavelmente correria teria completado: *Minha mulher está bem aqui, na minha frente.*

Mas não disse nada. Não queria correr o risco de perder Maxine quando ainda nem a tive.

Independente do que Sophie estava fazendo no hospital, ela não era mais a minha esposa e eu não deixaria Maxine partir. Pegando a sua mão

firmemente na minha, passei a andar em direção ao prédio.

— O que está fazendo, Andreas? — ela perguntou tentando travar seus passos.

— Estamos entrando no hospital, eu vou verificar se minha *ex-esposa* está bem e ligar para o meu *ex-cunhado* para vir verificá-la e depois vou pedir para que ela tire meu nome do seu contato de emergência uma vez que faz mais de um ano que assinamos os papéis do divórcio.

— Eu não vou entrar no meu local de

trabalho com você para ver a sua esposa. —

Afirmou parando e soltando a minha mão.

— *Ex!* — exclamei, dando a ênfase que ela não deu. — Eu não vou correr o risco, você entra e aguarda dois segundos. Por favor, Woody?

Seu olhar ainda era medroso, mas eu não desistiria de tudo o que planejei para nós naquele final de semana, Maxine seria minha da única forma que ainda não era.

De coração.

Sabia que ela tinha questões mal resolvidas

PERIGOSAS NACIONAIS

em sua vida, e que o trabalho para fazê-la se abrir ainda seria longo. Mas nos encontrarmos para sexo casual não nos possibilitava entrar na vida um do outro a fundo. Era sexo, afago e parávamos por aí. Queria mais. Ansiava pelo companheirismo, pelas conversas profundas, almoços com minha família, amigos em comum. Eu queria um relacionamento de verdade. E naquele final de semana eu daria um passo importante com ela seja para ir em frente ou recuar.

Mas é claro que algo tinha que dar errado.

PERIGOSAS ACHERON

De toda Nova Iorque, Sophie tinha que passar mal e ir para o Mount Sinai. Perfeito.

Maxine pareceu aceitar o meu pedido e me acompanhou até o hospital, mas parou na recepção e se manteve lá enquanto eu entrava para falar com Sophie.

— Hey, você! — exclamei ao mesmo tempo em que bati na porta do quarto.

— Andreas? — Minha ex-esposa franziu o cenho parecendo não entender o que eu estava fazendo ali. — O que está fazendo aqui? —

perguntou.

— Você não trocou seu sobrenome, lembra?

E nem me tirou dos seus contatos — expliquei, entrando no quarto e fechando a porta atrás de mim.

Sabia que ela manteria meu nome por questões burocráticas, ela tinha ficado com alguns investimentos na partilha de bens e pareceu mais prático manter meu sobrenome do que modificar todos os documentos. Mesmo assim, comentei para cutucá-la sobre o assunto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, meu Deus! Me desculpe, Andy! —

Pedi genuinamente.

Aproximei-me dela e lhe dei um abraço rápido.

— Tudo bem, apenas resolva — disse me sentando na cama — O que você faz aqui, afinal?

— Tive uma indisposição, minha pressão caiu enquanto eu dirigia, simplesmente parei aqui, nem consigo me lembrar de como — contou. —
Estão me levando para alguns exames.

— Bem, se precisar de algo...

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada! Mas como chegou tão rápido?

— questionou.

— Eu já estava aqui, na verdade. —
informei sorrindo, ela gostaria de saber que eu tinha
uma nova pessoa.

— Sente-se bem?

Perguntou preocupada.

— Estou sim, minha namorada trabalha
aqui, vim buscá-la para o final de semana. — Não
era mentira. Eu pretendia fazer de Maxine a minha
namorada o mais breve possível, apenas achei mais

prático dar aquela nomenclatura ao explicar as coisas para Sophie.

Um sorriso feliz se fez nos lábios de Sophie e aquilo também me fez sorrir. Ela estava feliz por mim. Quando nosso relacionamento terminou, apenas um de nós não amava mais. Ela.

Eu ainda sofri por um tempo.

Ver a facilidade com a qual lhe contei sobre Max, provavelmente tirou um peso da consciência de Sophie e bem, da minha também, pois provava o que eu já sabia. Superei aquela mulher, e estava

realmente apaixonado por Maxine.

— Isso é legal, Andy. Estou feliz por você

— disse sinceramente.

— Mas você me causou um transtorno, no entanto — detalhei —, ela pensou que ainda éramos casados e que estava fazendo o papel da outra porque eu estava no seu seguro social listado como contato de emergência, *e* marido.

— Droga! Me desculpe — pediu mortificada.

— Está tudo bem, vou esclarecer tudo —

falei —, eu preciso ir de qualquer forma. Fique bem. — Beijeí sua testa e me afastei satisfeito.

Tudo o que senti por Sophie foi carinho.

**

Encontrando Max na recepção, peguei sua mão e a levei para fora.

— Ela está bem? — ouvi ela perguntar e parei no meio do caminho para o meu carro.

Sorri encantado para o fato daquela garota realmente ser do bem. Ela estava chateada, pois foi pega de surpresa, mesmo assim, estava preocupada

com a minha ex.

— Está — comentei simplesmente. —

Podemos ir para o aeroporto agora?

— Não sei se tenho clima para Miami agora, Andreas — disse, esfregando as mãos em seus olhos, como se estivesse cansada.

— Eu sempre faço você entrar no clima, baby. — Me aproximei, finalmente olhando com mais atenção para o que ela vestia, como sempre, deliciosa. Estava simples naquele vestido floral e par de tênis, mas ainda assim uma visão deliciosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei ainda mais perto e retirei sua mochila do ombro. — Vamos, Woody, você já sabe que falei a verdade.

— Mesmo assim, Andreas. Você poderia ter me contado que já foi casado — ralhou.

Minhas sobrancelhas se ergueram e senti vontade de gargalhar da sua cara.

— Sério, Maxine? — questionei — Eu deveria ter contado a você? E o que exatamente você tem me contado?

Por um momento pensei que tinha colocado

PERIGOSAS ACHERON

tudo a perder com aquela declaração. Max ficou me olhando por vários segundos, seus olhos tinham um brilho estranho. Geralmente eu conseguia ler suas reações imediatas, mas naquele momento ela apenas me analisava de forma enigmática.

Quando ela falou, me surpreendeu.

— *Touchè!* — exclamou, envolvendo seus braços em minha cintura e me abraçando. — Desculpa — pediu com sinceridade. — Eu... eu não costumo... — Ela se separou de mim e ajeitou o vestido e os cabelos sem me olhar. — Eu não sei,

Andreas. Eu não sei de mais nada.

Fiquei em silêncio assistindo a guerra travada dentro dela. Aquela garota tinha feridas imensas, era nítido pela forma como ela tentava se fazer resistente a mim.

— Que tal nós irmos para Miami? — perguntei, tentando tirar a sua mente de suas dúvidas e medos. — Eu vou fazer você esquecer de todas as suas preocupações.

Voltei a me aproximar dela e beijei seus lábios com delicadeza. Ela ainda parecia um tanto

tensa.

— Vamos, Max... pare de lutar, baby. —
sussurrei em seus belos lábios, acariciando eles
com leveza, causando nela as sensações conhecidas
por nós dois

Max não respondeu ou assentiu, mas eu
sabia que ela tinha concordado quando seu pequeno
corpo relaxou contra o meu. Então, eu também
relaxei. Meu plano ainda estava em pé.

**

Ela parecia um tanto deslumbrada quando

saímos do carro em frente ao avião particular da Colt. Pedi a Dashier para me emprestar durante o final de semana, embora ele estivesse bravo comigo pela atitude que eu havia tomado nos últimos dias, concordou em me emprestar, contanto que eu consertasse o que havia feito.

Eu não consertei.

Mas ele ainda não sabia disso.

Não tive tempo de falar com Quinn sobre o assunto, mas tinha certeza que o fofoqueiro do meu melhor amigo daria um jeito de contar para a

esposa.

Fechando os olhos com força afastei as palavras de Dashier da minha mente e procurei focar apenas em Maxine.

— Já viajou de avião antes? — perguntei enquanto caminhávamos em direção a tripulação que nos aguardava. Ela simplesmente negou com a cabeça sem verbalizar a sua resposta. Estava sendo resguardada. Ou, novamente, estava travando uma luta em sua mente.

Ela talvez pudesse pensar que não, mas eu

sabia do esforço que Maxine estava fazendo para se manter naquela relação. Mesmo que fizesse questão de deixar claro que não éramos nada além de amigos com benefícios, eu podia ver que, por puro medo, ela temia estar comigo em algo mais profundo. Como se caminhasse em um chão cheio de sabão. Se equilibrando para não escorregar e cair.

Eu não tinha conseguido deixar claro ainda que: Se ela caísse, eu estaria lá, pronto para pegá-la.

Isso mudaria.

Assim que entramos no jato particular, entreguei sua mochila para o comissário e a ajudei a se acomodar na minha frente. Queria que ela ficasse ao meu lado, mas eu pretendia contar-lhe sobre mim, e queria que ela olhasse em meus olhos para isso. Ela sentou-se e tentou não deixar seus olhos fugirem para o espaço. Ela tentava ser discreta e não aparentar deslumbrada e só isso me fazia admirá-la ainda mais. Max não queria interpretar um papel, ela apenas não queria ser

PERIGOSAS NACIONAIS

como as outras garotas. Quando me sentei em sua frente, respirei fundo.

— Está com medo de voar? — questionei preocupado.

Maxine apenas maneou a cabeça em negação.

— Não tenho medo.

— Tudo bem — resmunguei chamando o comissário em seguida. — Um uísque para mim e...

— olhei para Maxine — O que vai querer beber?

— Água.

PERIGOSAS ACHERON

— Temos a 420, a Veen e a Perrier, senhorita. — O comissário apresentou as escolhas me fazendo fechar os olhos em frustração.

— Pedi água, não vinho. — Max replicou sem entender. Me olhou com confusão.

— Traga qualquer água, sim? — Solicitei e o comissário saiu.

— O que foi isso?

— Ele estava lhe apresentando as águas disponíveis, Dashier costuma ser um cara simples, mas como ele viaja muito com grandes

empresários, precisa de coisas mais sofisticadas.

— Como vinhos? — Max emendou.

— Também, mas o que o comissário estava oferecendo era realmente água — expliquei — A 420 vem da Nova Zelândia, a Veen é da Finlândia, são mais caras.

Max revirou os olhos e murmurou algo que eu entendi como: *Esnobe*.

— Que tipo de água você bebe? — perguntou ela, e quase senti como se fosse um teste.

— Eu bebo água que tiver, Woody, por

favor, não faça disso algo maior do que realmente é — solicitei delicadamente.

Seus ombros caíram e ela ficou muda por um tempo, seu rosto me dizia que ela estava chateada, mas quando finalmente falou, foi para se desculpar.

— Sinto muito, estou sendo difícil e você só quer me agradar.

— Tudo bem, baby. — Sorri para atestar que continuava com um bom humor para a nossa viagem.

— Então... — Ela iniciou um pouco incerta.

— Você foi casado?

— Eu fui casado. — Afirmar.

O piloto iniciou as coordenadas para levantarmos voo e só comecei a contar a história mesmo quando estávamos no ar.

— Conheci Sophie em meu último ano de faculdade. Eu estava trabalhando como um louco para me formar e cuidar da empresa de Dashier enquanto ele passava por alguns problemas

PERIGOSAS NACIONAIS

peçoais. Fiquei apaixonado muito rapidamente, não demorou mais do que dois encontros. — *Ao contrário de você que me enlouqueceu desde o primeiro olhar.* Pensei, mas não disse realmente. Estávamos voando e não tinha certeza se tínhamos paraquedas para ela fugir dali. — Nos casamos um tempo depois.

Max continuava prestando atenção em mim, nem piscava.

— Foram quatro anos, até que ela pediu o divórcio — disse em meio a um suspiro.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela pediu o divórcio? — Os olhos de Maxine eram enormes, seu rosto todo era uma careta de surpresa.

— Sim. Ela não estava feliz comigo, seu amor por mim há muito tinha ido embora — contei —, eu sequer percebi, trabalhava demais, dia e noite, quanto mais dinheiro eu gerava na Colt, mais empolgado ficava para fazer ainda mais. Sophie foi ficando sozinha, se *sentindo* sozinha, queria filhos, uma família com finais de semana em New Hampshire. Mas para que houvesse uma família, eu

tinha que estar presente.

— Sinto muito, Andreas. — Ela murmurou.

— Tudo bem, acho que não era para ser. —

Dei de ombros, incrível como era fácil falar do fim do meu casamento depois que conheci Max. —

Demorou um pouco para eu aceitar que ela não me amava mais, mas consegui ver que éramos jovens e teríamos outra chance.

— No entanto, ela ainda mantém o seu nome, será que não é algo...

— Acredite, Woody, Sophie não me ama

mais. Ela tem um grande carinho por mim e eu por ela, mas como amigos, não como um casal. Ela só mantém o meu nome por uma questão fiscal. Para evitar mais dor de cabeça sobre os bens que partilhamos e eu não vejo problema realmente. A única que ainda não superou nosso divórcio é a minha mãe.

— Mesmo?

— Sim, minha mãe tem problema com mudanças.

Maxine assentiu e ficou um tempo

pensativa. Eu podia ver a tempestade em seus olhos, sabia que sua cabeça estava tentando organizar tudo para evitar entrar em conflito com os seus sentimentos. Depois de um longo tempo finalmente falou:

— Eu posso tirar o cinto?

Relaxe, grato por não precisar convencê-la de não surtar.

— Pode, claro.

Max desafivelou o cinto e foi até mim, sentou-se em meu colo. Suas mãos enroscaram-se

PERIGOSAS NACIONAIS

em meu pescoço e os olhos fitaram os meus animadamente. Minhas mãos foram para a suas pernas e alisaram sua pele macia.

— Então não preciso me preocupar com sua ex-esposa correndo atrás de você, querendo reatar o casamento?

Neguei veemente com a cabeça antes que ela continuasse a falar.

— Não, baby. Inclusive ela sabe sobre você — contei.

— Sabe?

PERIGOSAS ACHERON

— Ela sabe que interrompeu o melhor final de semana de nossas vidas.

Max sorriu e aproximou o seu rosto do meu. Antes de me beijar disse:

— Só interrompeu por um momento — sussurrou. — Nosso final de semana acaba de começar.

Então seus lábios estavam nos meus. E foi assim até nossa chegada em Miami.

CAPÍTULO VINTE

MAXINE

Quando chegamos ao nosso destino, era noite. Eu ainda estava tentando ajeitar o meu cabelo quando entramos no carro que nos aguardava na pista de pouso. Depois de ter ouvido a história do casamento de Andreas, me dediquei a desfazer o mau humor que carreguei desde a hora em que conheci Sophie Kellerman. Nós nos beijamos, acariciamos e suspiramos enquanto conversávamos sobre outras coisas.

Tive medo que ele exigisse que eu falasse sobre mim, mas Andreas se mostrava cada vez mais compreensivo sobre os meus medos. Era inacreditável como ele conseguia perceber os meus conflitos e respeitava aquilo. A cada segundo que eu passava ao lado dele, mais o admirava e cedia.

Ele nos hospedou em um hotel cinco estrelas na Ocean Drive, eu procurei não pensar sobre quanto dinheiro ele estava gastando com tudo aquilo, mas quando vi o hall do hotel, quase tive um acidente cardiovascular. Era enorme, luxuoso,

PERIGOSAS NACIONAIS

coberto por mármore, pinturas de artistas conceituadíssimos, lojas absurdamente caras e pessoas pomposas para nos atender.

Dizer que me senti deslocada seria o eufemismo do ano, especialmente com a maldita voz na minha cabeça dizendo que eu finalmente estava de parabéns.

“Você vai fracassar em medicina porque médicos não servem para nada. Mas você é bonita como a sua mãe, vai conseguir algum trouxa para bancar você e vai usurpá-lo até ele não ter mais

PERIGOSAS ACHERON

nada.”

Quando chegamos à suíte, eu estava morta de vergonha com o mensageiro carregando em seu ombro a minha mochila esfarrapada. Por sorte, as roupas que eu tinha eram bonitas.

Simples, obviamente, mas bonitas.

Ele colocou a mochila em cima da mala obviamente extravagante de Andreas e se retirou assim que recebeu a sua gorjeta. Peguei minha mochila e abri para desamassar as roupas que havia levado, fui até o closet do quarto e as coloquei lá,

penduradas, enquanto fazia uma promessa a mim mesma.

Bloqueie a voz, Maxine! Bloqueie a maldita voz!

Continuei em silêncio enquanto analisava o local em que estava, era tudo tão bonito e sofisticado, mesmo o cheiro era diferente de tudo o que havia sentido. Entrei no banheiro e me deparei com a enorme banheira, apertei meus lábios e suspirei lembrando da hidromassagem na casa de Andreas, nos últimos meses nós tínhamos usado ela

bastante. Perguntei-me se usaríamos a do hotel também.

Minha resposta veio em segundos.

— Que tal um banho de banheira para relaxar? — A voz rouca dele, sussurrando em meu ouvido, enquanto sua mão retirava meus cabelos do caminho para o meu pescoço, me dizia que faríamos tudo, menos relaxar na banheira. Olhando-me através do espelho, ele beijou o meu pescoço me fazendo sorrir.

— Adoro *relaxar* na banheira — respondi,

encostando meu corpo no seu e empinando a minha bunda tentando alcançar a ereção que sabia que ele já tinha.

Suas mãos desceram imediatamente até a barra do meu vestido.

— Você está tão linda neste vestido — murmurou, suas mãos puxando a barra para cima até que o vestido estava fora do meu corpo. — Eu pirei quando vi você se aproximando, toda meiga.

— A peça de roupa foi jogada para longe e suas mãos voltaram para o meu corpo. Andreas puxou o

ar entre seus dentes enquanto olhava a calcinha que eu usava, seus dedos traçaram as laterais do meu corpo até chegarem ao cós da renda branca e simples. — Agora isso aqui, isso é para me deixar louco.

— É apenas uma calcinha branca. — Simplifiquei, assistindo ele brincar com a borda da minha roupa de baixo.

— Bem, é uma calcinha branca, *em você* — sua mão adentrou o tecido e se posicionou em forma de concha em meu sexo, cobrindo toda a

extensão —, portanto, linda. — Por fim, apertou meu núcleo me fazendo soltar um gemido.

— Você me deixa louca, Andreas — sussurrei, sentindo o meu corpo amolecer perto do seu. Minhas mãos foram para trás e esfregaram seu pau, já pronto para mim. Apertei seu membro, fazendo ele gemer meu nome. Seu dedo médio invadiu entre as minhas dobras e brincou com o meu clitóris fazendo-me aumentar o aperto em seu membro.

Sua boca passou a chupar a pele do meu

pescoço enquanto sua mão toda brincava com o meu sexo.

— Tão quente e molhada para mim, nunca coloquei as mãos em um corpo que virasse a minha cabeça como o seu faz, Maxine.

Como se suas próprias palavras o tivessem excitado mais, Andreas retirou sua mão e me virou para ele, sua boca atacou a minha enquanto ele pegou a lateral da minha calcinha e rasgou com facilidade. Abriu seu jeans e abaixou imediatamente, junto com sua boxer e me pegou

PERIGOSAS NACIONAIS

em seu colo. Antes que pudéssemos chegar até a cama, seu membro já havia escorregado para dentro de mim, nós gritamos enquanto ele me invadia com brutalidade. Suas mãos prenderam as minhas acima de minha cabeça esticando-me embaixo dele, sua boca chupou meus seios na mesma intensidade em que seu pau invadia o meu corpo.

Talvez nossos gemidos pudessem ser ouvidos na recepção, mas eu não me importei nem um pouco. E acho que Andreas também não.

Quando nos sentimos saciados, fomos para

PERIGOSAS ACHERON

a banheira e relaxamos lá. Daquela vez, foi ele quem relaxou em meu peito, enquanto eu o abraçava.

Conversamos sobre a boate, principalmente. Ele contou como conseguiu não ser processado por ninguém que esteve na boate naquela noite.

— Você provavelmente desembolsou uma nota federal — murmurei.

— Sim, fez um pequeno buraco nas minhas finanças, mas eu tinha que fazer o que era certo — explicou —, a falha na segurança foi culpa da

boate.

Sorri para a sua declaração.

— É louvável — disse e beijei a sua bochecha.

— Na verdade, cumprir com as suas obrigações não tem nada de louvável — retrucou, pegando a minha mão, entrelaçando nossos dedos e beijando-a em seguida.

— Você tem razão. — Concordei. — É uma vergonha que as pessoas não pensem assim, não assumam as suas responsabilidades sobre seus atos

e deveres.

— Você é assim também — afirmou —,
seus pais devem ter criado você muito bem...

Senti ele tencionar o seu corpo quando se deu conta do que estava dizendo. Eu tinha dado um breve resumo a ele sobre a minha vida há um tempo e deixado claro que aquilo era um assunto delicado e proibido por mim. Entretanto, por quanto tempo mais eu deixaria Andreas no escuro?

Estávamos juntos há meses, e eu continuava negando a ele fatos sobre minha vida, negando a

mim a possibilidade de desabafar com alguém que não fosse Doug. Com um suspiro, e realmente me sentindo bem para contar a ele, decidi me abrir.

— Por um tempo, sim. — afirmei, disposta a contar mais sobre a minha vida. — Até os quatorze anos eu fui criada pela minha mãe e bem, meu pai estava lá.

Eu esperei ele dizer algo, mas ele se manteve imóvel. Obviamente esperando que eu terminasse, então lhe contei sobre o câncer e sobre como meu pai simplesmente me deixou à deriva.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por sorte, eu tinha Doug.

— Doug?

— Sim, o vizinho de porta, Doug Fletcher.

— contei. — Admirador de James Brown, perdeu sua esposa cedo, Mina era seu nome. Ele me dava o que comer e dinheiro para coisas básicas da escola.

— Sorri tentando desfazer o nó dolorido em minha garganta. — Ele me pagava cinquenta dólares por semana para eu varrer dez metros quadrados de jardim. Era apenas para me ajudar. Para eu conseguir ao menos comer. Com a ausência do meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pai, e ele pegando carros para consertar na oficina apenas o suficiente para manter as contas e a sua bebida, meus recursos eram apertados. Eu era apenas uma menina.

Quando Andy não disse nada, eu continuei contando.

— Ele fingia ser apenas um vizinho que estava passando, mas ia todas as noites em nossa casa, se certificava que eu comesse e estivesse segura, tanto dentro de casa quanto dentro do meu quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Senti sua mão apertar a minha e um suspiro pesado deixar seu peito.

— Hoje eu sei que ele tinha medo que meu pai abusasse de mim, de alguma forma. De fato, o senhor Paul Madeline tentou entrar em meu quarto uma noite. — Soltei um pigarro tentando apenas contar e não deixar as lembranças se desenharem demais em minha mente. — Lembro dele dizer: *Abra a porta, sua putinha!* Mas não demorou muito tempo, ele desistiu e nunca mais entrou.

Fiquei muda me perguntando se ele

realmente me escutava, então recebi um novo aperto para que continuasse.

— Quando entrei para a universidade, tentei falar com ele para obter ajuda. — Bufe! — Eu era apenas uma menina, tinha esperança que uma vez na vida ele faria algo por mim. Apenas ouvi: Quero ver você pagar. — Cristo! Doía relembrar daquilo, porém, ao mesmo tempo, me dava orgulho. Eu estava endividada, sim! Mas eu tinha conseguido seguir com o meu sonho. Ser uma médica. — Eu simplesmente me dediquei, trabalhei nos horários

PERIGOSAS NACIONAIS

em que pude, peguei algum dinheiro emprestado com Doug, tentei pagá-lo, mas ele nunca aceitou e solicitei empréstimos estudantis.

Pensei em contar sobre as piores partes, como Paul costumava vender meus livros quando não tinha dinheiro para a farra, ou como ele vivia dizendo que eu não serviria para nada, mas que talvez conseguisse um homem rico.

Deixei de lado também, o fato que um dos amigos dele tentou me agarrar e ele me deu uma bofetada quando eu quebrei um copo no seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquele dia eu dormi na casa de Doug. Havia coisas que realmente não precisavam ser ditas. Coisas que me machucavam muito só de pensar, imagina dizer.

Uma das minhas lembranças mais tristes, não a pior no entanto, era que na última vez que vi meu pai, perguntei-lhe se ele alguma vez foi capaz de me amar. Ele respondeu que eu não deveria esperar o amor de ninguém. Pois o amor só destrói.

Eu nunca contei para ninguém sobre aquilo, e talvez, toda a minha dedicação aos estudos e ao

PERIGOSAS ACHERON

trabalho tenha também o objetivo de me afastar de sentimentos que pudessem me fazer sofrer novamente. Como sofri quando mamãe morreu, ou quando Paul simplesmente me largou.

Sentimentos, que eu não sabia mais se queria fugir.

Depois de um longo tempo, cansei de esperar por alguma reação de Andreas.

— Você está aí? — perguntei incerta.

— Me diga uma coisa, Woody — ordenou se virando para mim, o sorriso em seu rosto era

PERIGOSAS NACIONAIS

largo, muito característico dele. Sua barba estava mais escura por causa da água e seu cabelo uma bagunça, o que o deixava deliciosamente lindo, mas seus olhos pareciam tristes demais e ele obviamente queria esconder aquilo.

— O quê? — indaguei curiosa.

— Qual é a sua música favorita do Aerosmith?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E UM

MAXINE

Andreas tinha uma forma única de lidar comigo. Claro que eu não tinha visto como ele tratava as outras mulheres com que se relacionara intimamente antes de mim, e mesmo que ele fosse agradável e educado com as pessoas à sua volta, pelo que eu via, sentia que tudo comigo era diferente.

Eu sabia que as coisas que havia contado tinham abalado ele. Embora o seu sorriso estivesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no lugar, seus olhos me encaravam com um misto de sentimentos, e mesmo que eu não quisesse admitir, havia piedade lá. Andreas teve pena de mim, odiava aquilo, mas não podia culpá-lo. Pelo contrário, o cara merecia crédito, pois tentou fortemente não transparecer o que estava sentindo perguntando sobre a minha música favorita do Aerosmith.

— Bem, eu acho que sou um clichê —
respondi dando de ombros.

— Não me diga que é *I don't want to miss a*

PERIGOSAS ACHERON

thing.— debochou ele.

— Eu também não sou tão clichê assim —
me defendi — estava falando de *Cryin'*.

Andreas me analisou da forma que ele costumava fazer quando queria decifrar o que se passava em minha mente. O encarei e aguardei até que ele falasse.

— Por que *Cryin'*? — questionou interessado.

Eu nunca havia pensado nos motivos para gostar da música, mas com a sua pergunta pensei

na letra da melodia e minha mente foi direto para o refrão.

“Eu estava chorando quando te conheci, agora estou tentando te esquecer.”

Meu coração se apertou quando pensei no significado daquelas palavras, sempre gostei da música, mas estando com Andreas, a letra parecia fazer mais sentido naquele momento.

— Eu gosto da batida dela. É sexy. —
Menti, me aproximando dele na banheira e beijando seus lábios. — Estou ficando com frio. O

que acha de continuarmos isso na cama?

Tentei parecer sedutora enquanto murmurava meu pedido em seu lábios, pareceu funcionar, Andreas se levantou, me pegou no colo e correu para o quarto comigo. Nos jogou na cama e molhados, fizemos amor o resto da noite.

**

Pela manhã estávamos tomando café no quarto quando Andreas anunciou que havia escolhido Hollywood Beach. Ele alegou que eu

aproveitaria mais a paisagem lá, uma vez que a praia era menos movimentada. Assim que terminamos nossa refeição ele apareceu com o primeiro presente que eu ganharia naquele final de semana. Era uma caixa da Dolce & Gabbana.

— Espero que você goste, eu escolhi pessoalmente. — Ele piscou quando deixou na cama.

Minha menina interior sorriu empolgada com o grande laço cor de rosa que adornava a caixa branca. Pulei em seus braços antes e tomei sua boca

na minha.

— Obrigada! — exclamei, me separando dele e indo para o embrulho.

Parte de mim sabia que era um presente caro, mas de alguma forma, desde que chegamos em Miami, eu não me importava com nada mais. Pela primeira vez não precisa me preocupar com tudo em minha volta, e foi tão... libertador.

Puxei a ponta do laço rapidamente e abri a tampa da enorme caixa em seguida. Era um biquíni e um óculos para combinar. Era lindo, fundo

branco com estampa florida em tons laranja e verde, todo estilo retrô e pouco revelador, o óculo era de armação grossa e branco.

— É lindo! — disse retirando as peças de dentro da caixa. Eu havia levado biquíni para Miami, mas era simples, aquele era sofisticado e combinaria melhor com o local que Andreas estava me levando. — Obrigada. Que bom que você pensou nisso, o meu é muito simples.

Disse-lhe honestamente.

— Comprei porque achei que ficaria lindo

em você, não por ser sofisticado. — Se defendeu.

— Qual é, Andy? — Brinquei. — É um Dolce.

— Sim, é um biquíni de uma loja que costumo frequentar, olhei e achei que ficaria sexy na minha garota. Simplesmente comprei.

Sua garota.

Ele disse que eu era sua garota.

Meu corpo todo reagiu com suas palavras, mas não foi de uma forma negativa, no entanto.

Optei por não comentar sobre ser chamada de sua

garota. Se ele estava fazendo um teste para saber se eu surtaria, acho que tinha sido aprovada com louvor.

— Então, você apenas achou que eu ficaria sexy nele? — perguntei com um sorriso safado estampado em meus lábios.

— Não tão sexy quanto você estava no vestido delicioso, na primeira vez que vi você. Dificilmente algo vai superar aquilo, mas sim, pensei que você ficaria toda sexy neste biquíni. —

Andy se jogou na cama e colocou os braços atrás

da cabeça. — Por que não coloca para vermos se estou certo e vamos logo curtir a praia?

Não respondi. Apenas comecei a tirar a camisa dele, que eu havia dormido, e vesti as peças de banho. Prendi meu cabelo para cima e coloquei os óculos. Quando o meu look estava pronto, descansei minhas mãos em meus quadris e projetei para o lado em uma pose de modelo.

— Então, senhor Collins? Como estou?

— Venha aqui que eu vou lhe mostrar como você está. — disse ele sentando-se na cama apenas

para pegar a minha mão e me puxar para cima dele.

**

Na praia de Hollywood Beach, Andreas solicitou uma tenda para que ficássemos mais a vontade. Nós tomamos banho de mar e brincamos na água. Na tenda, bebemos mojitos, nos beijamos como loucos e até fizemos um castelo de areia. A noite eu precisaria de um ibuprofeno para aliviar a dor em meu maxilar, ora ele se movia demais com os beijos que eu e Andy trocávamos, ora ele congelava, com um sorriso enorme em meu rosto.

— Você está linda assim. — comentou enquanto me analisava trançar o meu cabelo molhado. Sorri timidamente e desviei os olhos dele. Andreas era sempre galante, suas palavras tinham aquele fundo de sedução. Ele poderia dar uma notícia de morte que seria sexy também, mas naquele momento, eu conseguia ouvir, sentir algo muito mais significativo em suas palavras.

— Obrigada — murmurei —, eu me sinto bonita. Você me faz sentir assim.

Seus olhos se abriram mais e suas

sobancelhas se ergueram em expectativa.

— Mesmo?

— Mesmo. Obrigada por me fazer sentir assim.

— Bem, Woody, obrigado por me *deixar* fazer você se sentir assim.

Voltamos para o mar e brincamos com as ondas de água cristalina que batia em nossos corpos, o sol brilhava alto e refletia nas ondas fazendo com que os olhos de Andreas se enrugassem mais. As gotículas em sua barba e seus

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos molhados e bagunçados somados ao seu corpo brilhante e reluzente me faziam suspirar.

Analisando o conjunto da obra, me perguntei se Andreas sempre me faria perder o fôlego daquela forma. Seria em qualquer ocasião que me sentiria encantada por ele? Ou abatida por toda a sua beleza e imponência? Quanto tempo aquilo tudo duraria?

Quanto eu ainda viveria daquele sonho?

**

Quando voltamos ao hotel, optamos por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormir um pouco antes do show. Não sabia se conseguiria dormir, pois eu estava muito empolgada para ver o Aerosmith, mas o sol, o mar e a sessão de amassos sem fim dentro da tenda na beira da praia, realmente me cansou. Então, após o banho, peguei no sono antes do segundo suspiro pesado.

Quando acordei, sentindo os beijos delicados de Andreas em minhas costas nuas, enquanto sua mão acariciava a minha bunda com suavidade, era noite. Ronronei preguiçosamente e

PERIGOSAS ACHERON

me virei de frente.

— Está na hora, baby. Vá se preparar —
pediu e beijou a ponta do meu nariz, percebi que
ele já estava pronto. A barba foi aparada, mas
continuava comprida, seu cabelo estava
impecavelmente modelado, eu amava aquele corte,
era moda, claro, mas parecia perfeito para ele. Ele
usava uma camiseta simples do Aerosmith e jeans
bem cortado. — E eu tenho outro presente.

Ele apontou para uma sacola. Desta vez era
simples, da Macy's. Olhei para ele e ri. Ele

entendeu a minha expressão, quando vi a sacola de loja popular me esperando.

— Viu? Apenas o que fica sexy. Não importa o valor. — Piscou e levantou-se.

— Você vai me vestir o final de semana inteiro? — Levantei a sobrancelha para ele.

— Você se importa? — De repente ele parecia preocupado. — Eu não deveria... É apenas...

— Eu acho realmente fofo que você esteja se preocupando comigo, baby. — Pisquei para ele e

PERIGOSAS NACIONAIS

sorri exemplificando minhas palavras. Não me mataria ceder ao menos por aquele final de semana.

Eu não seria menos Maxine.

O brilho nos olhos de Andreas fez meu coração perder uma batida. Acho que ele sentiu algo diferente naquele momento também, mas nenhum de nós admitiu aquilo. Peguei a sacola da Macy's e segui para o banheiro. Tirei o vestido soltinho e preto da sacola e fiquei satisfeita, era liso e simples, mas os sapatos eram altos. Torci um pouco o nariz para os saltos stilettos com spikes,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

imaginando que Andreas não tinha ideia do quanto aqueles saltos eram inapropriados para um show.

Como eu ficaria em pé naquilo durante o show todo?

Me maquiei marcando os olhos um pouco mais e deixando meus lábios com um batom nude, deixei meus cabelos amassados e soltos e quando me olhei no espelho, eu nada parecia com a doutora Maxine Madeline. Pamella ficaria orgulhosa de mim se visse que pela primeira vez em anos, eu tinha colocado a minha carreira de lado para viver

PERIGOSAS ACHERON

um pouco a vida.

Andreas tinha feito aquilo comigo.

Para mim.

Quando saí do banheiro o quarto estava
vazio.

— Andy? — chamei olhando em volta, mas
não vi nenhum sinal dele. Quando me aproximei da
cama, vi sobre ela uma pequena jaqueta de couro
negra. Com um bilhete.

*Esqueci de entregar a última peça. Te
espero lá embaixo, Woody.*

Seu Andy

Seu Andy.

Ele era meu? Mesmo?

Coloquei a jaqueta e me olhei mais uma vez
no espelho.

— Uau! — sussurrei olhando para a garota
no reflexo.

Eu realmente estava bonita. Levantei a barra
do vestido e dei uma última olhada na calcinha que
usava e sorri com malícia. Quando voltássemos
para o hotel, Andreas ia enlouquecer na renda negra

que eu usava. Abaixei o vestido e segui para fora do quarto.

**

Quando pisei no hall, logo identifiquei Andy. Ele estava escorado no bar próximo a recepção com um copo de uísque na mão. Dei uma boa olhada nele e deixei aqueles sentimentos que eu ainda não entendia remexerem dentro de mim.

Deus! Ele era tão lindo.

Por cima da camiseta que ele usava mais cedo, ele tinha colocado uma jaqueta de couro

também. Uma versão maior e masculina da que eu usava. Parecia perdido em pensamentos enquanto olhava para o nada e sacudia o gelo do seu copo. Queria saber o que ele tanto pensava. Ou ao menos, se eu era parte de tudo aquilo que habitava seus pensamentos.

Eu queria ser?

Sim! Queria.

Andei em sua direção e quando ele ouviu o click dos meus stilettos no chão de mármore, seus olhos deslizaram pelo meu corpo de baixo para

cima, quando ele finalmente fitou o meu rosto, perdi o fôlego. Uma promessa estava lá. Mas eu não precisei pensar muito para saber sobre o que era. Largando seu copo sobre o bar sem tirar seus olhos dos meus, com a outra mão, Andreas me puxou para ele e tomou meus lábios de forma avassaladora, meus joelhos, por muito pouco, não fraquejaram.

— Hoje à noite, baby — sussurrou nos meus lábios enquanto seus olhos fitavam os meus profundamente, nossos rostos colados enquanto ele

prometia —, hoje à noite eu vou fazer você ver as estrelas.

— Gosto desta promessa — sussurrei na mesma intensidade, deixando ele saber que eu seria dele da forma que quisesse.

— Tenha certeza de que você vai *amar*.

Quando nos separamos, me sentia tonta. Aquele homem conseguia roubar o meu ar com muita facilidade, era realmente difícil estar perto dele sem derreter.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E DOIS

MAXINE

A arena onde seria o show era gigante. Eu ainda estava preocupada com os saltos que calçava, mas logo me senti muito ingênua. Claro que não curtiríamos o show com a multidão. Fomos conduzidos por uma enorme escadaria que nos levou até um camarote muito próximo do palco. Me debrucei sobre o parapeito olhando a multidão aglomerada lá embaixo, ignorando tudo o que o camarote nos reservava por um momento. Depois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de alguns minutos, percebendo que Andreas não estava ao meu lado, me virei para procurá-lo.

Sentado no sofá de dois lugares, de forma completamente relaxada, lá estava ele me olhando. Seus olhos encapuzados, sombrios e brilhantes me analisavam de forma predatória. Era realmente surreal como o charme daquele homem conseguia ficar sob a minha pele. Com apenas seu olhar ele podia fazer o meu corpo todo sentir.

Apenas sentir.

Mesmo antes de realmente me envolver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com Andy, na Central Dance, quando estávamos apenas flertando de longe, ter sua atenção em mim, me fez autoconsciente da vida. De mim.

Agora, de frente para ele, com os braços abertos e descansando no sofá, me fitando como se quisesse me devorar e ao mesmo tempo com algo que não conseguia descrever. A voz dentro na minha cabeça, a que constantemente dizia que não merecia nada, que não sou capaz de nada, a maldita voz do meu pai, que constantemente dizia que o meu destino era ser uma fracassada sem amor...

PERIGOSAS ACHERON

Porque o amor é ruim...

O amor faz sofrer e perder...

Esta voz estava amordaçada por ele. Por
Andreas.

E Andreas, naquela postura displicente, com
o sorriso de comedor no rosto, me fez sentir como
se eu merecesse tudo. Inclusive ele.

— O que está pensando? — perguntei,
escorando-me de costas no parapeito.

— No quanto eu quero enfiar minhas mãos
embaixo deste vestido. — Sua postura não mudou

quando fez aquela declaração.

Desencostei-me do parapeito e andei até ele,
parando entre as suas pernas.

— Por acaso este camarote é só para nós?

— Senti um sorriso discreto escapar pelos meus
lábios.

— Por acaso é, baby. — Sua postura
finalmente mudou. Ele ficou ereto no sofá e suas
mãos vieram diretamente para as minhas pernas e
alisaram de cima a baixo.

— E por acaso você pretende fazer o que

PERIGOSAS NACIONAIS

me prometeu na boate? — perguntei já ouvindo a multidão gritando lá embaixo, avisando os desavisados que a banda começaria a qualquer momento.

O cenho de Andreas franziu por um momento, tentando entender a minha pergunta, mas logo lembrou que eu falava de quando ele prometeu me foder com uma multidão de pessoas dançando embaixo de nós. Mas quando ele percebeu do que eu falava, suas mãos subiram para a minha bunda e me puxou para que eu sentasse em seu colo.

PERIGOSAS ACHERON

— Se você quiser... — murmurou com os lábios a poucos centímetros dos meus.

— Eu quero — respondi antes de acabar com o espaço entre nós e beijar sua boca deliciosa.

**

Os amassos continuaram até ouvirmos a voz estridente de Steven Tyler. Eu saltei do colo de Andreas e corri para o parapeito do camarote dando de cara com a banda no palco. Estávamos perto o suficiente para ver os caras e talvez até pular para o palco. Andreas parou atrás de mim e ofereceu uma

taça de espumante. Seus braços circularam a minha cintura e juntos apreciamos a primeira música, *Nine Lives*. Cantei a plenos pulmões e me balancei sentindo o corpo rígido de Andreas atrás de mim. Mexendo comigo ao som daquela música maravilhosa. Virei-me para ele e sorri deixando-o saber o quanto eu estava feliz de estar ali.

Continuamos curtindo e cantando até que Steven anuncia que as músicas de mais sucesso e mais antigas começarão a ser cantadas. A primeira foi *Crazy*, eu e Andreas gritamos a música. Mas

PERIGOSAS NACIONAIS

quando *Cryin'* começou a tocar, entendi o motivo da sua pergunta na noite anterior.

*There was a time
When I was so broken hearted
Love wasn't much of a friend of mine
The tables have turned, yeah
'Cause me and them ways have parted
That kind of love was the killin' kind*

Andreas não deixou eu assistir a performance de Steven Tyler. Me virou para ele e pela primeira vez eu o vi sem a atitude arrogante e segura. Ele parecia nervoso demais.

— Woody — começou e logo em seguida engoliu em seco —, eu preciso que você saiba que

PERIGOSAS ACHERON

eu não quero mais o que temos.

Levantei uma sobrancelha para ele demonstrando que eu não estava entendendo muito bem o que ele queria dizer. Se quisesse terminar comigo, certamente não me levaria para Miami e muito menos a um show da minha banda favorita.

— Eu quero mais, Max. — avisou. — Eu... droga! Isso é meio adolescente, eu não deveria ter que pedir para que você namore comigo...

Listen!

*All I want is someone I can't resist
I know all I need to know by the way that I
got kissed*

I was cryin' when I met you

PERIGOSAS NACIONAIS

*Now I'm tryin' to forget you
Your love is sweet misery
I was cryin' just to get you
Now I'm dyin' 'cause I let you
Do what you do down on me*

— Por favor, continue — pedi rapidamente.

Não queria que ele desistisse. Nenhuma parte minha gritou para eu me afastar naquele momento, na verdade, eu meio que queria que ele fizesse aquilo depois da conversa que tivemos na banheira.

— Você está indo muito bem. — Me aproximei mais e descansei minhas mãos em sua cintura, tentando passar para ele que minha resposta já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava pronta. Na ponta da língua.

— Como eu estava dizendo — um sorrisinho se fez em seus lábios —, não devia ter que pedir você em namoro, somos adultos e nossa relação tinha que evoluir automaticamente.

Seus braços circularam o meu corpo, nos colando e fazendo eu olhar para cima, para poder ver o seu rosto enquanto ele continuava falando todas aquelas coisas que fariam qualquer mulher derreter em seus braços.

Mas por alguma obra do destino que eu *não*

PERIGOSAS ACHERON

acreditava, ele estava dizendo a mim.

— Mas é exatamente assim que eu estou me sentindo, Woody — continuou —, como um adolescente. Então: — pegou fôlego e soltou, me fazendo sorrir largamente — Você vai namorar comigo?

*Now there's not even breathin' room
Between pleasure and pain
Yeah, you cry when we're makin love
Must be one and the same
It's down on me
Yeah, I got to tell you one thing
It's been on my mind
Girl, I gotta say
We're partners in crime
You got that certain something
What you give to me*

Takes my breath away

— Eu nunca namorei ninguém, e nem sei se sou boa nisso, Andreas... — Minhas mãos subiram e acariciaram o seu belo rosto. Meus dedos roçaram em sua barba enquanto ele continuava prestando atenção em cada uma das minhas palavras. — Mas eu não quero desperdiçar o que temos aqui por causa dos meus medos — Apertei a sua nuca e puxei seu rosto para mais perto do meu —, então sim.

Respondi e assenti ao mesmo tempo, em

seguida fiquei na ponta dos pés e acabei com a
pequena distância que separava nossos lábios.

*Now the word out on the street
Is the devil's in your kiss
If our love goes up in flames, it's a fire I
can't resist
I was cryin' when I met you
Now I'm tryin' to forget you
Your love is sweet misery
I was cryin' just to get you
Now I'm dyin' 'cause I let you
Do what you do down on me
'Cause what you got inside
Ain't where your love should stay
Yeah, our love, sweet love, ain't love 'til you
give your heart away
I was cryin' when I met you
Now I'm tryin' to forget you
Your love is sweet misery
I was cryin' just to get you
Now I'm dyin' to let you
Do what you do, what you do down to me
Baby, baby, baby, baby*

*I was cryin' when I met you
Now I'm tryin' to forget you
Your love is sweet misery
I was cryin' when I met you
Now I'm dyin' 'cause I let you
Your love is sweet misery
I was cryin' when I met you
Now I'm tryin' to forget you
Your love is sweet misery
I was cryin' when I met you*

**

Algo mudou quando oficializamos nosso relacionamento. Foi como desbloquear uma fase no videogame. Os toques ficaram diferentes, traziam uma carga a mais de intimidade. Andreas parecia

PERIGOSAS NACIONAIS

mais carinhoso também. Nós curtimos mais alguns minutos de show, até começar a tocar *Hole in my soul*. Parece que aquela era a música favorita de Andreas, pois no momento que a banda começou a tocar, ele me pegou em seus braços e atacou meus lábios, suas mãos desceram pelas minhas costas até a minha bunda e ao chegar lá pegou com força, me erguendo e fazendo eu circular seu quadril com as minhas pernas. Meus dedos adentraram seus cabelos macios e puxaram tentando fazer com que nosso beijo se aprofundasse ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

Como se fosse possível.

Andou até o sofá e sentou comigo ainda em seu colo. Olhou-me por incontáveis segundos, diretamente nos meus olhos, de forma séria, como ele fez da primeira vez que fomos para a cama. Ele estava me lendo. E daquela vez eu não me importei. Queria que ele me lesse.

Que me visse.

Suas mãos delicadamente acariciaram o meu pescoço, ombros e desceram pelo meu peito, causando arrepios e choque. Sim, parecia que ondas

elétricas saíam da ponta dos seus dedos e passavam pelo meu corpo eletrocutando a minha carne...

O meu coração.

Ele retirou a pequena jaqueta de couro que eu vestia e voltou a alisar meus ombros. Seus dedos foram para baixo das alças do vestido e abaixaram também, revelando meus seios. Meus olhos fecharam e tremularam sentindo a carícia demorada que ele oferecia. Minhas mãos se mantinham paradas enquanto eu apenas sentia-o trabalhar a sua mágica em meu corpo. Suas mãos pegaram meus

PERIGOSAS NACIONAIS

seios e amassaram delicadamente fazendo com que eu jogasse a cabeça para trás e movesse meus quadris buscando por algum alívio. Senti sua boca substituir uma de suas mãos e chupar delicadamente meu seio, sua língua brincou com ele me fazendo gemer sem me importar. Minhas mãos foram para a sua cabeça e forçou para frente pedindo para que ele abocanhasse mais, devorasse por completo enquanto eu continuava balançando meus quadris, tentando encontrar fricção com o seu membro duro.

PERIGOSAS ACHERON

Suas mãos deixaram meus seios e foram para baixo do vestido, buscando a minha calcinha.

— Tira isso, Maxine — ordenou, puxando o elástico e soltando em seguida. Eu teria ouvido o estalo da minha pele se a música não estivesse tão alta.

Levantei-me rapidamente e tirei a peça de roupa íntima jogando nele. Assisti ele abrir seu jeans e abaixar junto com sua boxer, assim que vi seu pau para fora, esperando por mim, me joguei em cima de Andreas e ajeitei meus quadris sobre seu membro. Sua mão o segurava para ajudar no

encaixe e assim que ele encontrou a minha entrada, sentei com força.

Tentei ditar o ritmo, mas Andy parecia querer dançar *Hole in my soul*. Suas mãos me pararam e foram firmemente postadas em meus quadris. Andreas movimentou-os vagarosamente enquanto embaixo de mim, seu corpo também ondulava. Eu podia sentir ele em cada centímetro dentro de mim, profundamente enterrado, sua boca voltou a explorar meu colo, seios e pescoço enquanto se movimentava com maestria e me fazia

PERIGOSAS NACIONAIS

chegar às estrelas. De repente era demais. Tudo aquilo, naquele momento, era demais para mim. A vontade de chorar não pôde ser evitada e quando percebi, chorava enquanto gozava vagorosamente, sem qualquer esforço da parte de qualquer um de nós.

Lentamente, Andreas e eu chegamos juntos ao ápice. E quando ele percebeu que meus olhos brilhavam com lágrimas, não se preocupou. De alguma forma, ele sabia que era um choro diferente. Um choro bom.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda encaixados, ele me puxou para mais perto e me abraçou.

Causando o seu próprio buraco na minha alma.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MAXINE

Nós chegamos à suíte do hotel em silêncio.

Não era tenso ou desconfortável, ao contrário. Tudo parecia mais fácil depois que me entreguei a ele.

Após o *sim*!

Nós não conversamos sobre o meu choro pós-orgasmo, e para ser honesta, nem precisava.

Nós curtimos o restante do show em nossa bolha, até o final. Eu sequer me importei que alguém pudesse nos ver transando, mas me senti segura

com Andy, confiava nele e era aquilo que importava.

— Então, *namorada* — brincou dando ênfase para o nosso novo status de relacionamento —, gostou do show?

Andei até ele e o abracei, analisando seu belo rosto. Os olhos risonhos estavam lá. Levemente puxados e enrugados, seus lábios tinham um sorriso relaxado. O cheiro de suor misturado com o seu perfume caro fez a minha mente registrar como o melhor aroma que já havia

sentido, por isso puxei uma longa respiração antes de lhe responder.

— Amei a nossa noite, *namorado* —
devolvi a brincadeira. — Amei tudo o que aconteceu naquele camarote.

Ele sabia do que eu estava falando. Do show, do pedido que ele fez, do fato de que silenciosamente escolhemos a *nossa* música favorita do Aerosmith. E a nossa transa.

— E se eu dissesse que a nossa noite ainda não terminou? — A voz dele era profunda, rouca e

cheia de promessas. Suas mãos alisaram a minha cintura e no processo pegaram o tecido do meu vestido e o subiu retirando-o do meu corpo.

— Eu diria: *oba!* — Minha exclamação não combinava com o meu próprio tom de voz, espelhava o tom do meu namorado. Baixo, rouco, cheio de promessas.

— Ótimo... — Andreas jogou meu vestido longe e daquela vez não pediu para que eu retirasse a minha calcinha, ele a puxou, arrancando o tecido com força e rapidez. — Alguma ressalva para essa

noite?

Suas mãos alisaram a minha bunda enquanto ele fazia aquela pergunta para mim, seus dedos delicadamente brincaram com a minha fenda traseira deixando claro sobre o que ele falava. Um arrepio, acompanhado de uma deliciosa sensação em meu baixo ventre assolou o meu corpo e tive que me controlar para não me contorcer sob suas mãos.

— Com você eu não tenho mais ressalvas, apenas me tome. — Minha resposta era quase uma

súplica. Andreas tinha o dom de me fazer dar qualquer controle a ele, e era realmente libertador quando eu cedia. E depois daquela noite, resolvi que cederia a ele sempre que eu tivesse vontade, enquanto ele me fizesse bem e feliz, e com parte de mim, uma grande parte, torcendo para que durasse muito tempo.

Ele gostou da minha resposta.

Suas mãos fortes pegaram em meu traseiro e me levantaram enquanto ele caminhava comigo para a cama. Ao me deitar na enorme king size, ele

me virou, me deixando de braços.

— Feche os olhos, Max — ordenou suavemente. Sem questionar, obedeci. Fechei meus olhos e me obriguei a relaxar enquanto ouvia o farfalhar de suas roupas. O abrir de um zíper de mala, provavelmente a sua, e senti objetos serem jogados na cama.

Ele colocou música para tocar, os acordes de *Come as you are* do Nirvana me impressionaram. As mãos de Andreas passearam aleatoriamente pelo meu corpo, da nuca até meus

pés. Voltaram para minhas costas em seguida, e em parceria com os seus lábios, acariciaram a minha pele até chegar ao foco daquela noite. Ele beijou cada uma das minhas nádegas primeiro e finalizou com um beijo na fenda que separava as duas. Senti a falta repentina do calor da sua proximidade enquanto ouvia-o manipular os objetos na cama. Não muito depois senti um líquido quente ser despejado em meu cóccix. Sobressaltei levemente, mas logo relaxei. Senti as mãos dele espalharem o óleo por toda as minhas costas e bunda. Massageou

PERIGOSAS NACIONAIS

a minha pele em todos os pontos certos me fazendo gemer e ofegar.

Suas mãos trabalharam por incontáveis minutos antes que comessem a manusear meu centro. Senti seus dedos me explorarem, indo de uma entrada a outra, brincando com o meu clitóris e meu ânus, intercalando entre eles, trazendo ondas de prazer que jamais havia experimentado antes. Seu toque se intensificou em meu clitóris, circulando enquanto automaticamente eu me abria mais para ele, minhas pernas iam se afastando e

PERIGOSAS ACHERON

meus gemidos aumentando a medida em que a velocidade da sua masturbação ficou mais rápida.

— Pode gozar, baby, de onde vem esse, virá muito mais essa noite. — O tom cortado da sua voz, como se ele estivesse se segurando, me fez ainda mais louca. Empinei meu traseiro para cima, e rebolei em seus dedos enquanto sentia-o brincando com a minha abertura apertada, preparando-me para receber o seu pau ali.

— Andreas! — exclamei alto seu nome, gozando freneticamente, quase pedindo para que

ele me tomasse por trás naquele momento, mas a onda absurda de prazer me fez muda.

Quando finalmente relaxei e fiz meus joelhos resvalarem pelo lençol, caindo por completo na cama, senti o corpo dele cair sobre o meu. Seu pau estava tão duro que me fez excitada novamente. A adrenalina daquela noite me fez uma máquina, eu já queria mais, queria que ele me fodesse a noite inteira. Contorci-me embaixo dele, esfreguei meu traseiro em seu pau pedindo para que ele se enterrasse em minha bunda logo, mas ao que

parecia, os planos de Andreas eram menos diretos.

Andy escorregou para trás de mim ficando de lado e trazendo meu corpo para ficar grudado no dele, de conchinha, sua mão abriu minha perna, deixando-me completamente exposta, senti seu pau brincar com minha boceta e me penetrar em seguida ao mesmo tempo em que ouvi o zunir de algo. Não demorou muito para que eu esquecesse o seu pedido de manter meus olhos fechados, os abri procurando pelo que já sabia o que era. Senti o vibrar em minha perna e olhei rapidamente na

direção. Era um vibrador metálico, a sua frequência era alta, eu podia sentir a minha pele formigar enquanto ele arrastava preguiçosamente pela lateral do meu corpo. Enquanto ele entrava e saía de dentro de mim, passava o brinquedo em meus seios, colo, barriga até que finalmente chegou em meu clitóris.

— Vou substituir o meu pau pelo brinquedo, baby — avisou com a boca em meu ouvido. Gemi em resposta, rebolando para sentir seu membro dentro de mim uma vez mais. —

Então vou começar a te foder por trás.

— Você quer me enlouquecer. — Consegui choramingar enquanto ele ainda me penetrava algumas vezes, mas logo deslizou seu pau para fora. Suas mãos deixaram o meu corpo por um momento, ouvi o barulho da embalagem do preservativo sendo aberta, senti seus movimentos enquanto colocava a proteção e logo ele estava me acariciando novamente com o vibrador.

— Me ajude a guiar.

Obedeci e abri minhas dobras para ele, senti o objeto vibrar enquanto entrava em minha carne.

— Segure e manuseie como você quer — ordenou e rapidamente obedeci.

Empurrei o vibrador o mais profundamente que consegui e gemi alto, senti uma mordiscada em meu ombro e um gemido bruto, selvagem escapar dele. Uma de suas mãos abriu minhas nádegas e ele posicionou seu pau em minha entrada mais apertada. Massageou o ponto empurrando levemente para que eu me acostumasse com a

invasão. Seu gemido era enlouquecedor, como se ele estivesse atingindo o seu próprio nirvana.

— Vou entrar, Maxine! — Sua voz era contida, cortada. Parecia que estava falando entre os dentes.

Me curvei para frente um pouco mais na tentativa de lhe dar mais acesso, foi quando senti, seu pau deliciosamente duro e grosso, deslizar minimamente para dentro daquele local jamais explorado antes. Meu corpo quis tencionar e lutar contra a nova invasão, mas não permiti, respirei

fundo e relaxei, deixando-o trabalhar a sua mágica em mim.

— Está tudo bem? — perguntou, parando.

— Não pare. — Foi a minha resposta para ele. — Não pare!

— Caralho! — O ouvi resmungar enquanto forçava ainda mais seu membro dentro de mim. Quando senti ele entrar por completo, meu corpo relaxou o pouco que ainda faltava e se movimentou. Ondulei meu quadril para fazer ele se mover. — Porra, Maxine!

Ele tirou quase todo e empurrou com um pouco mais de rapidez novamente, fez o mesmo movimento com o vibrador até encontrei a sincronia entre a dupla penetração e Cristo!

Enlouqueci!

— Porra! — gritei, sentindo seu pau entrar e sair cada vez com mais ritmo e mais rápido.

— Você é tão deliciosa! — Sua mão abandonou meu quadril e foi para meu seio. Seu outro braço passou por baixo de mim e pegou meu outro seio. Suas mãos os amassaram sem dó,

apertando os mamilos e os puxando com força enquanto suas investidas se intensificavam.

— Droga, Maxine, eu não vou durar muito — avisou tenso.

— Goza para mim, baby. — Incitei, encontrando o meu próprio orgasmo. Aumentei o ritmo e movi minha bunda em encontro a sua pélvis, ouvindo o barulho das batidas ecoarem pelo quarto.

Sem aviso prévio, Andreas pegou a minha mão que brincava com o vibrador e a retirou, em

PERIGOSAS NACIONAIS

seguida tirou o aparelho de dentro de mim jogando-o longe, saiu de trás de mim e virou nossos corpos ficando por cima.

Ele arrancou o preservativo do seu pau, logo entrando profundamente em minha boceta, me fazendo engasgar com a sensação. Suas mãos pressionaram minha bunda enquanto ele se enterrava mais e mais. Meu orgasmo veio sem que eu precisasse me tocar, se construiu de forma intensa e imediatamente meus gemidos aumentaram.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos, Max, goze comigo! — Sua voz exclamou de forma rouca e alta, me mostrando que ele estava pronto. Gozei ao seu comando e senti todo seu corpo tencionar quando ele gozou também.

Andreas me penetrou mais algumas vezes, e a cada vez com menos força e velocidade. Meu rosto estava pressionado contra a cama e finalmente percebi que estava sufocando. Virei para o lado e soltei um último gemido, quase um resfôlego. Andy se retirou de dentro de mim e meu corpo protestou

PERIGOSAS NACIONAIS

imediatamente. Mantive-me no lugar quando o vi se jogar ao meu lado e me olhar. O sorriso safado, canastrão estava lá quando ele revelou cansadamente:

— Eu me imaginei fodendo a sua bunda no momento em que você entrou no meu escritório aquele dia, na boate.

Fui obrigada a rir da sua declaração.

— Que romântico. — Brinquei com ele.

— Eu posso ser romântico, baby. — Piscou rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

Arrastei-me para perto dele e beijei o seu ombro delicadamente. Era o único lugar que eu tinha forças para me aproximar no momento.

— Eu sei.

CAPÍTULO VINTE QUATRO

MAXINE

Pensei que pegaríamos um voo noturno de volta para Nova Iorque no domingo, mas estava errada. Andreas me acordou delicadamente por volta das dez horas avisando que tomaríamos café e voltaríamos.

— Tenho planos para você hoje à noite — informou com certo mistério em seu tom de voz.

— É uma surpresa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, é uma surpresa — afirmou, piscando rapidamente.

Saltei da cama e fui tomar um longo banho, chamei por Andy na esperança dele se juntar a mim.

— Eu queria, baby, muito. Mas estou arrumando as malas para podermos partir, vou pagar a conta também.

— Argh, deixa que minha mochila, eu arrumo. — Comecei a agilizar meu banho, fazendo ele rir.

PERIGOSAS ACHERON

— Já arrumei a sua mochila, baby, tome seu banho com calma, relaxe.

— Você arrumou? — questionei envergonhada, provavelmente ele havia visto minha mochila em pedaços quando me buscou no hotel, mas ver de perto, perceber um dos fechos quebrados, era outra coisa. — Não devia ter feito isso, Andreas — resmunguei virando de costas, enfiando minha cabeça embaixo do chuveiro.

De repente percebi um movimento muito próximo a mim e quando vi, Andreas estava nu,

PERIGOSAS NACIONAIS

entrando no banho comigo. Puxou-me para ele e me apertou em seus braços.

— Não quis mexer nas suas coisas, Woody
— justificou com calma, quase apologeticamente
—, estava apenas tentando fazer uma gentileza.

Desde quando Andreas Collins fazia cara de cachorrinho?

— Não, não foi isso — falei rapidamente
—, estou apenas envergonhada de você ter visto ela de perto.

Tentei dar de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

— Como assim? — Seu cenho estava franzido quando questionou.

Ele enxergava, sabia exatamente do que eu estava falando, mas não queria que eu soubesse que ele prestava atenção na minha falta de dinheiro.

— Eu deveria ter comprado uma mochila, ou uma mala para vir com você — iniciei a minha explicação —, mas os plantões realmente me sugam muito e acabou que nem me lembrei. Acabei envergonhando você com a minha mochila velha aqui neste hotel luxuoso.

Andreas me fitou seriamente por um longo minuto. Mesmo quando desviei os olhos, ele continuou me olhando fixamente. Não queria ser aquela apontando a diferença entre nossos mundos, mas alguém em algum momento faria.

— Max, olhe para mim — ordenou, porém, não me mexi. — Por favor, baby.

Levantei meu olhar para ele e apertei meus lábios um tanto frustrada e chateada.

— É a mesma situação do dia em que você foi tomar banho no meu banheiro, Andreas. É o

principal motivo de não nos encontrarmos mais lá.

Você não gostaria de tomar banho frio sempre.

Suas mãos foram para os meus ombros e me sacudiram levemente para que eu parasse de falar.

Olhando diretamente nos meus olhos, ele meneou sua cabeça em negação para reafirmar o que diria em seguida.

— Prefiro que fiquemos em minha casa para evitar que *você* fique tomando banho frio lá, e nem sempre consigo evitar, pois muitas vezes você vai exausta para casa e só quer dormir. Mas saiba

PERIGOSAS NACIONAIS

que não é por mim. — Pontuou seriamente —
Preocupo-me com você e vou me preocupar mais
ainda na medida em que o inverno chegar, porém,
há uma questão maior aqui, baby, e nós vamos
conversar sobre isso hoje ainda, mas quando
chegarmos à Nova Iorque. Por agora, já que estou
aqui com você — um sorriso sexy e de lado surgiu
em seus lábios — eu pretendo aproveitar mais um
banho com você.

Então, ele me pegou em seus braços e fez-
me esquecer da minha vergonha.

PERIGOSAS ACHERON

**

Ao chegarmos em Nova Iorque, uma certa tristeza me bateu. Os três dias com Andreas acabariam em breve, eu deveria voltar ao trabalho apenas na tarde de segunda-feira, mesmo assim, ainda sentia um incômodo. Não queria que nosso momento acabasse.

Tomei mais um banho quando cheguei, Andreas preparou a banheira com sais de laranja e me pediu para relaxar enquanto ele pedia comida japonesa para nós. Assenti e procurei fazer o que

PERIGOSAS NACIONAIS

sugeri. Fiquei confortável na banheira e fechei meus olhos. Comecei a ouvir uma música dentro do banheiro e abri os olhos rapidamente, era Andreas que deixava uma caixinha de som lá.

Sem dizer nada ele piscou e saiu me deixando sozinha novamente.

Identifiquei a banda na mesma hora, The Band Perry. Era *Stay in the dark* tocando e sorri para a canção. Mais uma vez Andreas estava adivinhando o que estava passando em minha cabeça. A música falava justamente do que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava sentindo, sobre o desejo de não voltar para a realidade e de nos fechar em uma bolha, fechar as cortinas e ficarmos juntos no escuro, aproveitando o que temos. Ou ele era muito bom em adivinhação...

Ou sentia o mesmo que eu.

Sorri sozinha para a segunda opção.

Assim que me senti relaxada e limpa o suficiente, saí da banheira, coloquei o roupão de Andreas e fui até o closet dele. Procurei por suas camisetas e simplesmente afanei uma para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vesti uma cinza, que parecia par de um dos seus pijamas e me direcionei para a sala. Mas assim que coloquei meus pés fora do closet, me deparei com uma produção digna destes filmes de romance que passam no cinema.

Andreas estava de joelhos no chão acendendo as últimas velas que tinha nas mãos e as colocava para boiar na piscina. Estendida no chão, havia uma toalha com uma barca de sushi, mais algumas velas e uma garrafa de vinho branco gelada. Era lindo, romântico, com pouca luz e uma

PERIGOSAS ACHERON

atmosfera aconchegante.

Quando me olhou, parecia impressionado.

Sua atenção correu no que eu vestia e em minhas pernas nuas.

— Assaltando o meu closet, *namorada*? —

perguntou, esticando a sua mão para que eu a pegasse e me juntasse a ele. Me ajoelhei na sua frente e prontamente recebi o par de rachis de metal e um pequeno bowl para segurar.

— E não é para isso que as namoradas servem? Roubar as blusas e cuecas dos namorados?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Brinquei ainda analisando a variedade de peças japonesas para degustar, havia algum tempo que não comia sushi. Quando ele questionou se eu gostava de comida japonesa não imaginei que tudo seria tão elaborado e cheio de produção para mim.

— Acho que sim. — Um sorriso torto se fez em seus lábios enquanto ele abria a garrafa de *Pinot Grigio* e o servia em nossas taças.

Nós desenvolvemos uma conversa tranquila. Falamos principalmente da Central Dance e sobre como a boate nem parecia ter sofrido

PERIGOSAS ACHERON

um ataque.

— É realmente um milagre — disse ele —, acredito que em um ano e meio eu consigo reaver o prejuízo que tive, mas nenhuma família ficou sem assistência, quem não foi atingido e nem sofreu nenhum trauma físico, dei cadastro V.I.P para ir à boate quando quiser e ter seu consumo liberado.

— Hey! Eu não ganhei isso e eu salvei a sua vida, senhor Collins! — brinquei com ele.

— Você, baby, recebeu a melhor recompensa: Eu! — Ele devolveu a brincadeira me

fazendo rir, mas não deixava de ter razão.

Depois de um tempo, conversando amenidades, ele finalmente entrou no assunto que prometera quando ainda estávamos em Miami.

— Maxine — iniciou seriamente —, agora que estamos oficialmente juntos, acho que deveríamos conversar sobre esse clima que se faz sempre que nossos mundos colidem.

Ele estava falando dos incidentes que haviam acontecido, comprovando minhas poucas condições financeiras perante as suas. Assenti

pensando que não haveria outra forma de resolvermos aquilo senão conversando.

— Preciso lhe dizer algo... — Iniciou parecendo muito mais sério do que costumava ser, porém levantei minha mão pedindo para que me deixasse falar.

— Deixe-me falar primeiro, por favor. — Engoli em seco antes de continuar. — Sobre tudo o que aconteceu, preciso que saiba que não me envergonho de estar lutando pelas minhas coisas — fui enfática —, pelo contrário. Aquele apartamento

PERIGOSAS NACIONAIS

pode não ser o melhor do mundo, o cheiro de mofo às vezes pode ser insuportável, talvez eu precise sim dar um jeito no chuveiro antes que o inverno realmente chegue, mas Andy — olhei para ele emocionada — eu tenho tanto orgulho de estar naquele lugar. Claro que meu momento vai chegar, e eu vou parar de dever tanto e poderei fazer um empréstimo para que eu finalmente possa comprar o meu lugar.

Os olhos de Andreas brilharam de uma forma diferente naquele momento, mas nada disse.

PERIGOSAS ACHERON

Assim, eu continuei.

— Minha mochila destruída e minhas orelhas sempre nuas, porque elas só aceitam joias que não posso pagar, são parte de mim, partes da vida que levo agora. — disse emocionada. — Tudo isso acontece porque sou uma médica — sorri —, porque fui contra ao que meu pai disse, não desisti. Então, saiba que não quero brigar por nossas condições tão diferentes, mas eu preciso que você entenda isso em mim e que possamos de alguma forma encontrar um equilíbrio para que essa

diferença não paire sobre nosso relacionamento e tire o foco desta coisa... — *Maravilhosa? Perfeita? Quase utópica?* — essa coisa que temos.

Finalizei.

Andreas me analisou por um longo tempo, seu rosto era uma incógnita para mim, queria poder saber o que se passava em sua cabeça naquele momento.

— Woody, eu entendo tudo o que me disse, juro que entendo, mas preciso que me deixe lhe proporcionar as coisas que eu posso também —

PERIGOSAS NACIONAIS

falou. — Preciso que me deixe levar você para viajar às vezes, que me deixe lhe dar roupas quando achar que ficarão belas em você, levá-la para jantar... — sua voz ficou um tanto trêmula — preciso que me deixe dar-lhe um — ele pegou uma caixinha vermelha aveludada e abriu em minha frente — par de brincos que possam ser usados por suas lindas orelhas.

Olhei para as delicadas pedras descansando sobre uma pequena almofada e abri a boca um tanto admirada.

PERIGOSAS ACHERON

— Não são diamantes. — Andy foi rápido em dizer — é platina e zircônia. Apenas para que você possa usá-los sempre.

Levei as mãos na boca e continuei fitando o belo par.

— Por favor, Woody, aceite. Aceite meus presentes e aceite a minha ajuda. Eu quero que você tenha o melhor.

Fiquei em silêncio. Como lidaria com aquilo?

Por um longo tempo fiquei calada, sem

saber o que dizer, cheguei a pegar ar para falar, mas nada saía.

— Diga algo, Maxine. — Instigou.

Eu não seria uma megera com ele. Andreas estava me dando um presente, mais um durante um belo jantar que ele havia preparado para mim, não estragaria algo que mal havia começado, mas precisava ser direta sobre como me sentia sobre ser ajudada. Estiquei minhas mãos e sorri ao pegar a caixinha. Em seguida, retirei os brincos da almofadinha e os coloquei em minhas orelhas.

Levantei meus cabelos e me exibi para ele.

— Estou bonita?

— Perfeita. — Sorriu ele, relaxando mais.

— Obrigada, são lindos — disse honestamente.

— Fico feliz que tenha gostado. — Andreas se ajoelhou e se esticou por cima de toda a comida e taças para me beijar. — Obrigado por aceitar.

— Eu aceitei, Andy, mas eu preciso que você entenda uma coisa. — Quando ele não disse nada, continuei. — Não quero que me ajude e

preciso que respeite a minha decisão e a vida que levo.

— Mas...

— Por favor? É importante para mim. —

Coloquei minhas mãos em seu belo rosto e acariciei sua barba. — Por favor, namorado! — sussurrei.

Seus olhos endureceram. Algo passou por lá e eu não sabia o que era. Mas Andreas pareceu preocupado. Logo ele assentiu e tomou meus lábios nos dele.

Sem nenhuma outra palavra, nós

PERIGOSAS NACIONAIS

continuamos aproveitando o jantar mágico enquanto observávamos as velas boiando na piscina.

Colocando as mãos nas orelhas e acariciando os lóbulos apenas para sentir os brincos lá sorri e pensei que aquele era um dos melhores dias da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E CINCO

MAXINE

— Madeline!

Ouvi meu nome ecoar pelo corredor do hospital, assim que saí da sala de cirurgia. Estava auxiliando a doutora Jordan Beamout, a chefe de cirurgia do Mount Sinai. Quase não acreditei quando ela, aleatoriamente, apontou para mim e disse que eu poderia acompanhá-la em um procedimento cirúrgico.

Retirando minha máscara e touca cirúrgicas virei minha atenção para quem me chamava. Era Winona, uma das residentes da obstetrícia.

— Posso ajudar em algo? — perguntei preocupada.

— É apenas para checar seu funcional, você foi solicitada algumas vezes. Doutor Martinez não gostou que você não atendeu.

— Eu estava em cirurgia, ele sabia disso?

— Eu não sei — respondeu ela. — Mas ele disse que precisava de você na emergência.

Martinez sempre precisava de mim na emergência. Quando ele percebeu as minhas habilidades para lidar com a pressão, começou a tentar me persuadir a escolher a cirurgia geral. Inclusive, afirmou que se eu escolhesse não me especializar, eu teria um cargo na sua equipe depois da residência. Eu diria que era tentadora a sua proposta se eu já não estivesse inclinada em fazer exatamente aquilo. Mas também não podia negar o chamado da chefe do hospital.

— Tudo bem, se o vir, avise que estou a

caminho. — Solicitei a Winona e terminei de retirar e descartar o aparato cirúrgico.

As últimas semanas foram intensas. Após o meu retorno de Miami com Andreas e nossa primeira discussão de relacionamento, a famosa DR, entramos em uma rotina de namorados.

Bem, tanto quanto meu trabalho permitia. Eu tinha plantões longos, ficava dois ou três dias sem conseguir vê-lo decentemente, contudo, ele sempre dava um jeito de se fazer presente em cada momento. Inclusive, os momentos que eu parecia

mais precisar.

Como no dia que eu não consegui reanimar um código azul. Ou quando um paciente bêbado tentou me agredir enquanto eu suturava sua orelha e tive todos os tipos de gatilhos ativados. Ou mesmo quando eu tive que chamar a hora do óbito de uma paciente oncológica e aquilo totalmente lembrou a minha mãe. Andy sempre dava um jeito de estar junto comigo. Uma conversa pelo *facetime*, uma mensagem dizendo que estava pensando em mim... Até mesmo uma aparição no momento do

PERIGOSAS NACIONAIS

meu intervalo, fazendo meninas, e meninos, colegas de trabalho suspirarem.

Andreas estava fazendo eu me apaixonar por ele.

E eu estava tão caidinha por aquele homem, que nem estava me importando mais em esconder. Troquei no último mês mais mensagens de emojis fofos do que de calcinha a minha vida inteira.

Meu telefone funcional apitou avisando que o doutor Martinez não queria esperar muito mais tempo por mim, então, refiz meu cabelo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prendendo-o novamente em um rabo firme, coloquei meu jaleco e corri para a emergência. O caos estava instalado lá.

— Madeline, finalmente! — Martinez gritou quando me viu. — O pronto socorro está cheio, pegue suas luvas e comece a trabalhar.

Respirando fundo, peguei um par de luvas no meu jaleco e coloquei a *mão na massa*.

**

Deus! Foi bom ouvir a voz dele depois de tantas horas trabalhando.

PERIGOSAS ACHERON

— *Woody!* — exclamou assim que atendeu o telefone.

— Hey... está na boate? — Era uma pergunta meio óbvia, era sábado, o dia de maior movimento na Central Dance, claro que ele estava lá.

— *Sim. No escritório. Organizando algumas coisas.* — explicou — *E você, cansada?*

— Bastante! Os turnos foram loucos e eu ainda fiz mais um além do previsto. — Contei. Um acidente de ônibus tinha me feito ficar mais trinta e

seis horas no hospital, eu estava exausta.

— *Eu sei...* — meu namorado respondeu —
você desmarcou nosso jantar, lembra?

— Desculpe, baby. Vou recompensar. —
Prometi novamente. Aconcheguei-me na cama e
coloquei um dos meus travesseiros entre as pernas
para dormir. Suspirei. Um pouco por causa do
cansaço e um pouco também, por estar sozinha ali.
Foi tão fácil me acostumar com Andreas.

— *Não se desculpe, Woody, já disse que
entendo.* — Sua voz era suave enquanto falava,

senti os pelos do meu corpo se arrepiarem com a sussurro rouco da sua voz. — *Apenas lembre-se que conversamos sobre manter o equilíbrio.*

Eu lembrava. Foi logo depois do nosso jantar na beira da piscina, nós conversamos após ter me dado os brincos de platina, então fizemos amor...

— *Bem, agora que somos namorados e tiramos as questões financeiras do caminho. — Andy falou me aconchegando em seu peito. Eu apenas gemi em resposta e ensaiei um sorriso.*

Acho que ainda não havia descido da órbita em que ele havia me colocado depois de ter me fodido da forma como ele fez. — Há algo que você gostaria de colocar em pauta para evitar futuros aborrecimentos?

Aquilo me despertou um pouco mais, na verdade, havia sim algo que eu precisava dizer a ele.

— Na verdade, há — respondi e virei meu rosto em sua direção. — Meu trabalho é importante para mim, e eu não posso dizer que vou

colocar você em primeiro lugar... Nós não sabemos o que sentimos um pelo outro direito, tudo é muito recente... — expliquei — e eu gostaria que respeitasse a minha decisão sobre colocar minha carreira a frente de tudo, neste primeiro momento.

Se eu sentisse que deveria colocar meu relacionamento com Andreas em primeiro lugar no futuro, eu o faria, seria a minha decisão. Mas não abriria mão da minha carreira e independência por ele.

— E que tal nós encontrarmos um equilíbrio

e você nunca precisar escolher entre sua carreira ou eu?

Eu poderia jurar amor eterno para aquele homem naquele exato momento. Mas não poderia me entregar cegamente às suas palavras doces. Nosso relacionamento era tão recente, novo... Fazer promessas no calor da paixão que estávamos vivenciando naquele momento parecia fácil demais. No entanto, com o passar das semanas, naquele último mês, Andreas realmente parecia levar a sério suas palavras.

— Obrigada por ser compreensivo.— disse honestamente.

— Apenas certifique-se de equilibrar, baby, e eu ficarei bem com isso.

Antes que eu pudesse responder soltei um espirro estrondoso e funguei em seguida.

— Saúde. — Sua voz mudou, se tornou um pouco tensa. — Está ficando doente?

— Eu espero que não! Amanhã eu começo um turno novo.

— *Nem me lembre, mais três dias para ver*

você, estou quase me internando no hospital para te ver, doutora Madeline.

— Terei dois dias inteiros para você depois disso, senhor Collins, não seja um bebê chorão. —
Outro espirro escapou. — Desculpe.

— Vá descansar, baby. Boa noite. —
Desejou finalizando nossa conversa.

— Bom trabalho — resmunguei já me sentindo incoerente e caindo na inconsciência.

Ao desligar, me agarrei ao boneco do Woody que ele havia me presenteado e tratei de

dormir. Satisfeita que só trabalharia no dia seguinte à noite. Seriam muitas horas de descanso.

**

Meu nariz estava escorrendo, meu corpo estava implorando para ser jogado em uma cama e minha garganta estava quase completamente fechada.

Olá, gripe.

— Você sabe que não pode ficar no plantão neste estado, Max. — Pam reprovou vendo o quão ruim eu estava. — Vou pegar antibióticos para você

e vá para casa, eu converso com o Martinez.

— Mas eu...

— Se você passar esse vírus para alguém, vão encher o seu saco. Vá descansar.

Assenti sabendo que ela estava certa. Fui para o vestiário e me troquei rapidamente. Antes de sair roubei um copo de café e segui para o metrô.

**

Assim que cheguei em casa e fechei a porta atrás de mim, olhei em volta. As paredes do meu apartamento não pareciam tão convidativas. Talvez

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse aquela gripe que estava me deixando sensível, afinal, nem lembrava da última vez que fiquei doente. Quando criança, mamãe cuidou de mim. Um pouco mais tarde, foi Doug quem cuidou de mim, mesmo assim, além de cólicas menstruais, eu sequer tive uma coriza.

Ou talvez eu apenas estivesse sentindo necessidade de estar perto do meu namorado. Olhei para o Woody deitado em minha cama e andei até ele sorrindo. Deitei na cama e peguei o boneco.

— Você está patética, Max. — Resmunguei

PERIGOSAS ACHERON

olhando para o Woody. — Você não concorda, Woody? — Puxei o fio de corda de suas costas para que ele falasse.

Yrrah, Cowboy!

O boneco gritou fazendo-me rir. Balancei sua perna e levantei seu pé para mim, sabendo que encontraria um nome no solado.

Andy

Peguei meu telefone e fiz uma selfie colando o meu rosto ao do boneco e um beicinho. Enviei para ele com a legenda:

Woody cuidando da Woody!

Não muito tempo depois a resposta para a
minha mensagem chegou.

*Arrume uma mochila, o Andy vai cuidar
da Woody.*

CAPÍTULO VINTE E SEIS

MAXINE

— Você não deveria estar aqui, Andreas.

Tentei ligar para você e avisar, mas não me atendeu

— expliquei assim que abri a porta para ele.

Sua mão foi direto para a minha testa em um tentativa paternal de medir a minha febre, rolei meus olhos e afastei sua mão. Ele imediatamente se aproximou para me beijar, mas dei um passo para trás.

— Isso não é um resfriado, Andreas! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Posicionei minhas mãos para cima tentando mantê-lo longe. — Você vai pegar o meu vírus.

— Vamos por partes — disse ignorando minhas palavras e pegando minhas mãos —, primeiro: — ele me puxou em sua direção de supetão, caí sobre seu peito e imediatamente senti suas mãos em minha cintura — estou morrendo de saudades.

Então me beijou, profundamente. Praticamente ilustrando o que tinha acabado de declarar para mim. Separei-me dele tentando

PERIGOSAS ACHERON

manter alguma coerência.

— Enfiar a língua na minha garganta acabou de assinar a sua sentença. — Funguei provando o meu ponto. — Você está condenado.

— Segundo: — voltou para o que dizia ignorando meu aviso — eu vou cuidar de você, baby...

— Mas...

— Não importa o quão doente eu fique depois disso! Vou levar você para casa.

— Mas... — Tentei argumentar novamente.

— Maxine — sua voz virou um sussurro
—, me deixa cuidar de você. Por favor. — Pediu.

Cuidar de mim?

A sensação daquelas palavras trouxeram um
sabor agri-doce. Quanto tempo fazia que alguém
tinha cuidado de mim? Andreas me deixava
apavorada quando tinha gestos como aqueles.
Embora eu tenha desistido de lutar contra os meus
sentimentos e prometido encontrar um equilíbrio,
me assustava ainda como tudo era intenso entre
nós. Era como se eu já estivesse voando alto

demaís.

Em silêncio, me afastei dele e fui até a cômoda onde guardava a maioria das minhas roupas. Peguei minha mochila e coloquei algumas peças dentro.

— Tudo bem, mas eu não vou atender você quando ficar doente — resmunguei mal humorada.

— Eu não vou ficar doente, baby. — Ele parecia tão seguro de si.

— Pff! Você não sabe disso — retruquei me virando para ele. Andy estava escorado na parede

PERIGOSAS NACIONAIS

de braços cruzados, como sempre, parecendo delicioso.

— Eu sei.

— E como?

— Eu sou muito bom em cuidar de tudo quando as pessoas que eu a... tenho muito carinho estão precisando.

Ele disse a! Oh, meu Deus! Ele ia dizer ‘as pessoas que eu amo’? Será?

— Portanto, não se preocupe. Eu vou ficar bem. — Emendou em seguida, como se nada

PERIGOSAS ACHERON

tivesse acontecido.

*Bem, provavelmente nada aconteceu. E
você só está surtando.*

Pensei e logo voltei a arrumar tudo o que precisava. Percebi que Andreas olhava tudo em volta, analisava meu apartamento de forma crítica e aquilo me incomodava um pouco, para ser honesta, envergonhava. Mesmo depois da nossa conversa, eu ainda podia perceber a necessidade que ele tinha de querer resolver a minha vida.

Tentei bloquear a maldita voz dizendo que

nossos mundos continuariam se chocando sempre e resolvi perguntar qual era o problema com o meu apartamento de uma vez por todas.

— É só que eu acho... — Andreas iniciou levando sua mão até a nuca e coçando enquanto seus olhos analisavam o local novamente.

— É o quê? — Instiguei novamente, sabendo o que ele diria.

Andreas me fitou com o semblante suave e sorriu.

— Eu não quero brigar, baby. — Se

aproximou e beijou a minha testa suavemente. —

Quero apenas levá-la para casa e cuidar de você.

Apenas isso.

Relaxe em seus braços e engoli o meu orgulho mais uma vez. Eu sabia o que Andreas pensava e se eu fosse um pouco sincera comigo mesma, assumiria que meu apartamento era um tanto insalubre, especialmente para alguém tão gripada quanto eu.

**

— Há algo da sua preferência? — Meu

namorado perguntou após alegar que faria algo para eu comer.

— O quê? — perguntei confusa. Do que diabos ele estava falando?

— Para comer? Há alguma comida que lhe traz conforto quando você está doente? — Ele acariciou o meu rosto enquanto questionava.

— Hum... não realmente — sussurrei desviando meu olhar, me sentindo vulnerável com a sua pergunta. Tentando não lembrar do mingau que minha mãe sempre fazia quando eu estava

doente, ou do sorvete que eu passei a preparar quando ela estava enjoada para comer qualquer outra coisa no período em que estava para morrer.

— Vou preparar macarrão com queijo para você, então. — Havia um tom sorridente em sua voz que me fez olhá-lo novamente.

— Tudo bem... — murmurei tentando prestar atenção no meu banho.

— Baby? — Andreas chamou tornando o tom da sua voz preocupado. — Algum problema?

— Eu estou bem, só um pouco cansada —

justifiquei. — É a gripe e a garganta que estão me deixando assim. Eu vou tomar um banho. Sim?

— Tudo bem.

Ele me analisou como sempre, de uma forma que fazia com que minha alma se abrisse para ele como um livro.

Como Andreas fazia aquilo? Eu nunca saberia. Mas era o sentimento que eu tinha quando seus olhos deixavam de ser esfomeados e brilhantes de luxúria e apenas aquele misto de carinho com preocupação preenchia ele. Fazia com que eu me

sentisse segura e vulnerável.

Confusa de tudo em minha vida.

ANDREAS

Algo incomodava Maxine. Não era apenas aquela gripe. Havia alguma coisa que a estava deixando inquieta. E se ela estava incomodada, eu também estava. Desde que Max havia aceitado namorar comigo, as coisas estavam perfeitas. Nós encontramos um ritmo em nosso relacionamento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela tinha mais dificuldades do que eu, claramente, não estava acostumada a ter alguém constantemente em sua vida e prezava a sua independência.

Era louvável.

E uma dor na bunda ao mesmo tempo.

Fui para cozinha e procurei os ingredientes necessários para o bom e velho *mac and cheese*.

Amava comer aquela porcaria quando era criança e minha mãe simplesmente fazia o melhor de todos, então fiz a besteira de ligar e pedir dicas.

PERIGOSAS ACHERON

— *Querido, se você quer macarrão com queijo, eu posso ir e fazer para você.* — Sua voz ecoou pelo viva-voz. O telefone estava em cima da bancada enquanto eu tentava seguir as suas instruções.

— Não, mãe, não é para mim, é para outra pessoa. — Fechei meus olhos, imediatamente arrependido de ter deixado escapar aquela informação. — É...

— *Oh, meu Deus! Sophie está aí com você? Andreas! Que notícia maravilhosa.* — Sua voz

ecoava alta por toda a cozinha.

— Não, mãe... — Tentei argumentar, mas ela não me deixou falar.

— *Eu estou tão feliz, querido, tão feliz!* — continuou sem parar. — *Sabia que vocês se acertariam, agora podem me dar um neto, sabe muito bem que eu espero por isso há muito tempo.*

Revirei meus olhos e respirei fundo, ouvindo as sandices de Andrea Collins. Um movimento em minha visão periférica chamou a minha atenção, olhei rapidamente vendo Maxine

vestida com o meu roupão, olhando fixamente para o telefone. Sua face tensa enquanto ouvia minha mãe falando sobre Sophie.

— Mãe! — gritei, fazendo-a silenciar. — Não é Sophie quem está aqui, estamos acabados e a senhora sabe disso.

— *Oh...* — Ela murmurou do outro lado da linha, nitidamente decepcionada.

— Quem está aqui comigo é Maxine, você a conheceu no hospital. — Estiquei minha mão para que Max se juntasse a mim, mas ela não se moveu.

Continuou olhando para o meu telefone como se minha mãe estivesse presente ali.

— *Oh, bem... eu acho que preciso ir, eu...*

Seu pai está precisando de mim.

— Mãe...

— *Até breve, querido.*

E a linha ficou muda. Apoiei meus braços no balcão e fechei meus olhos com força.

Merda!

Max não devia ter ouvido aquilo.

— Quando você disse que sua mãe não

aceitou bem o seu divórcio, não foi exagero. — A voz totalmente anasalada, denunciando o quão gripada minha namorada estava, me fez abrir os olhos e fita-la novamente.

— Desculpe, baby, ela vai se acostumar com você. — Procurei amenizar.

Max me olhou e riu minimamente, foi quase como uma bufada.

Antes que eu pudesse dizer outra coisa, ela espirrou alto e esfregou o punho do roupão em seu nariz.

— Preciso pegar meus remédios — avisou, saindo.

**

Nos sentamos no sofá para comer, Max se fez confortável colocando os pés para cima do móvel enquanto comia o seu prato de *mac and cheese* com vontade.

— Está uma delícia — elogiou honestamente.

— Caprichei no queijo, suspeitei que com a gripe você não estivesse sentindo muito o gosto das

coisas. — informei com orgulho. Novamente algo em seus olhos brilharam. Alguma coisa a incomodava e eu não tinha ideia do que era. — Max, o que foi? Fale comigo. — Pedi preocupado.

— Não é nada, Andreas — iniciou largando o garfo no prato e levou-o até a mesa de centro em frente ao sofá. —, eu só não estou acostumada com esse excesso de zelo. Só isso... — Deu de ombros como se não fosse grande coisa.

— Isso não é excesso de zelo, baby — expliquei achando engraçado. — Estou apenas

cuidando de você.

— Para mim, isso já é excesso de zelo.

Cortava-me o coração saber que Maxine foi negligenciada de tal forma. Odiava relembrar suas palavras, ao me contar sobre como foi sua vida depois que sua mãe morreu.

Eu tinha um ódio mortal do seu pai.

E uma gratidão imensa por Doug Fletcher.

Duas pessoas que eu sequer conhecia. A necessidade de Maxine por seguir a sua vida sozinha, sem precisar de ninguém, vinha

PERIGOSAS NACIONAIS

diretamente do medo de precisar de alguém de novo e ser ignorada. Ela se recusava a sofrer de tal maneira novamente e eu entendia perfeitamente.

Mas sua força era praticamente a minha maldição. Pois minha vontade era pegar todas as coisas do seu apartamento e levá-la para um lugar melhor. Trazê-la para a minha casa, talvez. Dar a ela o que realmente merecia. Meu coração e... Mas sabia que ela se negaria. Assim como...

Merda!

Ela vai enlouquecer!

PERIGOSAS ACHERON

Eu deveria ter ouvido Dashier. O cara de bunda tinha razão. Estou fodido agora.

— Não há nada de errado em ter um pouco de carinho e atenção, baby. — A puxei pelo braço e trouxe para cima de mim. Max deitou em meu peito, se aconchegando e suspirando, como se estivesse em deleite.

Ficamos um longo tempo em silêncio, alisei seus cabelos e senti sua respiração enquanto pensava em como não colocar tudo a perder dizendo a ela o que precisava. Em um impulso

comecei a falar.

— Max? Preciso lhe dizer algo, baby. Não surte por favor... — Não ouvi nenhuma resposta. — Woody? — Chamei e olhei para baixo. Ela dormia pesadamente em meu peito.

**

MAXINE

— Max, baby? — ouvi ele chamar. — Acorde apenas por dois segundos, por favor. — Meus olhos tremularam. E abriram. A claridade me fez apertá-los antes de focalizar em um Andreas de

PERIGOSAS NACIONAIS

dar água na boca. Vestido em um terno negro, com os cabelos ainda úmidos do banho, penteados para trás e cheirando maravilhosamente estava meu namorado sentado na cama.

— Bom dia — murmurei ainda analisando toda a sua beleza. Caramba! O cara me fazia excitada apenas com o olhar. Que porra era aquela?

— Bom dia, linda! — Cumprimentou dando um beijo rápido. — Sente-se bem? Não teve febre durante a madrugada...

Ele cuidou de mim na madrugada?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu me sinto bem, obrigada. — Me sentei e esfreguei meu rosto. — Está saindo?

— Sim, eu preciso resolver algo na Colt, desculpe. — Ele realmente parecia chateado.

— Não se desculpe, está tudo bem, eu vou me arrumar e pegar as minhas coisas... — informei me levantando.

— Não, baby, não. — Suas mãos se fixaram em meus ombros. — Você fica. Só acordei você para avisar. Devo voltar para o almoço, pedirei para o *room service* do apart trazer seu café da manhã e

o almoço para nós, você apenas descansa. —
ordenou. — Eu volto o mais rápido que puder.

— Mas...

Ele se aproximou do meu pescoço e beijou delicadamente, subindo até o meu ouvido, esfregando seus lábios delicadamente.

— Por favor, baby, fique. — Seu tom quente, rouco e baixo fez a minha pele arrepiar. Assenti sem conseguir responder direito. — Ótimo, vejo você mais tarde.

Um último beijo e ele se foi. Me deixando

completamente louca na cama querendo nada mais do que suas mãos em mim. Bufando, fui para o banheiro tomar um banho, tentando tirar a peso da gripe do meu corpo e em seguida receber o café da manhã.

A campainha tocou exatamente no momento em que saí do chuveiro. Corri colocando o roupão de Andreas e tentando enrolar a toalha em meus cabelos. Quando abri dei de cara com ninguém menos do que a mãe de Andreas.

— Olá, querida!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E SETE

MAXINE

— Senhora Collins. — Cumprimentei sem muita simpatia. Talvez eu devesse tentar ser mais cordial, mas algo em mim dizia para eu sequer tentar. Quando nos conhecemos no hospital, ela foi cordial, animada até. Estava grata por eu ter ajudado Andreas no tiroteio, mas tirando isso, Andrea Collins tinha uma opinião muito bem formada sobre mim.

Eu não era Sophie.

— Será que posso entrar na casa do meu filho, doutora Madeline? — Seu sorriso era educado e seu semblante tranquilo e risonho, era quase como se fosse treinado para ser uma miss.

Dei um passo para o lado e abri mais a porta para que ela entrasse, antes que eu pudesse fechar, o rapaz do *room service* apareceu com o carrinho de café da manhã. Deixei que ele entrasse e o mesmo posicionou o carrinho ao lado da mesa de jantar.

— Apenas assine aqui, senhorita. — O

rapaz pediu entregando a carteira de couro com a caneta para que eu desse o meu visto.

— Obrigada. — Disse assim que entreguei a ele e fechei a porta em seguida. Andrea andou até a mesa e abriu as campanas do meu café da manhã analisando tudo.

— Andreas está dormindo ainda? — perguntou sem realmente me olhar.

— Não, ele foi para a Colt mais cedo, deve voltar para o almoço apenas. — Informei me aproximando, sem me deixar abalar. Puxei uma

cadeira e me sentei.

— Acho que terei que esperar então — disse delicadamente.

— Claro, por favor, sirva-se do café da manhã. — Destampeí a única campana ainda fechada e me deparei com um crisântemo amarelo com pequenas nuances em laranja em cima do prato de frutas frescas. Sorri pegando a flor, sabendo que Andy havia pedido para que aquilo acontecesse, e fiz uma nota mental para agradecê-lo mais tarde.

— Conte-me sobre você, Maxine. — A mãe de Andy ordenou.

— Não há muito que dizer sobre mim, senhora — respondi pegando um *croissant*, partindo ao meio e pegando manteiga em seguida.

— Certamente deve haver, imagino que você seja muito especial para Andreas permitir que você esteja aqui. — Ela estava sondando se eu sabia o que eu era na vida de Andy.

Eu era?

Suas atitudes diziam que sim.

**

ANDREAS

— Queria marcar um jantar com você, cupcake e o pequeno H, apresentar minha Woody oficialmente para vocês. — Avisei Dashier, que digitava freneticamente sem me dar a mínima atenção.

— *Minha Woody!* E eu sou o maricas chamando Quinn de cupcake. — Ele bufou ainda

sem parar de digitar.

— Tudo bem, tudo bem! Eu agora entendo o que é estar apaixonado e chamar de apelidos fofos.

— Você tinha apelido fofo para Sophie. —
Dashier afirmou finalmente parando de digitar e se virando para mim, entreguei as pastas com os gráficos de crescimento do último ano da Colt.

— Não, eu a chamava de Soph.

— Você sabe que não me lembro muito bem desta época, cara — justificou com brilho triste no

olhar.

— Não vamos falar sobre isso, passou, você continua sendo meu *irmão*. — Tratei de voltar ao assunto de antes, não queria ver meu amigo para baixo. — Então, jantar? Mas precisa ser na outra semana, ela está gripada, não vai querer colocar nenhum de vocês, principalmente Hazel, no foco do vírus dela.

— Deve estar difícil para você ficar longe dela então — afirmou, abrindo o conteúdo que lhe entreguei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não realmente, ela está na minha casa.

— Dashier parou o que estava fazendo e me olhou seriamente.

— Então, você abriu para ela? Contou? —

Afirmou. Apenas neguei com a cabeça. — Porra, Andreas!

— Vou contar, vou abrir o jogo, Dashier.

Só... me dê mais um tempo.

— Você está cagando a situação, sabe disso.

— Avisou sem delongas.

— Eu sei, porra!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que eu pudesse dizer algo mais, meu telefone tocou, peguei e imediatamente atendi quando vi que era Maxine.

— Baby?

— *Hey* — sussurrou.

— Está tudo bem? — Senti meu cenho franzir e me esforcei mais para ouvir a sua voz.

— *Não.*

— O que houve, por que está sussurrando?

— *Porque estou no maldito banheiro me escondendo da sua mãe!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?

— *Sua mãe está aqui me mostrando fotos do seu casamento no celular dela, Andreas. Realmente questiono se pessoas de idade deveriam ter redes sociais.*

— Você está brincando comigo! — exclamei, me levantando da cadeira bruscamente.
— Desculpe, baby. Estou indo para casa. Aguarde firme.

Ela desligou e eu só pude fazer uma coisa, gritar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra!

— O que aconteceu? — Meu melhor amigo perguntou alarmado. — Andreas?

— Minha mãe está lá em casa com Maxine.

Não precisou de muito mais para meu amigo entender a gravidade.

— Cara...

— Merda, Dashier! Minha mãe vai fazê-la ir embora — disse, correndo para a porta, sem me preocupar com o que Dash diria. Ele sabia que eu estava certo.

PERIGOSAS ACHERON

Andrea Helena Collins se orgulhava em ter o seu status, ser ‘esposa e mãe’. Para ela, uma esposa deve ficar em casa, cuidar do lar e aguardar ansiosamente pelo marido. Quando me casei com Sophie, foi complicado no início porque minha mãe me tratava como seu pequeno troféu e qualquer mulher que se aproximasse de mim deveria, além de agradecer pela minha existência, fazer tudo por mim. Sophie se contentou com aquilo por algum tempo e conquistou minha mãe.

Mas não foi o suficiente para ela.

Maxine, porém, era completamente diferente de Sophie. Ela queria uma carreira, o seu lugar no mundo para que nunca mais ninguém pudesse fazer com que ela se sentisse um estorvo e eu completamente entendia aquilo. E sabia que Max não moveria uma palha para agradar a minha mãe.

Honestamente, se não fosse uma catástrofe em potencial, até que era engraçado.

**

Ao chegar em casa, vi apenas minha mãe no

sofá. Max estava longe de ser vista.

— Onde ela está? — perguntei sem sequer cumprimentá-la.

— Disse que não estava se sentindo bem e se recolheu. Deve estar no seu quarto. — minha mãe bufou com desdém exagerado. Imaginei que minha Woody estava fugindo da minha mãe, então relaxei e deixei que ela ficasse escondida por mais um tempo. — Honestamente, Andreas... essa mulher...

— Não! — exclamei, fazendo ela parar

imediatamente, caminhei até ela e sentei ao seu lado. — Não fale dela, mãe, primeiro porque você está sendo mal agradecida com a mulher que salvou a minha vida naquela boate.

— Eu já agradei à *médica*, não significa que eu esteja de acordo com a *mulher* que você escolheu para se enrabichar, querido — justificou como se o que ela dissesse realmente fizesse algum sentido. — Oh! Será que é por isso que você está namorando ela? Porque se sente agradecido? Querido, isso é uma síndrome, temos que tratar...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe! — Quase gritei, contudo, minha voz elevada foi o suficiente para fazê-la saltar e arregalar seus belos e grandes olhos azuis para mim. — Ouça com muita atenção pois só falarei isso mais desta vez. — respirei fundo. — Meu casamento com Sophie terminou — afirmei com toda a convicção que eu poderia ter em mim. — Eu não a quero em minha vida, nem ela me quer na vida dela. Terminamos como adultos, civilizados que tem profunda admiração um pelo outro, mas que não são mais apaixonados.

PERIGOSAS ACHERON

Eu pude ver os olhos de Andrea Collins marejando à medida que eu repetia pela última vez aquelas palavras.

— Eu não estou namorando Maxine por ser grato a ela, mãe. Interessei-me por aquela mulher antes do tiroteio começar na boate, eu estava flertando com ela naquela noite e rezando para que ela terminasse em minha cama.

— Andreas! — Mamãe exclamou horrorizada.

— Não terminei — enfatizei e voltei a falar,

desta vez, suavemente. Praticamente sussurrando. — e não é apenas uma atração, mãe. Estou apaixonado por Maxine de uma forma que nunca estive por Sophie. Casei-me com ela porque fui inconsequente e pensei que poderia colocar amor em um momento em que só cabia meu crescimento profissional. — Não pude deixar de notar a tristeza em minha própria voz, se Sophie e eu tivéssemos sido mais maduros, não teríamos sofrido tanto. — Agora é diferente, a garota que está doente, no meu quarto, se escondendo, provavelmente para não ser

PERIGOSAS NACIONAIS

mal educada com você, é alguém que tira meu fôlego, me faz querer cuidar dela porque tem feridas tão profundas que ela sequer pode aguentar, mas resiste mesmo assim, pois se nega a ser vista como uma vítima da vida.

Eu consigo ver o momento em que a postura da minha mãe começa a cair e seus olhos se tornam ternos.

— Aquela mulher, despertou em mim sentimentos que eu sequer sabia que tinha mãe, mas ela é como um animal selvagem. Que quando se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproxima abruptamente foge e você nunca mais consegue chegar perto. E eu quero estar por perto mãe, tanto.

— Oh, Andreas! — Suas mãos bem cuidadas voaram para a sua boca, seus olhos estavam arregalados.

— Então, sim, eu a amo e nem sequer posso contar a ela, porque sei que vai fugir de mim. É preciso ir com calma, especialmente depois do que fiz.

— O que você fez?

PERIGOSAS ACHERON

Eu não contaria a ela.

— Não vem ao caso agora. — Cortei imediatamente. — Só preciso que você entenda, mãe. Eu amo aquela garota e se depender de mim, ela será aquela que estará na minha vida para sempre, então, por favor, não estrague isso para mim.

Ela nada disse. Sua mão acariciou o meu rosto e um sorriso bondoso e singelo escorregou entre seus lábios. O sorriso que ela costumava dar quando eu era um menino. Que me fazia lembrar

que ela era não era realmente uma megera total.

**

MAXINE

Merda!

Preciso ir embora daqui.

Pensei enquanto vomitava um pouco mais.

*Que droga! O vômito não para. Lá se foi o
meu café da manhã!*

— Max? — ouvi Andy chamar e a porta, do quarto provavelmente, bater.

— Fique aí! — gritei para que ele não fosse até o banheiro.

Mas era tarde demais, ele já estava na porta do banheiro me olhando de forma preocupada enquanto eu tentava, muito mesmo, não vomitar novamente.

— Não! — Abanei meu braço para que ele saísse do banheiro. — Sai daqui, Andreas.

— Você está vomitando. Comeu alguma

coisa ruim? — perguntou, me ignorando e se aproximando. Se ajoelhou ao meu lado, e esfregou minhas costas enquanto eu fazia ânsia para mais uma rodada.

— É a gripe que está fazendo isso, segundo e terceiro dias são os piores no ciclo do vírus. Eu devia ter me lembrado disso antes de aceitar vir para cá. — resmunguei, sentindo sua mão alisar-me de um lado a outro.

Tão reconfortante.

— Que tal um banho quente? — perguntou

ele assim que a ânsia pareceu dar uma trégua.

Sentei-me em frente à privada e assisti ele tirando o terno e a camisa.

— Andy, baby... — resmunguei. — Você vai acabar ficando doente também, é melhor eu ir para casa.

Fechando os olhos e respirando fundo, Andreas parecia frustrado.

— Max, você sabe tanto quanto eu que seu apartamento não é o melhor lugar para uma pessoa doente. — A forma como ele falou foi direta, acho

que desistiu de pisar em ovos sobre o meu apartamento. E droga! Ele tinha razão.

Chateada, preferi não dizer nada. Apenas assenti e deixei que ele me abraçasse. Cuidasse de mim novamente. Trazendo aquele sentimento agri-doce.

**

— Sua ex é bonita — afirmei enquanto secava meus cabelos, sentada em sua cama. Seu roupão era tão macio que não pude me desfazer

dele, o coloquei novamente e não me preocupei em colocar qualquer roupa íntima.

Andreas não disse nada por um tempo, ficou apenas analisando a minha fala. Como se quisesse entender as minhas palavras.

Sophie era linda realmente. Loira, corpo esbelto, cheia de classe. Combinava com Andreas. Caramba, bastava ver um ao lado do outro no dia do seu casamento. Era como um casal de revista de noivas.

— O que minha mãe fez com você foi além

do inapropriado, por favor, me desculpe, baby.

— Tudo bem. — Disse dando de ombros.

Funguei e tossi ao mesmo tempo enquanto procurava a caixa de lenço de papel. Em seguida, fiquei calada por um tempo antes de falar novamente. Então percebi que as coisas não estavam tão bem assim.

— Eu só quero que você entenda uma coisa:

Eu não sou Sophie, eu provavelmente nunca vou agradar a sua mãe e também não vou hesitar em dar a resposta que ela merece da próxima vez que

inventar o show que fez hoje. Foi cruel.

Andreas se aproximou de mim e sentou na minha frente, vestido apenas com uma calça de pijamas, deixando todo o seu peito amostra. Era quase injusto estar doente e não poder aproveitar o playground Andy.

Suas mãos foram para ambos os lados do meu rosto e acariciaram-me com cuidado. Seus belos olhos me fitaram por um tempo imensurável antes dele se aproximar e beijar a ponta do meu nariz de forma carinhosa.

— Me desculpe. Não vai se repetir —
sussurrou antes de beijar meus lábios de forma
rápida e delicada. Assenti e me senti relaxar. —
Agora, que tal assistirmos alguns filmes?

— Você não tem que trabalhar?

— Já foi resolvido.

— É sério, Andreas, se precisa trabalhar...

— Max — seu tom parecia um alerta —, me
deixa cuidar de você, baby.

CAPÍTULO VINTE E OITO

MAXINE

Fiquei praticamente boa em uma semana.

Tomando os remédios regularmente e sendo mimada pelo senhor Collins, porém, ainda me sentia enjoada e febril em alguns dias. Aquilo estava me deixando agoniada já.

Por outro lado, ser adulada pelo meu namorado não era tão ruim assim.

O homem era implacável. Havia quase vinte dias que eu simplesmente não sabia o que era pisar

em meu apartamento. Mesmo depois de voltar a trabalhar, quando não estava de plantão, Andreas ia me buscar no hospital e me levava para a casa dele.

Ele estava diferente.

Algo parecia estar pairando sobre nós e eu não sabia dizer o que era, mas certamente estava tornando ele mais tenso. Quando o questionei sobre, ele apenas sorriu e disse que encontraria uma forma de resolver aquilo, mas nunca negou que era sobre nós. Eu também não cobreí demais. Não queria abrir precedente para ser cobrada por coisas

PERIGOSAS NACIONAIS

das quais eu não estava pronta para contar e bem... não sabia se um dia estaria.

Andreas não ficou doente e eu realmente cogitei estar namorando algum super-herói. Nós não transamos por eu estar cansada e bem,nojenta, cheia de coriza e catarro, mas ele esteve por perto cada minuto que podia, e merda, ele realmente fazia uma sopa deliciosa.

Era uma novidade ser mimada, ganhar desde um copo de água na mão até um simples carinho na cabeça na hora de dormir, novidades

PERIGOSAS ACHERON

para mim. Mas era bom, e embora o medo de me acostumar com aquilo existisse, era impossível não acontecer, passei a esperar certos gestos de Andreas que antes nunca tive contato. Como ser pega no colo e levada para o quarto, ou sofrer um ataque de cócegas, talvez uma mensagem piegas com letra da nossa música enquanto estou trabalhando.

Ele me mostrou um mundo completamente diferente.

— Baby? Você está pronta? — Andreas entrou no banheiro e se encostou na porta enquanto

me observava passar mais uma camada de máscara para cílios.

— Quase, quase — informei, finalizando.

Fechando a tampa da maquiagem, me virei para ele e fiz uma pose para que ele dissesse o que achou da minha escolha.

O vestido florido e preto estava por cima do biquíni também preto, a maquiagem era leve, e as sandálias eram baixas. Olhei para ele e tentei não pensar em como seria bom ficar na cama no lugar de irmos para o churrasco na casa do seu amigo,

Dashier Colt. Ele e sua esposa, Quinn haviam nos convidado para um almoço na piscina de sua cobertura no Upper East Side. Era tudo sobre o que Andreas podia falar nos últimos dias.

— *Você vai amar a Quinn...*

— *Parece que você a ama — disse rindo da forma como ele estava empolgado.*

— *Eu amo, Dashier não poderia ter encontrado alguém melhor, Quinn realmente é perfeita para ele, e queria muito que vocês fossem amigas.*

Eu havia conhecido a senhora Colt rapidamente no hospital quando Andreas estava internado, mas para ser honesta, foi tão rápido que mal pude prestar atenção na mulher, eu estava tentando parecer o mais profissional possível naquela ocasião. Mas estava empolgada para conhecer Quinn e Dash. Andreas havia me contado brevemente sobre a história dos dois e fiquei encantada com a força daquela mulher e pelo amor que os três compartilhavam.

— Eles vão renovar os votos deles no

próximo ano, quero que vá comigo. — Intimou.

Sorri gostando do convite, significava que ele pensava em nós a longo prazo. Solidificando tudo o que ele vinha falando desde que aceitei realmente assumir um compromisso sério com ele.

— Você está linda. — Finalmente disse.

Ele também estava lindo. Delicioso para dizer a verdade. A camisa polo branca e a bermuda caqui evidenciavam seu corpo másculo e gostoso. Aproximei-me sabendo que ele estaria cheirando maravilhosamente bem, seu perfume misturado

PERIGOSAS NACIONAIS

com o seu cheiro era grande parte do seu apelo para mim. O abracei ficando na ponta dos pés e posicionei meu nariz em seu pescoço, esfregando de cima a baixo enquanto aspirava seu aroma. Suas mãos prontamente procuraram a minha bunda e apertaram com força comedida enquanto seu quadril se aproximava do meu.

— Cheiroso — murmurei enquanto continuava a esfregar meu nariz na pele do seu pescoço.

— Provocadora. — Devolveu como se fosse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um elogio e uma reclamação ao mesmo tempo. Ri, mas não parei a minha provocação.

— Delicioso — murmurei de novo, deixando um beijo e uma mordiscada após.

— Ugh! Woody, você não joga limpo. Eu já quero comer você de novo.

Chegava a ser hilário que um homem daquele tamanho todo, com a voz completamente sexy, estivesse choramingando sobre me comer. Parecendo um menino contrariado.

— Mas o que impede você, baby? — Saltei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e lancei minhas pernas em volta da cintura dele fazendo com que seus olhos ficassem nublados e suas mãos amassassem a minha bunda como se fosse massa de pão. Senti seu pau duro contra a minha umidade e gemi me esfregando descaradamente nele.

— Estamos atrasados. — Resmungou, pouco convencido do que dizia.

— Estamos com tesão — retruquei — vamos, me foda, o atraso vale a pena.

— Caralho de mulher gostosa! —

PERIGOSAS ACHERON

Resmungou caminhando até o quarto e me jogando na cama.

Endireitei-me na cama e abri as pernas esperando por ele. Andreas tirou a camisa e, em seguida, abriu a bermuda e a retirou com a sunga que vestia por baixo, acariciando-se imediatamente.

— O que está fazendo aí toda confortável?

— Sua voz era rouca e deliciosamente autoritária quando proferiu as palavras. — Vem aqui, provocadora, vem chupar o meu pau.

Não consegui evitar lambe os meus lábios e

salivar quando o ouvi ordenar que eu o chupasse.

Me sentei na cama levando minhas mãos em sua bunda e o trazendo para perto de mim. Não usei de sedução ou tortura, abri a boca logo e abocanhei seu membro duro o máximo que pude fazendo-o gemer alto.

— Cacete, baby!

Minhas unhas cravaram em sua bunda e arranharam sua pele antes de acariciar suas coxas e por fim, minhas mãos alcançaram seu eixo e bolas, massageando, brincando, enquanto eu o sugava e

fazia se contorcer ao meu toque.

— Isso! Tão perfeita... — ouvi resmungar.

Olhei para cima e o vi assistindo a minha ação com um brilho excitado no olhar. Suas mãos pegaram meus cabelos em punhados e os segurou com firmeza enquanto conduzia a minha cabeça, e assim, a minha boca, da forma que queria ser chupado.

O chupei até que ele beirasse o orgasmo, quando estava pronto para gozar, Andreas envolveu meu rosto com suas mãos e me afastou.

— De quatro, baby — ordenou e rapidamente obedeci, louca para receber o que ele tinha para me dar. Suas mãos levantaram meu vestido, abaixaram o biquíni e antes que eu pudesse adivinhar o que ele faria, ele estava beijando meu centro molhado como se fosse a minha boca. Eu podia sentir o seu rosto todo contra a minha boceta. Meus gemidos aumentaram e sabendo que ele gostava de ouvi-los, me políciei para abafá-los contra a cama.

Não demorou muito para que seu rosto fosse

substituído pelo seu pau. Senti ele deslizar para dentro de mim vagorosamente enquanto seus dedos apertavam a carne das minhas nádegas.

— É bom você estar preparada para muito mais disso, Maxine. — Sua voz era dura enquanto investia em mim e falava ao mesmo tempo — porque eu acho que nunca conseguirei parar de querer você e sua boceta perfeita.

O cara gostava de falar sujo e bem... Ops! Descobri que eu gostava de ouvir cada uma das suas sujeiras.

— Andreas! Vou gozar! — gritei a informação e me libertei em gemidos altos e palavrões enquanto sentia ele meter em mim com força. O orgasmo me atingiu no mesmo momento em que os gemidos estrangulados dele denunciaram que estava gozando.

O ritmo diminuiu e ele caiu por cima de mim.

— Acho que precisamos de outro banho — informou meu namorado.

— Sério, Sherlock?

**

Dashier não ficou chateado com o nosso atraso, uma vez que Quinn teve que deixar Nova Iorque às pressas para ver seus pais em Jérsei. Parece que o senhor Miles teve um pequeno problema em sua pressão arterial e Quinn não sossegou enquanto não viu seu pai com os próprios olhos. Logo, Dash estava mais preocupado em se desculpar pela falta da esposa do que cobrar Andreas pelo atraso de uma hora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas está tudo bem? Podemos adiar. —

Andy ofereceu sinceramente.

— Está tudo bem, Quinn apenas ficou preocupada e não quis deixar a mãe sozinha. É mais para mostrar que eles podem contar com ela sempre — explicou. — Ela pediu desculpas, Maxine e disse que vai ligar para vocês combinarem algo novamente.

— Claro! Sem problemas.

— Nos apresente novamente, Andreas. —

Dashier ordenou para o amigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, Dashier está é a minha namorada, Max. Max, baby, Dashier Colt, meu melhor amigo.

— É um prazer revê-lo, senhor Colt. — Peguei a mão estendida de Dashier e o cumprimentei. O homem era outro pedaço de mal caminho ambulante. Cabelo raspado, barba bem alinhada e aparada, um tanto mais curta do que a de Andreas, mas muito bonita também. Ele vestia uma camiseta branca, regata, e parecia um grande frequentador de academia.

— Me chame de Dash, por favor. — Eu

esqueci de mencionar o sorriso? Sim! Cristo! Onde estes homens eram feitos?

Mas então alguém que colocaria os dois homens no chinelo quando crescesse se aproximou. Se eu tivesse cinco anos de idade, provavelmente teria meu primeiro crush naquele momento.

— Tio Andy! — O menininho exclamou e correu em direção a Andreas.

— Pequeno H! Como está? — Andy o pegou no colo e beijou a sua bochecha.

— Super! Mamãe não está, mas deixou os

seus cannolis favoritos e os meus cupcakes. —
Avisou animado. — Eu também já separei meus
brinquedos para a piscina.

— Legal, amigo. Veja, esta é minha
namorada. — Me apresentou ao menino com um
sorriso orgulhoso. — Seu nome é Max.

— Como Mad Max? — perguntou
empolgado fazendo todos nós rirmos.

— Como Maxine, mas Mad Max é legal
também. Gostei! — respondi ao garotinho lindo,
com os olhos incrivelmente verdes, assim como os

do pai. — Como vai, Hazel? Já ouvi falar muito sobre você!

— Desculpe, não ouvi falar sobre você — declarou envergonhado, mas sincero.

— Espere até ter dezesseis, vamos conversar muito sobre garotas, e vou falar muito sobre a tia Max, menino. — Andy brincou fazendo Dashier bufar e eu corar.

Nós fomos para a área de lazer, na cobertura. O apartamento de Dashier Colt era imponente, ao mesmo tempo parecia um lar. Era

PERIGOSAS NACIONAIS

sofisticado, mas detalhes como um piano de cauda cheio de porta-retratos espalhados em cima, ou brinquedos espalhados pela sala, dava a sensação de lar ao local.

A área de lazer era uma loucura, academia toda de vidro, uma cozinha gourmet com forno para pizzas, lareira e uma piscina com paisagismo de tirar o fôlego. Era tudo muito sofisticado e mesmo assim, nem perto de ser ostentoso, quase não condizia com a casa de um homem com tanto dinheiro como Dashier Colt. Isso me levou a pensar

PERIGOSAS ACHERON

no poder aquisitivo de Andreas também. Eu sabia que ele realmente era um homem de posses, mas a forma que ele costumava levar a vida não denunciava a sua conta bancária de forma nenhuma.

— Gostaria de algo para beber, Maxine? —

Dashier perguntou de forma relaxada. — Não temos nada alcoólico, Andreas disse que você está de plantão, mesmo não estando no hospital e como não mantemos bebidas aqui em casa, acabei não comprando.

— Tudo bem, eu vou aceitar água —
respondi olhando em volta. Andreas já estava correndo em volta da piscina com Hazel. De repente eu estava na frente de Dashier Colt sem qualquer assunto para falar. Sorri para ele assim que me entregou a água e tomei um gole.

— Me explica melhor como é esse plantão sem estar no hospital. — Dash pediu dando um assunto para que pudéssemos falar.

— Basicamente, os médicos internos nunca estão realmente de folga. — expliquei. — Nós

PERIGOSAS NACIONAIS

temos plantões dentro do hospital, mas quando estamos em casa, supostamente de folga, não podemos desligar nossos celulares ou viajar longas distâncias, e preferivelmente não ficarmos bêbados para no caso de precisarem de nós.

— Vocês nunca podem se desligar? —
questionou impressionado.

— Uma vez a cada três meses para quem for interno. Residentes e atendentes tem folga uma vez ao mês e as férias, é claro.

— Uau. Sua rotina deve ser apertada —

PERIGOSAS ACHERON

disse com admiração evidente em sua voz.

— É legal! Eu gosto dessa loucura toda.

— Andreas comentou que você está com dificuldade para escolher uma especialização.

Meu peito se apertou de uma forma boa quando Dashier falou aquilo. Andreas falava sobre mim com o melhor amigo, e não apenas sobre mim, ou meu corpo, ou o sexo que partilhávamos, ele falava da minha vida, se preocupava com as minhas escolhas. Comigo.

— Eu sinto como se pudesse fazer tudo —

expliquei me fazendo confortável na banquetta em frente a bancada americana. —, quero sempre cuidar de todos.

— Deve realmente ser difícil a escolha, então. — Analisou começando a ajeitar as coisas para colocar a mesa.

— Um dos médicos atendentes de lá está me pedindo para cogitar a cirurgia geral, ele gosta de me ter na emergência do hospital.

— E você gosta? — Seus olhos eram focados em mim, aquela não era uma mera

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa para passar o tempo, ele realmente queria saber sobre mim. Sobre a namorada do seu melhor amigo.

— Eu gosto. — Sorri sinceramente vendo-o sorrir para mim também. — Amo o que faço.

Antes que pudéssemos falar algo mais, *Shake it off* de Taylor Swift explodiu no sistema de som fazendo Dashier e eu saltarmos e começarmos a rir com a escolha da música. Obviamente de Hazel.

— Vamos, tio Andy!

PERIGOSAS ACHERON

Hazel começou a dançar e puxou Andreas com ele. Meu namorado prontamente começou a dançar com o menino perto da piscina. Olhei completamente admirada para ele enquanto se divertia com o menino. Cantando e dançando a música. Entregue.

— Você já disse a ele? — Ouvi Dashier perguntar.

— O quê?

— Que está apaixonada por ele. — Afirmou sem qualquer dúvida.

A questão era: Valia a pena negar para ele?

— Não — respondi tanto a minha dúvida quanto ao seu questionamento.

— E você não vai dizer? — Inquiriu um pouco mais.

— Faz pouco tempo que estamos juntos, Dashier. Eu não sei se devo...

Como eu admitiria meus sentimentos a ele com poucos meses de relacionamento? Parecia imprudente da minha parte.

E se eu disser e tudo mudar? Acabar? Seis

meses de namoro era muito cedo para admitir o que eu sentia, não?

— Entendo o seu ponto, Maxine. Eu realmente entendo. — Mesmo a voz de Dashier era complacente.

— Tudo é tão recente entre nós. — Repeti baixo, odiava ser vista daquela forma, frágil. Dashier tinha o mesmo vudu de Andreas, conseguia ver através de mim.

— Eu realmente entendo isso também... — sorriu. — Queria que você conhecesse logo a

minha Cupcake. — Percebendo que não entendi o motivo daquilo ele continuou: — Nós mal tínhamos começado a namorar e ela disse que queria casar comigo. Foi realmente tudo o que eu precisava para me libertar.

CAPÍTULO VINTE E NOVO

MAXINE

Se você estiver cansada e quiser me esperar em casa, Woody, eu vou entender. — Andy ofereceu pegando a minha mão.

Estávamos voltando da casa de Dashier depois do almoço que tivemos. Passaríamos no Apart-hotel dele para tomarmos um banho, trocar de roupa e assim seguir para a Central Dance.

— Eu disse que iria com você — respondi

sem entender o que ele queria dizer com aquilo. —

A menos que você não queira que eu vá.

— Não é isso — rapidamente interviu. —

Você passou por três dias de plantão, ainda está um pouco enjoada e pareceu cansada mais cedo, estava tão quieta.

Ele interpretou meu silêncio de forma errada. Pensou que eu estava quieta por causa do cansaço, quando na verdade, eu só conseguia pensar nas palavras de Dashier.

Uma parte de mim, a maior, não queria

PERIGOSAS NACIONAIS

deixar o coração ganhar a batalha. A razão foi o que me salvou durante a infância, na adolescência e mesmo na vida adulta.

O amor machuca.

Se apaixonar dói.

Se entregar é perigoso.

O destino não existe.

Mas a cada mensagem no telefone, carinho para dormir, a cada porra de *mac n'cheese* ou escolha de música do Aerosmith para embalar o nosso relacionamento, Andreas me fazia pensar

PERIGOSAS ACHERON

justamente o contrário.

Sim, eu estava apaixonada por ele. Amava aquele homem.

Mas admitir tornaria tudo perigosamente real para mim.

— Você seriamente está duvidando da minha capacidade de me manter em pé, Andreas Collins? Por acaso esqueceu que sou uma médica? Que fico horas acordada sem quaisquer estimulantes além de café? — Procurei deixar meu tom o mais brincalhão possível, tanto para que ele

não pensasse que eu estava estranha por qualquer motivo, quanto para que eu também não pensasse mais no que estava colocando minha mente em loucura.

— Claro que não, doutora Madeline. — Riu levemente, mas não deixou de ficar desconfiado. — É só que você ficou calada depois de ter conversado com Dashier, eu pensei que ele havia dito algo que você não gostou.

Sua voz estava trêmula, um tanto hesitante quando falou.

— Eu apenas estava analisando vocês conversando e interagindo. É legal que você tenha um amigo tão bom.

Andreas pareceu relaxar imediatamente com as minhas palavras.

— Dash é o melhor, e Haze? Caramba! Eu adoro o garoto — disse animadamente — Aquele cara é parte da minha família desde a faculdade. Você não tem noção de tudo o que vivemos juntos.

Eu realmente não tinha noção. A faculdade foi um foco para mim, como todo o resto na minha

vida. Meus amigos eram colegas, nada de visitar a casa um do outro, ou confraternizações salvo raríssimas exceções.

Mas me limitei a sorrir para Andreas e continuei a ouvir o que ele tinha para contar.

**

Ao chegarmos, Andy disse que tinha outro presente para mim. Abri a caixa da Macy's e peguei o belo vestido branco. Era curto e certamente ficaria colado em meu corpo. Era lindo, de verdade. Mas não era a primeira vez que

Andreas queria me vestir e aquilo me incomodou um pouco.

Há algum problema com as minhas roupas?

Meu objetivo não era brigar, então apenas perguntei em pensamento, depois dos brincos pensei que tínhamos chegado a um acordo.

Mas o acordo envolvia eu não surtando quando recebesse um presente também, então respirei fundo e me esforcei para não fazer daquele gesto algo maior do que realmente era. Como ele

sempre pedia.

— É lindo, obrigada — disse me aproximando e beijando —, só não quero que você fique gastando comigo o tempo todo. — O lembrei novamente.

— Você é minha namorada. Eu gosto de dar presentes a você, Woody, só não dou mais...

— Porque você sabe que eu não vou gostar que fique gastando comigo. — Completei rapidamente. — Eu preciso viver dentro das minhas condições, Andy, mas agradeço pelo vestido. É

realmente lindo.

Andreas assentiu e sorriu sem graça antes de voltar a se arrumar.

**

O terno de três peças negro e levemente brilhante, em forma slim, se encaixou no belo corpo de Andreas como uma luva. A gravata era negra e a camisa era branca, eu sabia muito bem que ela estava colada em seu corpo por baixo do paletó. Ele penteou os cabelos para trás, deixando-os modelados e aparou a barba. O kit gangster

completinho, só faltava o charuto.

Sorri quando o vi parado na minha frente
ajeitando os botões do paletó.

— Está pronta? — Perguntou sem me olhar.

Levantei-me da poltrona que estava sentada
e fiquei parada em sua frente até que ele me
olhasse. Assim que coloquei o vestido branco, me
senti sexy e poderosa, e esperava exatamente o
olhar que estava recebendo quando Andreas
resolveu prestar atenção em mim, fez com que
todas as questões que nos deixaram tensos

anteriormente, fossem esquecidas.

Meu corpo reagiu no momento em que ele analisou tudo em mim, de cima a baixo. Seus olhos queimando demoradamente toda a minha pele e me fazendo querer sentar novamente tamanha intensidade.

— Você está perfeita para caralho, Woody.

— Cada palavra sua era carregada de luxúria.

— Obrigada! — agradei dando uma voltinha para que ele tivesse a visão completa.

— Provocadora — resmungou dando as

PERIGOSAS NACIONAIS

costas para mim e seguindo para fora do quarto —

Vamos, antes que a gente se atrase!

— Você é o dono! — brinquei caminhando
atrás dele.

— Por isso mesmo, baby. Por isso mesmo.

— Retrucou ainda sem olhar para mim. Só pude rir
da sua tentativa de controle.

**

O som estava a todo vapor, mas eu só sabia
daquilo porque podia ver através do vidro à prova

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de som as pessoas dançando freneticamente na pista de dança. Andreas estava compenetrado em sua papelada, trabalhando avidamente. Prometeu que terminaria rápido para que pudéssemos curtir um pouco da noite, contudo, eu não estava no clima para aproveitar nada além do meu namorado delicioso em um terno exalando *sex appeal* enquanto ficava todo compenetrado analisando seus documentos.

Olhando para ele, recordei dia em que nos encontramos exatamente naquele lugar. Eu podia

PERIGOSAS ACHERON

mesmo lembrar do seu hálito daquela noite. Ou de como o líquido e os cacos de vidro saltaram em meus pés quando derrubei meu drink.

“Nada me faria mais satisfeito do que foder você contra esse vidro enquanto trezentas pessoas dançam lá embaixo sem saber o que estamos fazendo e nem ouvir o quanto gritaríamos de prazer. Mas superar você, Maxine? O que leva você a pensar que eu seria capaz disso?”

Aquela noite era vívida em minha mente, mas parecia que havia acontecido há anos atrás. Tanto

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu desde então. E novamente eu estava lá.

De uma forma diferente, claro. Eu não estava tentando fugir daquele homem.

Sabendo que eu não queria mais esperar por Andreas, retirei o meu vestido e fiquei apenas de lingerie. Voltei minha atenção para multidão dançando e esperei até que eu tivesse a atenção dele. Foram longos minutos de espera até que finalmente senti suas mãos circulando minha cintura e seu corpo colando ao meu.

— Você pretende me deixar louco hoje à noite? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou com sua boca colada em meu ouvido.

Senti a força de suas palavras questionadoras em todo o meu corpo, meu baixo ventre se contraiu, minha pele se arrepiou, os olhos reviraram e minha boca se abriu soltando um suspiro satisfeito.

— Acho que estou pedindo para *você* me deixar louca — sussurrei, aproveitando a exploração de suas mãos em meu corpo.

— Você quer *aquela* foda, não é? — Seu tom de voz não se alterou. Continuava baixo, rouco e delicioso, fazendo-me contorcer e querer acelerar

PERIGOSAS ACHERON

tudo, querendo que ele entrasse em mim rapidamente e desse todo o alívio que eu precisava.

— A que prometi a você alguns meses atrás. — Ele ergueu sua mão e tirou meus cabelos do caminho antes de morder e chupar minha orelha. — Quando você achou que eu te superaria depois de receber o que eu queria.

Sua mão desceu pela minha clavícula até chegar em meu seio direito, apoiei minhas mãos no vidro e assisti seus dedos invadirem a lingerie e assaltarem meu mamilo intumescido por ele. Sua mão era

PERIGOSAS NACIONAIS

enorme, cobria completamente a minha mama. Senti a sua outra mão passeando pelo lado esquerdo do meu corpo até que chegasse em meu ponto molhado e pulsante. Suas palavras sedutoras também não pararam.

— Me diga, Maxine: Você ainda pensa que sou capaz de superar você? — Claro que sua pergunta era retórica, eu estava ali, não estava?

Aberta e exposta para ele e para todas as trezentas pessoas que dançavam freneticamente alguma música eletrônica na pista, senti seu dedo médio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brincar com a minha entrada e balancei meus quadris pedindo que ele me penetrasse. Ele fez, vagorosamente senti seu dedo me invadindo e brincando com a minha boceta, fazendo meus joelhos falharem um pouco, quase cedendo. Minhas mãos se apertaram mais contra o vidro e um gemido alto saiu dos meus lábios.

— Já está tão molhada, baby? — Sua mão direita deixou o meu seio e abaixou o meu sutiã, expondo-me completamente. Um passo foi dado a frente e de repente eu estava sendo prensada contra a parede

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grossa de vidro. — Foi assim que você imaginou?

Eu, com certeza, sim!

Retirei sua mãos de dentro da minha calcinha e me virei para ele, seu sorriso safado e predatório me deu boas vindas, seus olhos eram brilhantes, cheios de luxúria, e ele estava tão lindo naquele terno que quase me deu pena de começar a despi-lo.

Eu disse *quase*.

Praticamente arranquei seu paletó e em seguida puxei sua gravata, trazendo seu rosto para o meu e atacando seus lábios com força. Pude ouvir o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gemido grosso e alto através do nosso beijo enquanto eu desfazia o nó da sua gravata e, em seguida, abria os botões de sua camisa. Suas mãos firmemente foram para a minha calcinha e senti o tecido se rompendo e queimando meu quadril quando ele a puxou com fúria. Freneticamente tratei de desafivelar seu cinto e abaixar suas calças e em um piscar de olhos minhas pernas estavam em sua cintura e seu membro estava entrando em mim sem qualquer piedade. Me fazendo sentir todo o seu tamanho e grossura. Invadindo-me, esticando-me.

PERIGOSAS ACHERON

Enlouquecendo-me.

— Andreas! — exclamei, sentindo o seu primeiro impulso firme para dentro de mim.

— Você me deixa completamente louco, Maxine. Completamente.

Sua boca tomou a minha enquanto ele me penetrava com voracidade, minhas costas se arrastavam pelo vidro, minhas mãos puxavam seus cabelos enquanto eu praticamente chorava com o orgasmo se construindo dentro de mim. Suas mãos amassaram a minha bunda, apertaram com força

enquanto eu sentia suas estocadas cada vez mais brutais.

— Eu vou gozar, Max, diga que você está pronta também — ordenou antes de abocanhar meu seio e chupá-lo com força.

— Estou! — gritei. — Me faça gozar, baby!

A sucção em meu seio parou, mas ele manteve sua boca lá, gemendo cada vez mais alto e primitivamente. Meu próprio orgasmo me atingiu com força, um gemido alto e estrangulado fugiu da minha garganta e meus olhos se apertaram

enquanto eu gozava freneticamente. Segundos depois foi Andreas quem gozou.

Diminuindo seus impulsos e aumentando a delicadeza do seu toque, ele foi me trazendo de volta para a terra.

**

Fiquei com o paletó do terno de Andreas para poder me cobrir enquanto aguardava por ele no sofá de couro. Com a camisa desarrumada e o cabelo completamente desfeito, ele assinava mais alguns papéis enquanto eu apenas pensava no que tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

acabado de acontecer com um sorriso bobo e satisfeito no rosto. Fiquei analisando aquele belo homem trabalhando e me sentindo grata por tê-lo. Andy me fez enxergar que eu podia sim ter uma vida que fosse além do programa de residência. Ele respeitava minha profissão e sempre estava pronto para me ouvir.

As palavras de Dashier voltaram a me assombrar. Mas se estavam martelando tanto na minha mente, que sempre era tão decidida sobre tudo, era porque eu ainda não sabia como lidar com os meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentimentos. Mas então, naquele momento, eu estava me sentindo tão plena e feliz que pensei: Por que não?

— Andy? — chamei, fazendo seus olhos desviarem da papelada e focarem mim.

— Sim, Woody?

— Estou apaixonada por você.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA

MAXINE

Espera!

O que ela acabou de dizer?

— O que foi que disse, Maxine? — Não consegui controlar a intensidade da minha voz.

Parecia que eu estava gritando.

— Que estou apaixonada por você. — Ela sorriu timidamente e eu só pude ficar lá, olhando para aquela mulher. Sem saber o que dizer.

Bem, eu sabia, sabia o que dizer, é claro. Eu

só não esperava que partiria dela aquele tipo de declaração. Eu queria dizer o mesmo, mas estava protelando porque não queria me declarar sem que ela soubesse toda a verdade.

Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Seu telefone tocou. Seu olhar caiu e o cenho franziu.

— É do hospital. Deve ser uma emergência — murmurou pegando o aparelho e logo atendendo a ligação. — Doutora Madeline. — disse profissionalmente. — Oh, hey Pam! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Cumprimentou um pouco mais relaxada, porém, sua postura logo mudou, seu rosto caiu, seus olhos ganharam um foco sem brilho e suas mãos tremeram quando ela deixou seu telefone cair.

— Algo errado, Woody? — perguntei me levantando imediatamente e indo na direção dela — Max, baby, fale comigo. — pedi assim que me sentei na frente dela.

— Eu preciso ir para o hospital. — Levantando-se rapidamente, ela tirou meu paletó e jogou sobre o sofá.

PERIGOSAS ACHERON

— O que houve? Fale comigo — pedi, vendo-a andar até a porta. Percebi que ela não pararia, então corri e parei na sua frente. — Maxine, por favor! — Implorei.

Parecendo despertar do transe que ela estava, seus olhos se focaram em mim tempo o suficiente para responder a minha pergunta.

— Meu pai acabou de dar entrada no hospital. — Naquele momento Maxine se tornou uma página em branco para mim. Ela nunca havia conseguido esconder seus pensamentos de mim

antes, mas naquele momento, ela simplesmente virou uma grande incógnita. — Estou indo para lá.

— Vou levá-la — afirmei com veemência.

Max não respondeu, apenas assentiu.

**

MAXINE

“O tempo que eu tinha com ela, você me tirou. Você foi a maior besteira que já fiz.”

“Abra a porta, sua putinha!”

“Quanto você acha que pode pagar por ela, Moby? Vamos, Maxine, dê uma voltinha para que

ele possa avaliá-la melhor.”

“Entrou para a faculdade? Quero ver você pagar por ela.”

“Eu peguei o dinheiro que você tinha guardado para pagar a energia, era isso ou tomar banho frio, garota!”

“Hora da morte... Seis e trinta e três.”

Fechei meus olhos com força tentando fazer com que a voz dele calasse a boca, mas parecia impossível. Saber que ele estava no hospital me dava náuseas.

O que será que ele disse?

Será que ele contou para alguém?

Todos já sabem?

O hospital não era longe da boate, então chegamos rapidamente. Antes que Andreas desligasse o carro, saltei para fora e corri em direção a emergência. Encontrei Dean que rapidamente me deu um resumo enquanto eu corria para o vestiário e colocava meu uniforme. Joguei os tênis brancos e surrados no chão enquanto tirava meu vestido com ajuda de Dean.

— Paul Willian Madeline. Cinquenta e sete anos...

— Diga apenas o que ele tem, Dean, conheço meu pai.

— Desculpe. Ele chegou com pele e olhos amarelados, pouco peso, vômito constante e inchaço no abdômen.

— Cirrose Hepática — falei imediatamente.

— O clínico geral disse o mesmo, mas estamos aguardando exames e o hepatologista para dar o veredicto. Ele está no CTI. — Informou meu

colega.

— Tudo bem, estou indo para lá. — disse, terminando de me vestir — Vocês viram meu nome no seguro social dele?

— Não. Ele pediu por você, Max. Chegou dizendo que precisava da filha, mas já estava debilitado e caindo — respondeu calmamente — Pamella está monitorando todo o atendimento.

Assenti levemente e me pus a andar para fora do vestiário.

— Max! — Dean chamou me fazendo

PERIGOSAS NACIONAIS

parar. — Não vai falar com o seu namorado antes?

Ele ficou para trás, desesperado chamando por você.

— Preciso saber o que está acontecendo primeiro, pode falar com ele por favor? Dizer que eu ligarei em breve, ou algo assim?

Dean assentiu para mim com os olhos preocupados, como se não estivesse gostando do que via em mim. Bem, eu não estava gostando de ser eu mesma naquele momento, então acho que o entendia.

PERIGOSAS ACHERON

**

As imagens se misturavam para mim enquanto eu caminhava pelos corredores do CTI, ora parecia que eu via os corredores do hospital em que minha mãe foi internada, me sentindo com apenas quatorze anos novamente, ora imaginei os corredores da minha casa, se fechando para mim no momento em que meu pai disse as palavras que quebrariam tudo dentro de mim, em definitivo.

Quando cheguei na frente da porta do quarto em que ele tinha sido levado, fechei meus

olhos com força e inspirei muitas vezes antes de ter coragem para entrar. Assim que entrei, foi como doutora Madeline.

— Max, você chegou! — Pam exclamou aliviada. — Ele não parava de perguntar de você.

Olhei para a figura dele naquela maca e quase desmaiei. Era como se eu estivesse vendo um fiapo humano. O nó em minha garganta cresceu e meu peito doeu. A mistura de medo com angústia e revolta me impediram de ouvir as coordenadas e condições que Pamella estava me passando, eu teria

PERIGOSAS NACIONAIS

que analisar o prontuário dele depois, mas sabia que não cuidaria do caso. Paul Madeline parecia apenas um rascunho do homem que fora um dia. Seu corpo era completamente amarelo, os olhos, a pele, mesmo as unhas tinham o tom amarelado. Os cabelos eram compridos, mas ralos, finos demais e brancos. A barba suja emoldurava o rosto devastado pelos anos de alcoolismo. Mas o pior eram seus olhos. Mortos.

Mortos antes mesmo dele morrer.

— Maxine, docinho. — resmungou

PERIGOSAS ACHERON

fracamente, tentando levantar sua mão em minha direção. Sua voz me causou tanta estranheza quanto o ato de bom pai. ‘Maxine, docinho.’? Que tipo de cena ele estava querendo criar? — Eu estava com saudades...

Eu quase vomitei ao ouvir aquilo. Sem conseguir ficar mais um segundo ali, corri para fora do quarto em desespero. Suas palavras martelavam na minha cabeça enquanto eu tentava encontrar a saída do hospital e tentava respirar.

“O tempo que eu tinha com ela, você me

tirou. Você foi maior besteira que já fiz.”

“Abra a porta, sua putinha!”

“Quanto você acha que pode pagar por ela, Moby? Vamos, Maxine, dê uma voltinha para que ele possa avaliá-la melhor.”

“Entrou para a faculdade? Quero ver você pagar por ela.”

“Eu peguei o dinheiro que você tinha guardado para pagar a energia, era isso ou tomar banho frio, garota!”

“Hora da morte... Seis e trinta e três.”

“Maxine, docinho. Eu estava com saudades...”

Assim que alcancei o ar refrescante da noite, deixei que as lágrimas explodissem dos meus olhos.

Meu pai estava lá. Havia procurado por mim.

Mas apenas para que eu pudesse resolver os seus problemas.

— Max, baby! — Andreas chamou, me fazendo saltar. Virei-me e lá estava ele, andando

rapidamente em minha direção. Eu provavelmente tinha passado por ele quando corria para fora. Limpei minhas lágrimas rapidamente e tentei me recompor. — Você está bem? — perguntou assim que ficou próximo o suficiente.

— Eu estou — respondi em seguida, puxando uma profunda respiração.

Seus olhos me fitaram com ternura e um sorriso triste se fez em seus lábios, meus ombros tremeram e um soluço escapou da minha garganta.

— Você não precisa mentir para mim,

Woody.

Então eu estava em seus braços, chorando e pedindo que aquilo fosse apenas um pesadelo.

CAPÍTULO TRINTA E UM

MAXINE

Tentei trabalhar durante os próximos onze dias. Mas todos no hospital já sabiam que eu tinha um pai com cirrose hepática e resolveram me dar os dias para acompanhá-lo. A chefe do hospital, doutora Jordan Beamont, foi extremamente atenciosa e disse que eu não deveria me preocupar com o programa naquele momento, assinando a minha licença.

PERIGOSAS NACIONAIS

Para o meu desespero.

Os enjoos constantes começavam a preocupar também, minha gripe há muito havia ido embora, e aquilo não poderia ser normal, mas eu tinha outras questões que precisavam da minha atenção, logo, minha saúde foi colocada em segundo plano.

Paul foi colocado na fila de transplante de fígado em caráter de urgência. Fiz o exame e eu não era compatível com o meu próprio pai.

Quanta ironia.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez, se fosse mamãe nessa situação eu fosse compatível com ela.

Vai saber.

Comovidos com a minha situação, muitos no hospital haviam feito o exame para testar sua compatibilidade. Eu agradei a todos pela ajuda, mas por dentro eu apenas queria que eles se afastassem e parassem de sentir pena de mim.

Eu não precisava daquilo.

Andreas estava por perto, o tempo todo. Tanto, que eu queria gritar e mandá-lo embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas não conseguia. Ele era a minha rocha, meu porto seguro. E sempre que ficava demais para mim, ele parecia adivinhar. Suas mensagens, suas flores ou mesmo sua presença, tudo melhorava quando estava com ele. Mas Andreas não tinha quaisquer obrigações comigo, e com medo e vergonha, eu me tornava pouco a pouco mais distante dele.

Liguei para Doug contando o que havia acontecido. Ele disse que estaria no primeiro ônibus para Nova Iorque. Tentei dizer que não

PERIGOSAS ACHERON

precisava, mas seria mentira. Eu queria que Doug estivesse lá. Ele fora o meu protetor por muitos anos. Talvez ele pudesse me proteger naquele momento também. Instalei ele em meu apartamento me desculpando pela falta de água quente no chuveiro e pelo cheiro de mofo. Ele simplesmente descartou minhas desculpas com a mão e procurou saber o que estava acontecendo. Conteí a ele e disse que ele poderia ficar com a cama uma vez que eu ficaria no hospital com o meu pai. Doug pareceu entender, e foi um alívio uma vez que Andreas não

tinha sido muito receptivo com a ideia. Queria que eu fosse para a sua casa todos os dias já que tinham me dado licença para cuidar de Paul.

“E quem vai cuidar de você?”, perguntou.

Naquele momento, eu queria correr sem ter que responder a verdade para ele. Optei por respirar fundo e dizer que eu não precisava ser cuidada por ninguém.

Nenhum médico via saída para a situação de Paul a menos que um fígado caísse do céu para ele.

Seu quadro rapidamente estava evoluindo e ele já

sofria de atrofia muscular e hemorragia nas paredes do esôfago. Era tudo realmente uma bagunça.

Parte de mim queria sofrer por ele. Queria ficar triste por sua doença, por saber da iminência da sua morte. Mas eu só conseguia sofrer por estar perto dele e ter que arcar com mais aquilo. Paul nunca foi um bom pai para mim, e eu podia fingir para todos no hospital que esperavam minha dor e preocupação, podia fingir para Andreas que mesmo sabendo que havia algo errado, pareceu engolir a história de *‘apesar de tudo, ele é meu pai’*, mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

Doug, que conhecia a minha capacidade de cuidar de todos a minha volta sem distinção eu poderia enrolar.

Mas por que mentir para mim?

Estar perto daquele homem me causava dor, pânico, raiva e revolta. Novamente ele estava atrapalhando a minha vida. As coisas estavam caminhando de uma forma tão perfeita para mim.

Eu tinha entrado para o programa de medicina de um hospital renomado, comecei a finalmente fazer amigos, estava longe dele e de tudo o que ele me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fez passar durante a minha adolescência e eu tinha Andreas. Estava apaixonada por um homem bom, que me olhava da forma que me fazia sentir poderosa, me fazendo acreditar que eu poderia ter tudo o que eu quisesse na vida.

Um amor que me fez sentir pela primeira vez que eu não ficaria sozinha. Não *precisava* ficar sozinha.

Paul simplesmente chegou para estragar tudo.

**

PERIGOSAS ACHERON

— Maxine, alcance o copo de água.

Ouvi a voz fraca de Paul ordenar. Deixei a papelada do hospital de lado e levantei para dar o que ele solicitara. Dean havia me dado uma pasta cheia de papéis, os quais eu conhecia bem. Formulários que futuramente serviriam de prova para acionar o seguro saúde do meu pai. Contudo, alguns exames não eram cobertos assim como seus dias de internação. Tudo já havia passado do limite de cobertura, eu teria que resolver aquilo. Mas certamente estava indo pelo caminho que eu

provavelmente contrairia a dívida do meu pai.

Legal.

— Que cara é essa? — perguntou antes de pegar o canudo do copo com a boca. Eu ainda não tinha me dignado a falar com ele naquele dia. Estava tão revoltada, e com tanto medo da sua presença ali que não conseguia dizer nada. — Estou falando com você, Maxine!

— Você precisa assinar sua ONR. —
Informei sem me dar ao trabalho de responder a sua pergunta. Falar sobre as despesas e o fato de que eu

não tinha condições de arcar com aquilo não importaria a ele. Ele nunca se importou.

Seus olhos fugiram dos meus rapidamente. Trazendo um pouco, só um pouco de algo humano que ainda devia habitar dentro dele, indicando que ele sabia do que eu estava falando.

Ele lembra tão bem quanto eu como foi o dia em que mamãe resolveu assinar a ordem de não reanimar dela.

— Você já me quer morto? — Praticamente cuspiu as palavras com escárnio, como se fosse um

absurdo o pensamento de eu querer me livrar dele.

Como se ele não merecesse todo o desprezo que eu sentia por ele.

— Era de se imaginar mesmo, você sempre foi uma mal agradecida.

— Por que está aqui, Paul? — Consegui dizer logo em seguida, quebrando o silêncio. Finalmente a pergunta que há dias queimava a minha garganta. Embora já soubesse da resposta.

— O que você acha? — Tossiu um pouco entre suas palavras. — Tenho uma filha médica,

PERIGOSAS NACIONAIS

para alguma coisa você tinha que servir. Você é tão burra quanto a sua mãe.

— Você amava a *minha mãe*, não fale dela.

— Não se faça de idiota, sabe bem do que estou falando. — Debochou.

— Se eu sou tão inútil, porque veio atrás de mim? Poderia ter ido para qualquer hospital. — Tentei argumentar me sentindo uma idiota.

— Este é um hospital muito bom. Me senti confortável aqui — disse com arrogância. — E você tem que retribuir tudo o que fiz por você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem não poderia ser real.

Mesmo com dificuldade para falar e respirar
ainda conseguia destilar veneno.

— E o que fez para mim, Paul? —
perguntei um tanto abismada com o tamanho da sua
cara de pau. — Pode iluminar a minha mente e
dizer onde foi que faltei com respeito ou
consideração com você?

— Eu fiquei com você. Isso já é mais do
que você e aquela vadia merecia — vociferou. — E
trate de respeitar a minha condição, insolente!

PERIGOSAS ACHERON

*Mantenha-se forte, Maxine. O que ele diz
não é verdade! Não é!*

Tentei dizer a mim, pois a criança medrosa e negligenciada queria aparecer e se curvar diante daquele homem vil, mas a coloquei atrás da doutora Maxine Madeline e me mantive firme.

— Porque você está morrendo, devo simplesmente esquecer tudo o que me fez? —
Cuspi de volta sem qualquer remorso.

Antes que ele pudesse me responder, ouvimos batidas na porta. Afastei-me da cama ao

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo tempo em que a porta se abriu e Andreas entrou.

— Hey...

Meu coração disparou imediatamente.

— O que faz aqui? — perguntei com raiva.

Pensando que não ele não tinha o direito de aparecer lá.

— Você não atendia ao telefone, queria saber como estava.

— Quem é? — Paul perguntou me causando calafrios. — Quem é este homem?

PERIGOSAS ACHERON

Advogado?

Andreas franziu o cenho para meu pai e se aproximou.

— Senhor Madeline, sou Andreas Collins na...

— Andreas! — Tentei interrompê-lo, mas foi inútil.

— ... morado da sua filha, Max. —
Continuou me fazendo suspirar derrotada.

Paul, mesmo debilitado, mirou seus olhos amarelados e frios para Andreas e o analisou

minuciosamente.

— O figurão é seu namorado, Maxine? —

Não foi perdido o tom de congratulação em sua VOZ.

Antes que Paul pudesse dizer qualquer outra coisa, puxei Andreas para fora da sala.

— Você não deveria ter vindo. — Critiquei me virando para ele.

— Não vejo você há quatro dias, Woody —
o tom carinhoso me fez fechar os olhos e querer me jogar em cima dele. Pedir para me levar para longe

PERIGOSAS NACIONAIS

dali. Talvez irmos para Miami, ficarmos escondidos naquele hotel, apenas fazendo amor, e comendo porcarias enquanto ele alisaria meus cabelos. —, estou com saudades.

— Estou bem, você não precisa se preocupar comigo.

— Está brincando, não está? — Ele riu, mas seu riso era completamente sem graça. — Claro que me preocupo com você, baby, eu...

— Andreas... — Suspirei cansada. — Esse não é um bom momento.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, caramba! — Abriu seus braços e depois levou suas mãos nos cabelos de forma frustrada. — É por isso que estou aqui. Para apoiar você.

Sem dizer nada, me aproximei e o abracei. Seus braços circularam meu corpo enquanto beijei seu queixo deixando sua barba espetar meu lábios levemente.

— Me desculpe — sussurrei, relaxando ao sentir seu cheiro maravilhoso. Alisei seu terno e escorei meu rosto em seu peito. — Estou nervosa

PERIGOSAS NACIONAIS

com a presença dele aqui e tem algumas coisas que você não sabe e gostaria de partilhar, mas dói falar sobre isso então não quero falar agora, ou aqui.

— Tudo bem, eu também preciso falar com você. — Senti seus lábios tocarem minha cabeça.

Me separei dele e acariciei seu rosto antes de beijá-lo delicadamente.

— Posso ir para a sua casa hoje?

— Claro, baby. Eu venho buscá-la mais tarde, é só me dizer a hora — declarou imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

— No início da noite. Oito horas. Assim eu acompanho a troca de plantão.

Andreas sorriu e me beijou mais uma vez antes de ir.

**

Enquanto Paul dormia profundamente por causa dos analgésicos, continuei fazendo os malditos cálculos sabendo o quão falida eu estaria em breve. Fiz uma nota em minha agenda para conseguir um advogado e começar os trâmites para vender a casa. Abri o aplicativo do banco em meu

telefone para analisar minhas movimentações bancárias. Eu sabia que não tinha muito, mas guardava o que podia do meu salário. Foi quando percebi. Os últimos cinco pagamentos do meu financiamento estudantil não haviam sido descontados. O valor estava todo lá.

— Mas o quê...?

A porta se abriu e Pamella entrou silenciosamente.

— Hey! Como estão as coisas por aqui? — perguntou cheia de preocupação no olhar. Senti-me

mal naquele momento, eu e Pamella estávamos criando uma boa amizade, e ela estava fazendo de tudo para que meu pai ficasse o mais confortável possível ali. Mas sequer sabia a verdade sobre ele.

— Tudo bem... — respondi sem muita convicção. Voltei meus olhos para o aplicativo ainda tentando entender o que havia acontecido.

— Está tudo bem mesmo?

— Eu... eu não sei? Olhei meu extrato bancário agora e há cinco meses não tem sido debitado o financiamento estudantil da minha

conta.

— Ligue para o banco e pergunte o motivo.

— Pam disse indo até o prontuário do meu pai.

Enquanto ela lia, resolvi ligar para o banco e verificar.

A atendente me colocou na espera enquanto verificava meus dados e assim procurava as informações do meu débito. Logo ela estava me transferindo para a gerente de contas.

— Senhorita Madeline? Aqui é Susan Silver, sou gerente de contas.

— Há algo de errado com a minha conta?

— perguntei aflita.

— Na verdade não, senhorita. O seu débito estudantil no valor de cento e oitenta e um mil dólares e dezoitos centavos foi quitado há cento e cinquenta dias.

Não consegui dizer mais nada por um tempo. Apenas fiquei lá, ouvindo a mulher dizer a data e a hora em que eu deixei de dever todo o meu crédito estudantil.

— Pode me confirmar o nome do pagante?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Solicitei com a voz trêmula, sabendo a resposta para aquilo.

— Um momento — ouvi seus dedos batendo freneticamente no teclado do computador

— Andreas Theon Collins — disse ela. — O número do cheque é...

— Não tem necessidade de dizer, obrigada.

— Interrompi e grosseiramente desliguei na cara da mulher, mas eu não conseguia mais ouvir.

— Max? — Pam se aproximou vendo o meu estado. — Você está pálida. O que houve?

PERIGOSAS ACHERON

— Andreas... — me ouvi murmurar. —

Andreas pagou a minha dívida.

— Oh! — Pam exclamou sem saber mais o que poderia dizer. Ela não entendia. — Isso é... bom, não é?

Eu estava me sentindo sufocada, olhei para Pamella tentando conter aquele misto de sentimentos dentro de mim.

— Incrível, Maxine, você realmente é igualzinha a sua mãe. — Paul entrou na conversa. É claro que ele estava acordado. Claro que ele estaria

PERIGOSAS NACIONAIS

ali para dizer exatamente o que passei anos
tentando provar o contrário.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

MAXINE

— *Aqui está, senhora Madeline, essas são as guias de preenchimento do seguro social, aqui está a escritura da casa onde a senhora deixa metade do patrimônio para Maxine, sua filha.*

Papai bufou naquele momento, quando o advogado, senhor Naguri, mencionou o meu nome. Ele nunca fora presente, mas desde que mamãe

ficou doente, seu temperamento havia mudado e ele passou a ser ainda mais grosseiro comigo.

Mamãe assinou os papéis com dificuldade enquanto eu apenas assistia o quanto ela estava fraca.

— E por fim, esta é a ONR que o hospital pede para assinar, os médicos já explicaram como funciona e a senhora...

— O que é ONR? — Perguntei. Mamãe assinou rapidamente e papai ficou olhando pela janela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Apenas burocracia, querida.*

— *Burocracia do quê? — Papai perguntou com agressividade. — Deixa para lá, se você não contou para a sua queridinha, imagina para mim.*

— *Se me derem licença? — O advogado recolheu os papéis e rapidamente se retirou.*

— *Paul, isso não foi legal. — Mamãe murmurou fraca.*

— *Sabe o que não é legal, Marion? Você simplesmente me ignorar na tomada de decisões. Você vem fazendo isto há muito tempo.*

PERIGOSAS ACHERON

— *Mamãe, posso pegar um dólar para ir à máquina de doces do corredor? — Interrompi sem me importar com o que eles discutiam, era sempre assim desde que ela ficou doente.*

— *Eu estou falando, Maxine! — Papai gritou, fazendo eu me encolher e esquecer o dinheiro imediatamente.*

— *Não grite com a sua filha desta forma, Paul! — Mamãe conseguiu erguer o tom de voz para me defender.*

— *Exatamente, Marion. Minha filha! Só*

minha! Ela não é sua! Então pare de se importar!

— Paul! — Mamãe exclamou horrorizada.

— O quê, não vai contar antes de morrer, Marion? — Mesmo sendo praticamente uma criança, eu conseguia ouvir a amargura em sua voz, a doença de mamãe tinha acabado com ele. Mesmo que ele não gostasse muito de mim, sempre foi bom para ela.

— Paul, pare com isso. — pediu já chorando.

— Você não é filha dela, Maxine, não de

sangue.

*Olhei entre meus pais sem conseguir
assimilar o que ele dizia. Mamãe já chorava
desesperadamente.*

*— Não faça isso, Paul, por favor. —
Implorou chorando.*

*— Você é fruto de uma aventura sem
sentido, com uma vadia aproveitadora que largou
você no meu colo e foi embora.*

*Então eu pensei que tinha entendido tudo.
Paul não me amava porque eu não era sua filha.*

Mas ele me odiava justamente por ser filha dele.

Papai saiu pela porta e me deixou lá, sem qualquer reação, mas com o coração partido em milhões de pedaços.

— Isso é verdade? — perguntei chorando.

— Eu não sou filha de vocês?

— Você não é minha filha biológica, Max, mas é do seu pai.

Foi quando descobri que meu pai havia deixado Marion para viver com uma mulher durante um tempo, seu nome era Shelby

PERIGOSAS NACIONAIS

Thunderbay e eu sequer sabia se aquele era seu nome verdadeiro ou nome de guerra.

O fato é que Shelby e meu pai tiveram uma paixão avassaladora, fazendo-o abandonar minha mãe e gastar todo o dinheiro que eles haviam economizado e mais todo o lucro da oficina, que na época era bem conceituada, em festas, roupas e muita bebida. Nada glamoroso, mas caro o suficiente para fazer meu pai falir.

O amor acabou assim que o dinheiro parou de entrar. Logo Paul voltou para casa e Marion,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda o amando, o aceitou de volta. Eles se reergueram e um passou a ser a vida do outro novamente. Porém, alguns meses depois, como em um filme do *canal Lifetime*, a campainha tocou, e quando mamãe atendeu só havia a mim dentro de uma mala de tecido aberta, algumas roupas e um bilhete avisando que meu pai era Paul Madeline.

Paul quis me levar para a polícia e entregar para a assistência social. Mamãe se apaixonou por mim imediatamente e não só o proibiu de me dispensar como se fosse lixo, como exigiu que eles

PERIGOSAS ACHERON

me registrassem. Então eu me tornei Maxine Madeline.

Amada por minha mãe que fez de mim o seu mundo.

E odiada pelo meu pai, porque minha mãe fez de mim o seu mundo.

Até meus quatorze anos, ele me tolerava, mas quando mamãe morreu eu passei a ser a fonte do seu ódio e se não fosse por Doug, eu teria sido seu saco de pancadas, sua escrava, e sua puta para vender a quem quisesse. Passei os próximos quatro

PERIGOSAS NACIONAIS

anos escutando o quanto eu era inútil, tinha roubado o tempo dele com a sua amada esposa e como eu era uma aproveitadora como a minha verdadeira mãe.

Uma das últimas coisas que ouvi dele, antes de sair de casa, foi que eu ia acabar como Shelby, sendo uma puta dependente de macho porque não sabia fazer nada sozinha.

Bem, eu não esqueci de suas palavras e nem ele.

Na oportunidade mais que perfeita ele disse

PERIGOSAS ACHERON

tudo o que eu não queria ouvir.

— Incrível, Maxine, você realmente é igualzinha a sua mãe.

Ele sabia exatamente as palavras que usava para me machucar. Minha mãe era Marion Madeline, uma mulher que me amou e fez tudo para que eu fosse uma boa pessoa durante quatorze anos. Mas meu pai, em quatro anos, conseguiu plantar a sua semente. A semente que eu continuo tentando destruir dentro de mim e provar que eu não era o que ele dizia.

Não sou uma aproveitadora.

Não sou uma prostituta.

Eu sou alguém.

Hora da morte... Seis e trinta e três.

Não foi apenas minha mãe que morreu naquele horário. Parte minha foi com ela e eu nunca havia recuperado.

Até Andreas.

Mas então ele fez aquilo, simplesmente pagou minha dívida, invadiu minha privacidade, coletou meus dados, e pagou quase duzentos mil

dólares de dívida sem perguntar o que eu queria. O que eu pensava. Se eu concordava.

Sem responder a Pamella ou a Paul, saí do quarto de hospital com meu telefone nas mãos e liguei para Andy.

— *Woody?* — Atendeu no primeiro toque.

Fechei meus olhos tentando não chorar.

— Preciso falar com você, está em casa ou na boate?

— *Na boate, vou buscar você* — disse prontamente.

— Não, eu vou até aí. Preciso andar.

— *Tudo bem...* — Sua voz era incerta ao responder.

**

Quando cheguei a Central Dance, um dos seguranças abriu a porta para mim e me direcionou até o escritório de Andreas. Ele me aguardava na porta com um sorriso hesitante. Passei direto por ele e entrei no escritório. Ao me virar, vi que ele fechava a porta.

— Você pagou a minha dívida? — Procurei

manter a calma.

Seus olhos desviaram dos meus, sua cabeça
pendeu para frente e seus ombros caíram
transformando-o na imagem da derrota.

— Por que fez isso, Andreas? O que quer
em troca?

Não queria brigar, estava esgotada demais
para aquilo. Paul era tão tóxico que tinha tomado
todas as minhas energias. E eu amava Andreas,
amava ele tanto que raiva era a última coisa que
passava pela minha mente, ou coração. Mas não

significava que eu não estava extremamente magoada.

Machucada.

— Não quero nada em troca, Maxine —
respondeu quase como se estivesse ofendido.

— Não sou uma prostituta, Andreas. —
Avisei em um sussurro dolorido. Não era uma acusação, apenas um pedido desesperado para que ele soubesse daquilo.

Ele ficou imóvel, mas ergueu seus olhos para mim e determinação brilhava neles.

— É claro que não é, nunca pensei isso de você.

Que bom! Que alívio!

— Eu também não sou um caso de caridade.
— esclareci.

— Maxine, de onde está tirando essas asneiras?

— Estamos juntos há seis meses, Andreas.
Seis meses e você pagou minhas dívidas. Isso... isso é demais. Eu... eu não... Eu não sei o que fazer! Eu não sei. Não posso deixar você fazer isso. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Praticamente gritei. — Não sou uma aproveitadora.

Não disse que estou apaixonada você para ter nada.

Eu não quero nada. Não preciso de você.

— Eu sei, eu sei. Só queria ajudar, Max.

— Você mal me conhece, Andreas. Mal me conhece e gastou quase duzentos mil dólares comigo. O que vem a seguir? O que fará a seguir?

Vai me comprar uma casa?

Seu rosto ficou branco e pela primeira vez eu consegui interpretar Andreas.

— O que você fez? — Minha voz saiu dura,

PERIGOSAS ACHERON

me sentia cada vez mais machucada.

Ele tentou se aproximar, mas a raiva só aumentava mais e mais.

— Woody...

— Não me chame de Woody, Andreas! —
vociferei, colocando mais distância entre nós — O
que você fez?

— Paguei a conta do hospital — disse, em
seguida esfregando as mãos no rosto.

— Por quê? — gritei a pergunta. — Por
quê?

— Porque eu amo você, caramba! —

Andreas gritou de volta em plenos pulmões, seu corpo, sua face, tudo nele estava irreconhecível naquele momento. — Eu amo você e não me importo de gastar o que for para cuidar de você como você cuida do meu coração desde o dia em que coloquei meus olhos em você. Porque tudo o que quero é que você seja feliz e não tenha preocupações, Maxine!

— Eu não preciso ser cuidada, tenho a minha vida! — gritei furiosa. — Sei cuidar de

mim!

O amor machuca.

*Ninguém vai amar você de verdade,
menina. Você será como sua mãe!*

— Você não precisa fazer tudo sozinha,
Max, precisa entender isso. Está tão ocupada
tentando provar que é independente que não
enxerga que está perdendo coisas boas entre nós.

— Eu estava equilibrando meu trabalho e
nosso relacionamento e você sabe disso.

— E entre um e outro continua escondendo

o fato de que você quer *sim* ser cuidada, você precisa *sim* ser amada. Só não quer admitir.

— Você não sabe o que está dizendo. —

Neguei com a cabeça e comecei a andar em direção a porta. Antes que eu pudesse passar por ele, Andreas pegou meu braço.

— Não fuja, Maxine. — Seu pedido era quase como se estivesse implorando. — Sei que deveria ter consultado você. Dashier me avisou várias vezes.

— Devia ter escutado ele. — Puxei meu

braço para longe.

— Mas você teria dito não. — Justificou.

— E você deveria aceitar este *não*, Andreas.

É a minha vida. *Minha*. — Dei ênfase. Olhei para os seus belos olhos escuros e acabei dissolvendo boa parte da raiva que estava sentindo. Quando voltei a falar era quase um sussurro — Você não entende? As escolhas sempre foram tiradas de mim. Minha mãe escolheu não ser reanimada, sim era a vida dela, o fim do sofrimento dela, mas ela também escolheu não me preparar para aquilo e me

deixou com um homem que me odiava. — Minhas lágrimas caíam sem nenhuma cerimônia naquele momento. — Meu pai escolheu que eu estava à deriva. Escolheu que venderia o meu corpo e se não fosse por Doug, ele teria conseguido. Minha verdadeira mãe me abandonou como se eu fosse absolutamente nada, Andreas, então desculpe se eu não me sinto confortável com alguém que está na minha vida a meros meses se sentindo no direito de simplesmente tomar decisões por mim sem sequer me consultar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me... me desculpe, Woody. — Suas mãos pegaram meus ombros e me puxaram para o seu peito. Chorei um pouco mais sentindo seu cheiro e o conforto do seu abraço. — Me perdoa, baby, por favor.

— Eu... eu preciso de um tempo, Andreas.

— Informe-me, me separando dele.

— Mas você me ama. — embora sua voz estivesse trêmula, era carregada de convicção.

— Eu amo, mas eu preciso de um tempo — falei calmamente. — Estou confusa e machucada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso respirar.

Sem dizer mais nada, caminhei até a porta, mas parei quando ele me chamou. Não me virei também quando ouvi suas palavras.

— Na noite em que coloquei meus olhos em você, pensei que o universo estava dando uma resposta ao pedido que tinha feito há não muito tempo. — Andreas ficou mudo por um tempo e depois continuou a falar. — Eu estava cansado de não ter ninguém para amar, e vi como o amor fez bem ao meu melhor amigo...

PERIGOSAS ACHERON

Virei-me para ele e fitei seus olhos.

— Nunca havia invejado Dashier antes. —

Pausou novamente e respirou fundo. — Não invejei sua vida, a forma como ele a conduziu e nem as consequências do que ele passou. Mas no ano passado, quando ele conheceu Quinn, invejei o que eles tinham. Era amor puro. Apenas aquilo: Amor.

— Sorriu tristemente. — Naquela noite, eu pensava exatamente no quanto eu queria sentir aquilo quando coloquei meus olhos em você, Woody.

Seus cabelos soltos, seu corpo suado, as luzes

batendo no vestido delicioso que você usava. Fui arrebatado. Contudo, você poderia ser só mais uma — disse sem sair do lugar, ele não invadiria o meu espaço e eu agradeci por aquilo —, mas o destino te colocou lá para salvar a minha vida e o meu coração, para segurar a minha mão e olhar em meus olhos.

Meu peito doía vendo ele desnudar a sua alma para mim. Porém, a minha própria estava destroçada, estava perdida em minha mágoa por tudo que havia acontecido comigo, mesmo antes de

PERIGOSAS NACIONAIS

Andreas entrar na minha vida.

— Só me perdoe, Woody, por favor. Me deixe amar você, mostrar que esse sentimento não é capaz de destruir a gente — pediu baixinho, quase sussurrando para mim.

— Eu... — solucei. — Preciso de um tempo, Andreas.

E parti.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

ANDREAS

Suas palavras doloridas ainda ecoavam em minha mente enquanto eu chamava Wilker, o barman da boate, para me servir mais uma dose de qualquer coisa forte que ele estivesse me dando.

— O que é isso? — perguntei, olhando para o líquido âmbar no copo.

— Uísque, energético, raspas de laranja um

pouco de rum. Eu chamo de *Soco*. — A voz do barman ecoou solitária e orgulhosa pelo salão. O clube não abriria até sexta-feira, mas chamei Wilker para me servir naquela quarta. Não voltei para casa desde segunda, quando Max me deixou.

Preferi ficar e curar minhas feridas com álcool.

— *Soco*, legal! — disse olhando para o copo. — Acho que mereço alguns.

Wilker não ousou responder. Ele simplesmente voltou a cuidar do seu estoque de

PERIGOSAS NACIONAIS

bebidas e me deixou sozinho com meus pensamentos.

Pensamentos que não saíam da minha Woody.

Eu não tinha ideia da profundidade dos seus medos e receios. Sabia que ela escondia mágoas, entendia que ela se negava a se mostrar como uma vítima, sempre tão independente e dona de si, tinha noção que suas feridas poderiam ser mais profundas do que ela demonstrava. Entretanto, não esperava o tamanho da crueldade do seu pai. Max

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia escondido as piores coisas de mim e saber daquilo me fazia querer antecipar a passagem de ida para o inferno do bastardo.

Maxine era como um animal ferido. Desde que a conheci, percebi a importância que ela dava para a sua independência e carreira. Mas saber da profundidade dos seus machucados, só me fazia sentir ainda pior pelo que eu tinha feito.

Dashier havia me dito algo, quando resolvi que pagaria a dívida de Maxine.

‘O respeito vem antes da ajuda.’

PERIGOSAS ACHERON

Quando ela disse que eu deveria ter respeitado a negativa que teria me dado caso eu oferecesse o dinheiro, entendi o que meu melhor amigo queria dizer. Às vezes, a melhor ajuda que podemos oferecer a alguém era dar a oportunidade dela provar a si mesma. Contudo, ainda era perceptível a sua vontade de ser querida. Sua necessidade de independência não apagava a sua ânsia por afeto, amor, carinho e mesmo cuidado.

Eu precisava fazer algo. Queria conversar com ela, pedir que me contasse a sua história toda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entretanto, ela havia me pedido um tempo, e uma vez que eu não havia respeitado suas vontades antes, naquele momento senti que lhe devia ao menos isso, um espaço. Por outro lado, eu também não era de ferro, e o medo de perder a mulher que amava era enorme, então, fiquei pensando no que eu poderia fazer para arrumar a besteira que eu havia feito.

O problema, era que enquanto eu pensava, bebia.

Muito.

PERIGOSAS ACHERON

**

MAXINE

— Eu não preciso dizer a você que as notícias não são boas, Maxine, você é médica e pode analisar os exames por si mesma. Infelizmente, ainda não conseguimos nenhum doador compatível. Todos os listados aqui, não foram compatíveis.

Doutora Fields, a hepatologista responsável pelo caso do meu pai explicou enquanto me devolia o prontuário dele. Assenti para as suas

palavras, mas honestamente? Eu sequer estava ouvindo ela. Sentia-me tão cansada.

Com tanto sono.

— Maxine? — chamou novamente tentando me levar de volta ao assunto. Pisquei algumas vezes e olhei para ela. — Você parece exausta, o que acha de ir para casa descansar?

Eu não poderia ir para casa, Doug estava lá. Porém, assenti para a médica tentando não preocupá-la.

— Obrigada pelas informações, doutora

PERIGOSAS NACIONAIS

Fields. — disse. — Será que posso ter acesso aos colegas que se voluntariaram para o teste de compatibilidade? Gostaria de agradecê-los.

— A lista está liberada no sistema.

— Eu sou interna. Ainda não tenho alguns acessos. — Justifiquei dando de ombros.

— Oh, claro! Aqui — anotou seu usuário e senha em um pedaço de papel e entregou a mim.

— Obrigada. — Sorri e o guardei em meu bolso.

Assim que ela se retirou do quarto, eu

PERIGOSAS ACHERON

também saí. Procurava ficar fora dos resmungos maldosos de Paul. Mesmo definhando, mesmo *morrendo*, ele não deixava de ser cruel.

Bem, chorar na frente dele não era algo que eu estava disposta a fazer. E chorar era algo que eu estava fazendo bastante nos últimos dois dias.

Saindo o quarto, dei de cara com Doug e sorri.

— O que faz aqui? Não é horário de visitas.

— O abracei apertado.

— Pff! Não estou aqui para visitar paciente

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhum, muito menos o imbecil lá dentro. —

Apontou para o quarto. Olhei para aquele grande

homem negro, de cabelos brancos e super fã de

James Brown agradecida por ele estar ali comigo,

por mim. — Quero saber se você gostaria de tomar

um café com este velho homem aqui.

— Claro! Eu só vou imprimir uma lista aqui
e podemos ir.

**

Sentamo-nos no lado de fora do hospital.

Doug disse que gostaria de sentir cheiro de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poluição e não de hospital. Então, escolhemos o banco em frente ao prédio e ficamos admirando a noite por um tempo, enquanto bebíamos o nosso café em silêncio.

— Como está o apartamento? — perguntei, pois sabia que ele estava aguardando por algum assunto. Doug sempre fazia aquilo, esperava eu dizer o que ele sabia que estava me incomodando.

— Está bom. — informou simplesmente — E como estão as coisas por aqui? — Questionou em seguida. Ele continuava olhando para frente.

PERIGOSAS ACHERON

— Não estão me deixando trabalhar. Acham que estou abalada pela doença do meu pai...

— Quando você está realmente abalada pela *presença* dele — falou em seguida. Não olhei para ele, no lugar, peguei a lista daqueles que fizeram o teste e comecei a ler os nomes. Queria saber exatamente quem era cada um deles para poder agradecer pessoalmente a sua tentativa de ajuda.

Ele se manteve em silêncio novamente. Doug e eu éramos muito bons em longas conversas silenciosas. Concentrei-me nos nomes da lista

impressionada como realmente havia bastante gente se importando com a situação de Paul. Se importando *comigo*.

Foi quando vi. Minha respiração falhou e o coração acelerou rapidamente ao ler o seu nome na lista de voluntários.

Andreas Theon Collins.

— Menina, o que houve? — Doug perguntou se virando para mim, nitidamente preocupado — Por que está chorando?

Estava chorando?

Sequer havia percebido.

— Andreas fez o teste de compatibilidade.

— Funguei, então comecei a chorar ainda mais. —

Droga! Até onde ele é capaz de ir por...por...

— Amor? — Doug completou quando eu não pude.

— Ele me ama, Doug. Muito! E faz um monte de besteira para mim. — Solucei deixando que aquele homem me confortasse novamente. De repente, me senti uma menina de dezenove anos, desamparada. Sem mãe ou pai. E tudo o que eu

tinha era o abraço de Doug no momento em que eu estava saindo de casa para seguir o meu caminho.

Meu sonho.

Ele provavelmente também havia voltado no tempo, pois logo que me abraçou começou a cantar *Free Bird* de Lynnyrd Skynyrd.

*Se eu partisse amanhã
Você ainda se lembraria de mim?
Pois eu já devo seguir viagem, agora
Porque há muitos lugares que eu preciso ver
Mas se eu ficasse aqui com você, garota
As coisas simplesmente não seriam as mesmas
Porque sou tão livre quanto um pássaro agora
E este pássaro você não pode mudar
E o pássaro você não pode mudar
E este pássaro você não pode mudar
O Senhor sabe, eu não consigo mudar
Tchau, tchau, baby, tem sido um doce amor, sim,*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sim

*Embora este sentimento eu não possa mudar
Mas, por favor, não leve isso muito a mal
Porque o Senhor sabe que sou o culpado
Mas, se eu ficasse aqui com você, garota
As coisas simplesmente não seriam as mesmas
Porque sou tão livre quanto um pássaro agora
E este pássaro você nunca vai mudar
E o pássaro você não pode mudar
E este pássaro você não pode mudar
O Senhor sabe, eu não consigo mudar
Senhor, me ajude, eu não consigo mudar
Senhor, eu não consigo mudar
Você não voará alto, livre pássaro, sim*

Lembro-me de evitar o filme *Duets* sempre
que passava na televisão, sempre que eu via o
personagem de *Andre Braugner* cantando aquela
canção, eu pensava no homem que evitou que eu

PERIGOSAS ACHERON

fosse quebrada completamente.

— Eu amo aquele homem também, Doug.

— Solucei em seu peito e me agarrei ainda mais em sua camisa.

— E por que diz isso como se fosse algo ruim, criança? — questionou, alisando minhas costas.

— Por que eu não sei se mereço tudo isso. Ele, ele... — Funguei, me separando dele e o encarando. — Estamos juntos há meses, e ele pagou minha dívida da faculdade sem me consultar,

PERIGOSAS NACIONAIS

pagou a conta do hospital — agitei meus braços —
e me levou para uma viagem cara, para ver a minha
banda favorita.

Seu olhar era risonho e seu semblante
calmo. Sereno.

— Lembro-me de quando eu tive que
inventar que as folhas do meu gramado precisavam
ser varridas diariamente para que pudesse dar-lhe
algum dinheiro. Você sempre foi muito orgulhosa.
— pausou, mas quando viu que eu argumentaria,
levantou a mão para que eu me calasse. — Não há

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada de errado com orgulho, Maxine, absolutamente nada. Mesmo com todas as condições em que cresceu, se tornou uma mulher honesta, então, só posso admirá-la por tudo o que se tornou.

Sorri enquanto limpava minhas lágrimas.

— Mas querida, sabe de uma coisa? Fazer tudo sozinha pode ser cansativo e frustrante também — piscou —, um colo, um abraço e alguém para cuidar da gente é muito bom. Você se acostuma.

PERIGOSAS ACHERON

— Disse a ele que precisava de um tempo para pensar, Doug, sobre tudo o que aconteceu, mas honestamente, tudo o que quero agora é estar nos braços dele.

— E você está perdendo tempo aqui comigo por quê? Orgulho é bom, menina, mas engoli-lo também, mostra caráter e maturidade. Não perca tempo remoendo as coisas que seu namorado fez para protegê-la.

Sem pensar duas vezes me levantei e corri para a calçada atacando o primeiro táxi que

PERIGOSAS NACIONAIS

passava. Tirando meu telefone do bolso tentei ligar para Andreas, mas apenas tocou. E se ele não estivesse em casa? Não era noite da Central Dance abrir, mas quem saberia?

De qualquer forma, dei o endereço do Apart-hotel dele. O pessoal já me conhecia e me deixaria entrar em seu apartamento, esperá-lo se fosse necessário. Assim que descí do táxi senti uma leve tontura e um pouco de enjoo. Prometi a mim mesma, que depois de fazer as pazes com Andy, dormiria um dia inteiro para descansar.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou aqui para ver o senhor Collins. —

Informei a recepção. O recepcionista me olhou de forma estranha antes de olhar para o seu colega, em dúvida.

— Qual é o problema? — perguntei intrigada. — Estou na lista de autorizados.

Um terceiro recepcionista entrou na recepção e me reconheceu imediatamente.

— Senhorita Madeline, boa noite! Pode subir! — Avisou sorridente e imediatamente caminhei até os elevadores. Quando as portas se

fecharam pude ver os outros dois rapazes falando com aquele que permitiu a minha entrada e todos pareciam estar desesperados.

Assim que as portas do elevador se abriram no andar de Andreas e eu coloquei meus pés para fora, rapidamente descobri o motivo de tanto desespero. Andreas estava andando pelo corredor, em direção ao seu apartamento, abraçado em uma loira. Eu os vi de costas, mas pelo cabelo e as palavras que ele disse em seguida, tive certeza de quem era.

— Você certamente vale a pena amar! —

Sua voz era enrolada.

Sophie.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

MAXINE

— Será que você pode ficar quieto para eu abrir a porta? — A loira disse risonha.

Comecei a caminhar até eles me recusando a acreditar que Andreas faria qualquer coisa daquele tipo para me magoar. Sentia meu corpo todo tremer e meu coração completamente disparado enquanto andava em sua direção. De

PERIGOSAS NACIONAIS

repente, a leve vertigem começou a ficar forte demais. Suor frio assolou meu corpo por completo e minha visão passou a ficar turva. Senti a bile em minha boca e tentei engolir para não vomitar ali mesmo, naquele corredor, mas foi impossível. Meus joelhos cederam e caí no chão vomitando em seguida.

— Andreas é Maxine! Oh, meu Deus!

— Woody? — escutei ele perguntando com o tom de dúvida em sua voz. — Maxine!

Foi a última coisa que ouvi antes de ficar

PERIGOSAS ACHERON

inconsciente.

**

Quando abri meus olhos, dei de cara um belo par de olhos azuis. Eram brilhantes e bem maquiados, mas não eram de Sophie.

— Andy, ela está acordando! — disse se movimentando. Imediatamente Andreas entrou no meu campo de visão.

— Woody, baby! — Sua voz era desesperada, os olhos vermelhos e levemente encapuzados. O cheiro de bebida era possível ser

sentido. Forte demais, e me fez embrulhar o estômago novamente.

— Eu vou... — Me virei para o lado e fiz um belo estrago no seu piso.

— Eu cuido disso. Você cuida da sua garota — ouvi a mulher dizer enquanto Andreas tentava me ajudar a sentar. Finalmente olhei bem para ela e a reconheci.

Era Quinn Colt!

— Precisa ir ao banheiro?

Assenti e me levantei. Não sabia como ele

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguia me amparar e me levar até o banheiro, uma vez que ele parecia uma garrafa de uísque ambulante. Mas conseguiu e me seguiu até lá.

— Quer tomar um banho? — Ofereceu apreensivo.

Um banho seria bom, eu estava desde cedo com a mesma roupa e cheirando a hospital. Então assenti. Imediatamente, Andreas foi até o chuveiro e ligou.

— Eu vou... hum... eu vou... — Informou antes de me deixar sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Escovei meus dentes e tomei um banho rápido. Assim que saí do banho, vesti o roupão de Andreas e suspirei com a sensação do tecido em minha pele. Fazia-me sentir tantas coisas.

Atravessei o closet e me deparei com Quinn.

— Olá! — Sorriu amistosamente. —

Andreas pediu para vir ver se precisava de algo.

Sente-se melhor?

Fitei a bela mulher me sentindo exposta.

— Nós brigamos. — Contei a ela e imediatamente senti as lágrimas queimarem meus

olhos. — Vim tentar consertar as coisas e vi vocês dois, ouvi o que ele disse a você... Que você era alguém que valia a pena amar... Pensei, por um momento, que o havia perdido. — falei me sentindo desamparada. Normalmente não me abriria para uma pessoa que mal conhecia, mas era um momento de desespero.

— O quê? — Quinn soltou alto. — Claro que você não o perdeu! Estávamos falando justamente sobre não desistir de quem amamos, Max. Ele disse que eu valia a pena porque não

desisti do meu marido quando ele queria se distanciar de mim. Andy nos ajudou tanto. — explicou — E me chamou para ajudá-lo a recuperar você. Por isso o trouxe.

Meu coração ficou tão aliviado.

— Vi você de costas e pensei que fosse Sophie.

Ri de mim mesma ao declarar aquilo em voz alta. Havia visto Quinn apenas uma vez, no hospital meses atrás e Sophie vi rapidamente também e depois apenas por fotos, quando a mãe de Andreas

resolveu fazer uma visitinha para mim, juntando ao fato de que eu não me sentia bem, foi muito fácil confundi-las.

— Eu e Sophie? Parecidas? — Ela riu um pouco. — Acredite, somos muito diferentes. Bem, agora me diga: Sente-se melhor? Andreas está tomando um banho e preparei um café para ele, mas com o susto que nos deu, acho que boa parte da bebedeira já passou.

Só de lembrar do cheiro de álcool já senti vontade de vomitar novamente. Coloquei a mão na

boca tentando conter o enjoo.

— Desculpe, não sei o que está acontecendo comigo. — Suspirei depois de controlada.

— A minha dica é que você vá ao médico.

— O tom brincalhão não passou despercebido por mim.

— Obrigada pela dica. — Brinquei de volta.

— E é um prazer conhecê-la oficialmente, conheci seu marido e filho e fiquei encantada com eles. — Estiquei minha mão para apertar.

— Eles são de tirar o fôlego, não são? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Piscou e aceitou o meu cumprimento. — Sabe quem mais tira o fôlego? Seu homem.

Sabia daquilo. Como sabia!

— Vá conversar com ele, Maxine. Ele fez besteira e sabe... E talvez vá fazer outras, mas se tem uma coisa que ele sabe fazer, é amar.

E se tinha algo que eu precisava... era ser amada.

Mas não disse a Quinn, apenas assenti e me dirigi com ela para a sala. Assim que chegamos, avistamos Andy apoiado na ilha da cozinha

PERIGOSAS ACHERON

bebendo uma xícara de café.

— Está bem? — Quinn perguntou e sabíamos do que ela falava.

— Estou bem. Obrigado — disse com carinho para ela.

— Então eu vou deixar vocês dois e vou para casa. Dashier deve estar pirando e Hazel deixou claro que não dormiria sem que eu jogasse uma partida de videogame com ele.

Quinn me surpreendeu quando se virou e me abraçou apertado e sussurrou em meu ouvido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Todos temos os nossos fantasmas, mas são raras as pessoas que estão dispostas a enfrentá-los conosco.

— Obrigada — sussurrei de volta.

— Vamos combinar um almoço de meninas, sim? — Solicitou assim que nos separamos. Apenas assenti e assisti, quando ela se aproximou e beijou o rosto de Andreas.

— Diga a Dash que sinto muito.

— Ele sabe, e ele também sente, mas buscar a sua bunda tão bêbada poderia ser um gatilho,

PERIGOSAS ACHERON

você sabe.

Andreas concordou e levou Quinn até a porta. Eles trocaram mais algumas palavras e logo estava de volta.

Nos olhamos por um longo tempo, Andreas tinha aquele semblante de sempre, como se estivesse lendo a minha mente, porém, daquela vez, eu também podia ler a sua.

— Estamos juntos há apenas seis meses e isso vem me assombrando desde que estivemos na casa de Dashier. — Confidencieei sem sair do lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele mudou seu peso entre as pernas e cruzou os braços — Você me levou para ver o show do Aerosmith e foi o melhor final de semana da minha vida, então tudo começou a ser cotidiano para mim. Normal. Você se encaixou tão bem na minha vida. Respeitou meus limites, não se impôs entre eu e meu trabalho, e merda, Andreas, você me deu o brinquedo mais duro para dormir abraçado e mesmo assim, sempre que você não está comigo, eu durmo com ele.

Aquilo fez com ele desse um passo em

PERIGOSAS ACHERON

minha direção, mas ele parou quando viu que eu dei um passo para trás, precisava dizer tudo.

— Entrei em pânico quando Dashier perguntou quando eu assumiria que estava apaixonada por você. — expliquei. — Andreas, não estou aqui para dizer como a vida foi difícil e justificar a forma como eu sou, sei que não preciso porque você me aceita exatamente assim.

— Para quê está aqui então? — instigou ele, para que eu continuasse.

— Porque eu estou morrendo de medo. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Confidenciei. — Estou apavorada com tudo acontecendo tão rápido. Eu... eu nunca tive ninguém assim...

— Que amasse você. — Afirmou dando mais um passo e minha direção.

— Ou cuidasse de mim. — Continuei. — Que me quisesse em sua vida, minha própria mãe não me quis, Andreas. — Abri os braços dando ênfase às minhas palavras. — E se você simplesmente for embora ou... ou...

— Está com medo que eu morra? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Finalmente, ele percebeu. Seus olhos me fitaram cheios de compaixão pela descoberta.

Assim eu não precisaria dizer com todas as palavras, aquilo me apavorava demais.

— O que eu farei? Eu não posso salvar todo mundo, Andreas! Não posso salvar você! — Chorei, percebendo o meu próprio desespero.

— Ah, baby! Você já me salvou. — Ele diminuiu o espaço entre nós e me pegou em seus braços.

— E será que agora você pode me salvar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— murmurei entre lágrimas a minha súplica. —

Quando eu disse que estava apaixonada por você na boate, fiz de qualquer jeito, não querendo que você entendesse a grandeza dos meus sentimentos por você. Mas Andreas, estou tão apaixonada por você, tão perdida e loucamente apaixonada por você, que dói. Dói porque estou viva. Porque você me fez viver! — Me agarrei a ele e deixei que me erguesse em seu colo. Andreas me levou para o quarto e me deitou na cama delicadamente. Ficou ao meu lado e me beijou com sofreguidão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amo você, Woody. — Repetiu incontáveis vezes enquanto nos despíamos e explorávamos nossos corpos.

Andreas foi delicado, gentil e amável. Nossos corpos explodiram de forma diferente do que costumavam quando transávamos, mas então, aquilo não era apenas sexo. Éramos nós nos amando. Esquecendo o prazo de validade de uma relação, nos segurando e nos prometendo silenciosamente que nunca mais íamos nos deixar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

MAXINE

Pela manhã, fui acordada com beijos nas costas. Senti sua barba arrastando em minha pele e sorri com aquele carinho.

— Eu amo você — sussurrou enquanto continuava a arrastar seus lábios pela minha pele.

— Hum... bom, porque eu amo você de uma forma que nunca pensei ser possível — respondi

manhosa, virando meu corpo e ficando de frente para ele. — E obrigada por me amar.

Um sorriso rouco contra a minha pele fez um pequeno tremor em meu corpo. Mordi meu lábio inferior deixando o meu próprio riso escapar.

— Você é tão linda pela manhã, de tirar o fôlego. — Imediatamente seus lábios foram para os meus. Percebi que ele, assim como eu, estava nu, então abri minhas pernas para que ele se encaixasse em mim. — E pelo jeito está pronta para fazer amor de novo. — sua boca desceu para o meu pescoço e

logo ele estava me penetrando, fazendo minhas costas descolarem do colchão e um gemido escapar por entre meus lábios. Nos movimentamos lentamente e em sincronia. Olho no olho.

Nossas bocas continuaram se beijando, movendo-se exatamente da mesma forma que nossos quadris, até que chegamos ao ápice juntos. Deitei em seu peito e deixei que ele acariciasse meus cabelos.

— Vamos tomar café da manhã? —
Convidou. — Estou louco por um café completo,

bacon, ovos, torradas francesas e... Woody?

Eu já estava saltando da cama e correndo para o banheiro. Sem conseguir chegar ao vaso, despejei tudo na pia mesmo. Andreas logo estava atrás de mim.

— Maxine, tem muito tempo que você está assim. Estou ficando preocupado.

Lavei minha boca e peguei minha escova de dentes.

— Estou passando por muito estresse, deve ser isso — respondi antes de começar a escovar

meus dentes. Enfieí a escova em minha boca e comecei o trabalho para tirar o gosto amargo dela.

— Acho que precisa ser vista por algum médico, Woody.

Ele tinha razão, talvez fosse melhor, por isso assenti.

— Mas se me permite dizer — continuou —, acho que você está grávida.

Parei a escovação gradualmente até que tirei a escova de minha boca e cuspi a espuma.

— Pirou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não pirei. — deu de ombros. —

Você anda cansada demais, com sono, vomitando...

— É estresse...

— Bacon e ovos te fizeram estressada há dois minutos? — perguntou rindo. — Porque eu tenho bastante convicção de que foram estes alimentos que conjuraram o seu vômito.

Por favor, Deus! Que ele esteja errado.

Fechei meus olhos e tentei me lembrar da minha última menstruação...

Caramba! Quando foi que tomei a minha

PERIGOSAS ACHERON

última injeção?

— Merda! — Minha exclamação saiu esganiçada. — Merda!

**

Andando de um lado para o outro dentro do quarto de hospital, pensei que surtaria.

— Max, você precisa sentar e deixar que Pamella retire o sangue para o teste. — Andreas avisou em um tom condescendente. Olhei para Pam que continuava em sua melhor postura entediada, balançando uma luva com a ponta do dedo. —

Baby, por favor.

— Estou com medo — declarei e me sentei na maca.

— Nem tinha percebido. — Pam bufou. — Vamos, Max. Vamos acabar logo com isso. — Ela se aproximou e preparou tudo para coletar sangue.

Não queria pensar na possibilidade de estar grávida.

O que ele vai pensar de mim?

Chorei mentalmente enquanto via minha amiga coletar o material para examinar. E se

Andreas pensasse que fiz de propósito? Se ele me deixasse caso o resultado fosse positivo?

Percebi então que ainda havia uma parte de mim que estava com medo de amar aquele homem. Tentei não deixar aquele medo me consumir, mas ainda tinha muito a trabalhar para não me deixar levar por ele.

— Pronto! Vou enviar para o laboratório e deve estar liberado em meia hora. — Pamella informou. Olhei para ela em pânico, sem saber o que dizer. — Vai dar tudo certo, amiga. Se tem

alguém que sabe se virar, essa é você.

— Ela não precisa se virar — Andreas entrou na conversa. — Tem a mim.

Pam olhou para ele e sorriu aprovando a sua resposta. Ele sempre tinha as coisas certas para dizer.

— É claro que tem, bonitão! À propósito, você ainda me deve uma meia de alta compressão.

Brincou nos lembrando da noite que usei a sua meia para fazer um torniquete na perna de Andreas.

— Me lembre de enviar um cartão presente da *La Perla* para você. — Andy piscou para ela, e pronto! Pamella foi vencida no próprio jogo, perdeu o ar e corou bem na frente dele.

Sequer consegui rir dela. Estava preocupada demais.

Uma batida na porta nos interrompeu, Dean entrou com um sorriso amarelo.

— Oi, pessoal... — me olhou de uma forma apologética, e eu já sabia o que ele diria. — Max, seu pai... a hora de se despedir é agora.

Por que tudo tinha que acontecer ao mesmo tempo?

Assenti sem qualquer emoção e Dean se foi. Pam passou por mim, e colocou a mão em meu ombro, apertando de leve. Ela me olhou tentando demonstrar o seu apoio, e seguiu Dean, levando o meu material para análise.

Fitei Andreas tentando descobrir o que fazer. O que eu diria para aquele homem? Qual era a reação certa diante daquela situação?

E por que tudo aquilo tinha que acontecer

comigo?

— Não importa o que aconteça, Woody, eu estarei com você. — Andy afirmou, sabendo exatamente o que eu precisava ouvir para encerrar aquela etapa da minha vida.

**

Incrível como eu tinha dificuldade de ser imparcial com todos os pacientes, inclusive com Andreas. Ele era meu paciente e isso resultou em um exame de gravidez que em breve eu pegaria o resultado, porém, com Paul, era como se meu lado

médica tomasse conta completamente. Eu não tinha sentimentos por aquele homem e me feria quando eu forçava o contrário. No dia em que me despedi dele não foi diferente.

Me senti constrangida por não conseguir chorar, nem mesmo ficar triste por ele, acho que a sociedade impõe essas coisas para nós, e acabamos nos sujeitando, mas naquele momento, com o homem que realmente me amava ao meu lado e Doug, o único que foi realmente algo parecido como um pai para mim, eu sabia que não precisava

fingir. Sequer precisava estar ali. Mas fui de qualquer jeito.

Fui para que ele soubesse de uma coisa:

— Eu não vou sentir a sua falta e nem chorar por você, Paul. — Seus olhos eram frios para mim. Por muito tempo, pensei que ele era apenas amargurado por ter perdido Marion quando ela morreu. Mas percebi que Paul pensava que havia perdido minha mãe muito antes dela morrer. A perdeu para mim. Contudo, nada daquilo nunca justificaria a sua maldade para com uma criança. Se

fosse culpa do alcoolismo e do seu luto, ele não estaria me olhando com tanto ódio naquele momento.

As pessoas são simplesmente assim.

— Mas você pode seguir em paz. —

Terminei e dei um passo para trás, pronta para sair daquele quarto.

Andreas, no entanto, não estava pronto para partir.

— Maxine será amada como sempre mereceu, como sua esposa sempre quis, senhor

PERIGOSAS NACIONAIS

Madeline. — Sua mão apertou a minha e seu olhar contemplou o meu — E quando a hora chegar, darei o meu nome a ela. Assim o senhor será apenas uma má lembrança. Eu vou amá-la, respeitá-la e apoiá-la. Porque é isso que os seres humanos de verdade nasceram para fazer.

Os olhos de Paul passaram de frios para medrosos.

Ele estava morrendo sozinho e finalmente percebeu aquilo.

Sem mais nenhuma palavra, Andreas, Doug

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e eu saímos do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

MAXINE

Ao sairmos do quarto, Andreas logo tratou de se apresentar a Doug.

— Senhor, me chamo Andreas Collins. —
falou formalmente. — Sou namorado de Maxine. É
um prazer conhecê-lo.

— Doug Fletcher, filho e já gosto de você,
não precisa fazer todas essas firulas para mim. Sou

apenas o vizinho.

— Sabemos que é bem mais que isso, senhor. Mas fico aliviado que já gosta de mim, não preciso me esforçar tanto. — Brincou com Doug.

Eu com a sua mãe, no entanto...

Pensei quieta. Mas feliz que eles estavam se dando bem.

— Se você cuidar da minha menina aqui, seremos sempre bons amigos, rapaz. — O velho homem pegou minha mão e me puxou para ele, me dando um abraço apertado. — Você está bem,

menina? Fique tranquila, eu cuidarei de tudo agora.

Não pense mais sobre ele.

Assenti sem querer dizer nada. Minha vida tinha passado por um turbilhão nos últimos dias e estava longe de acabar caso a suspeita da minha gravidez se confirmasse.

Lembrando daquele grande e gordo detalhe, me separei de Doug e peguei o pulso de Andreas olhando para o relógio.

Havia passado da hora já, o exame deveria estar pronto.

**

Dentro do quarto em que havia sido atendida, Pam já nos aguardava com o exame aberto em sua mão. Significava que ela já sabia o resultado. Sua face não demonstrou nada, no entanto, ela me olhava como costumava olhar para seus pacientes e aquilo me irritou. A vadia estava fazendo de propósito.

— Acabe logo com isso, Pamella! —
exclamei nervosa.

— Está aqui, vocês podem ter um momento

a sós. — Entregou o documento e se retirou.

Sentei-me e me preparei para o resultado, minhas mãos tremiam enquanto colocava o papel diante dos meus olhos.

O nó imenso em minha garganta quase impossibilitava a minha respiração. Meu coração martelava freneticamente em meu peito quando coloquei os olhos na palavra que mudariam a minha vida para sempre.

— Positivo — murmurei lendo e relendo o resultado. Andreas sentou ao meu lado e colocou

PERIGOSAS NACIONAIS

seu braço em volta dos meus ombros. — Me desculpe — sussurrei para ele.

— Por que está se desculpando? — questionou, abaixando a cabeça e tentando ver meu rosto. — Baby, por que está dizendo isso?

Por que ele não estava apavorado?
Surtando?

— Por ter engravidado, eu fui aquela que te tranquilizou sobre estar protegida, você confiou em mim. — expliquei, sentindo o peso do mundo descer sobre mim.

PERIGOSAS ACHERON

O que aconteceria?

Eu mal tinha começado a trabalhar no hospital e seria desligada dele. As regras do programa de residência eram claras. Tudo o que eu havia lutado estava ruindo porque havia esquecido de abaixar a calça e tomar a porra de uma agulhada na bunda.

Só percebi que estava chorando quando ouvi Andy dizendo que eu não precisava ficar daquele jeito.

— Tu-tudo está acontecendo rápido demais.

— Solucei e deixei que ele me puxasse para o seu colo.

— Ssh... Vai ficar tudo bem, nós vamos resolver.

— Eu não poderei mais ser u-uma médica.

Andreas riu, retirando meus cabelos do rosto e me fazendo fitá-lo.

— Você poderá ser tudo o que quiser. Pode demorar um pouco mais, mas essa criança não vai tirar quaisquer oportunidades de você, baby. Não pense assim. — Tentou me acalmar. Por que ele

não estava surtando?

— Por que não está surtando, Andreas? Isso vai mudar a sua vida também. Claro que você não terá nenhuma obrigação comigo, mas não acho que estava em seus planos ter filho com a sua namorada mais recente...

— Hey! — Me interrompeu rapidamente — Agora quero que me escute — disse seriamente. — Nada, absolutamente nada que venha de você é menos do que bem-vindo. Isso serve para os seus beijos — sua mão pegou o meu rosto e levou até o

PERIGOSAS NACIONAIS

seu beijando rapidamente — seu carinho, seu *amor* — sua mão desceu e descansou em meu peito, em cima do meu coração, mas logo desceu para o meu ventre — e nosso bebê é mais do que bem-vindo. Ele é seu, nosso.

— Mas estamos juntos há...

— Woody, se você falar que nós estamos juntos há apenas seis meses novamente, por Deus, minha cabeça vai explodir. Esqueça a data, deixe os prazos pré-estabelecidos pelo mundo de fora. Eu amo você, você me ama e se nada der certo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguiremos os nossos caminhos e você sempre me terá para dividir tudo com você. Mas isso é *se* nos separarmos. — Me beijou novamente e desta vez foi mais longo, mais carinhoso, como se ele estivesse tentando provar tudo o que disse para mim, me fazendo engolir, literalmente, suas palavras. — Não pretendo ficar longe de você, baby. E nem do nosso filho ou filha. Entretanto, sei que você não está feliz com essa situação e nós podemos conversar sobre alternativas, afinal de contas é a sua vida — a tristeza era gigantesca em

PERIGOSAS ACHERON

seus olhos quando falou aquilo —, mas honestamente...

— Eu estou com medo, Andreas. Tenho medo de não estar preparada para isso, como minha mãe biológica não estava, tenho medo de estragar tudo — Toquei sua mão ainda em meu ventre e sorri —, mas em nenhum momento passou pela minha cabeça qualquer alternativa a não ser ter o nosso bebê.

O sorriso dele era enorme, seus olhos brilharam e seu peito parecia estufado de tanto

orgulho.

— Serei pai. — Disse orgulhosamente.

— E eu serei mãe.

— E eu serei tia! — Pam exclamou da porta

— Parabéns! — Comemorou entrando no quarto.

— Agora temos que marcar uma consulta. Já solicitei um obstetra e vou furar você novamente para os outros exames do pré-natal.

Eu continuava zozna com notícia, mas nos braços de Andreas, nunca me senti tão segura.

**

ANDREAS

Vou ser pai!

Caramba! Eu serei pai!

Quando Max foi se preparar para os exames necessários para seu pré-natal, saí do hospital e peguei meu telefone. Havia uma pessoa que eu precisava compartilhar.

— *Por favor, me diga que você não precisa que minha esposa busque a sua bunda bêbada novamente.* — A voz mal humorada do meu melhor amigo me fez sorrir.

— Tenho uma novidade!

— *Pela sua voz, você fez as pazes com Maxine.*

— Cara, eu vou ser pai!

Acho que ele tinha um copo na mão, pois ouvi algo de vidro cair e estilhaçar.

— *O que disse?*

— Eu vou ser pai, minha Woody está grávida, Dashier, e eu estou explodindo de felicidade. — Gargalhei enquanto falava.

— *Andreas... cara...* — Sua voz parecia

emocionada, mas em dúvida. — *Está realmente feliz, preparado para tudo isso?*

— Preparado para tudo? Não, mas vou descobrir. — respondi. — Feliz? Demais! Amo aquela mulher, Dashier. Amo.

— *Sua felicidade é a minha felicidade, cara. Parabéns!* — Ele disse com um sorriso em seu tom de voz, então confirmei porque ele foi o primeiro a quem eu quis dar a notícia. Dashier queria a minha felicidade como eu quis a dele durante todos esses anos.

**

MAXINE

Assim que ele entrou no quarto, soltei o ar aliviada. Por um momento, pensei que ele tivesse fugido.

— Está pronta? — perguntou animadamente, analisando a minha vestimenta.

— Sim. A médica deve estar aqui em breve para fazer o ultrassom — respondi apontando para o enorme aparelho.

— Você sabe mexer nisso? — perguntou

com um brilho diferente no olhar.

— Sim. — franzi o cenho tentando entender o sorriso que se formava em seu rosto perfeito.

— Então não precisamos da médica. — Sua voz se tornou conspiratória e naquele momento, exatamente dentro daquela sala fria, impessoal e com cheiro exagerado de limpeza, pela primeira vez senti como se estivesse exatamente onde eu deveria estar.

Claro que tive minhas convicções, sempre soube o que queria para a minha vida. Ser médica e

provar que eu não precisava de ninguém.

Mas ao ligar aquele monitor, percebi que uma nova vida começaria para mim, onde eu encaixaria tudo o que a antiga vida me ofereceu de bom, como a medicina, Pamella, Dean e Doug, juntando com tudo que Andreas e nosso bebê me proporcionaria.

Deitei-me na maca, levantando a camisola hospitalar e apliquei o gel em meu baixo ventre. Estiquei meu braço e liguei o monitor de ultrassom, clicando em seguida no botão que liberava o som.

— Me dê sua mão. — Pedi a Andreas que imediatamente a estendeu para mim, ele estava tremendo e quando vi seu rosto sorridente e assustado ao mesmo tempo, pensei ser a coisa mais linda que já havia visto na vida. Coloquei o bastão de ultrassom contra o meu baixo ventre e nós dois movimentamos. — A menos que eu esteja com mais de cinco semanas, não conseguiremos ouvir o coração ain...

Um barulho alto e forte ecoou pela sala e me fez parar de falar na mesma hora. Olhei para o

PERIGOSAS NACIONAIS

monitor assustada, mas só quando vi a hora realmente comecei a chorar.

Um soluço alto escapou e comecei a rir enquanto derramava minhas lágrimas. Olhei para Andreas que sorriu, mas parecia preocupado com o meu rompante.

— O que foi, Woody?

— A hora registrada no monitor. — Nós voltamos a olhar para o aparelho que transmitia o som da vida do nosso filho. Agradecida e finalmente acreditando no destino eu li novamente:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seis e trinta e três.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

MAXINE

— Não posso acreditar que você realmente está suturando e não costurando o peru. Baby, é Ação de Graças, não uma apendicectomia.

— Quero deixar tudo perfeito para hoje à noite, sua mãe não é exatamente minha fã e não quero que ela comece a reclamar da comida. E você merece um beijo por conseguir dizer apendicectomia.

Andy se aproximou e beijei seus lábios rapidamente.

Andrea havia aceitado nosso relacionamento, especialmente quando descobriu que seria avó. Com ajuda de David, pai de Andreas, ela se manteve agradável comigo, mas ainda havia uma animosidade entre a gente, embora ela fosse completamente apaixonada por sua nova nomenclatura, vovó.

— Tenho certeza que ela não vai analisar a qualidade da sua sutura, a menos que fique

impossível de cortar o peru depois. — Brincou me fazendo bufar, catar uma batata cozida e tacar nele.

— Eu sinto falta do trabalho, me deixa. —

Bufei voltando ao meu minucioso trabalho.

— Você voltará para o programa de residência, fez um bom trabalho no hospital, a sua chefe já disse que vai providenciar para que você volte para lá.

— Eu sei, eu sei!

O hospital fazia uma falta danada. Mas eu não podia enfrentar as horas de plantão impostas

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo programa de residência. Eu ainda encontrava Pamella para bater papo com frequência. Ela e Dean resolveram fazer sexo sem compromisso uma vez, e estão namorando firme há dois meses.

Vejo Quinn com frequência também, nossa relação se estreitou para a satisfação dos nossos maridos. Apreendi mais sobre ela e Dashier e posso dizer que sou fã incondicional daquela mulher. Ela, Dashier e Haze foram convidados para Ação de Graças naquela noite também, mais um motivo para que o peru ficasse perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

Doug também estava convidado é claro.

Ele acabou vendendo a sua casa na mesma época em que vendi a casa de Paul. Juntamos o dinheiro e compramos um apartamento para ele. Doug alegou que estava de saco cheio de morar naquela casa. Acho que ele queria mesmo era ficar perto de mim e do bebê quando nascesse.

— Não fique tão tensa — Andreas se aproximou e me abraçou por trás. Suas mãos passearam pelas laterais do meu corpo e ignoraram meus seios propositalmente, estavam enormes e

prontos para explodirem em breve, e ele sabia muito bem daquilo. —, vai dar tudo certo, você vai ver.

Sua boca imediatamente começou a explorar o meu pescoço enquanto ele esfregou sua pélvis em mim. É claro que ele estaria excitado.

Mas como sempre, nos últimos meses, bem no momento em que teríamos alguma ação que não envolvesse vômito ou muito cocô, Jessie, nossa filha de seis meses de vida começou a chorar.

Olhei para a babá eletrônica e franzi o

cenho.

— Pode ver o que ela tem? — pedi a Andreas.

— Fui da última vez, agora é você. — Alegou. Olhei para ele achando estranha a sua atitude. Ele nunca se negou a passar mais tempo com Jessie. Era uma briga com sua mãe, inclusive. Os dois sempre brigavam para ver quem ficava com a menina nos braços.

— Está brincando, não está?

— Nope! — disse ele categoricamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Continuei achando a sua atitude estranha, mas parei o que estava fazendo e limpei minhas mãos antes de seguir para o quarto de nossa filha.

Após a descoberta da gravidez, Andy e eu conversamos muito sobre como levaríamos nossas vidas dali para frente. Não discuti quando ele falou que não gostaria que eu ficasse em meu apartamento. Nem quando me chamou para morar com ele.

O que eu diria?

Fui proibida de dizer que ‘estávamos juntos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

há apenas seis meses’. E para dizer a verdade, não fazia sentido querer morar em outro lugar uma vez que eu estava apaixonada por ele e queria construir uma vida ao seu lado. Como Andreas afirmou, se tudo der errado, ainda estaríamos lado a lado para criar a Jessie. Nós compramos um belo e ostentoso apartamento em Upper West Side, perto de Dashier e Quinn. Era lindo, mas o meu lugar preferido era o quarto de nossa filha. Ao entrar ouvi o choro dela mais alto enquanto olhava em volta e sorria. Decoramos o espaço todo com o tema Toy Story.

PERIGOSAS ACHERON

Bem, demos o nome de nossa filha por causa de Toy Story.

Jessie era a parceira de Woody no desenho e Andreas disse que era o nome perfeito para ela. Tive que concordar.

Ao chegar ao berço, olhei primeiro para o seu lindo rosto, os cabelos finos e castanhos quase loiros eram ralos e quase inexistente, os olhos redondos, expressivos e escuros me faziam derreter cada vez que fitavam os meus. Tão linda!

Meu coração era tão cheio de amor por eles

que sequer conseguia mensurar.

— Mamãe está aqui. — sussurrei e logo o choro da minha menina acabou. — Você está suja? Precisa de fraldas novas?

Então percebi a roupa que ela vestia.

— Andreas? — gritei. — Você vestiu a fantasia de Jessie na Jessie?

Não obtive resposta, então apenas chacoalhei a cabeça e tratei de começar a tirar o colete de vaqueira dela. Assim que retirei o colete percebi que o body que ela usava era novo,

diferente. Foi quando li as palavras escritas nele.

Woody, case com o Andy!

— Oh, meu Deus! — exclamei assustada.

Lendo e relendo as palavras. — Jessie! Seu pai...

Meu coração parecia esmurrar meu peito, minhas mãos tremeram quando a peguei em meu colo e apoiei sua cabecinha em meu ombro.

— Seu pai me pediu em casamento, querida. — Contei a ela já chorando.

— E você vai aceitar? — ouvi Andreas perguntar e me virei imediatamente em direção à

PERIGOSAS NACIONAIS

porta. Encostado no batente, vestido ainda em seu pijama composto por camiseta branca e calça de moletom cinza, descalço, com os cabelos desgrenhados, estava ele, segurando a caixinha que provavelmente guardava o meu anel. O sorriso pelo qual me apaixonei ainda naquela boate, que consegui ver mesmo de longe, no meio da pista de dança, estava lá. Todo só para mim.

Desencostando da porta, e andando até nós, Andreas se ajoelhou na minha frente, me fazendo chorar ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, Woody? Vai casar comigo? —

Ele abriu a caixinha revelando o anel simples, solitário e realmente pequeno. Da forma que ele sabia que eu gostava.

Simples.

Como decidimos que nossa vida e nosso amor seriam depois do turbilhão que passamos no primeiro ano. O ano em que nos conhecemos.

Então eu simplesmente respondi:

— Sim!

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM

PERIGOSAS ACHERON

CENA EXTRA

ANDREAS

— Hazel, cuide de Jessie! — Dashier ordenou enquanto minha filha de pouco mais de um ano cambaleava de um lado para o outro atrás do pequeno H.

Eles corriam de um lado a outro enquanto Dashier e eu observávamos os dois brincarem pela sala. Jessie era louca por Haze desde que começou a reconhecer as pessoas. Era uma fofura sem fim

ver aquele pequeno pedaço de gente correndo pela casa.

Jessie era a maior e melhor realização da minha vida. Meu pequeno pedaço de Maxine, linda e geniosa como a mãe, mas também meiga, delicada e carinhosa. Tinha os olhos grandes, redondos, castanhos e brilhantes. Seus cabelos ainda eram ralinhos, mal haviam crescido em sua pequena cabecinha, eram castanhos claros e estavam começando a gerar pequenos e curtos cachos. Vestida com uma bermuda e blusa simples,

PERIGOSAS NACIONAIS

ela tinha sua boca e roupa cheias de creme de abóbora, Hazel tinha acabado de dar a ela o jantar.

Estávamos ficando na casa de Dashier e Quinn porque minha casa estava sendo usada para uma despedida de solteira da minha futura esposa.

Maxine e eu nos casaríamos no dia seguinte.

Então, minha despedida de solteiro seria bebendo coca-cola com Dashier e nossos filhos enquanto ela e suas amigas estavam se divertindo, assistindo filmes famosos dos anos noventa e

PERIGOSAS ACHERON

comparando os astros da época conosco.

Não era de todo ruim.

— Rei... Rei... Rei... — Jessie gritou enquanto corria atrás de Hazel chamando por ele, Haze adorava correr dela, era a brincadeira favorita dos dois.

— Olha, papai, ela está dizendo meu nome novamente. — Haze disse orgulhosamente enquanto continuava a correr e se esquivar da pequena espoleta que o perseguia.

Jessie era muito bebê ainda para falar as

palavras corretamente e Hazel era um nome e patamar diferente de papa ou mama. Foi a terceira palavra que ela disse, fazendo o menino vibrar de felicidade. Ela o chamava de Rei. E bem, babava um pouco enquanto o fazia, seus dentinhos continuavam nascendo a todo vapor.

— Seja legal com ela, amigo. — Dash pediu.

Sorri para os dois e beberiquei mais um gole da minha coca.

— Nervoso? — Dash perguntou sem me

olhar.

— Ansioso — respondi simplesmente.

— Entendo a sensação.

— Nem acredito que o dia finalmente chegou — resmunguei —, os preparativos estavam me deixando louco.

— Você é um bebê chorão.

— Bebê chorão? — questionei aturdido. —

Maxine voltou para o programa de residência, Dashier, sabe quem teve que provar os bolos, escolher as cores dos convites, das flores, escolher

PERIGOSAS NACIONAIS

a maldita música da primeira dança e se
comeríamos salmão ou robalo?

— Minha esposa. — Dashier respondeu
rapidamente.

— Sim! — concordei. — Mas ela me
colocou em tudo! Tudo, cara! Ela me fazia
encontrá-la para o chá da tarde na Bakery por pelo
menos uma vez por semana. Eu não aguentava mais
ver aquele maldito livro da noiva.

Gemi, fazendo Dashier gargalhar.

— Acabou, cara! Amanhã Maxine estará

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

andando em sua direção, e eu te garanto, não há nada mais lindo.

Para ser honesto, acreditava que já havia presenciado o momento mais lindo de toda a minha vida, quando Jessie nasceu. Mas não diria ao meu amigo, o magoaria, pois ele não teve a chance de ver Hazel nascer. Então apenas assenti e sorri no lugar.

— É estranho ver nós dois felizes ao mesmo tempo, não? — perguntei olhando para ele desta vez.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, finalmente estamos onde queríamos estar quando entramos para a faculdade.

— É bom que tenhamos mantido a nossa amizade, cara — disse esticando minha mão e dando tapinha em seu ombro.

— Obrigado por ter ficado ao meu lado, Andreas.

— Obrigado por seu meu irmão, Dashier.

**

Embrulhei Jessie em sua toalha de elefantinho e levei até a cama do quarto de

hóspedes de Dashier.

— Muito bem, princesa. — Inicie, secando suas orelhinhas e ouvidos primeiro. Seus pequenos lóbulos carregavam um par de brincos de platina com zircônia, exatamente como os de sua mãe. —

Você se divertiu com o Rei?

— Rei! Rei! — gritou ela animada. Cristo! Era quase onze da noite e ela continuava cheia de energia.

— Rei foi dormir, você o cansou, princesinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Animada ela levantou seus pés e tentou caçar a minha barba para esfregá-los nela. Imediatamente seu riso encheu o quarto, Jessie amava aquilo.

— Hey, está na hora de dormir, mocinha! Vamos lá, vamos vestir o seu pijama.

O cacei dentro da sua mala cor de rosa enquanto ela se virava e engatinhava nua por toda a cama.

— Vem aqui, Jessie! — chamei fingindo estar bravo, fazendo-a rir e se enrolar no edredom

PERIGOSAS ACHERON

da cama.

Quando finalmente consegui vesti-la, coloquei-a na cama e deitei ao seu lado.

— Muito bem, princesa JJ, hora de dormir. Amanhã é um dia importante para nós, você vai ser a dama de honra da mamãe...

— Mama! — murmurou com seus olhos finalmente pesando de sono.

— Sim, baby, a mamãe vai nos encontrar amanhã.

— Mama! — disse novamente, bocejando

logo em seguida, e Oh, meu Deus! É tão lindo!

— Boa noite, princesa JJ — sussurrei.

— Pa-pa... — murmurou ela mais uma vez

antes de apagar completamente.

Sorrindo feito um bobo peguei meu telefone e enviei uma mensagem para a minha linda noiva.

JJ dormiu e eu irei também para que

amanhã chegue logo. Te amo!

Não demorou muito para que ela enviasse a resposta.

Estou morrendo de saudades. Não vejo a

hora de me casar com você.

**

Maxine e eu nos casamos em uma cerimônia íntima na casa de festas de Quinn e Doty. Tudo estava perfeito e cada hora que passei tomando chá com Quinn na Bakery valeu a pena, do jeito que Max merecia, da forma como nosso amor tinha que ser celebrado. O local estava decorado com orquídeas brancas e uma grande tenda de luzes fora montada no terraço do prédio para que nossa união fosse abençoada sob o céu.

Nossa pequena JJ caminhou ao lado de Hazel como uma verdadeira princesa.

Tudo bem, ela colocou o dedo no nariz no meio da passarela, mas aos quinze meses de idade, tudo era lindo, mesmo tirar meleca do nariz. Só contribuiu para que fosse perfeito. Do nosso jeito.

Nada me preparou para ver minha Woody andando em minha direção com Doug ao seu lado. Seu vestido era simples, seda branca e longa, nenhum detalhe, era quase uma camisola de alças finas. Suas orelhas não carregavam o brinco de

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre, mas sim diamantes, dados por minha mãe.

As duas finalmente se entenderam e Andrea Collins compreendeu que seu filho era o homem mais feliz do mundo quando tinha suas meninas com ele.

Seus cabelos estavam presos para trás, deixando seu belo rosto à mostra e sua maquiagem era leve. Simples, como eu e ela gostávamos.

Minha mandíbula doía de tanto que eu sorria, minha visão ficou turva enquanto a via chegar perto de mim e ser entregue pelo homem que cuidou dela por tanto tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Estendi minha mão para ela que pegou rapidamente.

— Hey, Woody!

— Hey, Andy!

AGRADECIMENTOS

A todos os que me apoiaram e me incentivaram para que mais esse livro fosse lançado o meu muito obrigado. A equipe de betas e amigas que tenho, que me apoiam e enriquecem meu texto e me incentivam a continuar. Obrigada sempre pela educação, delicadeza e respeito que vocês tem comigo e com as minhas obras. Serei sempre muito grata a vocês: Aretha V. Guedes, Camila Alkimin,

Dani Smith e Wilka Andrade.

Agradeço imensamente a todos os meus leitores, especialmente aqueles que conquistei com O destino do CEO. Obrigada por aguardar por Andreas, espero que vocês tenham apreciado a sua história assim como apreciaram a de Dashier.

Will Nascimento, obrigada por fazer a capa maravilhosa de Andreas e respeitar as minhas decisões. Seu carinho e amizade são muito especiais para mim.

A Jubs, que sempre tem uma palavra para

PERIGOSAS NACIONAIS

me fazer rir e relaxar, sempre serei grata por seu apoio e alegria!

Paulo, meu melhor amigo, esposo, confidente, parceiro... Muito obrigada por assumir tudo para que eu pudesse me concentrar nesta obra. Obrigada por sempre embarcar nas minhas ideias e seguir firme ao meu lado em nossos objetivos. Obrigada pelos cookies, drinks e comidas enquanto estou escrevendo também.

A todos da minha família que me apoiam, especialmente minha mãe Ana Maria, minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segunda mãe Susana e minha irmã do coração

Aline! Amo vocês sempre.

Agradeço a Lene Gracce por me apoiar e dizer o quanto se orgulha de mim em cada oportunidade que ela tem.

E um forte abraço a todas as autoras que se apoiam de verdade, que vibram pela vitória de uma colega. Que entende que a vitória de uma é a vitória de todas.

PERIGOSAS ACHERON

LEIA TAMBÉM

PRÓLOGO DE O DESTINO DO CEO

— *Dashier?*

— *Pai? Eu preciso de ajuda... — Imploro, já*

chorando. Levando a mão ao meu nariz em uma

tentativa de me livrar da breve coceira, percebo

que estou sangrando.

Acordei sobressaltado, abafando um grito dolorido.

Merda!

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei da cama imediatamente, iniciando a contagem para me acalmar. Podia ouvir o temporal caindo do lado de fora, então tentei me concentrar no barulho da chuva, já que o silêncio de dentro da minha casa conseguia me deixar ainda mais ansioso. Sentia a ânsia, vontade, o querer queimando debaixo da minha pele trêmula. Era assim sempre que eu tinha um dia ansioso, sempre que os pesadelos vinham.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre que as lembranças me torturavam.

Contei meus passos até a cozinha, tentando me
concentrar em qualquer coisa que me tirasse
daquele desespero.

Abri a geladeira e peguei uma garrafa, sentindo
minha garganta seca e dolorida. Virei a água com
desespero em minha boca, com o desejo de aplacar
a dor e o horror do pesadelo. Pensei em ir até o
quarto de Hazel, talvez uma boa olhada em meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filho me acalmaria, mas a vergonha e a culpa não me permitiam ir até ele. Eu não merecia velar o seu sono. Não naquele momento.

Caminhei até a janela da sala para ver o temporal cair. O barulho da chuva nunca me acalmou, mas, naquele momento, ele me chamou, cantou para mim, oferecendo um conforto que nunca havia oferecido antes. Abri a cortina da janela que abrange toda a parede, de cima a baixo, e que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dava uma vista privilegiada do lado oeste da cidade. Além da chuva, ouvia o barulho das poucas buzinas que preenchiam as ruas durante a madrugada e o som discreto e abafado de uma música animada. As luzes de algumas poucas janelas ainda estavam acesas nos prédios vizinhos. Eu as analisei e me perguntei o que as pessoas estavam fazendo tão tarde da noite acordadas, apenas para tirar a minha mente daquele pesadelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O terraço do prédio em frente me chamou a atenção. Estava mais iluminado do que qualquer outro na rua. Olhei tudo, as luzes, a decoração, as flores e a mulher parada ali, completamente sozinha, olhando em direção à rua. Seu olhar parecia focado em algo, e, ainda assim, eu podia dizer que ela olhava para lugar algum. Ela apenas pensava sozinha, sob a chuva.

A mulher completamente vestida de preto tinha um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

copo vazio na mão, protegido por seus dedos e apoiado em seu peito enquanto ela simplesmente pensava. Tentei ouvir se a música que tocava poderia embalar os pensamentos aparentemente melancólicos da mulher encharcada. Não consegui, então, para fugir dos meus próprios medos, imaginei uma trilha sonora para ela. *Wish you were here*, do Pink Floyd, me pareceu uma boa escolha para ela, que continuava a deixar a chuva cair sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu corpo sem esboçar qualquer reação, sem se defender. Imaginei que talvez precisasse de ajuda, e isso bastou para me tirar de dentro da escuridão de meus pesadelos. Fiquei preocupado com uma mulher que sequer sabia o nome ou conseguia ver o rosto com clareza.

Procurei ao seu redor, buscando alguém para resgatá-la daquele lugar. As flores caídas eram afogadas, enquanto as velas iluminavam os outros

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

convidados da festa dentro do ambiente fechado.

Eles sorriam e conversavam, protegidos da chuva,

sem lembrar de um dos convidados. Eu não

conseguia ver o seu rosto, mas a proximidade dos

prédios me dava uma boa visão sobre a sua caída,

cansada e solitária expressão corporal.

A parte de estar sem ninguém eu compreendia

perfeitamente.

Havia um tempo que eu me sentia sozinho, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estando cercado de pessoas. Quando estava com Hazel, Sylvia e meus pais, eu me sentia um pouco melhor, mas eu realmente nunca me sentia completamente inteiro. Nunca. Nem antes de tudo acontecer, nem quando aconteceu e muito menos naquele momento, quando eu lutava tanto para manter a minha vida nos eixos.

Fechei meus olhos por um momento e logo voltei a mirar a mulher solitária no outro terraço. Sem saber

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o porquê, me peguei querendo abrir a janela e gritar para ela correr e se proteger da chuva, mas eu sequer a conhecia, ela sequer me ouviria em toda aquela chuva. Então eu simplesmente a deixei, sozinha e molhada, provavelmente com frio, e me sentei no sofá, já mais calmo. Mas, por segurança, reiniciei a minha contagem. Mesmo me acalmando, minha mente escorregava para a maldita lembrança daquele dia. Um arrepio passou por minha espinha,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e eu voltei para a cozinha em busca de mais água.

Será que um dia aquilo pararia?

Eu seria livre novamente?

Da cozinha, olhei para a grande janela na sala e

senti vontade de observar novamente a mulher

solitária. Pensar nela me fazia esquecer de mim.

Será que a estranha se importaria em ser usada para

esquecer dos meus problemas? Não seria justo com

ela... Ou seria? Afinal, ela nunca me conheceria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A memória veio novamente, me fazendo andar em desespero para a janela mais uma vez, em busca da mulher que, mesmo sem saber, estava me ajudando.

— Pai? Eu preciso de ajuda... — Imploro, já chorando. Levando a mão ao meu nariz em uma tentativa de me livrar da breve coceira, percebo que estou sangrando. — Eu matei alguém.

Quando eu olho para fora, ela não está mais lá.

Então eu volto a minha contagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um... dois... três...

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO DE SEM DIZER ADEUS

— Tudo bem, Mary, eu vou. Satisfeita? —
Bufeí, brindando à minha derrota mais uma vez.
Discutir com Mary Anne era praticamente como
perder uma luta por W.O, era como se você não
comparecesse para a discussão. Ela falava, você
ouvia e, por fim, acatava. — Pode chamar meu
irmão agora, querida?

— Obrigada! Amo você — exclamou
minha cunhada do outro lado da linha.

Era como se eu tivesse nascido para ser pau
mandado das mulheres da minha família. Eu não

conseguia dizer *não* a nenhuma delas.

— *Hey, pequeno Alex!* — Joshua, meu irmão mais velho apenas no sentido temporal, deixemos claro, pois seu intelectual rivalizava com o de um *Basset Hound*, praticamente gritou do outro lado da linha.

— Joshua! — Apertei meus dentes, pelo meu tom de voz ele sabia que eu não estava satisfeito com a forma como havia manipulado tudo comigo, aliás, ele sempre fazia isso. Era um jogo velho e batido, mas ele nunca desistia. — Colocar Mary Anne na história é golpe baixo, já pedi milhões de vezes para você resolver suas coisas comigo, não colocar sua mulher tirana para me

PERIGOSAS ACHERON

caçar e abater onde eu estiver.

Ele gargalhou... Como sempre! Ele poderia ser o irmão mais velho, mas eu certamente era o adulto aqui.

— *Eu sei* — suspirou. — *Só queremos que você venha, Alexander. Divirta-se um pouco. É nossa primeira noite realmente sem Joselie em anos, Mary está radiante que finalmente vai sair para dançar e é seu aniversário, você deve fazer um esforço pela sua cunhada.*

— Como a pequena está? — perguntei derrotado e mudando o assunto, não adiantaria discutir agora, eu disse que iria para Mary, e eu

teria que ir.

— *Linda e esperta. Perguntou se o tio Alex vai na festa com a mamãe e o papai e mandou muitos beijos.*

Ainda não estava acreditando que ele me faria ir do Brooklyn até Manhattan para ver gente aglomerada, suada e bêbada dançando em um bar. Eram quarenta minutos de distância, vinte quilômetros, pelo amor de Cristo!

— Você não joga limpo, mas já aceitei ir, então pare de usar a sua família para me chantagear. — Ele sabia das minhas fraquezas. Joselie era a minha princesinha, eu era massa de

modelar em suas pequenas mãozinhas. E Mary... melhor eu nem começar a explicar. Ela estava mais em meu coração do que meu próprio sangue. O fato de Josh ser um babaca também ajudava na disputa.

— *Eu sei, me processe.* — Sua voz estrondosa rompeu pelo fone de ouvido fazendo com que eu o arrancasse rapidamente. Esperei até que ele se acalmasse e voltei ao dispositivo.

— Hey, Mary convidou mais alguém? — a pergunta saiu um pouco estrangulada.

Eu estava com um pouco de medo. Quem não teria depois de se envolver com aquela perseguidora? Mary tinha que estar me odiando por

algum motivo quando apresentou Phoebe para mim. Tenho certeza.

— *Relaxe, Bro! Phoebe não vai! Ligou aqui em casa perguntando quando seria a comemoração e Mary apenas disse que não faria nada no seu aniversário além de um jantar em família.*

— Hum... — minha desconfiança não foi disfarçada. *A mulher era louca, porra!* A última coisa que eu queria era encontrar a maluca naquele bar.

— *Alexander, eu sei que Phoebe é meio psycho, mas você já pode relaxar, irmão. Parece que ela está saindo com outra pessoa, foi ela quem*

contou para Mary, disse que está totalmente em outra.

— Mesmo? Então por que ela me ligou dezoito vezes ontem à noite? — Minha voz aumentou algumas oitavas com a pergunta. Josh só achava que sabia da perseguidora.

Ele gargalhou na linha fazendo com que eu afastasse novamente o fone. Simplesmente amava fazer isso. Rir da minha cara, da minha desgraça. Quem não ria, afinal de contas? Eu fui o único a me deixar enredar por aquele monstro de saltos agulha.

— *Você está tão, tão ferrado.*

— Como se eu não soubesse. Você, como sempre, muito perspicaz. — Rolei meus olhos para a grande descoberta do século enquanto folheava um processo em minha mesa. — Tenho que desligar.

— *Não esqueça. Tay Tay às nove.*

— Tudo bem — disse, abrindo um e-mail aleatório em minha caixa de entrada, apenas para não focar nas palavras inúteis do meu irmão.

— *E vá para casa, vista-se como um ser humano que participa de atividades sociais.*

— Não estou nu, Josh — resmunguei, sem humor para as suas brincadeiras, eles sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

implicavam com minhas roupas. — Tenho roupas normais.

— *Claro que tem.* — Bufou em sarcasmo.

— *Aposto que você dorme de terno também.*

— Tudo bem, você já pode ir se foder.

Desliguei e arranquei o fone de ouvido jogando-o em cima da minha mesa. Olhei para os processos em minha frente com um suspiro longo e pesado. Eu sabia que trabalhava demais, mas, porra, eu tinha pijamas. Eu poderia ser um cara sociável se quisesse, eu só preferia canalizar minhas forças no que realmente importava.

Todos nós temos prioridades.

PERIGOSAS ACHERON

Joshua tinha as suas, ainda que ele parecesse um grande homem bobo, sua mulher e filha eram tudo para ele. Eu não tinha mulher ou filhos, me diverti durante a faculdade antes de ir para a Escola de Direito, quando ingressei, foquei nisso. Logo, minhas prioridades eram diferentes. Por que era tão difícil de entender?

**

Reservei o restante da tarde para ignorar o telefone e me concentrar nos últimos processos que eu tinha para organizar antes do meu descanso. Era sexta-feira, sete de dezembro e meu último dia de trabalho. Sábado seria meu primeiro dia de férias e visitaria meus pais em Jérsei, passaria um tempo lá

PERIGOSAS ACHERON

e desfrutaria de algum tempo livre em meu velho quarto. Sorri ao pensar.

Desde que ingressei na faculdade sabia que iria para a Escola de Direito e escolhi a área Criminal para me especializar, desde então, raramente deixava Nova Iorque para visitar a minha cidade natal, Nova Jérsei. Eu gostava de Nova Iorque, um pouco, mais ou menos. Sentia-me constantemente sufocado.

Grande demais.

Populosa demais.

Louca demais.

As pessoas aqui eram estranhas. Eu não

acho que algum dia conseguirei me sentir completamente à vontade nesta cidade.

Escolhi aqui porque era perto de Jérsei e ainda estaria próximo do meu irmão que já havia se instalado na cidade.

Bem, isso e o fato de ter conseguido uma bolsa na *New York Law School* assim que eu terminasse a faculdade.

Alguns contatos e estágios com meus mestres na universidade me levaram na direção que precisava até que consegui atingir o meu objetivo: ser um dos assistentes de promotoria de justiça. A dedicação conseguiu me transformar no que eu

almejava, rapidamente. Quando percebi, eu já tinha um nome no meio judiciário, um pequeno e aconchegante apartamento no Brooklyn, e possuía um bom escritório na Promotoria Geral de Justiça do Distrito de Manhattan. Eu não sonhava em ser um promotor geral. Este era um cargo político e era algo que eu realmente não almejava. Estava contente em cuidar de casos grandes do Distrito e não casos enormes do país que provavelmente me colocaria em uma cerca de seguranças e morando em uma espécie de fortaleza.

Aos trinta e dois, eu era um promotor assistente eficiente da Procuradoria Geral da República e, se eu fosse sincero comigo mesmo,

PERIGOSAS ACHERON

era um promotor assistente eficiente sem uma vida social, com exceção de corridas no Central Park, depois que eu deixava o trabalho. Mas não acredito que minha família, ou qualquer outra pessoa, entenda “correr em um parque sozinho em um horário onde tudo está praticamente vazio e escutando música” como um ato de socialização.

Eu não tinha argumentos para ir contra eles.

Não que eu não gostasse da minha vida, mas estava realmente empolgado com a iminência de algum tempo livre, finalmente poderia focar em mim e minha família por um tempo. Sem processos, sem julgamentos, sem ser promotor por duas longas semanas, sem contas para pagar e,

PERIGOSAS ACHERON

principalmente, sem Phoebe.

Aquela garota era maluca, uma pirada de primeira. Nunca pensei que namorar com ela pudesse ser uma desconstrução psicológica. Porra!

Compradora compulsiva, faladora compulsiva, puladora compulsiva, perseguidora compulsiva e manipuladora compulsivamente compulsiva. Sendo amiga de Mary Anne, minha cunhada e mais minha irmã do que Josh, fomos apresentados quando ela voltou da França depois de um período de férias.

Nos aproximamos, e ela parecia uma pessoa decente, tínhamos a mesma idade, gostávamos de

PERIGOSAS NACIONAIS

correr no Central Park e comer sushi enquanto assistíamos filmes antigos, é claro, quando eu tinha tempo para isso.

Tudo maravilhosamente sincronizado.

Até ela provar que era completamente o oposto de tudo aquilo.

Uma pessoa não consegue fingir ser alguém diferente por muito tempo e em algum momento a máscara cai. Eu não era apaixonado por Phoebe e mesmo assim a minha decepção foi grande quando ela começou a se mostrar a vadia maldosa que era. Para mim, não deixava de ser uma forma de traição.

Falava mal de tudo, reclamava de qualquer

PERIGOSAS ACHERON

coisa, e o pior... A pior coisa que podem fazer perto de mim, ela humilhava as pessoas.

Humilhou Melissa, minha assistente, quando percebeu que a moça tinha, hum... sentimentos por mim. Foi desagradável com a recepcionista do prédio, Victória, por ela ser homossexual e seu xeque-mate, o estopim que levou ao nosso término: Maltratou Josie. Minha sobrinha linda, o meu anjo, e bem na minha frente. Mary nunca ficou sabendo o motivo real, eu não contei. E Phoebe, sendo desprovida de qualquer caráter, também não disse uma palavra sobre o assunto e sequer se desculpou por maltratar uma criança. Avisei Josh que não queria aquela mulher

PERIGOSAS NACIONAIS

perto do meu tesouro e fui sério sobre cada palavra, meu irmão sabia que algo estava acontecendo, mas optei também por não contar a ele e evitar que se magoasse com a situação por causa de um relacionamento que eu mantinha por manter. E depois que aquela mulher se revelou completamente diferente de quem dizia ser, apenas não queria ela perto de qualquer pessoa que eu amasse.

Eu podia não ser muito presente, mas minha sobrinha, cunhada e mãe eram estimadas e protegidas por mim. Eu as amava e paparicava da forma que podia. Minha mãe criou Josh e eu para o mundo, ela sempre dizia isso e agiu exatamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como suas palavras e acho que isso e a distância, depois que viemos para NI, conseguiu nos unir mais ainda. Mesmo que nos falássemos na maioria das vezes por telefone, nosso laço permanecia muito forte.

Mary fora minha amiga na adolescência, ela era como mais um menino na turma do colégio, fazíamos tudo juntos e quando conheceu Josh, no momento em que ele voltou para casa nas férias de primavera, foi amor à primeira vista, assim, ela passou de amiga para irmã rapidamente. Meus pais ficaram um pouco surpresos, sempre pensaram que Mary e eu seríamos aqueles a namorar, mas nós nunca nos vimos mais do que amigos. Tentamos,

PERIGOSAS ACHERON

mas simplesmente era estranho.

Joselie veio logo após o sexto ano de casamento deles e foi a melhor coisa que aconteceu em nossa família. Desde que aquela pequena criatura fofa nasceu, tratei de encontrar tempo ao menos para ela. Foi natural, para ser honesto. Joselie era alguém que eu queria por perto, sua inocência e luz me puxava para ela desde que nascera. Eu tinha seus desenhos na parede de meu escritório, algumas bonecas também, assim, sempre que Mary a deixava comigo, nos divertíamos juntos.

Era uma menina doce e inteligente, e eu não poderia imaginar uma pessoa dizendo a uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menina de três anos de idade para parar de fazer perguntas, pois *só retardados agiam daquela forma*. Bem, eu não poderia imaginar até presenciar Phoebe fazendo isso. Inclusive, dizendo que costuraria a boca de Josie com agulha e linha caso continuasse com perguntas estúpidas. Depois daquela atitude, mostrei o caminho da saída para ela. Eu não tinha necessidade de ter compromissos, eu vinha há um longo tempo tendo namoros esporádicos porque trabalhava muito e não me importava em ficar sozinho na maior parte do tempo, sendo assim, terminar com Phoebe foi mais um alívio do que um sofrimento.

Não, apague isso, eu estava sofrendo... para

PERIGOSAS ACHERON

me livrar dela.

**

Analisei mais alguns papéis e despachei os processos que eu precisava com a ajuda da minha assistente e, enquanto desligava as luzes do meu escritório, analisava se tudo se encontrava em perfeito estado de limpeza e organização. Eu era um pouco exigente com aquilo.

Sentia o cansaço mental e físico. A ideia de férias me parecia muito mais atraente agora. Estava um pouco empolgado para ficar o mês de dezembro fora da Promotoria.

— Vejo você no ano que vem, Melissa.

Feliz Natal e Feliz Ano Novo! — disse, dobrando meu blazer em meu braço.

— Igualmente. Boas férias, Alex. — Ela parecia radiante e sonhadora mesmo com a sua voz contida e sua postura sempre polida. Talvez porque estivesse se livrando de mim pelos próximos dias. Ou talvez porque bem... ela gostava de mim.

— Para você também, Mel.

Ri ao sair para o corredor quando vi seu rubor. Ela sempre corava quando eu a chamava de Mel.

Melissa Dill tinha vinte e oito anos e queria ser uma promotora assistente assim como eu, por

isso trabalhava comigo. Esperava uma boa carta de recomendação para ser minha colega e eu não tinha dúvidas de que ela seria excelente em seu trabalho. Melissa era inteligente, voraz e muito maliciosa no que tangia a nossa profissão. Era o meu braço direito. Passava por minha cabeça fazer uma proposta a ela e mantê-la como minha parceira na promotoria. No que dependesse de mim, ela conseguiria seu almejado cargo como promotora.

Mel também era uma bela mulher que, desde que foi trabalhar para mim, tinha esperança de que nosso relacionamento fosse mais do que apenas profissional. Embora ela fosse extremamente atraente, eu não misturava negócios

com prazer, sempre foi desta maneira e manteve assim. Eu lhe envolvia nos processos, elogiava seu trabalho e escorregava dos seus flertes com educação. Com o tempo, ela pareceu entender e diminuiu sua inteiração fora do profissional, mas eu via que ela ainda carregava esperança. Entretanto, se continuasse não misturando as coisas e respeitando a minha distância, tudo estaria bem.

Funcionaria pelo tempo em que Melissa quisesse ficar.

**

PERIGOSAS NACIONAIS

Desci até o térreo e saí do elevador rapidamente, acenando para Victória, a recepcionista do prédio. Correndo para fora já estiquei meu braço tentando pegar um táxi. Estava irritado que teria que ir para o Brooklyn e voltar para Manhattan só porque meu irmão não considerava terno e gravata um vestuário digno de um bar. Olhei em meu relógio e bufei ao saber que eu tinha apenas uma hora para chegar em casa e me arrumar para sair. Eu me atrasaria e Mary não ficaria satisfeita.

Bem, eu estaria mais insatisfeito do que ela. Afinal de contas, eu odiava atrasos. E odiava sair da minha rotina.

PERIGOSAS ACHERON

Mas também odiava dizer não para Mary Anne.

— Merda! — murmurei sozinho. — Tay Tay? Por que diabos não aprendi a dizer *não* para aquela tirana? *Argh!*

O Tay Tay era um grande, popular e sofisticado bar, o local ideal para relaxar se não fosse o fato de que eles também tinham uma pequena pista de dança e em sextas e sábados era intransitável, barulhento e cheio de gente e eu realmente só ia neste bar quando queria um encontro sexual rápido e sem amarras. Não era o caso nesta noite, porém. Mary estava comemorando seu aniversário e sua volta ao mercado de trabalho

após ter Josie, e queria a minha presença e eu estava, mais uma vez, tão orgulhoso que não poderia negar seu pedido.

Mary era uma força da natureza. O tipo de mulher que parava o local em que chegava, sempre foi linda e cobiçada pelos meninos da nossa escola. Mas, ao contrário da maioria das garotas que optavam por ser *cheerleaders*, ela fazia aulas de mecânica e andava comigo porque andar com as meninas da escola era tedioso. Quando foi para a faculdade, escolheu engenharia mecânica também e logo conseguiu um bom emprego em uma montadora de automóveis conceituada. Ela trabalhou até engravidar de Joselie, por seis anos se

dedicou à família, e então obteve uma nova proposta para voltar à mesma empresa. Ela estava radiante. Havia conquistado o seu espaço e colocado cada homem que duvidou da sua capacidade em seu devido lugar. Inclusive meu irmão.

Joshua se apaixonou por Mary irrevogavelmente desde que ele pôs os olhos nela, eram inseparáveis e se apoiavam de uma forma que nunca vi qualquer casal fazendo.

Meus pais ficaram radiantes com o casamento e a vinda da minha sobrinha. A cada quinze dias, Josh levava as meninas para visitá-los em Jérsei, eles passavam o final de semana com os

PERIGOSAS ACHERON

meus pais, reunidos como uma grande família feliz. Isso fez com que a pressão para que eu também me casasse e constituísse família aumentar, além dos pedidos da minha mãe para os visitar mais. Sabia que falhava em estar mais com eles, mas deixava o trabalho me consumir e, para ser honesto, acho que preferia daquela forma. Gostava de trabalhar sem parar, não podia reclamar da minha vida, uma vez que eu busquei de todas as formas que fosse assim. Mas, mesmo tendo ciência desta escolha e me sentindo satisfeito com ela na maior parte do tempo, sentia falta da minha família.

Por isso, as férias. Foi uma insistência da família, mas também foi uma vontade minha. Eu

sentia falta de estar com eles e precisava de um descanso.

Melissa era totalmente capaz de cuidar de tudo para mim no escritório. Eu confiava em seu trabalho e, para ser sincero, precisava de férias. Não sabia o que era isso desde antes de entrar para a faculdade.

**

Meu telefone tocou a viagem inteira até o Brooklyn e voltou a tocar novamente ao entrar em casa. Queria que não fosse Phoebe, mas sabia que

era.

Assim que o celular parou de tocar o telefone de casa iniciou. Ela devia estar intercalando entre um e outro. Assim que minha mensagem de voz terminou o cumprimento a voz irritante de Phoebe soou pelo apartamento.

Você não pode me ignorar para sempre, Alexander Hartnett, precisamos conversar. Eu sou sua e você é meu.

— Vai sonhando, cadela. — Bufeí, jogando meu telefone e carteira dentro do prato decorativo na mesa ao lado da porta e segui para meu quarto.

Eu não costumava ser rude com as pessoas,

e muito menos falar dessa forma com as mulheres, mas como eu tinha uma grande desconfiança de que Phoebe não era nem uma coisa e nem outra, nem mulher e nem humana, então não me sentia culpado. Queria distância daquela maluca. Já havia proibido a entrada dela tanto no escritório quanto no prédio em que morava.

— Jesus! Estou atrasado — falei para as paredes, algo que eu costumava fazer muito e corri para o banheiro para um banho rápido.

Juro que procurei algo mais despojado para usar, mas eu só tinha ternos, cacete. Passava freneticamente um e outro cabide tentando encontrar algo que não fosse tão formal para vestir

PERIGOSAS ACHERON

e que não fosse tão velho também.

— Quando foi a última vez que comprei roupas para mim? — resmunguei, garimpando meu guarda-roupas. Eu podia ouvir meu irmão rindo de mim.

Nota mental: Comprar roupa de ser humano.

Acabei optando por um jeans velho e escuro, combinei ele com uma camisa social branca e sapatos mais despojados. Optei pelo meu relógio favorito para complementar e após um pouco de perfume, estava pronto. Ponderei refazer a barba assim que me olhei no espelho e percebi que a

sombra escura já aparecia em meu rosto, mas então me lembrei que estava de férias, então um pouco de barba não faria mal.

Analisei minha imagem no espelho e assenti brevemente gostando do que estava vendo. Tinha cabelos lisos, em um corte social que meu irmão chamava de “mauricinho antiquado”, eram finos e não ficavam parados a menos que uma quantidade grande de gel fosse dispensada, meus olhos tinham a mesma cor escura. O conjunto da obra era bom. Facilitava quando queria sair com alguma mulher. Eu sou alto, cerca de 1,90m e embora a minha vida fosse apenas trabalho, a genética me permitia um corpo decente sem precisar de academia e com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas as corridas no Central Park para poder relaxar sempre que podia. Meu porte era grande por natureza e seria mentira se eu dissesse que isso não chamava a atenção. Especialmente com um terno. As mulheres pareciam especialmente receptivas quando me viam em roupas de trabalho. Eu era um homem que chamava atenção e conseguia encontros, mas relacionamentos eram mais complicados.

As pessoas tendiam a me achar um pouco...
tenso?

Bem, ao menos foi o que Mary me disse. Suas amigas geralmente me achavam atraente, mas minhas tendências um tanto obsessivas por datas,
PERIGOSAS ACHERON

horários, limpeza e arrumação traziam sempre um pouco de desconforto nas relações.

Eu estava começando a pensar que eu não era muito bom em namorar.

E dado ao fato de que minha última conquista foi Phoebe, provavelmente esse pensamento estava correto. Um mês que eu estava fugindo daquela maluca.

Jesus! Eu preciso transar.

Pensei quando me dei conta de quanto tempo fazia que eu realmente não sabia o que era uma boa foda.

Devia ser o motivo de eu estar tão mal-

humorado ultimamente.

Mais uma olhada no espelho e eu estava pronto. Verifiquei a hora e resmunguei, vendo que chegaria atrasado. *Merda!* Eu odiava atrasos. Odiava qualquer coisa que saísse dos planos. Como a porra da comemoração de Mary Anne, por exemplo.

Correndo para porta, peguei meu telefone e carteira e saí rumo a Manhattan novamente.

**

— E aí? — O segurança enorme

PERIGOSAS NACIONAIS

cumprimentou de forma nada profissional no momento em que passei pela porta

— Boa noite. Er... Hartnett. — Dei meu nome assim que passei pelo segurança *superprofissional* e cheguei em frente à *hostess* para que ela procurasse na lista e não demorou a me dar o "ok" para que eu entrasse. Mary havia feito reserva de uma mesa para nós, então a garota me mostrou a direção antes de me dar um belo sorriso simpático e me desejar uma boa noite.

As luzes do bar me irritavam.

O tumulto de gente à minha volta me irritava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O cheiro de suor e a atmosfera abafada me irritavam...

Eu sei, eu sei!

Cara chato!

Mas era uma questão de estilo de vida, pessoas se divertiam de formas diferentes. Josie se divertia com bonecas e dragões roxos. Joshua... Bem, Josh se divertia com Mary, e podemos pular essa parte. Phoebe se divertia sendo cruel com as pessoas. Melissa se divertia sonhando com o dia em que a convidaria para sair. E eu me divertia fazendo maratonas *Star Trek* sozinho no final de semana quando não estava trabalhando, sem ninguém para

PERIGOSAS ACHERON

me importunar. Isso e colocar minha coleção de CDs e DVDs em ordem alfabética, talvez.

Só para constar: Há dois anos eu não fazia uma maratona *Star Trek*.

Eu era um fodido workholic!

Andei até a mesa que foi reservada para os convidados de minha cunhada e logo avistei Angelina, um antigo *affair* que insistia em casar comigo sempre que entrava na segunda dose de Club soda com vodca. Era sempre o ponto alto das festas. Angie era inofensiva e sempre me divertia.

— Alexander Hartnett, meu noivo! —
Aparentemente ela havia passado da segunda dose

PERIGOSAS NACIONAIS

há muito tempo.

— Hey, Angie... — eu disse desanimado.

Ela tentou me roubar um beijo naquele joguinho primário de virar bem na hora que você vai beijar o rosto, mas estava bêbada demais para conseguir êxito. E bem, eu nunca caía naquela brincadeira.

Nunca! Não depois das cinco primeiras vezes que ela me pegou, de qualquer forma.

— Olha quem veio! — Minha cunhada praticamente se atirou nos meus braços. Eu sorri e lhe apertei. Abraçar Mary era como voltar à adolescência. Eu a amava como se fosse minha irmã, estar perto dela era estar perto de casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como se eu tivesse escolha. — A abracei mais apertado. — Feliz aniversário e parabéns pela volta ao trabalho, querida. Recebeu as flores?

— Obrigada, velhote. Fico feliz que tenha vindo. E também pela caixa de Baby Ruth, você sabe que eu amo aquela porcaria de chocolate — disse, me dando um último aperto antes de nos soltarmos.

— Qualquer coisa por você. — Belisquei sua barriga levemente fazendo-a se esquivar. Nos aproximamos mais da mesa e logo comecei a cumprimentar todos, conhecidos e não conhecidos.

PERIGOSAS ACHERON

— Pequeno Alex! — A voz de meu irmão era tão estrondosa que conseguia se erguer por cima da música barulhenta. Ele me abraçou com fortes tapas em minhas costas e fiz o mesmo com ele. — Conseguiu uma roupa de civil. Parabéns.

— Foda-se, Josh! — resmunguei me afastando dele.

— Você fala demais isso, vai te colocar em apuros com Joselie. Ela está arrecadando muito dinheiro, e “a palavra com F” é mais cara.

Sorri com a menção de minha sobrinha e passei os próximos minutos tentando falar sobre ela com o meu irmão, mas a música estava alta demais

e Mary parecia impaciente para que eu começasse a noite e parasse de falar.

Ela me levou até uma poltrona ao lado da mesa onde uma linda mulher, estonteante eu diria, estava sentada. Ela tinha os cabelos e olhos castanhos escuros, pelo que pude decifrar na fraca luz do ambiente, lábios finos e maquiagem forte. Parecia perfeita para mim, e eu sabia que minha cunhada estava me levando até ela justamente por isso.

— Alex, essa é Diane... Di, conheça meu irmão, Alexander — informou enquanto eu esticava a mão para cumprimentar a garota.

PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher me analisou com olhos felinos por um momento, me olhando com cautela. Quando pareceu aprovar a minha aparência, esticou sua mão delicadamente e me cumprimentou com um sorriso sedutor nos lábios.

Nós conversamos pela próxima hora, e poderia dizer que estava interessado nela. Era inteligente, engenheira química, bem-humorada e muito cheirosa. Eu só não ri das suas piadas, mas ela era esforçada. Só que seu comportamento mudou quando um cara chegou a cumprimentando como se a conhecesse. Fingi não perceber e tentei continuar a nossa conversa, mas tive quase certeza que a tinha perdido para o cara.

PERIGOSAS ACHERON

— Hey! Cadê a Carter? — Uma outra convidada de Mary, que eu não tinha ideia de quem era, perguntou à Diane que na mesma hora apontou para baixo. A pequena pista de dança que recebia geralmente as pessoas mais bêbadas do bar.

— Bem no meio da pista, tem um garçom passando ao lado dela nesse momento. — Segui suas coordenadas e avistei uma garota dançando. Completamente insana. Eu ri com a forma que ela se movia. Eu podia ver que ela era baixa, tinha um corpo atlético e cabelos curtos, bem próximos ao queixo dela.

— Alguém precisa chamá-la, meu bolo está chegando em breve. — Mary entrou na conversa,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

avisando Di enquanto batia palmas animada.

— Eu vou, eu vou — Di respondeu, levantando-se ansiosamente.

— Alex acompanha você, Di. — Mary jogou.

Eu dei de ombros e a segui em direção à pista mais afastada. Quando chegamos perto da garota, Di a cutucou e nos apresentou, ela sorriu, mas não parou de dançar. Eu somente acenei timidamente e dei um breve sorriso para não parecer antipático. Já estava ficando farto daquele lugar, as luzes começavam a me deixar tonto, para ser sincero.

PERIGOSAS ACHERON

Tay Tay sempre foi mais um bar do que boate, no entanto, estava parecendo justamente o contrário desde a última vez em que estive ali.

— Argh! Preciso ir ao banheiro antes de voltarmos para os parabéns. Vocês esperam? — Diane berrou a sua pergunta já se afastando.

Eu e a garota, que mais parecia uma boneca de pano dançando, assentimos. Fiquei parado no meio da pista enquanto ela continuou agindo como se estivesse possuída por algum demônio. Por que ela dançava de forma tão maluca?

Foi então que ela virou para mim e esticou seus braços. *Putá que pariu! Ela está me*

convidando para dançar?

Olhei para ela com os olhos arregalados de medo e tentei me afastar, um hip hop barulhento começou a tocar e era tarde demais, ela me laçou em seus braços e nos fez balançar juntos até que eu desistisse de lutar e dançasse com ela ao som de algum rapper multimilionário fumador de maconha que eu sequer sabia o nome e nunca teria um CD na minha coleção separada por ordem alfabética.

Depois disso, a noite passou como um grande borrão.

Só me lembro de acordar com ela na minha cama na manhã seguinte.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*PRÓLOGO DE SEJA A MINHA
GAROTA*

Mil novecentos e cinquenta e oito foi um ano importante.

Imagine você que neste ano Elvis se alistou no exército para servir aos EUA deixando suas fãs deprimidas. Ritchie Valens apresentava ao mundo a primeira versão de La Bamba, a canção alcançou a

PERIGOSAS NACIONAIS

22ª posição na lista das músicas mais ouvidas da
Billboard.

Michael Jackson e Madonna nasceram em
1958.

Tudo bem, naquele momento não era
importante para o mundo, mas em alguns anos...

A NASA foi fundada em Washington. A
USS colocava a seu primeiro submarino no mar.

E Dominic London colocou os seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na bela e diferente Jamie Everest.

Dom, como sua família e amigos o chamavam, menos Faith Stuart, a namorada de seu irmão mais velho, Tom, esta o chamava de marginal, estava no auge de sua juventude e rebeldia. Ainda seguia os passos do astro James Dean, morto desde cinquenta e cinco. Não era exatamente porque ele queria imitá-lo. Era apenas um jovem querendo aproveitar a vida, mas um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tanto inconsequente e encenqueiro. Seus pais e irmãos sofriam constantemente com seus ataques de revolta e naquele verão a Anne London, sua mãe, havia decidido:

Ou Dominic mudava ou iria para a escola militar.

E escola militar aos dezesseis anos significava uma coisa: Um pequeno adiantamento do terror que viveria em dois anos quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

finalmente se alistasse no exército americano.

Ele rezava todas as noites para que a lei mudasse e nunca tivesse que se encaminhar para o suicídio compulsório.

O verão estava acabando, e os habitantes da pequena cidade de Midles Creek, ao sul dos Estados Unidos, estavam voltando às atividades normais. E os adolescentes da localidade, com um pouco mais de cinco mil habitantes, estavam de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volta para a Midles High. O diretor da escola aguardava ansiosamente a chegada de Dominic London. Antes do final do ano letivo, Dom e seus amigos haviam pregado uma bela peça nos alunos da escola e o diretor Harrison estava ansioso para punir o rapaz. Assim, ao colocar seus pés no primeiro dia de aula, logo o mais rebelde dos alunos foi chamado na direção. Ele entrou na sala nojenta e fedida do diretor porco e sentou na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cadeira em frente a sua mesa com displicência.

Uma atitude obviamente desafiadora.

— Bem, senhor London, fico feliz em anunciar que eu não morri ou sofri de amnésia nos últimos meses, então adivinhe: eu ainda lembro do seu pequeno ato de vandalismo no ginásio da escola no último dia de aula antes das férias.

Dominic sorriu minimamente lembrando-se dos alunos correndo do ginásio para não se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

molharem com os spriters acionados "acidentalmente" pela fumaça de um pedaço de papel incinerado e colocado próximo demais ao dispositivo.

Foi apenas uma brincadeira para Dominic.

Mas para o diretor foi mais um ato de vandalismo.

Os vandalismos não se restringiam a pequenas brincadeiras. Vidros quebrados, brigas violentas, beber e fumar nas dependências do colégio, rachas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de moto em frente a escola. Dom estava fora de controle.

— Não sorria, senhor London, porque este ano um anjo apareceu em minha vida. — O diretor Harrison avisou com um deleite exagerado. Os olhos do homem, por trás dos óculos, chegaram a fechar tamanho prazer.

Dominic o olhou sem emoção, o diretor sempre tentava pegá-lo, mas suas notas eram

PERIGOSAS ACHERON

excelentes e sua mãe era conselheira do corpo estudantil. Harrison ficava apenas nas tentativas.

— Infelizmente não posso expulsá-lo, pois não tenho provas, sua mãe ficaria no mínimo chateada, e suas notas são excelentes. — o homem disse tirando os óculos e limpando com um lenço, em seguida colocou-os novamente, então começou a mexer em algumas pastas em sua mesa.

Dominic se contorceu levemente em sua

cadeira, sempre sentia-se encurralado em qualquer lugar que não fosse seu quarto ou sua moto.

— Aqui está. — O professor levantou mostrando para o rapaz com uma firula exagerada, como se estivesse dizendo: ‘Lero lero’.

Dominic revirou os olhos sentindo o tédio começar a tomar conta, quando aquilo acontecia, ele ficava sem paciência. Poderia estar fazendo qualquer coisa antes das aulas começarem no lugar

de estar preso com Harrison e seu complexo de Deus.

— Jamie Everest, recém-chegada. Tinha aulas em casa na cidade em que morava, agora precisa de um tutor.

Dominic arregalou os olhos e sentou-se ereto na cadeira. Harrison assistiu aquilo extasiado.

— Você não tem ideia do prazer que sinto vendo o seu desespero, London. — Regozijou o

homem. Foi a vez do diretor se jogar em sua cadeira e olhar para Dominic com superioridade.

— Eu não sou um tutor. — Dominic finalmente falou, sua voz sempre tão imponente e acompanhada de respostas espertinhas não parecia tão confiante naquele momento.

O diretor sorriu ao perceber o tremor na voz do rapaz. Desestabilizar o marginalzinho era uma vitória.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Discordo. Você é a melhor opção. —

Riu fazendo o maxilar de Dominic se apertar. —

Tem excelentes notas, é popular, todo mundo

conhece você, por isso ela vai conseguir se

enturmar rapidamente. E... — Harrison levantou o

dedo — Você vai odiar cada segundo disto. E esta é

a parte que mais me diverte, Dominic.

Dom começou a sentir um incômodo nos

seus dentes, começavam a ficar doloridos, foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando percebeu que apertava-os com força demais. Suas mãos também estavam fechadas em punho. Queria socar a cara do diretor. Aquela raiva queimando dentro dele, sempre lá, pronta para sair e causar danos. Não sabia bem o motivo, apenas a sentia. Como se nunca se encaixasse em lugar nenhum.

— Ela é cega? Surda? — Perguntou, tentando relaxar. Se ela estudava em casa tinha

PERIGOSAS ACHERON

algum problema. — Tem alguma deformação? É burra?

— Nada disso. Jamie é muito inteligente mesmo hum... com sua condição, enxerga bem e entre suas aptidões está a prática de piano, dificilmente é surda. — Continuava a analisar a ficha. — Oh! Aqui diz que é muito boa em piano. O que realmente é uma vitória dado o seu diagnóstico.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Grande coisa. — Resmungou Dominic.

Pouco se importava se ela tocava piano, ele também tocava, isso não fazia de ninguém um prodígio.

— Bem, então ela precisa de um tutor para quê? — Questionou sem entender o motivo para a menina precisar de uma babá.

— Você já ouviu falar em dislexia?

Ótimo! Simplesmente perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pela sua cara de desespero, vejo que sim. — O diretor mal cabia em si de tanta felicidade. — Jamie tem dislexia. Não sabemos com exatidão o grau, seus pais não foram muito participativos no momento em que a matricularam, mas a mãe entende que o fato da senhorita Everest ter dislexia e nunca ter convivido em um ambiente escolar pode ser muito estressante para ela, por isso ela...

PERIGOSAS ACHERON

— Não me interessa o que a mãe dela pensa, não serei tutor desta garota. Não concordo com nada disto. — Cruzou seus braços para pontuar a sua decisão.

— Quando falei mãe, estava me referindo a Anne London. *Sua* mãe. Conselheira do corpo estudantil. Sua mãe, Dominic. — Explicou como se Dom fosse aquele com problemas de assimilação.

— Isso não pode estar acontecendo. — O

PERIGOSAS NACIONAIS

rapaz escorregou pela cadeira encolhendo um pouco, para maior satisfação do diretor. O que sua mãe estava fazendo? O que diabos ela queria com aquilo tudo? Castigá-lo? Dar-lhe uma lição?

— Eu garanto que está. Sua mãe pensa que você sendo excelente em inglês e literatura, poderá ajudar a senhorita Everest uma vez que seu maior desafio são nestas disciplinas, nas outras ela é decente levando em consideração que foi ensinada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em casa. Nenhum gênio como você, é claro, mas a menina é aplicada. Dada toda a sua situação é realmente muito inteligente.

— Eu não serei babá de gente problemática.

— Dom levantou-se saindo em direção a porta. —

Vou falar com a minha mãe, ela vai voltar atrás.

— É isso ou você está fora, London. — E lá estava novamente o gosto doce da vitória na boca de Harrison. — Sua mãe mencionou a escola

PERIGOSAS ACHERON

militar. Eu acho que o uniforme substituirá muito bem a sua jaqueta de couro e o sorriso de merda na sua cara, rapaz.

O ano estava começando e Dominic London tinha certeza que seria o pior de sua vida.

PRÓLOGO DE ORANGE KISS

Em todos os meus nove anos de juventude, dos quatorze aos vinte e três, eu nunca havia surtado.

Eu juro.

Sempre fui uma menina calma, aquela que observava as outras crianças interagirem, esperando que conversassem comigo para realmente me envolver com algo. Quando cresci, não foi diferente. Eu analisava, esperava e escutava mais

do que falava, isso até hoje. É mais fácil. Eu não preciso dar opinião antes de ninguém, tenho tempo para analisar todos os pontos de vista antes de colocar o meu próprio. Se isso se fizer necessário, é claro.

Mas, de repente, eu estava me olhando no espelho e me via vestida em um pedaço de pano a vácuo, de cor preta, que acentuava os meus quadris largos, tinha o cabelo recém-pintado em várias mechas douradas, soltos em cachos, uma maquiagem que eu, em discordância da minha

PERIGOSAS NACIONAIS

melhor amiga, considerava de puta barata. Tentava criar coragem para colocar saltos assassinos e estar pronta para ir a um clube para mulheres, ver dançarinos exóticos, para não dizer prostitutas, de corpos sarados, banhados em óleo perfumado, com gravata borboleta e cueca asa delta a tiracolo.

Definitivamente estava surtada quando resolvi deixar Leeta resolver o meu problema de coração partido.

Quando Mark me deixou, eu realmente pensei que morreria, que aquele seria o pior dia da

PERIGOSAS ACHERON

minha vida e que nunca me recuperaria novamente.

Eu o amava, afinal de contas. Naquele dia, cheguei completamente desolada e aos prantos em nosso apartamento. Leeta, minha melhor amiga e colega de quarto, foi em minha direção quando me ouviu.

– Paige, o que aconteceu? – Perguntou, se aproximando enquanto eu me sentava no sofá, sem forças para correr para meu quarto.

Me olhei no reflexo do espelho da parede, colocado estrategicamente na sala para dar sensação de espaço e facilitar quando fôssemos nos

PERIGOSAS NACIONAIS

maquiar, e notei que a maquiagem que mais cedo eu havia aplicado com ajuda dele agora estava me transformando em uma espécie de urso panda. Passei as mãos no rosto, tentando me deixar menos horrenda, e gaguejei:

– Ma-Mark.

– Oh, querida!

Ela me abraçou do jeito que pôde, sentando-se ao meu lado e me mostrando que eu não precisaria contar nada para ela. Não naquele momento. Minha amiga aceitou o fato de eu estar

PERIGOSAS ACHERON

sofrendo e me deixou desabar sobre seu ombro, pelo resto da noite.

Quando eu finalmente parei de chorar, levantei minha cabeça e analisei o rastro de maquiagem, lágrimas e ranho na camiseta de Leeta, que me olhava enquanto eu contava como tudo terminou. Antes que eu pudesse começar a chorar novamente, Leeta se levantou e anunciou seu próximo plano:

– Vamos fazer uma mudança radical, baby.

Amanhã, enquanto estivermos no salão de beleza,

PERIGOSAS NACIONAIS

vamos fazer de você uma nova Paige McAvon, aquela que Mark Jamesen vai se arrepender pelo resto da vida por ter dispensado.

Isso me trouxe até aqui, neste momento. Onde eu não sou mais completamente morena, ainda que não completamente loira, e uso roupas que eu nunca vestiria no meu dia a dia. Pensando agora, com mais clareza, não passou vinte e quatro horas de meu rompimento, eu ainda deveria estar chorando, e não me vestindo para ter uma foda paga.

PERIGOSAS ACHERON

Bem, continuo pensando que morrerei por causa da separação, mas definitivamente minhas últimas vinte e quatro horas estavam perdendo feio o concurso de pior dia para hoje.

Aquilo não daria certo.

Não poderia dar certo.

Forçar uma situação só me deixaria pior no final da noite, mas Leeta tinha outra opinião sobre isso.

– Coloque os sapatos, Paige. – Ela apontou para eles com uma mão enquanto a outra se

PERIGOSAS NACIONAIS

mantinha na sua cintura, de forma autoritária.

– Passei o dia inteiro andando com você por aí, pela cidade, fazendo compras, mudando o meu visual e arrancando os pelos da minha virilha de forma cruel e doentia, Lee. Pode, por favor, reavaliar os sapatos?

– Não.

– Não posso andar com eles. Eu trabalho o dia inteiro em saltos de cinco centímetros por um motivo: conforto.

– Sim, você pode e você vai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não posso. – Neguei novamente.

– Sim.

– Não.

– Ponha os sapatos, Paige!

Uma buzina tocada três vezes do lado de fora do prédio interrompeu nossa discussão.

E me fez perdê-la também.

– Becca chegou. Não queremos deixá-la esperando. Coloque o sapato, agora! – Ela exigiu e assistiu satisfeita eu me equilibrar nos enormes saltos negros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu podia andar em saltos, fazia isso todos os dias em meu trabalho como *hostess* em um bistrô no centro da cidade. Só que eram saltos razoáveis, e não plataformas que poderiam me ajudar a atravessar um rio sem sequer molhar meus pés.

Enquanto caminhávamos para o carro, notei que Leeta usava calças coladas, o que me fez parar de andar abruptamente.

– Por que você fica com as calças, e eu com esse pedaço de pano?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Porque *you* precisa comprar uma foda quente. Eu apenas vou me divertir.

– Eu não quero comprar um homem, Lee. Eu quero ficar em casa. Isso não vai me ajudar. Não está ajudando agora. Eu preciso de tempo para me curar.

Leeta se virou para mim e respirou fundo antes de falar.

– Sei que está machucada. Mas uma noite com outro cara vai te ajudar a ver que o bundão do Mark não é o último homem da terra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu preciso transar para isso?

Outro suspiro cansado.

– Não, P. Você não precisa. Apenas vá e se divirta. Tente tirar a sua mente da bunda daquele imbecil.

– Obrigada. – Disse, sorrindo aliviada.

– *Yeah!* Agora vamos.

Estava levemente frio enquanto o carro atingia velocidade na orla de San Diego. Aproveitei o ar gelado que a velocidade do carro me proporcionava para me livrar do cheiro de cigarros

PERIGOSAS ACHERON

de canela e do perfume doce de Rebecca.

Rodamos por apenas vinte minutos, até que Becca diminuiu a velocidade e entrou em um recuo, parando logo em seguida.

– Chegamos! – Ela cantarolou ao mesmo tempo em que Leeta, excitada, batia palmas.

Saí do carro junto com elas enquanto olhava o prédio em nossa frente. *Orange Kiss* era o nome do local para o entretenimento exclusivamente feminino, e isso era tudo o que eu sabia sobre ele. Podíamos ver apenas uma sofisticada placa onde as

iniciais *O.K.* estavam escritas em uma letra clássica numa fachada toda negra. O local todo parecia muito sofisticado e discreto, talvez fosse por isso que eu nunca tinha ouvido falar da boate antes de Rebecca se gabar do quanto conhecia o local perfeito para me fazer esquecer Mark Jamesen.

Com exceção de nós, apenas o *valet*, que agora pegava as chaves do carro de Rebecca, estava em frente ao clube. Ele nos desejou boa noite e indicou a entrada. Caminhamos até o local indicado, enquanto Becca revirava sua bolsa, tirava

dois envelopes pretos e entregava para Lee e para mim. O envelope tinha as iniciais O.K. em laranja e estava selado com um adesivo de mesma cor, igual à da fachada. Quando chegamos a porta, Becca tocou o interfone e Leeta me olhou animada, batendo palmas novamente.

– Lembre-se de três coisas – ela começou a me dizer – Você está linda, você é sexy e você está proibida de dizer não. – Puxei minha boca para o lado em uma careta preocupada, mas assenti. – Você está aqui para esquecer aquele babaca e

seguir em frente.

Ela tinha uma visão meio deformada das coisas. O fato de Mark querer terminar as coisas comigo não faz dele um babaca. Embora eu estivesse de coração partido, não poderia classificar meu ex assim. Além do mais, eu estava ali para seguir em frente com um bando de outros babacas com óleo perfumado pelo corpo, gravata borboleta e sunga asa delta. Como você tira um cara da sua cabeça deixando outros tantos suados vestindo tangas rebolarem em volta de você?

Vai entender...

– Boa noite, senhoritas. – Um homem jovem, de cabelos curtos em um quase moicano vestindo um terno completamente negro, nos cumprimentou com um sorriso largo. – Meu nome é Peter, sou o *host* do clube. Posso ver seus convites?

Lee suspirou e grunhiu para Peter, que sorriu de forma sexy, para ela. Certamente estava acostumado a ver mulheres se derretendo por ele.

Nós três estendemos nossos envelopes para

PERIGOSAS NACIONAIS

ele, que prontamente abriu e os verificou. Uma olhada séria para Rebecca, um sorriso e logo ele estava liberando espaço para entrarmos. Aparentemente ele tinha gostado mais de Becca do que de Lee.

– Imagino que já saibam como funciona, senhoritas!

– Não. – Eu respondi por todas.

– Pois aqui está... – Peter começou a nos dar as coordenadas do local.

Orange Kiss é uma casa noturna, apenas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para mulheres, que proporciona show e divertimento para o público, garantindo descrição e ótima companhia caso quiséssemos “esticar a noite” com algum dançarino.

Dança e conversa eram permitidas, tocar apenas se o dançarino deixasse durante o show ou depois, quando eles circulavam para “conversar”. Não havia quartos no clube, logo, se eu quisesse sair para transar com algum daqueles prostitutas, eu teria que levá-lo para longe dali.

Os convites não eram fáceis de conseguir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você poderia obtê-los se algum membro lhes fornecesse, ou se você se tornasse um membro daquele clube. Era uma forma de garantir um pouco de discrição sobre o local. Não que fosse proibido ir a uma boate ver caras sarados e gostosos rebolando, longe disso, mas aparentemente O.K. era um clube que permitia que quem não era permitido estar ali sem problemas maiores.

Deus, eu queria vomitar.

– Pelo número nos convites, vejo que vocês têm amizade com um sócio privilegiado. É o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camarote da segunda fileira. – Peter sorriu para nós com nossos convites nas mãos.

– Ah! Por que não a primeira? – Leeta lamentou, fazendo um beicinho para o *host* do local.

– Acredite senhorita, a segunda fileira lhes proporciona uma visão melhor do show. A primeira as deixaria apenas com dor no pescoço e molhadas de suor. – O homem disse enquanto nos direcionava a nossa mesa. Ele afastou a cadeira para cada uma de nós e nos explicou como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

funcionava a casa.

– Ouviram? Banho de suor. Nojo! –

Resmunguei para Becca e Leeta.

– Não seja dramática. – Leeta murmurou de volta. Rebecca parecia apenas séria demais, olhando para todos os lados.

– Como foi que descobriu esse lugar, Becca? – Lee perguntou, assustando-a um pouco. – O que foi?

– Nada, é só que... Agora que estou aqui, eu meio que... estou com medo...?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rebecca com medo, era novidade para mim.

Mas eu a entendia, de qualquer forma.

Quando uma pessoa não está acostumada a desfilar neste tipo de ambiente, é meio normal isso, eu acho. Mesmo se tratando de Rebecca, a rainha das festas, aquela que se jogava em qualquer coisa perigosa e ilícita.

Olhei em volta, percebendo um pouco mais o local. O palco em “T” era grande e se estendia por todo o salão, deixando espaço para as mesas e alguns camarotes. Um lustre enorme de cristal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ocupava quase todo o espaço central do teto; as paredes eram aveludadas, em azul escuro, enquanto as luzes, laranjas quase âmbar, davam o charme obscuro ao local.

Os sofás eram enormes, de couro negro, e cobriam praticamente todas as laterais do clube. A cada lado do palco havia um sofisticado bar que, por sua vez, era o local mais iluminado do clube, com banquetas altas e estofadas em laranja. As mesas, de no máximo quatro lugares, eram redondas e de vidro, e em cima de cada uma, havia

PERIGOSAS ACHERON

um suporte sofisticado de vidro, em forma de gota, com água dentro e uma grossa vela, também laranja, queimando em seu interior. Ao lado, havia a carta de bebidas preta em letras laranjas simples com as variedades de drinks da casa.

Como esperado, eles não vendiam cerveja. Eram apenas vinhos, espumantes, coquetéis e bebidas quentes.

Eu queria cerveja.

– Então? – Leeta insistiu com Becca.

– Uma amiga minha me falou do local. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

disse que teria convites quando eu quisesse. Eu nunca pensei em vir enquanto estava com Jason, então terminamos e eu havia esquecido disso. Quando você me ligou falando do problema de coração partido da P, pensei que seria uma boa oportunidade. – Becca deu de ombros e voltou a olhar o menu.

– Boa noite, senhoritas. Bem-vindas ao Orange Kiss. Posso trazer algo para vocês?

– Um Cosmo. – Leeta pediu primeiro.

– Martini. *Dry*, por favor. – Becca disse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto me passava a carta de bebidas.

Eu analisei por alguns instantes a lista de bebidas e ansiei por uma cerveja, mas eu já sabia que não tinha.

– Por que não há cervejas?

– Sendo um local para senhoras sofisticadas, o dono pensou que seria melhor não colocar cerveja. É para manter a magia da coisa, eu acho. – O garçom respondeu erguendo rapidamente os ombros e me olhou, aguardando o meu pedido.

– Que merda ridícula. – Resmunguei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tente ser legal e escolha uma bebida. –

Leeta pediu em voz baixa.

– Apenas uma taça do espumante seco que você tiver. Obrigada. – Sorri, entregando a carta e voltando minha atenção para a história de Rebecca.

Mas ela não tocou mais no assunto e continuou olhando para todos os lados. Realmente era uma novidade ver Becca desconfortável.

O local estava enchendo de mulheres rapidamente. Eu podia ver a variedade de seres do sexo feminino que preenchia o espaço; garotas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escandalosas, aparentando serem mais novas do que eu, mas que usavam maquiagens para parecerem mais velhas, e excitadas de uma forma que esperei não ter confundido esse clube com um show de *Justin Bieber*. Seus gritinhos eram enervantes.

Vi mulheres mais velhas, em roupas sofisticadas; vi mulheres comuns que pareciam ter saído de seus escritórios e resolvido relaxar aqui esta noite; e vi mulheres que pareciam ter hora fixa todas as semanas na mesa de cirurgia do *Dr.*

PERIGOSAS ACHERON

Hollywood. Seus rostos esticados, tentando aparentar vinte anos a menos, quando na realidade pareciam mais com tartarugas. Era realmente patético ver aquelas mulheres.

Então eu lembrei do meu cabelo não natural. Claro que estava bonito, mas eu o mudei na tentativa de fazer meu *ex* notar, mesmo que ele realmente não fosse assistir nada daquilo de camarote, que eu poderia viver sem ele e ter o homem que eu quisesse aos meus pés. Lembrei da minha maquiagem forte, que eu usava raramente,

PERIGOSAS NACIONAIS

mais precisamente em outubro, mais precisamente dia trinta e um, quando era *Halloween* e eu poderia parecer quem eu não era, sem nenhuma vergonha.

Lembrei do meu vestido curto e colado, que estava na moda e todas as garotas usavam para chamar a atenção para o seu corpo.

Então eu soube.

Eu era como elas.

Quem eu pensava ser, para julgar cada uma daquelas mulheres?

Seus rostos esticados, seus cabelos pintados,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas tentativas de esquecer algo, se divertir ou ainda suprir alguma tara que era apenas delas, eu nada tinha a ver com isso e não tinha nenhum direito de julgá-las.

Nossas bebidas chegaram e continuamos conversando, até que as poucas luzes existentes no local foram apagadas e ficamos iluminadas apenas pela luz das velas no centro das mesas. *Alorson Danse*, uma música antiga, dançante e francesa, começou a tocar, fazendo a boate ganhar um pouco do meu respeito, pois amava aquela música. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

palco foi iluminado por um canhão de luz branca.

Um homem vestido de mulher, alto, negro, uma cópia fiel de Tyra Banks saiu das cortinas e caminhou até o centro do “T”, se mantendo sob a luz.

– Boa noite, senhoras e... senhoras. – Ela sorriu com a piadinha e assim todas seguiram a deixa, rindo junto com ela. Sua voz era tão feminina... – Bem-vindas a mais uma deliciosa noite na Orange Kiss. Meu nome é Lolita Parker e tenho algumas atrações completamente irresistíveis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui atrás. – Ela terminou a frase de forma arrastada e sedutora, fazendo com que o salão explodisse em gritinhos excitados. Sim, ela era totalmente a Tyra Banks.

– Sério? O nome dela é Lolita? Jurei que era Tyra. – Fiz um esforço para não rir de Leeta. Ao menos eu não era a única a achar a semelhança bizarra.

Aliás, eu estava em uma experiência bizarra.

Embora fosse quieta, pacífica e

PERIGOSAS ACHERON

observadora, sempre odiei ser tratada como um objeto, e agora estava praticamente dentro de um açougue escolhendo a carne que eu comeria essa noite.

– Espera, ela é uma travesti que faz performance da Tyra Banks? Eu posso jurar que já vi aquele figurino no *The Next Top Model*!

– Cala a boca, Leeta. Claro que é uma travesti. – Becca reclama, sem olhar em direção a ela.

– Antes de começarmos, temos algumas

PERIGOSAS NACIONAIS

regrinhas para vocês, senhoritas:

“Vocês não tocam sem permissão.

Tratem nossos meninos com respeito,

lembrem-se que para nós, não realmente quer dizer

não.

As conversas, após o show, não são de

nossa responsabilidade.

Respeitem-se, não atrapalhem as conversas

umas das outras.

E, definitivamente, não se apaixonem!”

PERIGOSAS ACHERON

Se apaixonar?

Por um garoto de programa?

O que é isso? *Uma Linda Mulher* invertido?

OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

O DESTINO DO CEO

TRILOGIA ADEUS

GROUPIE

ORANGE KISS

PARA ROXANNE, COM AMOR

SEJA A MINHA GAROTA